Arthur C. Clarke



ENCONTRO COM RAMA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ARTHUR C. CLARKE

Encontro com RAMA

RAMA 1

Tradução de Leonel Vallandro
Título original: Rendesvouz with RAMA

Para o Sri Lanka,

onde subi a Escadaria dos Deuses

1 - SPACEGUARD

MAIS CEDO ou mais tarde, aquilo tinha de acontecer. Em 30 de junho de 1908, Moscou livrou-se de ser destruída por uma diferença de três horas e quatro mil quilômetros – na escala do Universo, uma distância micrométrica. Em 12 de fevereiro de 1947, outra cidade russa escapou por uma margem ainda menor quando o segundo grande meteorito do século XX detonou a menos de quatrocentos quilômetros de Vladivostok, com uma explosão que nada ficava devendo à da recém-inventada bomba de urânio.

Naquela época, os homens nada podiam fazer para se protegerem contra as derradeiras "balas perdidas" do bombardeio cósmico que outrora havia esburacado a superfície da Lua. Os meteoritos de 1908 e 1947 atingiram regiões desabitadas; mas já pelos fins do século XXI não restava nenhuma nesga da Terra que pudesse ser usada com segurança como alvo para a prática de tiro espacial. A raça humana estava espalhada de pólo a pólo. De modo que, inevitavelmente...

Às 9h46min, Hora Média de Greenwich, na manhã de 11 de setembro daquele verão excepcionalmente ameno do ano 2077, a maioria dos habitantes da Europa viram aparecer no céu oriental uma deslumbrante bola de fogo.

Superando, numa questão de segundos, o brilho do próprio Sol, cruzou o céu, a princípio em absoluto silêncio. Atrás de si, deixava uma revoluteante cauda de pó e fumaça.

Num ponto acima da Áustria começou a desintegrar-se, produzindo uma série de concussões tão violentas que mais de um milhão de pessoas ficaram com a audição permanentemente danificada. Essas foram as mais felizes.

Movendo-se a cinquenta quilômetros por segundo, mil toneladas de rocha e metal vieram chocar-se com as planícies no norte da Itália, destruindo em poucos momentos o trabalho de séculos, devorado pelas chamas. As cidades de Pádua e Verona foram eliminadas da face da Terra; e o que restava dos esplendores de Veneza afundou-se para sempre sob as águas do Adriático que, num macaréu tonitruante, investiram para a terra firme após aquele tremendo golpe de malho vindo do espaço.

Seiscentas mil pessoas perderam a vida e os danos totais montaram a mais de um trilhão de dólares. Não havia, contudo, quem pudesse avaliar a perda para a arte, a história – para a raça humana inteira, até o fim dos tempos. Foi como se uma grande guerra houvesse sido travada e perdida no espaço de uma só manhã; e foram poucos os que sentiram algum prazer em contemplar, durante os meses em que a poeira da destruição continuou pairando no ar, os mais esplêndidos nasceres e pores-do-sol desde a erupção do Cracatoa.

Após o choque inicial, a humanidade reagiu com uma resolução e uma unidade que teriam sido impossíveis em qualquer época anterior. Compreendeu-se que um desastre das mesmas proporções talvez não tornasse a ocorrer dentro de mil anos –

mas também podia acontecer no dia seguinte; e na próxima vez as consequências podiam ser ainda piores.

Pois muito bem; *não haveria uma próxima vez*.

Cem anos atrás, um mundo mais pobre, com recursos incomparavelmente mais fracos, havia malbaratado a sua riqueza procurando destruir armas que a humanidade, na sua loucura suicida, lançava contra si mesma. O esforço jamais lograra êxito, mas as habilidades adquiridas graças e ele não foram esquecidas.

Agora se podia usá-las para um fim mais nobre e num campo infinitamente mais vasto. A nenhum meteorito suficientemente grande para causar uma catástrofe se tornaria jamais a permitir que rompesse as defesas da Terra.

Foi assim que nasceu o Projeto SPACEGUARD, Guarda Espacial.

Cinquenta anos depois – e de um modo que nenhum de seus ideadores poderia ter previsto – ele justificou a sua existência.

2 - INTRUSO

Em 2130, os radares com base em Marte estavam descobrindo novos asteróides à razão de uma dúzia por dia. Os computadores da Spaceguard calculavam-lhes automaticamente as órbitas e armazenavam a informação em suas enormes memórias, de forma que todo astrônomo interessado podia, de quando em quando, estudar as estatísticas acumuladas, que já eram de inspirar respeito.

Foram precisos mais de cento e vinte anos para coligir os mil asteróides após o descobrimento de Ceres, o maior desses mundos pequeninos, no dia primeiro do século XIX. Centenas deles haviam sido encontrados, perdidos e tornados a encontrar; existiam em enxames tão densos que um astrônomo exasperado os batizara como "a bicheira do céu". Podemos imaginar o seu pavor se soubesse que a SPACEGUARD seguia, atualmente, o rastro de meio milhão!

Somente os cincos gigantes, Ceres, Palas, Juno, Eunômia e Vesta, mediam mais de duzentos quilômetros de diâmetro; a imensa maioria não passavam de matacões avolumados que teriam cabido num pequeno parque.

Quase todos se moviam em órbitas situadas além de Marte; somente aqueles poucos que se aproximavam bastante do Sol para constituírem um perigo para a Terra é que interessavam a SPACEGUARD; e nem sequer um dentre mil desses, durante toda a história futura do Sistema Solar, passaria a um milhão de quilômetros da Terra.

O objeto que foi inicialmente catalogado como 31/439, de acordo com o ano e a ordem de seu descobrimento, fora detectado quando ainda se encontrava além da órbita de Júpiter. Quanto a essa localização, nada tinha de inusitada; muitos asteróides ultrapassavam Saturno antes de se voltarem mais uma vez na direção de seu distante senhor, o Sol. E Tule II, aquele que de todos mais se distanciava, chegava tão perto de Urano que bem poderia ser uma lua perdida deste planeta.

Mas um primeiro contato pelo radar a tamanha distância era um fato sem precedentes; evidentemente, o 31/439 devia ter proporções excepcionais. Com base na força do eco, os computadores deduziram um diâmetro de quarenta quilômetros, pelo menos; havia cem anos que não se descobria um gigante de tal porte. Parecia incrível que tivesse passado despercebido por tanto tempo.

Calculou-se então a órbita e veio a solução do mistério... a que logo se sucedeu um outro maior. O 31/439 não percorria uma trajetória normal de asteróide, ao longo de uma elipse que tornasse a descrever com a precisão de um mecanismo de relógio no período de uns poucos anos. Era um vagabundo solitário entre as estrelas, e fazia sua primeira e última visita ao sistema solar – pois se movia tão depressa que o campo gravitacional do Sol jamais poderia capturá-lo. Passaria como um relâmpago pelas órbitas de Júpiter, Marte, Terra, Vênus e Mercúrio, ganhando sempre velocidade, até dar volta ao Sol e partir mais uma vez para o desconhecido. Foi neste ponto que os computadores começaram a emitir o seu sinal: "Alô, gente!

Temos algo de interessante", e pela primeira vez o 31/439 chamou a atenção dos seres humanos. Houve uma breve comoção na chefia da Spaceguard e o vagabundo interestelar foi logo dignificado por um nome em vez de um simples número. Havia muito que os astrônomos tinham esgotado a mitologia grega e romana, e estavam agora explorando o panteão hindu. O 31/439 foi, portanto, batizado como Rama.

Pelo espaço de alguns dias, os meios noticiosos fizeram bastante barulho em torno do visitante, mas todos eles padeciam de escassez de informações. Dois fatos, apenas, eram conhecidos a respeito de Rama: sua órbita incomum e seu tamanho aproximado. E mesmo este não passava de uma conjetura erudita, baseada na força do eco de radar. Ao telescópio, Rama aparecia como uma obscura estrela de décima quinta grandeza, pequena demais para apresentar um disco visível. Mas, à medida que avançasse para o coração do sistema solar, se tornaria cada vez mais brilhante e maior; antes que ele desaparecesse para sempre, os observatórios que lhe acompanhavam a órbita teriam obtido informações mais precisas sobre o seu tamanho e forma. Havia tempo de sobra, e nos próximos anos talvez uma espaçonave no exercício de suas funções ordinárias pudesse chegar bastante perto dele para tirar boas fotografias. Quanto a uma tentativa de pouso, era altamente improvável; o custo em energia seria demasiado grande para permitir o contato físico com um objeto que cortava as órbitas dos planetas a uma velocidade de mais de cem mil quilômetros por hora.

E assim, o mundo não tardou a esquecer-se de Rama; os astrônomos, porém, é que não esqueceram. Sua excitação cresceu com o correr dos meses, à medida que o novo asteróide lhes ia apresentando mais e mais enigmas. Em primeiro lugar estava o problema da curva de luminosidade de Rama. Este não a possuía.

Todos os asteróides conhecidos, sem exceção, mostravam uma lenta variação de brilho, crescendo e decrescendo num período de poucas horas. Há mais de dois séculos tinha-se reconhecido que isso era uma consequência inevitável da rotação e da forma irregular. Nas voltas angulosas que davam sobre si mesmos em suas órbitas, as superfícies refletoras que apresentavam ao Sol mudavam continuamente, o que lhes fazia variar a luminosidade.

Rama, contudo, não mostrava tais alterações. Ou não tinha nenhum movimento de rotação, ou era um objeto perfeitamente simétrico. Ambas estas explicações pareciam igualmente improváveis.

E nesse ponto ficou o assunto durante vários meses, pois nenhum dos grandes telescópios de órbita podia ser dispensado de seu trabalho regular, que consistia em sondar as remotas profundezas do universo. A Astronomia espacial era um *hobby* dispendioso, e o tempo de um grande instrumento podia facilmente custar mil dólares por minuto. O Dr. William Stenton jamais teria conseguido que lhe concedessem o uso do refletor de duzentos metros do Outro Lado da Lua pelo espaço de um quarto de hora se um programa de maior importância não houvesse descarrilado temporariamente devido à falha de um condensador de cinco centavos de dólar. O caiporismo de um colega foi a sua sorte.

Bill Stenton só veio a saber o que havia pescado no dia seguinte, quando sobrou tempo de um computador, permitindo lhe processar os seus dados.

Mesmo depois de ver aparecerem finalmente os resultados na tela, vários minutos se passaram antes que compreendesse o que significavam.

A luz solar refletida pelo asteróide não era, afinal, de uma intensidade absolutamente constante. Havia uma variação pequeníssima – difícil de perceber, mas inequívoca e perfeitamente regular. Como todos os outros asteróides, Rama também girava sobre si mesmo. Só que, em lugar das várias horas que durava o dia "normal" de um asteróide, o de Rama transcorria em quatro *minutos*.

O Dr. Stenton fez rapidamente alguns cálculos e mal pôde acreditar nos resultados. No seu equador, esse mundo pequenino devia girar a mais de mil quilômetros por hora; seria bastante arriscado tentar pousar em qualquer ponto que não fosse nos pólos. A força centrífuga no equador de Rama devia ser suficientemente poderosa para arrojar longe qualquer objeto desligado, com uma aceleração de quase uma gravidade. Rama era uma pedra rolante que não podia ter criado nenhum limo cósmico; o surpreendente é que um corpo semelhante não se houvesse desintegrado há muito em um milhão de fragmentos.

Um objeto de quarenta quilômetros de diâmetro, com um período de rotação de apenas quatro minutos... onde se encaixava isso na ordem das coisas astronômicas? O Dr. Stenton era um homem bastante imaginoso, com certa inclinação para tirar conclusões precipitadas. Desta vez tirou uma que o fez passar um quarto de hora dos mais inquietantes.

O único espécime do zôo celestial que se ajustava à descrição era uma estrela que houvesse entrado em colapso. Talvez Rama fosse um sol morto – uma esfera de neutrônio a rodopiar como uma coisa doida, cada centímetro cúbico da qual pesasse bilhões de toneladas...

Neste ponto, perpassou pelo espírito horrorizado do Dr. Stenton a lembrança daquela imorredoura obra clássica de H. G. Wells, *A estrela*. Era ainda muito menino quando a lera pela primeira vez, e fora uma das coisas que tinham acendido a centelha de seu interesse pela Astronomia. Através de mais de dois séculos, não perdera nem um pouco de sua magia e poder terrífico. Stenton jamais esqueceria as imagens de furacões e macaréus, de cidades deslizando para dentro do mar, quando aquele outro visitante do espaço se chocou com Júpiter e caiu em direção ao Sol, passando nas proximidades da Terra. É verdade que a estrela descrita pelo velho Wells não era fria, mas incandescente, e uma boa parte da destruição que causou provinha do calor. Mas que importava isso?

Ainda que Rama fosse um corpo frio, refletindo apenas a luz do Sol, poderia matar pela gravidade tão facilmente como pelo fogo.

Toda massa estelar que penetrasse no sistema solar transtornaria completamente as órbitas dos planetas. Bastava que a Terra se movesse alguns milhões de quilômetros na direção do Sol – ou das estrelas – para destruir o delicado equilíbrio do clima. A calota de gelo do Antártico poderia derreter-se e

inundar todas as terras baixas; ou talvez os oceanos se congelassem, enclausurando o mundo inteiro num inverno perpétuo. Uma cotovelada neste ou naquele sentido seria o quanto bastava...

De repente o Dr. Stenton pareceu sossegar e deixou escapar um suspiro de alívio. Quanta tolice! Devia ter vergonha de pensar tais coisas.

Rama, de forma alguma, podia ser feito de matéria condensada. Nenhuma massa de dimensões estelares podia penetrar tão fundo no sistema solar sem causar perturbações que a teriam denunciado há muito tempo. As órbitas de todos os planetas teriam sido afetadas; afinal de contas, fora assim que tinham sido descobertos Netuno, Plutão e Perséfone. Não, era absolutamente impossível que um objeto tão maciço quanto um sol morto se introduzisse na família planetária sem ser notado.

De certo modo, era uma pena. O encontro com uma estrela escura teria sido uma das coisas mais emocionantes.

Enquanto durasse...

3 - RAMA E SITA

A SESSÃO extraordinária do Conselho Espacial foi breve e tempestuosa.

Mesmo no século XXII, não se descobrira ainda um meio de impedir que cientistas idosos e conservadores ocupassem posições administrativas de decisão.

Duvidava-se, inclusive, que jamais viesse a ser encontrada uma solução para o problema.

O que vinha piorar ainda mais a coisa era que o atual presidente do CE, Professor Emérito Olaf Davidson, o ilustre astrofísico, não se interessava muito por objetos inferiores em tamanho a uma galáxia e nunca se dava ao trabalho de ocultar os seus preconceitos. E, embora tivesse de reconhecer que noventa por cento de sua ciência se baseavam, agora, nas observações de instrumentos transportados por veículos espaciais, não se conformava com isso de modo algum. Nada menos de três vezes durante a sua brilhante carreira, satélites lançados especialmente com o fim de provar uma de suas teorias favoritas tinham feito precisamente o contrário.

A questão que o Conselho devia decidir no momento era bastante clara.

Não havia dúvida de que Rama era um objeto incomum: mas era ele um objeto importante? Dentro de poucos meses iria desaparecer para sempre, e havia pouco tempo para agir. As oportunidades que se perdessem agora talvez nunca mais tornassem a se apresentar.

A um custo quase apavorante, uma sonda espacial que se pretendia lançar em breve de Marte até além de Netuno poderia ser modificada e enviada numa trajetória de alta velocidade ao encontro de Rama. Não se podia cogitar de uma abordagem; seria o cruzamento mais rápido da história, pois os dois corpos passariam um pelo outro à velocidade de duzentos mil quilômetros horários.

Rama só seria observado intensamente pelo espaço de uns poucos minutos e, num verdadeiro primeiro plano, por menos de um segundo. Mas, com a instrumentação apropriada, esse tempo seria suficiente para resolver muitas questões.

Embora o Professor Davidson encarasse com muito pessimismo a sonda netuniana, esta já fora aprovada e ele não via nenhuma vantagem em investir mais dinheiro num projeto de êxito duvidoso. Exprimiu-se com eloquência sobre as loucuras da caça aos asteróides e a urgente necessidade de um interferômetro de alta capacidade analítica na Lua para provar uma vez por todas a recémrevivida teoria da colisão sobre a origem do sistema planetário.

Foi esse um sério erro de tática, pois os três mais ardentes defensores da teoria da estabilidade modificada também eram membros do Conselho.

Secretamente, convinham com o Prof. Davidson em que o rastreamento de asteróides era um desperdício de dinheiro; não obstante...

Davidson perdeu por um voto.

Três meses depois a sonda espacial, rebatizada com o nome de Sita, foi lançada

de Fobos, o satélite interior de Marte. O tempo de voo foi de sete semanas e só se deu toda e força ao instrumento cinco minutos antes da intercepção.

Simultaneamente, soltou-se um grupo de porta-câmaras para que passassem junto a Rama e pudessem fotografá-lo de todos os lados.

As primeiras imagens, obtidas de uma distância de dez mil quilômetros, suspenderam as atividades de toda a humanidade. Num bilhão de telas de televisão apareceu um pequenino cilindro sem nada de particular, que foi crescendo rapidamente, segundo por segundo. Quando dobrou de tamanho, ninguém pôde mais pretender que Rama fosse um objeto natural.

Seu corpo era um cilindro de tal perfeição geométrica que era como se tivesse sido trabalhado num torno – um cilindro com os centros das bases separados por uma distância de cinquenta quilômetros. As duas extremidades eram perfeitamente planas, com exceção de algumas pequenas estruturas no centro de uma das faces, e mediam vinte quilômetros de diâmetro. De longe e na ausência de uma noção de escala, Rama tinha uma parecença quase cômica com um bóiler doméstico ordinário.

Rama cresceu até encher a tela. Sua superfície era de um cinza fosco e pardacento, tão descolorido quanto a Lua, e completamente despido de sinais, salvo num ponto. Mais ou menos no meio do cilindro havia uma mancha de um quilômetro de largura, como se alguma coisa se tivesse chocado com ele, salpicando-o, milênios e milênios atrás.

Não havia indício de que o impacto houvesse causado qualquer dano as rodopiantes paredes de Rama; era, porém, essa mancha a causadora da pequena flutuação de brilho que levara Stenton a fazer a sua descoberta.

As imagens fornecidas pelas outras câmaras não acrescentavam nada de novo. No entanto, as trajetórias que os porta-câmaras traçaram através do diminuto campo gravitacional de Rama forneciam outra informação vital: a massa do cilindro.

Era leve demais para ser um corpo inteiriço. Não foi grande surpresa para ninguém o perceber que Rama devia ser oco.

O tão longamente esperado, tão longamente temido encontro viera finalmente. A humanidade ia receber o seu primeiro visitante vindo das estrelas.

4 - ABORDAGEM

O COMANDANTE NORTON lembrava-se daquelas primeiras transmissões de TV cujos vídeos ele havia repetido tantas vezes, durante os minutos finais da abordagem. Mas havia uma coisa que nenhuma imagem eletrônica podia transmitir, e essa era o espantoso tamanho de Rama.

Norton nunca sofrerá uma impressão semelhante ao pousar num corpo natural como a Lua ou Marte. Esses eram mundos, e esperava-se que fossem grandes. Contudo, havia pousado também em Júpiter VIII, que era um pouco maior do que Rama – e lhe parecera um objeto bem pequeno.

Um paradoxo muito fácil de resolver: sua apreciação fora profundamente alterada pelo fato de tratar-se de um artefato milhões de vezes mais pesado do que qualquer coisa que o homem já havia colocado no espaço. A massa de Rama era, pelo menos, de dez trilhões de toneladas; a qualquer espaçonauta, um tal pensamento inspirava não só respeito, mas inclusive terror. Não admirava que certas vezes ele tivesse uma sensação de insignificância a até depressão enquanto aquele cilindro de metal esculpido e idade incalculável ia cobrindo uma parte cada vez maior do céu. Havia também aqui um sentimento de perigo que era completamente inédito em sua experiência. Por ocasião de todas as abordagens anteriores ele soubera o que esperar; havia sempre a possibilidade de acidente, porém nunca de surpresa. Tratando-se de Rama, a surpresa era a única certeza.

Nesse momento a *Endeavour* pairava a menos de mil metros acima do Pólo Norte do cilindro, no próprio centro do disco que girava lentamente. Haviam escolhido essa extremidade por ser a que recebia a luz solar; à medida que prosseguia a rotação de Rama, as sombras das curtas, enigmáticas estruturas próximas ao eixo deslocavam-se num movimento uniforme através da planície metálica. A face setentrional de Rama era um gigantesco relógio solar a medir a rápida passagem do seu dia de quatro minutos.

Pousar uma astronave de cinco mil toneladas no centro de um disco revoluteante era coisa que pouca preocupação causava ao Comandante Norton.

Em nada diferia de atracar no eixo de uma grande estação espacial; os jatos laterais da *Endeavour* já lhe tinham comunicado um movimento de rotação correspondente e Norton podia confiar no Tenente Joe Calvert, que a faria pousar com a suavidade de um floco de neve, com ou sem a ajuda de um computador de navegação.

– Dentro de três minutos – disse Joe sem despregar os olhos do mostrador – saberemos se isto é feito de antimatéria.

Norton sorriu lembrando-se de algumas das mais horripilantes teorias sobre a origem de Rama. Se aquela improvável especulação fosse verdadeira, em poucos segundos haveria a maior explosão desde que se formara o sistema solar.

A total aniquilação de dez mil toneladas forneceria, por breve espaço de tempo,

um segundo sol aos planetas.

Contudo, o perfil da missão tinha levado em conta mesmo essa remota contingência. A *Endeavour* alvejara Rama com um de seus jatos, cautelosamente, de uma distância de mil quilômetros. Não aconteceu absolutamente nada quando a nuvem de vapor em expansão atingiu o alvo – e uma reação matériaantimatéria, envolvendo uns poucos miligramas que fossem, teria produzido uma tremenda exibição pirotécnica.

Como todos os comandantes espaciais, Norton era um homem prudente.

Havia examinado longamente e com a maior atenção a face setentrional de Rama, escolhendo o ponto de pouso. Depois de muito refletir, decidira evitar o lugar mais indicado – o centro exato, sobre o próprio eixo. Um disco nitidamente marcado, com cem metros de diâmetro, tinha por centro o Pólo, e Norton desconfiava muito de que aquilo fosse a vedação exterior de uma enorme eclusa aérea. As criaturas que haviam construído esse mundo oco deviam ter algum medo de receber lá dentro as suas astronaves. Aquele era o local apropriado para a entrada principal, e pareceu a Norton que talvez não fosse aconselhável bloquear a porta de entrada com a sua própria nave.

Mas esta decisão vinha criar outros problemas. Se a *Endeavour* pousasse a uns poucos metros que fossem do eixo, a rápida rotação de Rama a faria deslizar para longe do Pólo. A princípio a força centrífuga seria muito fraca, mas sua ação seria contínua e inexorável. Ao Comandante Norton não agradava nem um pouco a idéia de ver a sua nave escorregar através da planície polar, ganhando velocidade a cada minuto, até ser arremessada no espaço a mil quilômetros por hora, quando alcançasse a beira do disco.

Era possível que o diminuto campo gravitacional de Rama – cerca de um milésimo do da Terra – impedisse tal acontecimento. Seguraria a *Endeavour* contra a planície com uma força de várias toneladas e, se a superfície fosse suficientemente áspera, a nave poderia manter-se nas proximidades do Pólo. Mas opor uma força de atrito desconhecida a uma força centrífuga perfeitamente certa era coisa que não entrava nas cogitações do Comandante Norton. Por sorte, os projetistas de Rama haviam fornecido uma resposta. Igualmente espaçadas em redor do eixo polar, viam-se três estruturas baixas, em forma de casamatas, com uns dez metros de diâmetro. Se a *Endeavour* pousasse entre duas quaisquer dessas estruturas, a ação centrífuga a impeliria contra elas e ali se imobilizaria, firme como um navio colado ao cais pelo avanço das ondas.

– Contato em quinze segundos – disse Joe. Ao curvar-se, tenso, sobre os comandos auxiliares, que esperava não ter de usar, o Comandante Norton sentiu agudamente tudo aquilo que viera focalizar-se nesse instante do tempo. Esse, por certo, era o pouso mais sensacional desde o primeiro desembarque na Lua, um século e meio atrás.

As casamatas cinzentas cresciam lentamente, observadas através da vigia de controle. Ouviu-se o derradeiro silvo de um jato de reação e sentiu-se um leve

choque.

Durante as últimas semanas, o Comandante Norton perguntara-se muitas vezes o que diria neste momento. Mas agora que o momento chegava, foi a História que escolheu suas palavras, e ele falou quase automaticamente, com uma vaga consciência do eco do passado.

– Base Rama. A *Endeavour* acaba de pousar.

Ainda há um mês atrás, ele não teria acreditado que aquilo fosse possível.

A nave andava numa missão de rotina, verificando e colocando radiofaróis de aviso sobre asteróides, quando chegou a ordem. A *Endeavour* era a única espaçonave no sistema solar que podia ir ao encontro do intruso antes que este desse a volta ao Sol e retornasse em sua trajetória, rumo às estrelas. Mesmo assim, fora necessário roubar combustível a três outras naves do Serviço de Observação solar, as quais agora flutuavam à deriva, esperando que as naves–tanques fossem reabastecê-las. Norton receava que os comandantes da *Calypso, Beagle* e *Challenger* não tornassem a lhe falar tão cedo.

Mesmo com esse excedente de propulsor, a perseguição fora longa e árdua. Rama já estava no interior da órbita de Vênus quando a *Endeavour* o alcançou. Nenhuma outra nave poderia ter feito o mesmo; o privilégio era único, e não se podia perder um só momento das próximas semanas. Um milhar de cientistas, na Terra, teriam de bom grado hipotecado suas almas em troca dessa oportunidade; agora, tudo que podiam fazer era observar os acontecimentos na TV, mordendo o beiço e pensando em quão melhor poderiam ter feito aquele serviço. Talvez tivessem razão, mas não havia alternativa. As leis inexoráveis da mecânica celeste haviam decretado que a *Endeavour* seria a primeira e a última de todas as naves criadas pelo homem que entraria em contato com Rama.

As indicações que recebia da Terra pouco contribuíam para aliviar as responsabilidades de Norton. Se fosse preciso tomar decisões numa fração de segundo, ninguém poderia ajudá-lo; o período de atraso nas comunicações com o Controle da Missão pelo rádio já era de dez minutos e continuava a crescer.

Quantas vezes ele invejou os grandes navegadores do passado, que podiam interpretar as suas ordens lacradas sem a supervisão constante de um posto de comando! Quando *eles* cometiam um erro, ninguém ficava sabendo.

Contudo, sentia-se ao mesmo tempo contente porque algumas decisões podiam ser delegadas a Terra. Agora que a órbita da *Endeavour* havia coalescido com a de Rama, os dois seguiam em direção ao Sol como um só corpo; dentro de quarenta dias alcançariam o periélio e passariam a vinte milhões de quilômetros do Sol. Tal proximidade não era nada confortável; muito antes disso, a *Endeavour* teria de gastar todo o combustível que lhe restava a fim de se desviar para uma órbita mais segura. A tripulação disporia, talvez, de três semanas para fazer suas explorações antes de separar-se para sempre de Rama.

Depois disso, o problema seria da Terra. A *Endeavour* ficaria virtualmente à mercê das forças cósmicas, arrastada numa órbita que podia fazer dela a primeira

nave espacial a alcançar as estrelas – dentro de cinquenta mil anos, aproximadamente. Não havia razão para inquietar-se, prometera o Controle da Missão. De um modo ou de outro, e sem olhar aos custos, a *Endeavour* seria reabastecida – mesmo que fosse necessário enviar naves-tanques em pós dela e abandoná-las no espaço depois que houvessem transferido todo o propulsor que continham. Rama era um prêmio que valia qualquer risco, abaixo de uma missão suicida.

E, naturalmente, a coisa podia chegar até esse ponto. O comandante Norton não tinha ilusões a respeito. Pela primeira vez em cem anos, um elemento de total incerteza se introduzira nos negócios humanos. A incerteza era uma das coisas que nem os cientistas nem os políticos podiam tolerar. Se esse fosse o preço da sua resolução, a *Endeavour* e a sua tripulação seriam sacrificáveis.

5 - A PRIMEIRA AEV*

RAMA ESTAVA silencioso como um túmulo – e talvez o fosse. Nenhum sinal de rádio, em qualquer frequência; nenhuma vibração que os sismógrafos pudessem captar, além de microssismos indubitavelmente causados pelo crescente calor do Sol; nenhuma corrente elétrica; nenhuma radioatividade. Uma quietude quase agourenta; seria de crer que até num asteróide houvesse mais barulho.

Que é que nós esperávamos? pensou Norton. Um comitê de recepção? Não sabia se havia de sentir-se desapontado ou aliviado. Em todo caso, era a ele que parecia caber a iniciativa.

As ordens que tinha recebido eram para esperar durante vinte e quatro horas, depois sair e explorar. Ninguém dormiu muito nesse primeiro dia; os próprios membros da tripulação que não estavam de serviço passaram o tempo controlando os instrumentos que tenteavam em vão, ou simplesmente contemplando pelas vigias a paisagem friamente geométrica. Este mundo está vivo? Perguntavam-se e tornavam a perguntar-se. Está morto? Ou simplesmente adormecido?

Na primeira excursão, Norton levou consigo apenas um companheiro – o Capitão-de-corveta Karl Mercer, seu valente e talentoso oficial de Sustentação da Vida. Não tencionava em absoluto distanciar-se da nave a ponto de ficar fora do alcance da vista é, se houvesse algum contratempo, era pouco provável que um grupo maior oferecesse mais segurança. Tomou, contudo, a precaução de levar mais dois membros da tripulação que, já metidos nos seus trajes espaciais, esperavam na eclusa de ar.

Os poucos gramas de peso que lhes davam os campos gravitacional e centrífugo combinados não ajudavam nem impediam; tinham de confiar exclusivamente nos seus jatos. Logo que fosse possível, disse Norton de si para si, armaria uma cama-de-gato com cabos de amarração entre a nave e as casamatas, de modo que os exploradores pudessem mover-se de um lado para outro sem desperdício de propulsores.

A mais próxima casamata ficava a apenas dez metros da eclusa de ar, e a primeira preocupação de Norton foi verificar se o contato não havia causado nenhum dano à nave. O casco da *Endeavour* repousava contra a parede curva com uma pressão de várias toneladas, mas essa pressão estava uniformemente distribuída. Mais tranquilo, ele pôs-se a flutuar em volta da estrutura circular, procurando determinar qual seria o seu objetivo.

Apenas havia Norton percorrido alguns metros quando notou uma interrupção na parede lisa, aparentemente metálica. A princípio julgou que se tratasse de uma espécie de decoração, pois não parecia ter nenhuma função útil.

Seis sulcos ou fendas radiais sanavam profundamente o metal e, dentro deles, havia seis barras cruzadas como os raios de uma roda, sem aro, com um pequeno cubo no centro. Mas não havia meio de fazer girar a roda, pois estava embutida na

parede.

Notou então, com uma excitação crescente, que havia escavações mais profundas nas extremidades dos raios, perfeitamente torneadas de modo a receber dedos (garras? tentáculos?). Se uma pessoa se colocasse *assim,* apoiando-se contra a parede, e puxasse o raio assim...

Macia como seda, a roda deslizou para fora da parede. Com inexprimível assombro – pois estava virtualmente convencido de que quaisquer partes móveis teriam sido soldadas pelo vácuo há muitos séculos – Norton viu-se de repente com uma roda de malaguetas nas mãos. Era como se fosse o capitão de algum velho navio à vela, manejando o leme do seu barco.

Ainda bem que o pára-sol do seu capacete não permitia que Mercer lhe observasse a expressão...

Estava surpreendido, mas também sentia raiva de si mesmo; talvez já houvesse cometido o primeiro erro. Estariam soando agora sinais de alarma no interior de Rama, ou o seu ato irrefletido fizera disparar algum mecanismo implacável?

Mas a *Endeavour* não comunicou nenhuma alteração; os seus sensores ainda nada detectavam além de leves crepitações térmicas e dos movimentos do próprio comandante.

– Bem, Capitão... Vai girar a roda?

Norton pensou mais uma vez nas instruções recebidas. "Siga o seu alvitre, mas proceda com cautela." Se consultasse o Controle da Missão sobre cada um de seus movimentos, nunca chegaria a parte alguma.

– Qual é o seu diagnóstico, Karl? – perguntou a Mercer.

– Trata-se, evidentemente, do controle manual de uma eclusa de ar... com certeza um sistema auxiliar de emergência para os casos de falha de força. Não posso imaginar nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, que não tome tais precauções.

"E seria à prova de falhas", disse Norton lá no seu íntimo. "Só poderia ser operado se não houvesse possibilidade de perigo para o sistema..."

Segurou duas hastes opostas do molinete, firmou os pés no chão e testou a roda. Esta não se moveu.

– Me ajude aqui – pediu a Mercer.

Cada um dos dois segurou um raio; fizeram quanta força tinham, mas não conseguiram produzir o menor movimento.

Não havia, é claro, motivo para supor que os relógios e os saca-rolhas girassem, em Rama, no mesmo sentido que na Terra...

– Vamos experimentar o sentido contrário – sugeriu Mercer. Desta vez não houve resistência. A roda girou quase sem esforço, descrevendo um círculo completo. Aí, então, com muita suavidade, o mecanismo engatou.

A meio metro deles, a parede curva da casamata começou a mover-se como a concha de um mexilhão que se abre vagarosamente. Algumas partículas de pó, impelidas pelo ar que escapava, saíram flutuando, a cintilar como diamantes na

intensa luz solar.

O caminho que levava a Rama estava aberto.

* Atividade extraveicular (N. da E.)

6 - COMITÊ

FORA UM erro sério, pensava muitas vezes o Dr. Bose, localizar na Lua a direção central dos Planetas Unidos. Inevitavelmente, a Terra tendia a dominar as atividades, como dominava a paisagem além da cúpula da sede. Se era mesmo preciso construir ali, talvez devessem ter escolhido o Outro Lado, onde aquele disco hipnótico nunca esparzia os seus raios...

Mas, naturalmente, era muito tarde para mudar, e em todo caso não havia realmente uma alternativa. Fosse ou não fosse do agrado das colônias, a Terra seria durante séculos a metrópole cultural e econômica do sistema solar.

O Dr. Bose tinha nascido na Terra e não emigrara para Marte senão depois dos trinta anos. Sentia-se, por isso, capaz de encarar a situação política com bastante imparcialidade. Sabia, agora, que nunca mais regressaria ao seu planeta nativo, embora este ficasse a menos de cinco horas de viagem pela "ponte espacial". Aos 115 anos, desfrutava uma saúde perfeita, mas não podia suportar o recondicionamento necessário para acostumar-se a uma gravidade três vezes superior àquela que havia gozado durante a maior parte de sua vida. Estava para sempre exilado do mundo de seu nascimento; como não era um sentimental, isso nunca o deprimira além da conta.

O que o deprimia por vezes era a necessidade de enfrentar, dia após dia, os mesmos rostos, seus velhos conhecidos. As maravilhas da ciência eram formidáveis, não há dúvida, e Bose não tinha nenhum desejo de atrasar os ponteiros do relógio – mas em redor dessa mesa de conferências havia homens com quem vinha trabalhando há mais de meio século. Sabia exatamente o que diriam e como votariam em qualquer questão dada. Quem lhe dera que um dia algum deles fizesse alguma coisa totalmente inesperada – ainda que fosse a maior das loucuras!

E, provavelmente, eles sentiam o mesmo a respeito de Bose...

O Comitê de Rama era ainda razoavelmente pequeno, embora, por certo, isso não tardasse a ser modificado. Seus seis colegas – os representantes de Mercúrio, Terra, Losna, Ganímedes, Titã e Tritão nos Planetas Unidos, estavam todos presentes em carne e osso. Não tinham outro remédio, pois a diplomacia eletrônica não era possível a distâncias planetárias. Alguns estadistas idosos, acostumados às comunicações instantâneas que a Terra por muito tempo aceitara como coisa natural, nunca se conformaram com o fato de as ondas de rádio levarem minutos ou mesmo horas percorrendo as tremendas distâncias que separavam os planetas. "Os senhores cientistas nada podem fazer para remediar isso?", Tinham-se queixado alguns amargamente quando lhes diziam que a conversação face a face era impossível entre a Terra e qualquer de seus filhos mais remotos. Somente a Lua apresentava esse atraso, ainda a rigor aceitável, de um segundo e meio, com todas as consequências políticas e psicológicas que implicava. Devido a essa realidade da vida astronômica, a Lua, e somente a Lua, seria sempre um subúrbio da Terra.

Também estavam presentes em pessoa três dos especialistas que haviam sido cooptados pelo Comitê. O astrônomo, Prof. Davidson, era um velho conhecido; nesse dia, não tinha um ar tão irascível como de costume. O Dr. Bose ignorava por completo as lutas intestinas que haviam precedido o lançamento da primeira sonda destinada a Rama, porém os colegas do professor não o deixaram esquecer esse fato.

A Dra. Thelma Price era uma figura familiar graças aos seus numerosos aparecimentos na televisão, embora o começo de sua celebridade datasse de cinquenta anos atrás, durante a explosão arqueológica que se seguira à drenagem desse vasto museu marinho, o Mediterrâneo.

O Dr. Bose lembrava-se ainda da excitação daquela época, quando os tesouros perdidos dos gregos, romanos e uma dúzia de outras civilizações foram devolvidos à luz do dia. Foi essa uma das raras ocasiões em que ele lamentou viver em Marte.

O exobiologista, Carlisle Perera, era outra escolha que se impunha; e o mesmo se pode dizer de Dennis Solomons, o historiador da Ciência. O Dr. Bose sentia-se um pouquinho menos feliz com a presença de Conrad Taylor, o renomado antropólogo que granjeara fama graças a uma combinação sem precedentes de erudição e erotismo em seu estudo dos ritos da puberdade na Beverly Hills dos fins do século XX.

Ninguém, contudo, poderia ter contestado o direito de Sir Lewis Sands a fazer parte do Comitê. Homem cujos conhecimentos só eram igualados por sua urbanidade, Sir Lewis tinha fama de só perder a compostura quando o chamavam o Arnold Toynbee da sua época.

O grande historiador não estava presente em pessoa; negava-se obstinadamente a deixar a Terra, mesmo para ir a uma conferência momentosa como esta. Sua estéreo-imagem, indistinguível da realidade, parecia ocupar a cadeira à direita do Dr. Bose; como para completar a ilusão, alguém colocara um copo com água diante dele. O Dr. Bose considerava essa espécie de *tour de force* tecnológico um truque desnecessário, mas era surpreendente ver quantos homens verdadeiramente grandes sentiam um deleite infantil em estar ao mesmo tempo em dois lugares. Às vezes, esse milagre eletrônico causava desastres cômicos: Sir Lewis estivera numa recepção diplomática em que um dos presentes quisera atravessar um estereograma... e descobrira, tarde demais, que se tratava da pessoa real. O mais engraçado, porém, era ver projeções tentando estreitar-se às mãos... Sua Excelência o Embaixador de Marte junto aos Planetas Unidos pôs em ordem os seus pensamentos, que tendiam a divagar, e disse:

– Cavalheiros, a sessão está aberta. Creio não me enganar quando digo que esta é uma assembléia de talentos ímpares, reunidos para tratar de uma situação sem precedentes. A recomendação que nos fez o Secretário Geral foi avaliar a situação e aconselhar o Comandante Norton quando tal fosse necessário.

Isto era um excesso de simplificação, e ninguém o ignorava. A menos que houvesse uma verdadeira emergência, o Comitê talvez nunca entrasse em contato

direto com o Comandante Norton – se é que este tinha conhecimento da sua existência. Com efeito, o Comitê era uma criação temporária da Organização de Ciências dos Planetas Unidos, comunicando-se através de seu diretor com o Secretário Geral. É verdade que a Observação Espacial fazia parte dos P.U., mas sob o aspecto das Operações, e não da Ciência. Em teoria, isso não devia fazer grande diferença; não havia motivo para que o Comitê Rama – como qualquer outro comitê, aliás – não pudesse dirigir-se ao Comandante Norton para lhe dar instruções úteis.

Mas as comunicações telespaciais são dispendiosas. Só se podia entrar em contato com a *Endeavour* através da PLANETCOM, que era uma entidade autônoma, famosa pelo rigor e pela eficiência da sua contabilidade. Estabelecer crédito com a PLANETCOM era assunto para muito tempo. Havia alguém, por lá, trabalhando para simplificar as coisas; mas, por enquanto, os inexoráveis computadores da PLANETCOM não reconheciam a existência do Comitê Rama.

– Esse Comandante Norton... – disse Sir Robert Mackay, o Embaixador da Terra. – Esse homem tem uma tremenda responsabilidade sobre os ombros. Que espécie de pessoa é ele?

– Eu posso responder esta pergunta – respondeu o Professor Davidson, cujos dedos voavam sobre o teclado do seu bloco-memória. Olhou a tela de informação com a testa franzida e começou logo a fazer uma síntese.

William Tsien Norton, nascido em 2077, Brisbane, Oceana. Educado em Sydney, Bombay, Houston. Seguem-se cinco anos em Astrograd, especializandose em propulsão. Graduado em 2102. Teve a sequência usual de promoções...

Tenente na terceira expedição a Perséfone, distinguiu-se durante a décima quinta tentativa de estabelecer uma base em Vênus... hum... hum... Folha de serviços exemplar... cidadania dual, Terra e Marte... esposa e um filho em Brisbane, esposa e *dois* em Port Lowell, com opção sobre uma terceira...

– Esposa? – perguntou Taylor inocentemente.

– Não; filha, está claro – retrucou o professor antes de notar o sorriso gozador do outro. Uma onda de risos benévolos correu em volta da mesa, conquanto aquela massa de terráqueos apinhados parecesse sentir mais inveja do que divertimento. Após um século de esforços resolutos, a Terra ainda não conseguira manter a sua população abaixo do nível ,de um bilhão...

–... Nomeado oficial comandante da nave de pesquisas da Observação Solar, *Endeavour*. Primeira viagem aos satélites retrógrados de Júpiter... hum, essa não foi mole... estava em missão de pesquisa de asteróides quando recebeu ordem de preparar-se para esta operação... conseguiu chegar antes do tempo prescrito...

O professor apagou a tela e alçou os olhos para os seus colegas.

– Penso que tivemos muitíssima sorte, considerando-se que ele era o único homem disponível em prazo tão curto. Podíamos ter arranjado um comandante como a maioria dos que andam por aí.

Dava a impressão de estar se referindo ao típico flagelo das rotas espaciais, de

perna de pau, pistola numa das mãos e espada de abordagem na outra. – A folha de serviços só prova que ele é competente – objetou o Embaixador de Mercúrio (população: 112.500, mas em crescimento). – Qual será a sua reação numa situação completamente nova como esta?

Na Terra, Sir Lewis Sands pigarreou. Um segundo e meio depois, fez o mesmo na Lua.

– Não é exatamente uma situação nova – lembrou ao mercuriano, – embora tenha ocorrido pela última vez há três séculos. – Se Rama está morto, ou desabitado (e até agora todos os indícios sugerem isso), Norton encontra-se na posição de um arqueólogo que descobre uma cultura extinta. – Curvou-se polidamente para o Dr. Price, que anuiu com a cabeça. – São exemplos óbvios do mesmo caso Schliemann em Tróia e Mouhot em Angkor Vat. O perigo é mínimo, se bem que, naturalmente, nunca se possa excluir a possibilidade de um acidente.

– Mas que me diz das arapucas e mecanismos de disparo que andam sugerindo por aí com essa estória de Pandora?

– Pandora? – perguntou vivamente o Embaixador de Mercúrio. – Que é isso?

– É um grupo de malucos – explicou Sir Robert com tanto embaraço quanto podia mostrar um diplomata – que estão convencidos de que Rama é um grave risco potencial. – Uma caixa que não se deve abrir, entende?

Duvidava que o mercuriano entendesse: os estudos clássicos não eram incentivados em Mercúrio.

– Pandora... paranóia – bufou Conrad Taylor. – Oh! naturalmente, tais coisas são concebíveis, afinal de contas, mas por que uma raça inteligente havia de perder tempo com brincadeiras de crianças?

– Bom, mesmo excluindo essas peças de mau gosto – prosseguiu Sir Robert, – ainda temos a possibilidade muito mais ominosa de um Rama ativo e habitado. Nesse caso, se trataria de um encontro entre duas culturas em níveis tecnológicos muito diferentes. Pizarro e os Incas, Peary e os japoneses, a Europa e a África. Quase invariavelmente, as consequências têm sido desastrosas – para uma ou ambas as partes. Não estou recomendando nada; estou apenas apontando precedentes.

– Obrigado, Sir Robert – retrucou o Dr. Bose. – Um pouquinho maçante, pensou ele, ter dois "Sirs" num comitê tão pequeno; nos nossos tempos, o título de cavaleiro era uma honra a que poucos ingleses escapavam. – Estou certo de que todos nós já refletimos sobre essas alarmantes possibilidades. Mas, se as criaturas que se encontram no interior de Rama são... hã... malévolas, que importância poderá ter o que nós fizermos?

– Talvez não fizessem caso de nós se nos retirássemos. -.

– Como! Depois de haverem viajado bilhões de quilômetros e milhares de anos?

A discussão havia alcançado o ponto de decolagem e agora sustentava-se por si só. O Dr. Bose recostou-se na sua cadeira, disse duas ou três palavras e esperou que emergisse o consenso.

Aconteceu justamente o que ele previra. Todos convieram em que, depois de ter aberto a primeira porta, era inconcebível que o Comandante Norton não abrisse a segunda.

7 - DUAS ESPOSAS

SE SUAS esposas um dia comparassem os seus videogramas, pensou o Comandante Norton, mais divertido do que preocupado, – isso lhe daria bastante trabalho extra. Por enquanto, podia fazer um longo vídeo e duplicá-lo acrescentando apenas breves mensagens pessoais e expressões carinhosas antes de enviar as duas cópias quase idênticas para Marte e a Terra.

Naturalmente, era muitíssimo pouco provável que suas esposas viessem jamais a fazer tal coisa. Mesmo às taxas especiais concedidas às famílias de espaçonautas, seria muito dispendioso. E para que, em suma? Suas famílias mantinham excelentes relações uma com a outra e permutavam os votos usuais em todos os aniversários. Contudo, talvez fosse uma boa coisa que as duas mulheres nunca se tivessem encontrado e provavelmente nunca viessem a encontrar-se. Myrna tinha nascido em Marte e não podia suportar a alta gravidade da Terra. E Caroline detestava até os vinte e cinco minutos da mais longa das viagens terrestres possíveis.

"Sinto muito haver-me atrasado de um dia nesta transmissão", disse o Comandante depois que terminou os preliminares gerais, "mas estive ausente da nave durante estas últimas trinta horas, acredite ou não...

"Não se alarme. Tudo está em ordem, tudo corre às mil maravilhas. Foram dois dias de trabalho, mas pouco falta para vencermos este complexo de eclusas aéreas. Podíamos ter feito isso num par de horas, se soubéssemos o que sabemos agora. Mas fomos cautelosos: enviamos câmaras de controle remoto à nossa frente e demos volta doze vezes a todas as eclusas, para ter certeza de que não grimpariam depois que houvéssemos passado...

"Cada uma dessas eclusas é um simples cilindro giratório com uma fenda num dos lados. Entra-se por essa abertura, aciona-se uma alavanca que faz o cilindro girar cento e oitenta graus, e a fenda coincide então com outra porta, pela qual se pode sair – ou caminhando ou flutuando, como foi o nosso caso.

"Os ramaianos souberam tomar suas precauções. Há três desses cilindros-eclusas, um depois do outro, logo por dentro do casco exterior e abaixo da casamata de entrada. Não posso imaginar nenhum deles falhando, a não ser com explosivos, mas ainda assim restaria um segundo como recurso, e por fim um terceiro...

"E isso é apenas o começo. A eclusa final abre para um corredor reto, com cerca de meio quilômetro de comprimento. Parece limpo e bem-cuidado, como todas as outras coisas que temos visto aqui; com intervalos de poucos metros, há pequenas aberturas circulares que provavelmente continham luzes, mas agora está tudo completamente preto e, não me envergonho de dizê-lo, assustador. Há também duas fendas paralelas, com cerca de um centímetro de largura, abertas nas paredes e correndo ao longo de todo o túnel. Desconfiamos que elas '

abriguem algum mecanismo para movimentar equipamento – ou pessoas – num

e noutro sentido. Se conseguíssemos fazê-lo funcionar, isso nos pouparia muito trabalho...

"Mencionei que o túnel tinha meio quilômetro de comprimento. Ora, pelas sondagens sísmicas que tínhamos feito, sabíamos que essa é mais ou menos a espessura do casco, de modo que, evidentemente, já o tínhamos quase atravessado. E não nos surpreendemos ao encontrar, na outra extremidade do túnel, mais uma dessas eclusas de ar cilíndricas.

Sim, e outra ainda. E mais outra. Esta gente parece ter feito tudo em grupos de três. Estamos agora dentro da última eclusa, aguardando o O.K. da Terra para passar além. Uns poucos metros apenas nos separam do interior de Rama. Vou me sentir muito mais feliz quando houver terminado o *suspense*.

"Você conhece Jerry Kirchoff, meu oficial executivo, que tem uma vasta biblioteca de livros *reais,* a ponto de não poder se dar ao luxo de emigrar da Terra? Pois Jerry me falou de uma situação bem semelhante a esta, ocorrida no começo do século XXI... não, XX. Um arqueólogo descobriu o túmulo de um rei do Egito, o primeiro que não havia sido saqueado pelos ladrões. Os seus trabalhadores levaram meses abrindo um caminho com as picaretas e pás, uma câmara depois da outra, e quando chegaram à parede final fizeram uma perfuração na alvenaria. O arqueólogo meteu a cabeça no buraco estendendo uma lanterna, e que imagina você que ele viu? Uma sala atulhada de tesouros...

coisas incríveis, ouro e pedras preciosas...

Talvez este lugar talvez seja um túmulo; é o que parece cada vez mais provável. Mesmo agora, não se ouve o mais leve som ou qualquer sinal de atividade. Bem, amanhã decerto já saberemos.

O Comandante Norton apertou o botão do registrador que dizia SUSPENDER. Que mais devia dizer sobre o trabalho antes de começar as mensagens separadas para as duas famílias? Normalmente, nunca entrava em tantos pormenores, mas dificilmente se poderia qualificar de normais as atuais circunstâncias. Talvez este fosse o último vídeo que enviaria aos seus entes queridos; tinha o dever de explicar-lhes o que estava fazendo.

Quando vissem essas imagens e ouvissem essas palavras, ele já estaria no interior de Rama – para bem ou para mal.

8 - ATRAVÉS DO CUBO

NORTON nunca sentira tão fortemente a sua afinidade com aquele egiptólogo há tanto tempo falecido. Desde que Howard Carter espreitara pela vez primeira o interior do túmulo de Tutankhamen, homem nenhum podia ter experimentado um momento como este; e no entanto a comparação era disparatada, quase risível.

Tutankhamen fora sepultado ainda ontem – menos de quatro mil anos atrás; Rama podia ser mais velho do que a humanidade. O pequeno túmulo do Vale dos Reis poderia estar perdido nos corredores pelos quais eles já tinham passado, e contudo o espaço que se estendia para além deste selo final era, pelo menos, um milhão de vezes maior. E quanto aos tesouros que ele talvez continha – esses ultrapassavam os limites da imaginação.

Havia pelo menos cinco minutos que ninguém falava pelos circuitos de rádio; a bem-treinada equipe nem sequer comunicara verbalmente que tudo estava em ordem. Mercer lhe dera simplesmente o sinal de O.K. e lhe indicara o túnel aberto. Era como se todos compreendessem que este momento pertencia à História e não devia ser estragado por trivialidades dispensáveis. Isso convinha ao Comandante Norton, pois no momento ele também nada tinha que dizer. Piscou a sua lanterna, fez entrar em ação os seus jatos e flutuou lentamente ao longo do breve corredor, arrastando após si a sua linha de segurança. Numa questão de segundos, estava lá dentro.

Dentro de *quê?* A sua frente, era uma escuridão total; não se avistava nem sequer uma vaga claridade como reflexo do raio da sua lanterna. Esperava por isso, mas não acreditava realmente que acontecesse. Todos os cálculos indicavam que a parede distante ficava a dezenas de quilômetros dali; agora, seus olhos lhe diziam que essa era a verdade. Ao penetrar lentamente naquela escuridão, sentiu uma necessidade súbita do conforto que lhe dava a sua linha de segurança, uma necessidade mais forte do que nunca havia experimentado antes, mesmo em sua primeira AEV. E isso era ridículo; tinha encarado os anos-luz e os megaparsecs sem vertigem, e agora se perturbava com uns poucos quilômetros cúbicos de vazio?

Ainda ruminava esse problema, um pouco nauseado, quando o amortecedor de ímpeto, na extremidade da linha, freou-o suavemente e o fez parar com um rechaço quase imperceptível. Desviou o raio de luz da lanterna do nada que se estendia à sua frente e que embalde vinha procurando sondar; queria agora examinar a superfície de onde havia emergido.

Era como se pairasse sobre o centro de uma pequena cratera que, por sua vez, formava ligeira reentrância na base de outra muito mais vasta. A direita e à esquerda erguia-se um complexo de terraços e rampas – todos geometricamente precisos e obviamente artificiais – que se estendiam até onde a luz da lanterna podia alcançar. A cerca de cem metros, pôde ver a saída dos dois outros sistemas de eclusas de ar, idênticos àquele em que se achava.

E isso era tudo. Nada havia de particularmente exótico ou estranho na cena: tinha até considerável semelhança com uma mina abandonada. Norton experimentou uma vaga sensação de desapontamento; depois de tanto esforço, devia ter havido alguma revelação dramática, e mesmo transcendental. Lembrouse, então, de que só podia enxergar até uns duzentos metros de distância. A escuridão além do seu campo visual podia ainda conter mais portentos do que desejava enfrentar.

Comunicou brevemente o que havia observado aos seus companheiros, que aguardavam ansiosos, depois acrescentou:

– Estou enviando o foguete de sinalização... Dois minutos de demora. Aí vai!

Arremessou, com toda força, o pequeno cilindro diretamente para cima – ou para fora – e começou a contar os segundos enquanto ele se ia distanciando e diminuindo de tamanho ao longo do raio de luz. Antes de alcançar um quarto de minuto, havia desaparecido da vista; aos cem segundos, Norton protegeu os olhos com a mão e assestou a câmara. Sempre fora um bom calculador de tempo.

Tinha passado apenas dois segundos da conta quando o mundo explodiu em luz.

E desta vez não houve motivo para desapontamento.

Nem os milhões de velas do foguete podiam iluminar toda aquela enorme cavidade, mas agora ele viu o suficiente para apanhar o plano geral e apreciar a sua escala titânica. Achava-se na extremidade de um cilindro oco com, pelo menos, dez quilômetros de diâmetro e um comprimento indefinido. De seu ponto de observação no eixo central, via tamanha acumulação de detalhes nas paredes curvas à sua volta, que o seu espírito não podia absorver mais do que uma diminuta fração de toda aquela cena; estava contemplando o panorama de um mundo inteiro à luz de um único relâmpago, e, por um esforço deliberado da vontade, procurou congelar a imagem na sua memória.

Em roda dele, as vertentes terraceadas da "cratera" subiam até se fundir com a parede sólida que formava um aro em volta do céu. Não – essa impressão era falsa; necessitava desfazer-se dos instintos tanto da Terra como do espaço, e reorientar-se por um novo sistema de coordenadas.

Não estava no ponto mais baixo, e sim no mais alto desse estranho mundo às avessas. Todas as direções, a partir dali, eram para *baixo,* não para cima. Se ele se afastasse desse eixo central, movendo-se na direção da parede curva que não podia mais considerar como uma parede, a gravidade aumentaria cada vez mais. Quando atingisse a superfície interior do cilindro, poderia pôr-se em pé sobre ela em qualquer ponto, com os pés voltados para as estrelas e a cabeça para o centro do tambor rodopiante. O conceito nada tinha de novo. Desde os primeiros tempos do voo espacial a força centrífuga vinha sendo usada para fazer as vezes de gravidade. Só a escala dessa aplicação é que era tão inaudita, tão chocante. A maior de todas as estações espaciais, o *Syncsat* 5, media menos de duzentos metros de diâmetro.

Seria preciso algum tempo para acostumar-se a uma estrutura cem vezes maior.

O tubo de paisagem que o circundava estava salpicado de áreas de luz e sombra

que tanto podiam ser florestas como campos, lagos congelados ou cidades; a distância e a iluminação já bastante mais fraca do foguete impossibilitavam a identificação. Linhas estreitas, que podiam ser estradas, canais ou rios de curso retificado, formavam um rendilhado geométrico vagamente visível; e bem mais longe, no próprio limite da visão, havia uma faixa de escuridão mais densa. Formava um círculo completo em redor desse mundo oco; Norton lembrou-se repentinamente de Oceano, o mar que, segundo a crença do antigos, circundava a Terra.

Havia aqui, talvez, um mar ainda mais estranho – não circular, mas *cilíndrico*. Antes de se haver congelado na noite interestelar, não teria ele marés, correntes... e peixes?

A luz do foguete bruxuleou e morreu; o momento de revelação havia terminado. Mas Norton sabia que, enquanto vivesse, essas imagens permaneceriam estampadas na sua mente. Fossem quais fossem as descobertas que o futuro lhe reservava, jamais apagariam esta primeira impressão. E a História jamais lhe arrebataria o privilégio de ter sido o primeiro homem que contemplara as obras de uma civilização extraplanetária.

9 - RECONHECIMENTO

"LANÇAMOS, já cinco foguetes de longa duração, tentando o eixo do cilindro, e temos, assim, uma boa cobertura fotográfica de todo o seu comprimento. Todos os aspectos principais foram marcados no mapa; e, embora sejam poucos aqueles que podemos identificar, receberam nomes provisórios.

A cavidade interior tem cinquenta quilômetros de comprimento e dezesseis de largura. As duas extremidades têm forma de taças, com um geometria algo complicada. Chamamos à nossa Hemisfério Norte e estamos instalando nossa primeira base aqui. no eixo.

Irradiando do cubo central com intervalos de 120 graus, partem três escadas "de mão" com quase um quilômetro de comprimento. Terminam todas num terraço ou platô de forma anular, que rodeia a cúpula da extremidade. E, partindo daí, em linha com as escadas de mão, três enormes escadarias descem até a planície. Se você puder imaginar um guarda-chuva com apenas três varetas, igualmente espaçadas, fará uma idéia bastante exata desta extremidade de Rama.

Cada uma dessas varetas é uma escadaria, muito íngreme nas vizinhanças do eixo e depois achatando-se pouco a pouco, à medida que se aproxima da planície inferior. As escadarias – a que demos os nomes de Alfa, Beta e Gama – não são contínuas, mas interrompem-se em cinco outros terraços circulares. Calculamos que o número de degraus deve andar entre vinte e trinta mil... É de presumir que essas escadarias só fossem usadas em casos de emergência, pois é inconcebível que os ramaianos – ou como quer que resolvamos chamá-los – não tivessem um meio mais prático de alcançar o eixo do seu mundo.

O Hemisfério Sul tem um aspecto bem diferente. Para começar, não possui escadarias e nenhum cubo central. Ao invés disso, há um enorme espigão pontiagudo, com quilômetros de altura, subindo ao longo do eixo e rodeado por seis outros menores. Tudo isso é muito estranho, e não podemos fazer idéia de qual seja o seu significado.

Ao tronco de cilindro com cinquenta quilômetros de comprido, entre as duas cúpulas, denominamos Planície Central. Talvez pareça loucura falar em "planície" para designar uma coisa tão obviamente curva, mas cremos que a palavra se justifica. Ela nos parecerá plana quando descermos até lá – assim como o interior de uma garrafa deve parecer plano a uma formiga que caminhe sobre ele.

A característica mais notável da Planície Central é a faixa escura, de dez quilômetros de largo, que a circunda completamente no seu meio exato. Parece gelo, por isso a batizamos com o nome de Mar Cilíndrico. Bem no meio, tem uma grande ilha oval, com cerca de dez quilômetros de longo por três de largo, e coberta de altas estruturas. Por nos lembrar a velha Manhattan, chamamo-la Nova Iorque. Não creio que seja uma cidade; parece-se mais com uma enorme fábrica ou uma usina de processamento químico.

Mas há algumas cidades – ou, em todo caso, pequenas cidades. Pelo menos seis; se fossem construídas para seres humanos, poderiam acomodar cerca de cinquenta mil pessoas cada uma. Denominamo-las Roma, Pequim, Paris, Moscou, Londres, Tóquio. São ligadas por estradas, e às vezes aquilo parece ser um sistema ferroviário.

Deve haver material suficiente para séculos de pesquisa nesta carcaça gelada de um mundo. Temos quatro mil quilômetros quadrados que explorar e apenas quatro semanas para isso. Encontraremos algum dia a solução dos dois mistérios que nos têm obsedado desde que entramos aqui: quem eram eles, e *que foi que lhes aconteceu?"*

Aqui terminava a gravação. Na Terra e na Lua, os membros do Comitê Rama recostaram-se nas suas cadeiras, depois puseram-se a examinar os mapas e fotografias espalhados à sua frente. Embora já os tivessem estudado durante muitas horas, a voz do Comandante Norton acrescentava uma dimensão que nenhuma imagem poderia comunicar. Ele estivera lá em pessoa, contemplara com os próprios olhos esse extraordinário mundo às avessas, durante os breves momentos em que sua noite muitas vezes milenar fora iluminada pelos foguetes. E ele era o homem que conduziria qualquer expedição para explorá-lo.

– Creio, Dr. Perera, que o senhor tem alguns comentários a fazer. O Embaixador Bose chegou a perguntar a si mesmo se não deveria ter dado a palavra em primeiro lugar ao Prof. Davidson, como o cientista de mais idade e o único astrônomo ali. Mas o velho cosmologista ainda parecia encontrar-se num leve estado de choque e via-se que estava fora do seu elemento. Durante toda a sua carreira profissional, o universo fora para ele a arena das forças titânicas e impessoais da gravitação, do magnetismo, da radiação; jamais acreditara que a vida desempenhasse um papel importante na ordem das coisas, e encarava o aparecimento dela na Terra, Marte e Júpiter como uma aberração acidental.

Agora, porém, tinham provas de que não só existia vida fora do sistema solar, mas essa vida havia escalado alturas muito além de tudo o que o homem alcançara ou podia esperar nos próximos séculos. Mais ainda: o descobrimento de Rama vinha pôr por terra outro dogma que o Professor Olaf havia pregado durante anos. Quando pressionado, admitia com relutância que a vida provavelmente existia em outros sistemas estelares – mas sempre sustentara que era absurdo acreditar que ela pudesse jamais atravessar os abismos do espaço interestelar...

Talvez os ramaianos tivessem realmente fracassado, se o Comandante Norton não se enganava ao dizer que o mundo deles era agora uma sepultura.

Mas pelo menos haviam tentado a proeza, em escala tal que indicava um alto grau de confiança no resultado. Se semelhante coisa acontecera uma vez, devia certamente ter acontecido muitas vezes nesta Galáxia de cem bilhões de sóis. E alguém, algures, acabaria alcançando o objetivo.

Esta era a tese que, sem provas mas com abundante gesticulação, o Dr.

Carlisle Perera vinha defendendo há anos. Nesse dia sentia-se muito feliz, ainda

que também profundamente frustrado. Rama confirmara espetacularmente as suas idéias, mas nunca poderia pôr o pé lá, ou sequer vê-lo com os seus próprios olhos. Se o diabo houvesse aparecido de repente, oferecendo-lhe o dom da teleportação instantânea, ele assinaria o contrato sem sequer olhar as cláusulas.

– Sim, Sr. Embaixador, creio que tenho algumas informações interessantes. O que estamos vendo aqui é inquestionavelmente uma "Arca Espacial". É uma idéia antiga na literatura astronáutica; pude rastrear a sua origem até o físico inglês J. D. Bernal, que propôs este método de colonização interestelar num livro publicado em 1929 – sim, faz duzentos anos. E Tsiolkovski, o grande pioneiro russo, havia apresentado propostas semelhantes ainda mais cedo.

"Quem quer transportar-se de um sistema estelar a outro tem várias alternativas. Admitindo-se que a velocidade da luz seja um limite absoluto – o que ainda não é um fato completamente confirmado, a despeito de tudo que os senhores possam ter ouvido em contrário", – houve uma fungadela indignada, porém nenhum protesto formal por parte do Prof. Davidson – "pode-se fazer uma viagem rápida num veículo pequeno ou uma lenta travessia numa nave gigante.

"Não parece haver razão nenhuma para que as naves espaciais não possam alcançar noventa por cento, ou mais, da velocidade da luz. Isso significaria de cinco a dez anos de viagem entre estrelas vizinhas – o que seria enfadonho, talvez, mas não impraticável, especialmente para criaturas cuja duração de vida pudesse ser medida em séculos. Pode-se imaginar viagens dessa duração, realizadas em naves não muito maiores do que as nossas.

"Mas talvez tais velocidades sejam impossíveis, com cargas úteis razoáveis; lembrem-se de que é preciso levar o combustível necessário para frear a velocidade no fim da viagem – mesmo que não haja regresso. De modo que talvez faça mais sentido ir com mais calma – em dez ou cem mil anos...

"Bernal e outros pensavam que isso se podia fazer com pequenos mundos migratórios de poucos quilômetros de diâmetro, transportando milhares de passageiros em viagens que durariam gerações. Naturalmente, o sistema teria de ser rigidamente fechado, reciclando toda a alimentação, o ar e outros fungíveis.

Mas está claro que é justamente assim que a Terra funciona – em escala um pouco maior. Alguns autores sugeriam que essas Arcas Espaciais tivessem a forma de esferas concêntricas; outros propunham cilindros ocos e giratórios, de modo que a força centrífuga pudesse fornecer uma gravidade artificial – exatamente o que encontramos em Rama...",

O Prof. Davidson não podia suportar tais desleixos de expressão.

– Não existe *força* centrífuga nenhuma. Isso é um fantasma criado pelos engenheiros. O que há é apenas inércia.

– O senhor tem toda a razão, evidentemente – admitiu Perera, – embora talvez seja difícil convencer um homem que acaba de ser arremessado para fora de um carrossel. Mas o rigor matemático parece desnecessário...

– Apoiado! – interpôs o Dr. Bose, com alguma exasperação. – Todos nós

compreendemos o que o senhor quer dizer, ou pensamos compreender. Por favor, não destrua as nossas ilusões.

– Bem, eu estava simplesmente apontando que não há nada de conceptualmente novo em Rama, ainda que o seu tamanho seja surpreendente.

Há duzentos anos que os homens vêm imaginando coisas semelhantes.

"Eu desejaria considerar agora uma outra questão. Há quanto tempo, exatamente, que Rama viaja através do espaço? Temos agora uma determinação muito precisa da sua órbita e da sua velocidade. Supondo-se que não tenha, sofrido mudanças de navegação, podemos retraçar sua rota anterior até milhões de anos atrás. Esperávamos que proviesse de alguma estrela vizinha... mas não foi isso, em absoluto, o que aconteceu.

"Há *mais de duzentos mil anos* que Rama passou nas proximidades de qualquer coisa, e acontece que essa estrela era uma variável irregular – talvez o tipo de astro mais inadequado que se possa imaginar como centro de um sistema solar habitado. Tem uma faixa de brilho que vai de cinquenta a um; qualquer planeta seria alternativamente torrado e congelado com intervalos de alguns anos.

– Uma sugestão – acudiu a Dra. Price. – Talvez isto explique tudo. E se essa estrela tivesse sido um sol normal e de repente se tornasse instável? Seria por isso que os ramaianos andariam à procura de um sol novo.

O Dr. Perera, que admirava a velha arqueóloga, contestou-a com delicadeza. Mas que diria ela, perguntou lá consigo, se eu começasse a apontar o que é óbvio à primeira vista na sua própria especialidade?... – Não deixamos de considerar essa hipótese – respondeu suavemente. – Mas, se nossas atuais teorias sobre a evolução estelar estão corretas, esta estrela *nunca* poderia ter sido estável – em outras palavras, nunca poderia ter tido planetas habitados por seres vivos. De modo que Rama deve andar fazendo esse cruzeiro no espaço há pelo menos duzentos mil anos, e talvez mais de um milhão.

"Agora está frio, escuro e aparentemente morto, e creio saber por que. É

bem possível que os ramaianos não tivessem outra alternativa – talvez estivessem realmente fugindo de algum desastre – mas erraram nos seus cálculos.

“Nenhuma ecologia fechada pode ser cem por cento eficiente: sempre há desperdício, perdas... uma certa degradação do ambiente e a formação de poluentes. Podem ser precisos bilhões de anos para envenenar e desgastar um planeta– mas isso acabará por acontecer. Os oceanos secarão, a atmosfera se dispersará no espaço...

"Medido pelos nossos padrões, Rama é enorme... e contudo, ainda é um planeta minúsculo. Os meus cálculos, baseados no vazamento através do casco, além de algumas conjeturas razoáveis sobre a taxa de renovação biológica, indicam que a sua ecologia só poderia sobreviver durante cerca de mil anos. No máximo, concedo dez mil...

"A velocidade com que Rama viaja, esse tempo seria suficiente para um trânsito entre os sóis bastante apinhados do centro da Galáxia. Porém não aqui, na

população dispersa dos braços da espiral. Rama é uma nave que exauriu as suas provisões antes de alcançar a meta. É um pária, vagando à toa entre as estrelas.

"Há apenas uma objeção séria a esta teoria, e vou levantá-la antes que um outro o faça. A órbita de Rama visa com tanta precisão ao sistema solar que a hipótese de uma coincidência parece estar excluída. Eu diria, mesmo, que no momento ele se está aproximando excessivamente do Sol; *a.Endeavour* terá de cortar as amarras muito antes do periélio, para evitar o superaquecimento.

"Não pretendo compreender isto. Talvez haja alguma forma de orientação terminal automática ainda em operação, guiando Rama para as mais próximas idades estelares adequadas, depois que os seus construtores morreram.

"E não há dúvida que morreram. Aposto nisso a minha reputação. Todas as amostras que colhemos no interior são absolutamente estéreis: não descobrimos nem um só microrganismo. Quanto às conversas que possam ter ouvido sobre suspensão temporária das funções vitais, não precisam dar-lhes atenção. Há razões fundamentais para que as técnicas de hibernação só produzam efeito durante uns poucos séculos... e nós estamos lidando com períodos mil vezes mais longos.

"De modo que os pandoristas e os seus simpatizantes não têm por que preocupar-se. Muito lamento isso. Seria maravilhoso fazer conhecimento com uma outra espécie inteligente.

"Mas pelo menos temos à resposta a uma velha questão. Não estamos sós.

As estrelas nunca mais serão as mesmas para nós."

10 - DESCIDA NA ESCURIDÃO

O COMANDANTE NORTON sentia-se fortemente tentado - mas, como comandante, sua primeira obrigação era para com o navio. Se houvesse algum contratempo sério nessa primeira exploração, ele teria de estar sem demora no teatro dos acontecimentos. Ficava-lhe, pois, como escolha óbvia, o seu oficial imediato, Capitão-de-corveta Karl Mercer. Norton admitia de bom grado que Mercer era mais o indicado para a missão.

Mercer, a autoridade máxima em assuntos de sustentação de vida, escrevera alguns dos livros-padrões de texto sobre a matéria.

Tinha examinado pessoalmente inúmeros tipos de equipamento, muitas vezes em condições arriscadas, e seu controle de bio-realimentação era famoso.

Numa questão de segundos, podia reduzir o ritmo de suas pulsações a cinquenta por cento e sua respiração a quase zero pelo espaço de dez minutos. Essas pequenas habilidades úteis lhe haviam salvo a vida em mais de uma ocasião.

E, contudo, apesar de sua grande capacidade e inteligência, era um homem quase inteiramente desprovido de imaginação. Para ele, os mais perigosos experimentos ou missões não passavam de tarefas que deviam ser executadas.

Nunca se arriscava desnecessariamente, e no seu esquema das coisas não havia lugar para isso que vulgarmente se chama coragem.

Os dois lembretes sobre a sua escrivaninha sintetizavam a sua filosofia de vida. Um dizia: Que foi que você esqueceu?, e o outro: Contribuía para acabar com a valentia. O fato de ser geralmente considerado como o homem mais valente da Frota era a única coisa que conseguia fazê-lo enraivecer.

Dado Mercer, isso automaticamente indicava o homem seguinte – seu inseparável companheiro, o Capitão-tenente Joe Calvert. Era difícil perceber o que os dois tinham em comum; o franzino e um tanto nervoso oficial de navegação tinha dez anos menos do que o seu fleumático, imperturbável amigo, que certamente não compartilhava o seu interesse pela arte do cinema primitivo.

Mas ninguém pode prever onde cairá o raio, e anos atrás Mercer e Calvert haviam estabelecido uma ligação aparentemente estável. Isso era bastante comum; muito mais raro era o fato de compartilharem também na Terra uma esposa, a qual dera um filho a cada um deles. O Comandante Norton esperava fazer conhecimento com ela; devia ser uma mulher muito amável. O triângulo já durava pelo menos cinco anos e ainda parecia ser equilátero.

Dois homens não bastavam para formar uma equipe de exploração; descobrira-se há muitos anos que três era o número ótimo – porque, se um homem se perdia, dois podiam ainda escapar, ao passo que um só sobrevivente estaria condenado a perecer. Depois de muito refletir, Norton escolhera o Sargento Técnico Willard Myron. Gênio mecânico que podia fazer qualquer coisa funcionar – ou projetar outra melhor se a primeira falhasse de todo – Myron era o homem ideal para

identificar peças exóticas de equipamento. Durante uma longa licença-prêmio de seu trabalho regular como professor adjunto na Astrotech, o Sargento recusara-se a aceitar uma comissão porque não queria ser obstáculo à promoção de oficiais de carreira mais merecedores do que ele. Ninguém levou muito a sério essa explicação, e a opinião geral foi que Myron merecia um zero em ambição. Podia talvez chegar a Sargento do Espaço, mas nunca seria professor titular.

Myron, como inumeráveis graduados antes dele, descobrira o meio ideal entre o poder e a responsabilidade.

Enquanto deixavam a última eclusa de ar e flutuavam ao longo do eixo imponderável de Rama, o Tenente Calvert sentiu-se, como lhe acontecia com frequência, no meio de um *flashback* cinematográfico. Perguntava-se, às vezes, se devia tentar curar-se desse hábito; mas, afinal, que inconveniente tinha aquilo?

Podia tornar interessante a mais enfadonha das situações e – quem sabe? – um dia talvez lhe salvasse a vida. Lembrar-se-ia do que Fairbanks, Connery ou Hiroshi tinham feito em circunstâncias semelhantes...

Desta vez, preparava-se para saltar da trincheira, numa das guerras do começo do século XX; Mercer era o sargento, conduzindo uma patrulha de três homens em uma incursão noturna na terra-de-ninguém. Não era muito difícil imaginar que se encontravam no fundo de uma imensa cratera de granada, mas uma cratera que, de algum modo, fora corretamente disposta numa série de terraços ascendentes. A cratera estava inundada de luz proveniente de três arcos de plasma largamente espaçados, os quais davam uma iluminação quase sem sombras a todo o interior de Rama. Para além da orla do mais distante terraço, porém, reinavam as trevas e o mistério.

Com os olhos da imaginação, Calvert sabia perfeitamente o que havia lá.

Primeiro, a planície circular com mais de um quilômetro de diâmetro.

Seccionando-a em três partes iguais e muito parecidas com três largas linhas ferroviárias, havia três escadas de mão com degraus reentrantes na superfície interior, de modo que não oferecessem nenhum obstáculo a qualquer coisa que deslizasse sobre esta. Como esse arranjo era perfeitamente simétrico, não havia razão para escolher uma escada de preferência a outra; a mais próxima da eclusa Alfa fora escolhida por pura questão de conveniência.

Se bem que os degraus das escadas estivessem muito afastados uns dos outros, isso não constituía nenhum problema. Mesmo na orla do cubo, a meio quilômetro do eixo, a gravidade era ainda um escasso trigésimo da gravidade terrestre. Embora eles carregassem quase cem quilos de equipamento, inclusive aparelhos de sustentação de vida, ainda poderiam mover-se facilmente, de mão em mão.

O Comandante Norton e a equipe de reforço os acompanhavam ao longo das cordas-guia que tinham sido estendidas da eclusa Alfa à beira da cratera; mais adiante, além da série de projetores elétricos, era a escuridão de Rama.

Tudo que se podia ver às luzes dançantes dos capacetes eram os primeiros cem metros da escada, desaparecendo ao longe numa planície sem outros acidentes de

terreno. E agora, disse Karl Mercer a si mesmo, tenho que tomar a minha primeira decisão: vou *subir* ou *descer* essa escada?

Não era uma questão trivial. Achavam-se ainda, essencialmente, em zero de gravidade, e o cérebro podia escolher o ponto de referência que lhe aprouvesse.

Por um simples esforço de vontade, Mercer podia convencer-se de que estava olhando ao longo de uma planície horizontal, de uma parede vertical, ou sobre a borda de um penhasco a prumo. Não raros astronautas haviam experimentado graves problemas psicológicos equivocando-se na escolha das coordenadas mando atacavam uma tarefa complicada.

Mercer estava decidido a ir de cabeça para baixo, pois qualquer outro modo de locomoção teria sido difícil; acresce que, desse modo, poderia ver com facilidade o que estivesse à sua frente. Durante as primeiras centenas de metros, portanto, imaginaria que estava subindo; só quando a atração crescente da gravidade tornasse impossível manter a ilusão, daria às suas direções mentais uma virada de cento e oitenta graus.

Agarrou o primeiro degrau e impeliu suavemente o seu corpo ao longo da escada. O movimento era tão pouco custoso como nadar sobre o fundo do mar – menos ainda, pois não havia a resistência da água. Tão fácil que se era tentado a ir demasiado depressa, porém Mercer tinha experiência de . sobra para não cair na tolice de apressar-se numa situação tão nova quanto aquela.

Nos seus fones de ouvido, podia perceber a respiração regular dos dois companheiros. Não necessitava outra prova de que eles estavam em boa forma, e não perdeu tempo em conversas. Embora fosse tentado a olhar para trás, resolveu não se arriscar a isso enquanto não tivessem alcançado a plataforma na extremidade da escada.

Espaços uniformes de meio metro separavam uns dos outros os degraus, e durante a primeira parte da ascenção Mercer saltou-os de dois em dois. Mas iaos contando cuidadosamente, e lá pelos duzentos começou a experimentar as primeiras sensações nítidas de peso. Os efeitos da rotação de Rama iam-se fazendo sentir.

Nos quatrocentos degraus, ele estimou em cerca de cinco quilos o seu peso aparente. Embora isso não fosse nenhum problema, tornava-se agora difícil pretender que estava *subindo,* quando em realidade estava sendo firmemente arrastado para cima.

O degrau número quinhentos pareceu-lhe um bom lugar para descansar.

Sentia os músculos de seus braços responderem ao exercício desacostumado, embora fosse Rama quem fazia agora todo o trabalho e ele precisasse apenas guiar-se.

– Tudo O.K., Capitão – comunicou. – Estamos na metade do caminho. Joe, Will... algum problema?

– Estou muito bem; por que você parou? – respondeu Joe Calvert.

– Idem, idem – acrescentou o Sargento Myron. – Mas cuidado com a força de

Coriolis. Está começando a crescer.

Mercer já havia reparado nisso. Ao saltar os degraus, tendera sensivelmente a derivar para a direita. Sabia perfeitamente que isso era^apenas um efeito da rotação de Rama, mas era como se uma força misteriosa o empurrasse suavemente para longe da escada.

Talvez estivesse na hora de começar a andar com os pés para a frente, agora que a expressão "para baixo" ia assumindo um sentido físico. Ele correria o risco de uma desorientação momentânea.

– Cuidado... Vou dar meia volta.

Segurando-se firmemente ao degrau, usou os braços para dar ao corpo um giro de cento e oitenta graus e sentiu-se momentaneamente ofuscado pelas luzes de seus companheiros. Muito acima deles (e agora, era realmente *acima),* podia divisar uma claridade mais débil ao longo da beira da escarpa vertical.

Formando silhueta contra essa claridade, as figuras do Comandante Norton e da equipe de reforço o observavam atentamente. Pareciam muito pequenas e distantes. Mercer abanou a mão para ele, num gesto tranquilizador.

Soltou-se e deixou que a pseudogravidade de Rama, ainda fraca, tomasse conta. A queda de um degrau para o seguinte demorou mais de dois segundos; na Terra, durante esse mesmo tempo, um homem teria caído trinta metros. A velocidade da queda era tão penosamente lenta que ele começou a apressá-la um pouco, empurrando com ambas as mãos, deslizando sobre uma dúzia de degraus de cada vez e usando os pés como travas sempre que lhe parecia estar caindo demasiado depressa.

No degrau número setecentos tornou a parar e voltou para baixo a luz da sua lâmpada de capacete; conforme havia calculado, o começo da escadaria ficava apenas cinquenta metros abaixo.

Alguns minutos depois achavam-se eles no primeiro degrau. Era uma estranha experiência, depois de meses no espaço, manter-se em pé sobre uma superfície sólida e sentir a pressão que esta exercia sobre as plantas dos pés.

Ainda pesavam menos de dez quilos, mas isso era suficiente para lhes dar um sentimento de estabilidade. Quando fechava os olhos, Mercer podia acreditar que estava de novo pisando um mundo real.

O terraço ou plataforma de onde descia a escadaria tinha uns dez metros de largura e em ambas as direções se curvava para cima até desaparecer na escuridão. Mercer sabia que esse terraço formava um círculo completo e que, se andasse cinco quilômetros por ele, voltaria ao ponto de partida após ter circunavegado Rama.

A gravidade fracional que ali existia, contudo, era impossível caminhar realmente. Só se podia avançar aos pulos, dando passos de gigante – e isso era perigoso.

A escadaria que mergulhava na escuridão muito abaixo do alcance das luzes das lanternas dava uma impressão enganadora de que era fácil descê-la.

Mas seria imprescindível agarrar-se ao alto corrimão que a flanqueava de ambos

os lados; um passo atrevido demais podia enviar o viajante incauto pelo espaço em fora. Tornaria a tocar no chão talvez cem metros mais abaixo; o choque não seria perigoso, mas suas consequências podiam sê-lo – pois a rotação de Rama teria deslocado a escadaria para a esquerda. E assim, um corpo em queda iria bater contra a suave curva que descia, num arco ininterrupto, para a planície quase sete quilômetros lá embaixo.

Seria, pensou Mercer, um infernal passeio de tobogã. A velocidade terminal, mesmo naquela gravidade, podia ser de várias centenas de quilômetros por hora. Talvez fosse preciso aplicar bastante atrito para refrear uma descida tão precipite; em tal caso, poderia ser essa a maneira mais conveniente de alcançar a superfície interior de Rama. Mas primeiro seria necessário fazer alguns experimentos muito cautelosos.

– Capitão – comunicou Mercer, – a descida pela escada de mão se fez sem problemas. Se o senhor concorda, eu gostaria de prosseguir até a plataforma seguinte. Quero cronometrar a nossa velocidade de descida pela escadaria.

Norton respondeu sem hesitar.

– Prossiga.

Não foi preciso acrescentar: "Vá com cautela." Mercer não tardou a fazer uma descoberta fundamental. Era impraticável, pelo menos nesse nível de um vigésimo de gravidade, descer a escadaria da maneira normal. Toda tentativa nesse sentido resultava num movimento em *ralenti,* como nos sonhos, que entediava insuportavelmente: a única maneira prática era não fazer caso dos degraus e descer pelo corrimão.

Foi a conclusão a que chegou também Calvert.

– Esta escadaria foi feita para subir, e não para descer! – exclamou ele. – Pode-se usar os degraus quando a gente se move contra a gravidade, mas nesta direção só servem para atrapalhar. Talvez não seja muito decoroso, mas o melhor modo de descer é deixar-se escorregar pelo corrimão.

– Isso é ridículo! – protestou o Sargento Myron. – Não posso acreditar que os ramaianos descessem assim.

– Duvido que eles tenham usado alguma vez esta escadaria... É óbvio que ela só serve para emergências. Eles deviam ter algum sistema de transporte mecânico para vir até aqui. Um funicular, talvez. Isso explicaria aquelas longas fendas que descem do cubo central.

– Sempre pensei que fossem regos de escoamento... mas talvez pudessem ser ambas as coisas. Será que alguma vez choveu aqui?

– Provavelmente – disse Mercer. – Mas acho que Joe tem razão: diabos levem o decoro! Lá vamos nós.

O corrimão – presumivelmente se destinava a alguma coisa que se parecesse com mãos – era uma barra de metal, chata e lisa, sustentada por pilares de um metro de altura, com largos intervalos de permeio. O Comandante Norton cavalgou-o, avaliou cuidadosamente a força de freagem que podia exercer com as mãos, e

deixou-se escorregar.

Muito sisudo, movendo-se na poça de luz que partia do seu capacete, desceu para a escuridão ganhando lentamente velocidade. Tinha percorrido uns cinquenta metros quando chamou os outros para que fossem ter com ele.

Ninguém o teria admitido, mas todos se sentiam numa segunda meninice, escorregando balaustrada abaixo. Em menos de dois minutos completaram, com segurança e conforto, a longa descida de um quilômetro. Sempre que se sentiam deslizar com excessiva rapidez, um apertão mais forte no corrimão lhes dava toda a freagem de que necessitavam.

– Espero que tenham gostado – gritou-lhes o Comandante Norton quando apearam na segunda plataforma. – A subida é que não vai ser tão fácil.

– Isso é o que eu quero verificar – retrucou Mercer, que , caminhava experimentalmente para lá e para cá, adaptando-se à gravidade mais forte. – Aqui já temos um décimo de gravidade. Sente-se nitidamente a diferença.

Caminhou – ou, mais exatamente, deslizou – para a beira da plataforma, e baixou a luz do capacete para o lance seguinte da escadaria. Até onde chegava a luz, esse lance parecia idêntico ao anterior – se bem que um exame cuidadoso das fotos havia mostrado que a altura dos degraus diminuía à proporção que aumentava a gravidade. A escada fora aparentemente projetada de maneira que o esforço necessário para galgar os degraus fosse mais ou menos constante em cada ponto de seu longo e curvo trajeto.

Mercer ergueu os olhos na direção do cubo central de Rama, agora quase dois quilômetros acima dele. A leve claridade, as figuras pequeninas vistas em silhueta contra ela, pareciam horrivelmente distantes. Pela primeira vez, ele se alegrou de súbito por não poder ver toda a extensão dessa enorme escadaria. A despeito dos seus nervos de aço e falta de imaginação, não tinha certeza de como reagiria se pudesse ver a si mesmo como um inseto subindo pela superfície vertical de um pires com mais de dezesseis quilômetros de altura – e com a metade superior pendendo em curva acima dele. Até esse momento, havia experimentado a escuridão como uma coisa aborrecida; agora, quase dava graças a ela.

– Não há mudança de temperatura – comunicou ao Comandante Norton. – Ainda estamos a um pouco abaixo de zero centígrado. Mas a pressão do ar aumentou, como esperávamos: cerca de trezentos milibares. Mesmo com este baixo teor de oxigênio, é quase respirável. A uma altitude menor, não haverá problema nenhum. Isso simplificará enormemente a exploração. Que achado – o primeiro mundo em que se pode andar sem aparelho de respiração! Vou até provar um pouco deste ar.

Lá em cima, no cubo, o Comandante Norton remexeu-se um tanto inquieto. Mas Mercer devia saber muito bem o que fazia; com certeza já fizera as suas testagens. Mercer igualou a pressão, desprendeu o fecho do seu capacete e entreabriu-o – uma frestinha apenas. Tomou um hausto cauteloso, depois outro, mais profundo.

O ar de Rama era morto o bolorento, como se proviesse de um túmulo tão antigo

que os últimos traços de decomposição física houvessem desaparecido há milênios. Nem mesmo o olfato ultra-sensível de Mercer, treinado durante anos na testagem ao máximo de sistemas de sustentação de vida, pôde detectar qualquer odor reconhecível. Havia um travo metálico, e ele recordou-se subitamente de que os primeiros homens que desceram na Lua tinham falado de um leve cheiro de pólvora queimada quando repressurizaram o módulo lunar. Mercer imaginou que a cabina do *Eagle,* contaminada pela poeira lunar, devia ter um cheiro semelhante ao de Rama.

Tornou a vedar o capacete e expeliu dos pulmões todo aquele ar estranho.

Não lhe dera nenhum sustento; mesmo um montanhês aclimatado aos cimos ao Everest não tardaria a morrer ali. Mas uns poucos quilômetros mais abaixo as condições seriam bem diferentes.

Que mais havia que fazer ali? Não lhe ocorreu nada, salvo gozar a branda, desacostumada gravidade. Mas de que servia habituar-se a ela, já que teriam de voltar imediatamente à imponderabilidade do cubo?

– Vamos voltar, Capitão – avisou. – Não há razão para seguir adiante, enquanto não estivermos prontos para ir *até o fim*.

– De acordo. Vamos cronometrar o regresso de vocês, mas venham com calma.

Enquanto saltava os degraus, três ou quatro de cada vez, Mercer reconheceu que Calvert tinha toda a razão em dizer que aquelas escadas haviam sido feitas para ser *subidas,* não *descidas*. Contanto que não se olhasse para trás nem se reparasse no aclive vertiginoso da curva ascendente, a escalada era uma experiência deleitável. Depois de uns duzentos degraus, contudo, ele começou a sentir umas cãibras nos músculos das panturrilhas e resolveu diminuir a marcha. Os outros tinham feito o mesmo; quando aventurou um rápido relance de olhos por cima do ombro, eles haviam ficado bastante para trás.

A subida foi completamente normal – nada mais que uma sucessão aparentemente interminável de degraus. Quando de novo se encontraram na mais alta das plataformas, logo abaixo da escada de mão, mal-e-mal ofegavam e não tinham levado mais de dez minutos a alcançá-la. Descansaram outros dez antes de acometer o último quilômetro vertical.

Saltar – agarrar-se a um dos degraus – saltar – agarrar – saltar – agarrar...

Era fácil, mas tão monótono e enfadonho que havia o perigo de se tornar descuidado. Na metade da escada vertical descansaram por dez minutos. Já então, tanto os seus braços como as pernas haviam começado a doer. Mais uma vez alegrou-se pelo fato de só poderem ver um trecho tão pequeno da superfície vertical a que se agarravam; não era muito difícil fazer de conta que a escada de mão não ia a mais do que uns poucos metros além do círculo de luz da sua lanterna e não demoraria a terminar.

Saltar – segurar-se a um degrau – saltar... De repente, a escada terminou *mesmo*. Tinham voltado ao mundo imponderável do eixo, entre os seus amigos ansiosos. Toda a viagem durara menos de uma hora e eles se sentiam modestamente

orgulhosos do seu feito.

Mas era cedo demais para isso, pois, em que pese a todos os seus esforços, haviam percorrido menos de um oitavo daquela ciclópica escadaria.

11 - HOMENS, MULHERES E MACACOS

O COMANDANTE NORTON havia decidido há muito que certas mulheres não deveriam se admitidas a bordo; a imponderabilidade tinha, sobre os seus seios, efeitos tremendamente perturbadores. O caso já era sério quando ficavam imóveis; mas quando se punham em movimento e estabeleciam-se vibrações harmônicas, a dose era excessiva para quem não tivesse autocontrole. Estava convicto de que pelo menos um grave acidente espacial fora causado pela estupefação dos tripulantes à passagem de uma bem-dotada oficial pela cabina de comando.

Mencionara certa ocasião essa teoria à Médica-chefe Laura Ernst, sem lhe revelar quem lhe havia inspirado tais pensamentos. Não havia necessidade disso, pois ambos se conheciam muito bem. Anos atrás, na Terra, num momento de comum solidão e tristeza, tinham-se amado. Não era provável que algum dia viessem a repetir a experiência (mas quem podia ter absoluta certeza de tal coisa?), porque ambos haviam mudado muito. Contudo, sempre que a formosa médica entrava flutuando na cabina do comandante, este sentia o eco fugidio de uma- velha paixão, ela o percebia, e os dois ficavam felizes da vida.

– Bill – começou Laura – já chequei os nosso alpinistas, e o meu laudo é o seguinte: Karl e Joe estão em boa forma; todas as indicações são normais para o trabalho que estiveram fazendo. Mas Will mostra sinais de exaustão e perda corporal... Não vou entrar em detalhes, mas me parece que ele não tem feito exercício quanto devia, e não é o único. Tem havido trapaças com o centrifugador, e se isto continuar vão rolar algumas cabeças. Faça o favor de avisar essa gente.

– Sim, Senhora. Mas eles têm suas justificativas. Os homens andam trabalhando duro.

– Com o cérebro e os dedos, não há dúvida. Porém não com o corpo. Não é um verdadeiro trabalho, que se possa medir em quilogrâmetros. E isso é o que nós teremos de fazer, se quisermos realmente explorar Rama.

– Mas podemos fazê-lo?

– Sim, se formos bastante cautelosos. Karl e eu preparamos um perfil bastante moderado, com base na pressuposição de que poderemos dispensar os aparelhos de respiração abaixo do Nível 2. Evidentemente, é uma sorte incrível e vem mudar todo o quadro logístico. Ainda não me pude acostumar à idéia de um mundo com oxigênio... De modo que nos basta fornecer alimentação, água, roupas térmicas, e estamos feitos! Descer será fácil; parece que podemos escorregar a maior parte do tempo por aquela bendita balaustrada...

– Estou fazendo Chips trabalhar num trenó com freagem de pára-quedas.

Se não pudermos utilizá-lo para a tripulação, pelo menos servirá para mantimentos e equipamento.

– Ótimo. Com isso faríamos a viagem em dez minutos; de outro modo, poderá durar cerca de uma hora.

– A subida é que é mais difícil de calcular; eu concederia umas seis horas, incluindo dois períodos de uma hora. Mais tarde, à proporção que formos adquirindo experiência – e tivermos desenvolvido um pouco os músculos – talvez possamos reduzir isso consideravelmente.

– E quanto aos fatores psicológicos? ,

– São difíceis de avaliar, num ambiente tão desconhecido. A escuridão será, talvez, o maior problema.

– Vou instalar projetores no cubo. Além das suas próprias lanternas, qualquer grupo que andar lá embaixo será sempre coberto por um círculo de luz.

– Boa idéia. Isso prestará grande serviço.

– Há mais uma coisa: devemos dar prioridade à segurança e mandar um grupo descer a escadaria até a metade do caminho, ida e volta, ou ir até o fim já na primeira tentativa?

– Se nos sobrasse tempo, eu seria cautelosa. Mas o tempo é curto, e não vejo perigo em ir até o fim... para observar o terreno quando lá chegarmos.

– Obrigado, Laura. Isto é tudo que eu desejava saber. Vou encarregar o sub de planejar os detalhes. E mandarei toda a tripulação para o centrifugador...

Vinte minutos por dia a meia *g*. Isso a satisfaz?

– Não. Lá embaixo, em Rama, são zero vírgula seis *g,* e eu preciso ter uma margem de segurança. Ponha três quartos...

– Upa!

– Durante dez minutos...

– Essa eu topo...

– *Duas vezes* por dia.

– Laura, você é uma mulher dura e cruel. Mas vá lá. Darei a notícia pouco antes do almoço. Isso vai tirar o apetite a um bom número deles.

Foi a primeira vez que o Comandante Norton viu Karl Mercer ligeiramente constrangido. Passara quinze minutos discutindo os problemas de logística com a sua competência habitual, mas alguma coisa o preocupava visivelmente. Norton, que bem suspeitava o que fosse, esperou com paciência que ele desabafasse.

– Capitão – disse Karl por fim – o senhor está certo de que deve conduzir esse grupo? Se alguma coisa acontecer, eu sou muito mais sacrificável do que o senhor. Fui mais longe no interior de Rama do que qualquer outro de nós... ainda que seja por uma diferença de apenas cinquenta metros.

– De acordo. Mas chegou a hora de o comandante conduzir suas tropas, e já conviemos em que não há maior risco nesta expedição do que na última. Ao primeiro sinal de perigo, tornarei a subir essa escadaria com bastante rapidez para me habilitar às Olimpíadas Lunares.

Ficou à espera de novas objeções, mas não houve nenhuma, embora Karl ainda parecesse aborrecido. Sentiu pena dele e ajuntou com brandura:

– E aposto que Joe chegará cá em cima antes de mim.

O homenzarrão pareceu tranquilizar-se e um lento sorriso espalhou-se pelo seu rosto.

– Ainda assim, Bill, eu preferiria que você tivesse escolhido um outro.

– Eu queria *um* homem que já tivesse ido lá embaixo, e não podemos ir os dois. Quanto ao Herr Doktor Professor Sargento Myron, Laura diz que está com excesso de dois quilos. Nem mesmo raspar aquele bigode adiantou.

– Quem é o seu terceiro homem?

– Ainda não decidi. Isso depende de Laura.

– Ela mesma quer ir.

– Quem é que não quer? Mas, se o nome dela me aparece em primeiro lugar na sua própria lista de aptidão, vou ficar muito desconfiado.

O Capitão-de-corveta Mercer juntou os seus papéis e saiu rápido da cabina. Norton, que o acompanhou com os olhos, sentiu uma ligeira pontada de inveja. Quase toda a tripulação – uns oitenta e cinco por cento, pela sua estimativa mínima – tinha arranjado as suas acomodações emocionais. Ele conhecia naves em que o comandante fazia o mesmo, porém esses não eram os seus hábitos. Conquanto a disciplina a bordo da *Endeavour* se baseasse em grande parte no mútuo respeito entre homens e mulheres inteligentes e altamente treinados, o comandante necessitava de algo mais para sublinhar-lhe a posição. Sua responsabilidade era imensa e exigia um certo grau de isolamento, mesmo dos amigos mais chegados. Toda ligação poderia ser danosa para o moral, pois era quase impossível evitar acusações de favoritismo. Por esta razão, os casos sentimentais que saltassem mais de dois graus de hierarquia eram firmemente reprovados; mas, fora isso, a única regra a que estava submetido o sexo a bordo era: "contanto que não façam isso nos corredores e assustem os *simps"*.

Havia quatro superchimpanzés a bordo do *Endeavour,* se bem que, rigorosamente falando, a denominação fosse incorreta, pois a tripulação extrahumana da nave não se baseava na espécie chimpanzé. À gravidade zero, uma cauda preênsil constitui enorme vantagem, e todas as tentativas de fornecer tais apêndices a seres humanos haviam resultado em humilhantes fracassos. Depois dos experimentos igualmente insatisfatórios com os grandes símios, a Companhia Superchimpanzé passara a considerar o reino dos macacos caudados.

Blackie, Blondie, Goldie e Brownie tinham árvores genealógicas cujos ramos incluíam os mais inteligentes cercopitecos do Velho Mundo e cebídeos do Novo, com a adição de genes sintéticos que nunca existiram na natureza. A criação e educação desses animais custara, provavelmente, tanto quanto a de um astronauta médio, e eles bem o mereciam. Cada um pesava menos de trinta quilos e consumia apenas a metade dos alimentos e do oxigênio necessários a um ser humano, mas podia fazer o trabalho de 2,75 homens nos setores dos afazeres domésticos, culinária elementar, transporte de ferramentas e uma dúzia de outras tarefas de rotina.

Esses 2,75 eram a cifra alegada pela Companhia, com base em inúmeros estudos de tempo e movimento. Se bem que surpreendente e não raro contestada, parecia ser exata, pois os *simps* trabalhavam de bom grado durante quinze horas por dia e não se entediavam com os mais corriqueiros e monótonos serviços.

Libertavam, assim, os seres humanos para o desempenho de trabalhos humanos; e, numa nave espacial, isso era de vital importância.

Ao contrário dos macacos que eram seus parentes mais próximos, os *simps* da *Endeavour* tinham uma índole dócil, obediente e pouco curiosa. Sendo o fruto de uma multiplicação vegetativa, eram também assexuados, o que eliminava embaraçosos problemas de comportamento. Vegetarianos cuidadosamente treinados, eram muito asseados e não exalavam odor algum. Teriam dado excelentes animais de estimação, só que não havia quem pudesse pagar o seu preço.

A despeito dessas vantagens, ter *simps* a bordo envolvia certos problemas.

Precisavam ter os seus alojamentos especiais, inevitavelmente cognominados a "Casa dos Macacos". Sua pequena sala de rancho estava sempre limpinha e bem aparelhada com uma TV, equipamento para jogos e máquinas de ensinar programadas. A fim de evitar acidentes, era-lhes absolutamente proibido ingresso às áreas técnicas da nave. As entradas. de todas elas eram pintadas de vermelho, e os *simps* tinham sido condicionados de tal modo que lhes era psicologicamente impossível transpor essas barreiras visuais.

Havia também um problema de comunicações. Em que pese ao seu Q.I.

equivalente a 60 e ao fato de compreenderem várias centenas de palavras inglesas, eram incapazes de falar. Fora impossível prover de cordas vocais utilizáveis tanto os grandes símios como os macacos caudados, e eles eram forçados a exprimir-se por meio de sinais. Os sinais básicos eram óbvios e fáceis de aprender, de modo que todos, a bordo da nave, podiam entender mensagens de rotina. Mas o único homem que falava fluentemente o simpiano era seu mestre, o Comissário-chefe McAndrews.

Uma piada corrente era que o Sargento Ravi McAndrews se parecia bastante com um *simp,* o que não se poderia considerar um insulto, dado que, com sua pelagem curta e colorida, seus movimentos graciosos, eles eram animais lindíssimos. Eram, também, afetuosos, e todos, a bordo, tinham o seu favorito; o do Comandante Norton era o chamado, com muita propriedade, Goldie, o de pelo dourado.

Mas a amizade que tão facilmente se estabelecia com os *simps* criava outro problema, frequentemente usado como poderoso argumento contra o emprego desses animais no espaço. Como só podiam ser treinados para serviços comezinhos e de rotina, eram mais do que inúteis numa emergência: podiam tornar-se um perigo para si mesmos e para os seus companheiros humanos. Em particular, fora impossível ensiná-los a usar roupas espaciais, pois os conceitos envolvidos por esse uso eram completamente inacessíveis ao seu entendimento.

Ninguém gostava de falar sobre o assunto, mas todos sabiam o que cumpria fazer se houvesse uma ruptura no costado ou se fosse dada ordem de abandonar a nave.

Isso acontecera apenas uma vez – e o mestre dos *simps* cumprira o seu dever com uma fidelidade maior do que se esperava dele: foi encontrado com os seus pupilos, morto pelo mesmo veneno. Posteriormente, o serviço de eutanásia foi transferido para o médico-chefe que, segundo se supunha, teria menos envolvimento emocional.

Norton agradecia aos céus o fato de essa responsabilidade, pelo menos, não recair sobre os seus ombros. Conhecia homens a quem teria matado com muito menos escrúpulo do que a Goldie.

12 - A ESCADARIA DOS DEUSES

NA ATMOSFERA CLARA e fria de Rama, a luz do projetor era completamente invisível. Três quilômetros abaixo do cubo central, a oval luminosa de cem metros de largura cobria uma parte daquela colossal escadaria. Oásis brilhante na escuridão que tudo envolvia, deslocava-se lentamente para a planície curva, cinco quilômetros mais abaixo; e, no seu centro, movia-se um trio de figuras como formigas, projetando compridas sombras à sua frente.

Fora, exatamente como eles esperavam e desejavam, uma descida sem incidente algum. Durante um breve descanso na primeira plataforma, Norton caminhara algumas centenas de metros ao longo da estreita superfície curva antes de iniciar a descida em deslize para o segundo nível. Ali se desfizeram dos seus aparelhos de oxigênio e deliciaram-se com o luxo inaudito de poderem respirar sem auxílio mecânico. Agora podiam explorar à vontade, livres do maior perigo com que se defronta o homem no espaço, e esquecendo todas as preocupações a respeito da integridade das roupas e a reserva de oxigênio.

Quando chegaram ao quinto nível e só restava um lance por descer, a gravidade alcançara quase metade do seu valor terrestre. Os efeitos da rotação de Rama faziam-se finalmente sentir em sua verdadeira força; os homens rendiamse a essa força implacável que governa todos os planetas e que pode cobrar um preço caríssimo pelo mais leve descuido. Ainda era muito fácil descer; mas já começava a obsedá-los o pensamento do regresso, subindo aqueles milhares e milhares de degraus.

Havia muito que a escadaria cessara o seu vertiginoso mergulho e baixava num declive cada vez mais suave para a horizontal. O gradiente não ia além de 1

por 5; no começo fora o inverso, 5 por 1. A marcha normal já era, tanto física como psicologicamente, aceitável; somente a gravidade reduzida lhes lembrava que não estavam descendo uma grande escadaria na Terra. Norton visitara certa vez as ruínas de um templo azteca, e nesse momento ecoaram nele os sentimentos que então experimentara, cem vezes amplificados. Era a mesma impressão de assombro e mistério, a tristeza de um passado irrevogavelmente desaparecido. E contudo a escala, aqui, era tão maior, no tempo como no espaço, que a mente não lhe podia fazer justiça; ao cabo de algum.tempo, cessava de reagir. Norton perguntava a si mesmo se, mais cedo ou mais tarde, não acabaria por aceitar o próprio Rama.

E havia também outro aspecto sob o qual o paralelo com as ruínas terrestres falhava redondamente. Rama era centenas de vezes mais antigo do que todas as construções humanas que haviam sobrevivido na Terra – inclusive a Grande Pirâmide. *Mas tudo ali parecia absolutamente novo; não havia o menor sinal de desgaste ou dano.*

Norton havia fatigado o cérebro com esse problema e chegara a uma explicação provisória. Tudo que até agora tinham examinado fazia parte de um sistema auxiliar

de emergência, que muito raramente era utilizado. Não podia crer que os ramaianos – a não ser que fossem fanáticos da aptidão física, como tantos que eram encontrados na Terra – tivessem alguma vez subido e descido essa fantástica escadaria ou suas duas gêmeas idênticas que completavam o invisível Y muito acima da sua cabeça. Talvez só tivessem prestado serviço durante a construção de Rama e perdido toda utilidade depois daquele dia distante. A teoria era válida por ora, mas não parecia muito convincente. Algo, nela, não estava certo...

No último quilômetro, em vez de escorregar, desceram os degraus de dois em dois, com longas e suaves passadas; dessa maneira, pensava Norton, exercitariam músculos que dentro em breve teriam de ser utilizados. E assim chegaram ao fim da escadaria quase sem dar por isso; de repente, não havia mais degraus – apenas a planície, de um cinza fosco à luz já esmaecida do projetor lá de cima, apagando-se na escuridão umas poucas centenas de metros diante deles. Norton olhou para trás, ao longo do raio luminoso, na direção de sua origem na extremidade superior do eixo, a mais de oito quilômetros de distância.

Sabia que Mercer os estava observando com o telescópio e abanou jovialmente o braço.

– Aqui é o Comandante – falou pelo rádio. – Todos estão em perfeita forma, não há problemas. Continuamos de acordo com os planos.

– Bom – respondeu Mercer. – E nós continuaremos a observar.

Houve um breve silêncio, depois uma voz nova se fez ouvir.

– Aqui fala o subcomandante, a bordo da nave. Francamente, Capitão, isso não é suficiente. O senhor sabe que os noticiaristas vivem reclamando há já uma semana. Não espero uma prosa imortal, mas o senhor não pode dizer algo melhor?

– Vou tentar – riu Norton. – Mas lembre-se de que por enquanto não há nada para ver. Isto é como... bom, como estar num enorme palco escurecido, com um só projetor. Dessa luz emergem as primeiras centenas de degraus da escadaria, até desaparecerem na escuridão superior. Aquilo que podemos ver da planície parece perfeitamente plano – a curvatura é muito pequena para ser perceptível nesta área limitada. Eis aí, mais ou menos, tudo o que há para contar.

– Quer nos dar algumas impressões?

– Bom, ainda faz muito frio... abaixo de zero centígrado... e ainda bem que vestimos nossas roupas térmicas. E *silencioso,* naturalmente; mais silencioso do que tudo que conhecíamos até agora na Terra ou no espaço, onde sempre havia algum ruído de fundo. Aqui, todos os sons são engolidos; o espaço que nos cerca é tão enorme que não há ecos. É uma sensação estranha, mas acho que nos habituaremos a ela.

– Obrigado, Capitão. Alguém mais quer falar? Joe, Boris?

Joe Calvert, sempre loquaz, respondeu de bom grado.

– Não me sai do pensamento que esta é a primeira vez... a *primeiríssima*... que podemos caminhar num outro mundo, respirando a sua atmosfera natural – se bem me pareça que "natural" não é um termo muito apropriado quando o aplicamos a

um lugar como este. No entanto, Rama deve parecer-se com o mundo habitado pelos seus construtores: todas as nossas naves espaciais são miniaturas da Terra. Dois exemplos muito pouco valem como estatística, mas isto significará que todas as formas de vida inteligente são consumidoras de oxigênio?

O que temos visto do trabalho deles sugere que os ramaianos eram humanóides, embora, talvez, uns cinquenta por cento mais altos do que nós. Não concorda comigo, Boris?

"Joe está caçoando com Boris?" pensou Norton. "Vamos ver como ele reage."

Para todos os seus companheiros de bordo, Boris Rodrigo era uma espécie de enigma. O calado e digno oficial de comunicações era benquisto pelo resto da tripulação, porém nunca participava das suas atividades e parecia sempre um pouco à parte, como se marchasse ao som de outro tambor.

E realmente assim acontecia, pois ele era um devoto membro da Quinta Igreja de Cristo-Cosmonauta. Norton nunca pudera descobrir que fim haviam levado as quatro igrejas anteriores, e estava igualmente às escuras no que dizia respeito aos ritos e cerimônias da igreja. Mas o seu principal artigo de fé era bem conhecido: acreditava que Jesus Cristo era um visitante vindo do espaço e construíra toda uma teologia sobre esse pressuposto.

Não era de surpreender, talvez, que a imensa maioria dos fiéis da igreja trabalhasse no espaço, a um título qualquer. Eram, invariavelmente, pessoas eficientes, conscienciosas e merecedoras de inteira confiança. Todos os respeitavam e estimavam, especialmente por não tentarem converter os outros.

Contudo, havia neles qualquer coisa de estranho; Norton nunca pôde compreender que homens com um avançado treinamento científico e técnico acreditassem certas coisas que ele ouvira os "cristeiros" afirmarem como fatos incontrovertíveis.

Enquanto esperava que o Ten. Rodrigo respondesse a pergunta talvez capciosa de Joe, o comandante teve uma súbita intuição dos seus próprios motivos ocultos. Havia escolhido Boris porque era fisicamente apto, tecnicamente habilitado e homem de toda a confiança. Ao mesmo tempo, desconfiava de que nessa escolha tivesse participado uma espécie de curiosidade travessa, de que o seu eu consciente não quisera tomar conhecimento. Como reagiria um homem com tais crenças religiosas à aterradora realidade de Rama? E se ele encontrasse alguma coisa que desbaratasse a sua teologia... ou, pelo contrário, que viesse confirmá-la?

Mas Boris Rodrigo, com a sua cautela costumeira, não se deixou levar.

– Eles certamente respiravam oxigênio, e é possível que fossem humanóides. Com um pouco de sorte, talvez venhamos "a descobrir que aparência tinham. Talvez haja pinturas, estátuas, quem sabe se até corpos, nessas cidades. Se é que são cidades.

– E a mais próxima fica apenas a oito quilômetros de distância – observou esperançosamente Joe Calvert.

"Sim", pensou o comandante, "mas também são oito quilômetros a retroceder, e

depois será preciso subir de novo aquela tremenda escadaria.

Podemos assumir esse risco?"

Uma pequena expedição de reconhecimento à "cidade" que eles haviam denominado Paris figurava entre os seus primeiros planos de contingência, e chegara o momento de tomar a decisão. Tinham mantimentos e água de sobra para uma permanência de vinte e quatro horas; estariam sempre à vista da equipe de reforço postada no Cubo, e qualquer espécie de acidente parecia virtualmente impossível naquela planície lisa, com a sua suave curvatura. O único perigo previsível era a exaustão; quando chegassem a Paris, o que seria bastante fácil, que outra coisa poderiam fazer além de tirar algumas fotografias e talvez colher pequenos artefatos, antes de serem obrigados a voltar?

Entretanto, mesmo uma breve incursão desse gênero valeria a pena. O tempo era muito curto, pois Rama se precipitava na direção de um periélio demasiado perigoso para a *Endeavour*.

Em todo caso, não era a ele que competia tomar uma parte da decisão. Lá em cima, na astronave, a Dra. Ernst estaria observando as indicações dos sensores biotelemétricos aplicados ao seu corpo. Se ela voltasse o polegar para baixo, não haveria apelação.

– Laura, que é que você acha?

– Descansem trinta minutos e tomem um módulo energético de quinhentas calorias. Depois podem partir.

– Obrigado, doutora – atalhou Joe Calvert. – Agora posso morrer contente.

Sempre desejei conhecer Paris. Montmartre, lá vamos nos.

13 - A PLANÍCIE DE RAMA

DEPOIS DAQUELAS intermináveis escadarias, era um estranho luxo caminhar mais uma vez sobre uma superfície horizontal. Bem em frente, o terreno era em verdade completamente plano; à direita e à esquerda, a curva ascendente se fazia perceptível nos limites da área iluminada pelo projetor. Era como se eles estivessem caminhando por um vale raso e muito largo; ninguém diria que em realidade avançavam sobre a face interna de um enorme cilindro, e que além desse pequeno oásis de luz o solo ia subindo para encontrar-se com o céu ou, mais exatamente, para *tornar-se* o próprio céu.

Embora todos eles estivessem animados por um sentimento de confiança e de contido alvoroço, depois de algum tempo o silêncio quase palpável de Rama começou a pesar opressivamente sobre o grupo. Cada passo, cada palavra se desvanecia instantaneamente no vazio sem eco; após terem percorrido pouco mais de meio quilômetro, o Ten. Calvert não pôde mais suportar aquilo.

Entre as suas pequenas habilidades contava-se um talento hoje raro, embora muitos achassem que não o era suficientemente – a arte de assobiar.

Com ou sem encorajamento, podia reproduzir os temas musicais da maioria dos filmes dos últimos duzentos anos. Começou apropriadamente com *Heigh-ho, heigh-ho, 'tis off to work we go,* mas, convencendo-se de que não podia sustentar o baixo dos anões de Disney em marcha, fez uma rápida transição para o *Rio Kwai*. Depois progrediu, mais ou menos cronologicamente, através de meia dúzia de marchas heróicas, culminando no famoso *Napoleão* de Sid Krassman, dos fins do século XX. Foi uma bela tentativa, mas não surtiu efeito, nem mesmo para elevar o moral. Rama exigia a grandeza de um Bach ou Beethoven, de Sibelius ou Tuan Sun, não a trivialidade dos espetáculos populares. Norton estava a ponto de sugerir que Joe guardasse o seu fôlego para exercícios futuros, quando o jovem oficial percebeu a inutilidade dos seus esforços. Daí em diante, fora alguma consulta ocasional à nave, continuaram a caminhar em silêncio. Rama havia ganho esse *round*.

Em sua travessia inicial, Norton permitira-se uma digressão. Paris ficava bem em frente, a igual distância entre o pé da escadaria e a margem do Mar Cilíndrico, mas apenas um quilômetro à direita do caminho que seguiam havia um acidente de terreno muito proeminente e um tanto misterioso, que fora batizado como o Vale Retilíneo. Era um longo sulco ou vala, com quarenta metros de fundo e cem de largo, ladeado por taludes de suave inclinação; fora provisoriamente identificado com um fosso ou canal de irrigação. Como a própria Escadaria, tinha dois *pendants* semelhantes, igualmente espaçados ao redor da curva de Rama.

Os três vales mediam quase dez quilômetros de comprimento e terminavam bruscamente, um pouco antes de chegarem ao mar – o que era estranho, se de fato se destinavam a conduzir água. E no outro lado do mar o mesmo padrão se repetia: outras três valas de dez quilômetros seguiam no rumo da região polar Sul.

Alcançaram o término do Vale Retilíneo ao cabo de apenas quinze minutos de marcha folgada, e por um momento ficaram parados, olhando pensativamente o fundo da depressão. As paredes perfeitamente lisas desciam num ângulo de sessenta graus; não tinham degraus nem apoios para os pés. Enchia o fundo uma camada de material branco, de superfície plana, que se parecia muito com gelo. Uma amostra desse material poderia resolver muitas disputas. Norton decidiu ir buscá-la.

Enquanto Calvert e Rodrigo funcionavam como âncoras, folgando pouco a pouco uma corda de segurança, ele desceu vagarosamente o forte declive. Ao alcançar o fundo, tinha quase certeza de que ia experimentar a conhecida sensação do gelo resvaladiço sob os pés, mas enganava-se. O atrito era muito grande e seus pés pousaram firmes no chão. Aquele material era alguma espécie de vidro ou cristal transparente; quando o tocou com as pontas dos dedos, sentiu-o frio, duro e resistente à pressão.

Voltando as costas ao projetor e fazendo pala com a mão sobre os olhos, Norton procurou espreitar as profundezas cristalinas como quem tenta enxergar através da camada de gelo que recobre um lago. Não pôde ver nada, contudo, nem mesmo à luz concentrada de sua lâmpada de capacete. O material era translúcido, porém não transparente. Se realmente era um líquido gelado, tinha um ponto de fusão muito mais alto que a água.

Bateu levemente nele com o martelo do seu estojo de geólogo; a ferramenta ricocheteou com um ruído surdo: clanc! Bateu mais forte, sem melhor resultado, e ia martelar com toda a força quando algum impulso o fez desistir.

Parecia muito pouco provável que conseguisse rachar aquele material; mas... e se o fizesse? Seria como um vândalo que despedaça uma enorme parede de cristal.

Teria melhor ensejo para colher sua amostra mais tarde, e pelo menos já tinha uma informação valiosa. Agora, parecia mais improvável do que nunca que se tratasse realmente de um canal; era, simplesmente, um singular fosso que começava e terminava abruptamente, sem levar a parte alguma. E, se alguma vez tinha conduzido líquido, onde estavam as manchas, as incrustações de sedimentos secos que seriam de esperar? Tudo brilhava de limpeza, como se os construtores houvessem partido ainda na véspera...

Mais uma vez se lhe defrontava o mistério fundamental de Rama, e agora não era possível fugir-lhe. O Comandante Norton era um homem razoavelmente imaginativo, mas jamais teria ascendido à sua posição atual se costumasse entregar-se aos voos mais desenfreados da fantasia. E contudo, nesse momento, teve pela primeira vez um sentimento – não exatamente de premonição, mas de previsão. As coisas não eram o que pareciam; havia algo muito, mas muito estranho num lugar que era simultaneamente novinho em folha – e velho de um milhão de anos.

Muito pensativo, pôs-se a caminhar lentamente ao longo do pequeno vale, enquanto seus companheiros, que ainda seguravam a corda amarrada à sua cintura,

o seguiam pela borda. Não esperava fazer novas descobertas, mas queria que o seu curioso estado emocional fosse até o fim. Porque havia outra coisa a preocupá-lo, e essa coisa nada tinha que ver com a inexplicável novidade de Rama.

"Não havia andado mais que uma dúzia de metros quando o pensamento o atingiu como um raio.

Conhecia aquele lugar. *Já tinha estado ali antes*. Mesmo na Terra ou em algum planeta familiar, essa experiência é inquietante, embora não seja particularmente rara. A maioria das pessoas a conheceram numa ou noutra ocasião, e em geral a "explicam" como a memória de uma fotografia esquecida, uma pura coincidência – ou, quando se inclinam ao misticismo, alguma forma de telepatia, a mensagem de outra mente, ou mesmo como um *flash-back* do seu próprio futuro.

Mas reconhecer um lugar em que *nenhum* outro ser humano pode ter visto jamais – isso é simplesmente chocante. Pelo espaço de vários segundos, o Comandante Norton pareceu ter criado raízes na superfície lisa e cristalina sobre a qual estivera caminhando enquanto procurava pôr em ordem as suas emoções.

Seu bem-ordenado universo virará de pernas para o ar e ele teve um vislumbre vertiginoso daqueles mistérios que pairam na orla da existência e pelos quais, em geral, conseguia passar de largo.

Foi então que, para seu imenso alívio, acudiu-lhe o senso comum.

Desvaneceu-se a perturbadora sensação do *déjà vu,* cujo lugar foi tomado por uma real e identificável recordação da sua juventude. Era verdade: uma vez ele se encontrara entre dois taludes inclinados e íngremes como aqueles, vendo-os perder-se na distância, até que pareciam convergir num ponto infinitamente afastado. Mas eram cobertos de grama aparada a capricho; e o chão era de pedra britada, não de cristal liso. Isso acontecera trinta anos atrás, durante uma férias de verão na Inglaterra. Em grande parte por causa de uma outra estudante (lembrava-se ainda do seu rosto, mas esquecera como se chamava), tinha feito um curso de Arqueologia Industrial, então muito em voga entre os graduados em Ciências e Engenharia. Haviam explorado minas de carvão e cotonifícios abandonados, escalado ruínas de altos-fornos e locomotivas a vapor, arregalado os olhos incrédulos diante de primitivos (e ainda perigosos) reatores nucleares, e dirigido preciosas antiqualhas movidas a turbina por auto-estradas restauradas.

Nem tudo que viram era genuíno; uma boa parte dessas coisas perdera-se ao longo dos séculos, pois os homens raramente se dão ao trabalho de preservar os objetos comuns da vida cotidiana. Mas quando era necessário fazer cópias, eles tinham sido reconstruídos com amoroso cuidado.

E foi assim que o jovem Norton saiu a rolar sobre os trilhos, a uma eufórica velocidade de cem quilômetros por hora, atirando pazadas e mais pazadas de precioso carvão para dentro da fornalha de uma locomotiva que parecia velha de duzentos anos, mas em realidade era mais jovem do que ele. Os trinta quilômetros de via permanente da Great Western Railway, no entanto, eram perfeitamente genuínos, se bem que fora preciso um considerável trabalho de escavação para fazê-

la voltar a funcionar.

Apita que apita, haviam mergulhado na vertente de uma colina, precipitando-se numa escuridão fumarenta, alumiada por chamas de querosene.

Após um tempo que pareceu interminável, deixaram repentinamente o túnel e vararam por um corte perfeitamente retilíneo entre íngremes taludes plantados de grama. A vista, há muito esquecida, era quase idêntica àquela que tinha agora diante dos olhos.

– Que é que há, Capitão? – gritou o Ten. Rodrigo. – Achou alguma coisa?

Enquanto Norton voltava, com um esforço, ao senso da realidade presente, seu espírito libertou-se, em parte, do sentimento de opressão. Havia ali um mistério, é certo; mas talvez não estivesse além da compreensão humana.

Tinha aprendido uma lição, embora não fosse fácil comunicá-la a outros.

Custasse o que custasse, não devia deixar-se esmagar por Rama. Por esse caminho se ia ao fracasso, talvez à loucura.

– Não – respondeu. – Não há nada cá embaixo. Me puxem para cima.

Vamos direto a Paris.

14 - SINAL DE MAU TEMPO

– CONVOQUEI ESTA reunião do Comitê – disse S. Excia. O Embaixador de Marte junto aos Planetas Unidos – porque o Dr. Perera tem algo de importante para nos comunicar. Pede insistentemente que entremos sem demora em contato com o Comandante Norton, usando o canal prioritário que, posso dizê-lo, só conseguimos estabelecer depois de lutar com grandes dificuldades. A comunicação do Dr. Perera é de caráter bastante técnico, e antes de a examinarmos creio que convém fazer um sumário da situação presente. O Dr.

Price preparou esse sumário. Ah, sim... há alguns pedidos de desculpas por ausência. Sir Lewis Sands não pode nos fazer companhia porque está presidindo uma conferência, e o Dr. Taylor roga que o dispensemos.

Quanto a esta última abstenção, não lhe desagradava nem um pouco. O antropólogo perdera logo o interesse por Rama quando se tornou evidente que oferecia pouco campo aos seus estudos. Como muitos outros, ficara profundamente desapontado à notícia de que aquele pequeno mundo itinerante estava morto; isso excluía toda oportunidade de livros e vídeos sensacionais a respeito dos ritos e padrões de comportamento ramaianos. Outros que cavassem esqueletos e classificassem artefatos; esse tipo de trabalho não era do gosto de Conrad Taylor. Talvez a única descoberta capaz de fazê-lo voltar pressurosamente fossem algumas obras de arte altamente explícitas, como os afrescos de Terá e Pompéia.

O ponto de vista de Thelma Price, a arqueóloga, era o oposto exato deste.

Ela preferia escavações e ruínas livres de habitantes que pudessem interferir nos desapaixonados estudos científicos. O fundo do Mediterrâneo tinha sido ideal – pelo menos enquanto os urbanistas e arquitetos paisagistas não se meteram de permeio. E Rama teria sido perfeito, não fosse o exasperante detalhe de encontrar-se a cem milhões de quilômetros de distância, o que a impedia para sempre de visitá-lo em pessoa.

– Como todos aqui sabem – começou, – o Comandante Norton completou uma travessia de quase trinta quilômetros sem encontrar qualquer problema.

Explorou o curioso fosso que aparece nesses mapas como o Vale Retilíneo; a finalidade desse fosso ainda é completamente desconhecida, mas sua importância é evidente, porquanto corre ao longo de todo o comprimento de Rama – salvo a interrupção do Mar Cilíndrico – e há duas outras estruturas idênticas, com intervalos de 120 graus, em volta da circunferência desse mundo.

"Depois o grupo dobrou à esquerda – ou para Leste, se adotarmos a convenção do Pólo Norte – até chegarem a Paris. Como verão por esta fotografia, tirada por uma câmara telescópica no Cubo, trata-se de um grupo de várias centenas de edifícios separados por largas ruas.

"Bem, estas outras fotografias foram tiradas pelo grupo do Comandante Norton quando chegaram ao local. Se Paris é uma cidade, é uma cidade muito singular.

Notem que nenhum dos edifícios tem janelas, ou mesmo portas! Todos são simples estruturas retangulares, com uma altura uniforme de trinta e cinco metros. Parecem ter sido expelidas do solo como pasta dentifrícia de um tubo: não têm juntas nem emendas. Vejam este primeiro plano da base de uma parede – a transição para o solo é perfeitamente lisa.

"Minha opinião pessoal é que este lugar não é uma área residencial, mas um conjunto de depósitos e armazéns de suprimentos. Em apoio dessa teoria, vejam esta foto...

"Estas fendas ou sulcos estreitos, medindo uns cinco centímetros de largura, correm ao longo de todas as ruas, e há um conduzindo a cada um deles – penetrando diretamente na parede. Esses sulcos têm uma semelhança notável com os trilhos de bondes do começo do século XX. Fazem parte, evidentemente, de algum sistema de transportes.

"Nunca nos pareceu necessário fazer com que os transportes públicos conduzissem diretamente a cada casa. Seria economicamente absurdo, e as pessoas sempre podem caminhar algumas centenas de metros. Mas, se estes edifícios fossem usados para armazenagem de materiais pesados, isso faria sentido.

– Dá licença de fazer uma pergunta? – perguntou c Embaixador da Terra.

– Pois não, Sir Robert.

– O Comandante Norton não conseguiu entrar em nenhum dos edifícios?

– Não. Quando ouvirem o relato dele, verão a que ponto se sentiu frustrado. Chegou mesmo a pensar que só se podia entrar nos edifícios pelo subsolo; foi então que descobriu os sulcos do sistema de transportes e mudou de pensar.

– Tentou forçar a entrada?

– Não havia maneira de fazê-lo, a não ser com explosivos. ou ferramentas pesadas. E ele não quer usar essas coisas a não ser quando todos os outros meios tiverem falhado.

– Já sei! – exclamou repentinamente Dennis Solomons. Encasulagem!

– Perdão?

– É uma técnica que foi desenvolvida há coisa de dois séculos – continuou o historiador da Ciência. – Quando se quer preservar alguma coisa, põe-se dentro de um saco de plástico, insufla-se um gás inerte e veda-se. Inicialmente, usou-se para proteger equipamento militar nos períodos entre guerras; chegou-se a encasular navios inteiros. O processo ainda é muito usado nos museus onde haja escassez de espaço para armazenagem; ninguém sabe o que está dentro de alguns casulos velhos de cem anos, que são conservados no subsolo do Instituto Smithsoniano.

O Dr. Carlisle Perera não primava pela paciência. Estava doido para lançar a sua bomba e já não podia conter-se.

– Por favor, Sr. Embaixador! Isso tudo é muito interessante, mas acho que a minha informação é um pouco mais urgente.

– Se não há pontos de importância... Muito bem, Dr. Perera. Para o exobiologista, ao contrário de Conrad Taylor, Rama não fora uma decepção. É

verdade que ele já não esperava encontrar vida – mas tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, seriam encontrados alguns restos das criaturas que haviam construído esse mundo fantástico. Mal começara ainda a exploração, embora fosse horrivelmente curto o tempo disponível antes que a *Endeavour* se visse obrigada a abandonar a sua órbita tão rente ao Sol.

Mas agora, se os seus cálculos estavam certos, o contato do homem com Rama seria ainda mais breve do que ele temera. Porque um detalhe fora esquecido – era tão grande que ninguém tinha reparado nele até então.

– De acordo com as mais recentes informações – começou Perera, – um grupo vai agora a caminho do Mar Cilíndrico, enquanto o Comandante Norton dirige outro grupo que está instalando uma base de abastecimento no sopé da Escadaria Alfa. Quando essa base estiver pronta, ele pretende enviar pelo menos duas missões exploradoras em operação permanente. É assim que espera utilizar o seu limitado potencial humano com um máximo de eficiência.

"O plano é bom, mas talvez não haja tempo para pô-lo em execução. Eu aconselharia, mesmo, um estado de alerta imediato e a preparação para uma retirada total com doze horas de aviso prévio. Permitam que me explique...

"É surpreendente quão poucas pessoas têm comentado uma anomalia bastante óbvia no que se refere a Rama. Faz já um bom tempo que penetrou na órbita de Vênus... e o seu interior continua gelado. No entanto, a temperatura de um corpo exposto à luz direta do Sol nesse ponto é de uns quinhentos graus!

"A razão disso, naturalmente, é que Rama não teve tempo de esquentar.

Deve ter esfriado a uma temperatura próxima do zero absoluto – duzentos e setenta graus negativos – enquanto se encontrava no espaço interestelar. Agora, à medida que se aproxima do Sol, o seu casco exterior já está quase tão quente como o chumbo fundido. Mas o interior continuará frio até que o calor tenha atravessado aquele quilômetro de rocha. Há uma espécie de sobremesa aí, que é quente de pelar por fora e no centro tem sorvete; não me lembro como se chama...

– Alasca ao forno. Infelizmente, é um pudim favorito nos banquetes dos Planetas Unidos.

– Obrigado, Sir Robert. Essa é a situação em Rama no momento, mas não vai durar. Durante todas estas semanas o calor solar esteve penetrando pouco a pouco, e esperamos um acentuado aumento de temperatura que deverá começar dentro de poucas horas. Quando tivermos que partir de qualquer modo, ela será razoavelmente tropical, nada mais.

– Então, qual é a dificuldade?

– Posso responder-lhe com uma só palavra, Sr. Embaixador: *Furacões*.

15 - À BEIRA DO MAR

HAVIA, AGORA, mais de vinte homens e mulheres no interior de Rama – seis lá embaixo, na planície, e o resto transportando equipamento e materiais de consumo através do sistema de eclusas de ar e escadaria abaixo. Quanto à própria nave, ficara quase deserta, com o mínimo possível de pessoal em serviço; circulava a piada de que a *Endeavour* passara a ser, em realidade, dirigida pelos quatro *simps* e Goldie fora promovido a comandante interino. Norton havia estabelecido várias regras básicas para essas explorações iniciais. A mais importante datava dos primeiros tempos das viagens no espaço. Cada grupo, resolvera ele, devia incluir uma pessoa com experiência prévia – mas *uma só*.

Dessa maneira, todos teriam uma oportunidade de aprender o mais rapidamente possível.

E assim, o primeiro grupo que tomou o caminho do Mar Cilíndrico, embora fosse dirigido pela Médica-Chefe Laura Ernst, tinha como "veterano" o Ten. Boris Rodrigo, que acabava de regressar de Paris. O terceiro integrante, Sargento Pieter Rousseau, fizera parte das equipes de reforço estacionadas no Cubo; era perito em instrumentos de reconhecimento espacial, mas nessa expedição teria de confiar nos seus próprios olhos e num pequeno telescópio portátil.

Do pé da Escadaria Alfa até a beira do Mar era um estirão de pouco menos de onze quilômetros – na baixa gravidade de Rama, o equivalente de oito quilômetros na Terra. Laura Ernst, que precisava dar uma demonstração de que vivia de acordo com os seus próprios preceitos, estabeleceu um vigoroso ritmo de marcha. Fizeram uma pausa de trinta minutos na metade do caminho e completaram o percurso em três horas, sem qualquer incidente de maior importância.

Foi, aliás, muito monótono marchar à luz do projetor através da escuridão sem ecos de Rama. À proporção que avançava com eles, o círculo luminoso alongava-se lentamente numa comprida e estreita elipse; essa deformação do raio luminoso era o único sinal de progresso. Se os observadores lá em cima, no Cubo, não tivessem feito constantes medidas de distância, não saberiam se eles haviam percorrido um, cinco ou dez quilômetros. Impassíveis, iam tocando para a frente através daquela noite antiga de milhões de anos, sobre uma superfície de metal aparentemente sem junturas.

Mas afinal, muito longe à frente, na elipse de luz que começava a enfraquecer, surgiu algo de novo. Num mundo normal, teria sido um horizonte; ao se aproximarem mais, puderam ver que a planície em que caminhavam terminava abruptamente. Estavam se aproximando da beira do Mar.

– Nada mais que uma centena de metros – disse o Controle Central. – Convém diminuir a marcha.

Isso era quase desnecessário, e contudo eles já o tinham feito. Do nível da planície ao do Mar havia um precipício vertical de cinquenta metros – se realmente

se tratava de um mar, e não de outra camada daquele misterioso material cristalino. Conquanto Norton tivesse explicado a todos o perigo de tomar qualquer coisa como assente em Rama, poucos duvidavam de que o Mar fosse realmente formado de gelo. Mas por que razão tinha a escarpa da margem meridional quinhentos metros de altura, em vez dos cinquenta que media esta outra?

Era como se estivessem se aproximando da beira do mundo; a oval de luz, abruptamente cortada à frente deles, tornava-se cada vez mais curta; na tela curva do Mar haviam aparecido as suas monstruosas sombras em escorço, magnificando e exagerando cada movimento. Essas sombras tinham sido suas companheiras a cada passo da caminhada à luz do projetor, mas agora que a beira da escarpa as vinha interromper, já não pareciam fazer parte deles. Dir-seia que eram criaturas do Mar Cilíndrico, prontas para fazer frente a quaisquer invasores do seu domínio.

Por se acharem agora à beira de um penhasco de cinquenta metros de altura foi-lhes possível, pela primeira vez, apreciar a curvatura de Rama. Mas ninguém jamais tinha visto um lago congelado que se curvasse para cima numa superfície cilíndrica; isso era francamente perturbador, e o olho fazia o possível para dar alguma outra interpretação ao fenômeno. A Dra. Ernst, que certa vez fizera um estudo das ilusões ópticas, pareceu, a metade do tempo, que estava olhando uma baía a curvar-se *horizontalmente,* e não uma superfície que se elevava para o céu. Fazia-se mister um esforço deliberado da vontade para aceitar a fantástica verdade.

Só na linha diretamente em frente, paralela ao eixo de Rama, se conservava a normalidade. Só nessa direção havia acordo entre visão e lógica.

Aqui – pela extensão de alguns quilômetros ao menos – Rama parecia plano e *era* plano... E lá adiante, além das sombras deformadas e da orla exterior do círculo de luz, ficava a ilha que dominava o Mar Cilíndrico.

– Controle Central – disse a Dra. Ernst pelo rádio, – façam o favor de dirigir a sua luz para Nova Iorque.

A noite de Rama cerrou-se repentinamente sobre eles, enquanto a oval luminosa deslizava na direção do Mar. Cônscios do precipício agora invisível a seus pés, todos eles recuaram alguns passos. Então, como por uma transformação mágica de cenário no teatro, as torres de Nova Iorque surgiram à vista.

A semelhança com a velha Manhattan era apenas superficial; esse eco do passado terrestre, nascido nas estrelas, tinha a sua própria e inconfundível identidade. Quanto mais a Dra. Ernst fixava aquilo, mais se convencia de que não era em absoluto uma cidade. A verdadeira Nova Iorque, como todas as habitações humanas, nunca fora terminada; e ainda menos fora planejada. Este lugar, pelo contrário, tinha uma simetria e padrão geral, embora tão complexo que a mente não o podia abarcar. Fora concebido e planejado por alguma inteligência controladora – e depois completado, como uma máquina que se destinasse a algum propósito específico. Isso feito, não havia mais possibilidade de crescimento ou mudança.

A luz do projetor acompanhou-os lentamente ao longo dessas distantes torres, cúpulas, esferas entrosadas e tubos entrecruzados. Por vezes um brilhante reflexo

lampejava, como se uma superfície lisa rechaçasse a luz na direção deles; na primeira vez que isso aconteceu, todos foram apanhados de surpresa. Era exatamente como se lá, naquela estranha ilha, alguém lhes estivesse acenando...

Mas de tudo que podiam ver ali não havia nada que já não tivesse . sido mostrado com maior detalhe em fotografias tiradas do Cubo. Passados alguns minutos, pediram que lhes fosse devolvida a luz e puseram-se a caminhar em direção Leste, pela beira da escarpa. Alguém formulara a plausível teoria de que algures devia haver um lance de escadaria, ou uma rampa, descendo para o mar.

E um dos integrantes da tripulação, que fora excelente marinheiro, aventurou uma interessante conjetura.

– Onde há um mar – predissera a Sargenta Ruby Barnes – deve haver docas e portos... e navios. Pode-se aprender tudo de uma cultura estudando o seu modo de construir navios.

Seus colegas acharam bastante restrito este ponto de vista, mas pelo menos era estimulante.

A Dra. Ernst já tinha desistido da pesquisa e estava se preparando para fazer uma descida com o auxílio de cordas quando o Ten. Rodrigo avistou a estreita escada. Facilmente poderia ter passado despercebido na escuridão produzida pelas sombras abaixo da beira da escarpa, pois não havia balaustrada nem qualquer outro indício da sua presença. E não parecia conduzir a parte nenhuma; descia, em ângulo precipite, a muralha vertical de cinquenta metros e desaparecia abaixo da superfície do Mar.

Acompanharam o curso do lance de escadaria com as luzes dos seus capacetes e, como não lhes parecesse haver risco algum, a Dra. Ernst obteve permissão do Comandante Norton para descer. Um minuto depois, estava ela a testar cautelosamente a superfície do Mar.

Seu pé escorregava quase sem atrito para diante e para trás. O material dava a perfeita sensação do gelo. E *era* gelo.

Quando o golpeou com o martelo, formou-se o conhecido padrão de rachaduras a irradiar do ponto de impacto e não teve dificuldade em colher quantas amostras queria. Algumas já se haviam derretido quando ergueu o saquinho de plástico para a luz; o líquido parecia ser uma água ligeiramente turva, que ela cheirou cautelosamente.

– Isso não é perigoso? – gritou Rodrigo lá de cima, com um toque de ansiedade na voz.

– Pode crer, Boris – respondeu Laura, – que se há aqui agentes patogênicos que tenham escapado aos meus detetores, as nossas apólices de seguro caducaram há já uma semana.

Mas Boris não deixava de ter sua pontinha de razão. A despeito de todos os testes feitos, havia ainda um leve risco de que aquela substância fosse venenosa ou portadora de alguma doença desconhecida. Em circunstâncias normais, a Dra. Ernst não se exporia a tal perigo, por minúsculo que fosse.

Agora, porém, o tempo era curto e o que se achava em jogo era enorme. Se se tornasse necessário pôr a *Endeavour* de quarentena, seria um preço bem pequeno a pagar pela sua carga de conhecimentos.

– É água, mas eu é que não a beberia. Cheira 4como uma cultura de algas que apodreceu. Quem me dera poder levar isto já para o laboratório!

– Pode-se confiar nesse gelo para caminhar?

– Sim, é sólido como uma rocha.

– Será mesmo, Pieter? Você já experimentou atravessar quatro quilômetros de gelo?

– Sim, compreendo o que a senhora quer dizer. Imaginem o que diria o pessoal dos Suprimentos se nós pedíssemos alguns pares de patins! Não quero dizer com isso que muitos aqui soubessem usá-los, se os tivéssemos a bordo.

– Há também outro problema – acudiu Boris Rodrigo. – Não notaram que a temperatura já subiu acima de zero? Não demora muito, esse gelo começa a se derreter. Quantos espaçonautas podem nadar quatro quilômetros? Este aqui, posso lhes garantir que não...

A Dra. Ernst veio reunir-se ao grupo na beira da escarpa e ergueu em arco de triunfo o frasquinho em que pusera a amostra líquida.

– Fizemos uma longa caminhada para conseguir alguns centímetros cúbicos de água suja, mas isto nos pode ensinar mais sobre Rama do que qualquer outra coisa que encontramos até agora. Vamos voltar.

Viraram-se de frente para as luzes distantes do Cubo e puseram-se em movimento com as passadas suaves, galopantes, que se haviam revelado a andadura mais cômoda àquela gravidade reduzida. Olhavam muitas vezes para trás, como fascinados pelo enigma da ilha no centro do mar congelado.

E, num determinado momento, a Dra. Ernst julgou sentir na face um ligeiro sopro de brisa.

A impressão não se repetiu e ela não tardou a esquecê-la.

16 - KEALAKEKUA

COMO SABE perfeitamente, Dr. Perera – disse o Embaixador Bose num tom de paciente resignação, – poucos de nós compartilhamos os seus conhecimentos de Meteorologia matemática. Tenha, pois, piedade de nossa ignorância.

– É um prazer para mim – respondeu o exobiologista, imperturbável. – A melhor maneira de explicar isso é dizer-lhes o que vai acontecer no interior de Rama – dentro de bem pouco tempo.

"A temperatura começará agora a subir, à medida que as vibrações térmicas do Sol forem atingindo o interior. De acordo com as informações mais recentes que recebemos, já está acima do ponto de congelação. Não tardará a começar o degelo do Mar Cilíndrico. E, ao contrário das massas de água na Terra, ele se derreterá do fundo para a superfície. Isso talvez produza alguns efeitos estranhos, mas o que mais me preocupa é a atmosfera.

"À medida que se aquecer, o ar no interior de Rama se expandirá – e tentará elevar-se na direção do eixo central. E esse é o problema. Ao nível do solo, embora aparentemente se mantenha estacionário, ele participa da rotação de Rama – mais de oitocentos quilômetros por hora. A proporção que subir na direção do eixo, ele procurará conservar essa velocidade... e não o conseguirá, naturalmente. Daí resultarão ventos violentos e turbulência; segundo os meus cálculos, as velocidades serão de duzentos a trezentos quilômetros por hora.

"Seja dito de passagem: mais ou menos a mesma coisa acontece na Terra.

O ar aquecido no equador – o qual compartilha o movimento de rotação do planeta, que é de mil e seiscentos quilômetros por hora – choca-se com o mesmo problema quando se eleva e flui para o norte e para o sul."

– Ah, os ventos alísios! Me lembro disso, desde quando estudava Geografia.

– Exatamente, Sir Robert. Rama terá ventos alísios... e que ventos! Creio que não durarão mais de umas poucas horas, após o que se estabelecerá alguma espécie de equilíbrio. Enquanto isso, eu recomendaria ao Comandante Norton que evacuasse – o mais cedo possível. Eis aqui a mensagem que proponho lhe seja enviada.

Com um pouco de imaginação, dizia o Comandante Norton de si para si, podia-se fazer de conta que era um acampamento noturno improvisado no sopé de uma montanha, em alguma remota região da Ásia ou da América. O montão de colchões pneumáticos, cadeiras e mesas dobradiças, gerador portátil de força motriz, equipamento de iluminação, patentes "electrosan" e diferentes aparelhos científicos não estaria fora de lugar na Terra – tanto mais que havia ali homens e mulheres a trabalhar sem sistemas de sustentação de vida.

Instalar o Acampamento Alfa tinha sido um trabalho penoso, pois tudo precisava ser transportado a mão através da cadeia de eclusas de ar, e, após descer em trenó a rampa que partia do Cubo, ser recuperado e retirado das embalagens. Algumas vezes, quando falharam os pára-quedas de freagem, um carregamento fora terminar

um bom quilômetro mais além, na planície. A despeito disso, vários membros da tripulação tinham pedido licença para fazer a viagem: Norton proibira firmemente tal coisa. Numa emergência, porém, talvez estivesse disposto a reconsiderar a proibição.

Quase todo esse equipamento ficaria onde estava, pois o trabalho de levá-lo de volta estava fora de cogitação – ou melhor, era impossível.

Havia momentos em que o Comandante Norton sentia uma vergonha irracional por deixar tanto lixo humano nesse lugar estranhamente imaculado.

Quando partissem finalmente, estava preparado para sacrificar uma parte do precioso tempo da tripulação no empenho de deixar tudo em perfeita ordem. Por improvável que isso fosse, talvez um dia, milhões de anos mais tarde, Rama atravessasse outro sistema estelar e tornasse a receber visitantes.

Entrementes, tinha um problema de importância mais imediata. Durante as últimas vinte e quatro horas, havia recebido mensagens quase idênticas de Marte e da Terra. A coincidência parecia estranha; talvez se tivessem condoído uma da outra, como podia acontecer por vezes, havendo motivo suficiente para tal, a esposas que viviam em planetas diferentes. Com certa insistência, ambas lhe lembravam que, embora fosse agora um grande herói, não se livrara das suas responsabilidades de família.

O Comandante apanhou uma cadeira dobradiça e saiu do círculo de luz para a escuridão que rodeava o acampamento. Era o único meio que tinha de isolar-se, e também poderia refletir melhor longe da lufa-lufa. Voltando deliberadamente as costas àquela confusão organizada, pôs-se a falar para o gravador que levava pendurado ao pescoço.

"Original para arquivo pessoal, duplicatas para Marte e Terra. Alô, minha querida... Sim, eu sei que tenho sido um péssimo correspondente, mas há uma semana que não vou a bordo da nave. Fora a tripulação mínima que lá ficou, estamos todos acampados dentro de Rama, ao pé da escadaria que chamamos de Alfa.

"Tenho agora três grupos explorando a planície, mas os nossos progressos têm sido decepcionadoramente lentos, pois tudo deve ser feito a pé. Se ao menos tivéssemos algum meio de transporte! Eu até me daria por muito satisfeito com algumas bicicletas elétricas... Seriam ótimas para esse serviço.

"Você conhece minha oficial médica, a Capita Ernst..." Fez uma pausa, hesitante; Laura conhecia *uma* de suas esposas, mas qual delas? Era melhor cortar isso. Apagou a frase e começou de novo.

"Minha oficial, a Capitã-médica Ernst, conduziu o primeiro grupo que chegou ao Mar Cilíndrico, a quinze quilômetros daqui. Verificou que se tratava de água gelada, como esperávamos – mas uma água que você não desejaria beber. A Dra. Ernst diz que é uma sopa orgânica diluída, contendo traços de quase todos os compostos de carbônio que se pode imaginar, além de fosfatos, nitratos e uma dúzia de sais metálicos. Não há o mais leve sinal de vida – nem sequer microrganismos mortos.

Continuaremos, pois, ignorando tudo sobre a bioquímica dos ramaianos – embora seja provável que não diferisse tanto assim da nossa."

Alguma coisa roçou de leve o seu cabelo. Tão atarefado andava que não tivera tempo de mandá-lo cortar, mas não devia esquecer-se de fazê-lo antes de pôr um capacete espacial...

"Você viu os vídeos de Paris e das outras cidades que exploramos deste lado do Mar... Londres, Roma, Moscou. É impossível acreditar que tenham sido construídas para alguma coisa *viver* nelas. Paris tem o ar de um gigantesco armazém. Londres é uma coleção de cilindros ligados entre si por tubulações que, por sua vez, estão em conexão com estruturas que são, evidentemente, postos de bombeamento. Tudo está perfeitamente vedado, e não há meio de descobrir o que se oculta lá dentro a não ser usando explosivos ou raios *laser*. Só tentaremos essas coisas quando não houver outro recurso. "Quanto a Roma e Moscou..."

– Com licença, meu Capitão. Prioridade, vindo da Terra. "Que teremos agora?" pensou Norton. "Um homem não pode gozar alguns momentos de descanso para falar às suas famílias?"

Recebeu a mensagem das mãos do sargento e percorreu-a rapidamente com os olhos para convencer-se de que não era assunto imediato. Depois tornou a lê-la, mais devagar.

Que diabo de negócio era esse Comitê Rama? E por que nunca tinha ouvido falar nele? Sabia que toda sorte de associações, sociedades e grupos profissionais – alguns sérios, outros completamente malucos – haviam tentado entrar em contato com ele; o Controle da Missão fazia um bom trabalho de proteção e não teria deixado passar essa mensagem a não ser que a considerasse importante.

"Ventos de duzentos quilômetros... provável irrupção repentina..." Bem, isso dava que pensar. Mas era difícil levá-lo muito a sério, nessa noite perfeitamente calma; e seria ridículo porem-se em fuga como ratos assustados, quando estavam justamente começando a explorar de verdade.

O Comandante Norton ergueu a mão para afastar uma mecha do seu cabelo que, não sabia como, tornara a cair-lhe sobre os olhos. De repente imobilizou-se, sem completar o gesto.

Havia sentido uma baforada de vento por várias vezes durante a última hora. Era tão leve que não fizera caso nenhum; afinal de contas, comandava uma astronave, não um navio a vela. Até agora o movimento do ar não tivera o menor interesse profissional para ele. Que teria feito numa situação como esta o comandante daquele outro *Endeavour,* morto havia tanto tempo?

Esta era uma pergunta que Norton vinha fazendo a si mesmo em todos os momentos de crise durante os últimos anos. Era o seu segredo, que nunca revelara a ninguém. E, como a maioria das coisas importantes na sua vida, ocorrera de maneira completamente acidental.

Fazia já vários meses que era comandante da *Endeavour* quando soube que esta recebera o nome de um dos mais famosos navios da História. É verdade que nos

últimos quatrocentos anos houve uma dúzia de *Endeavours* do mar e dois do espaço, mas o antepassado de todos eles fora o carvoeiro de 370

toneladas em que o Capitão James Cook, da Real Armada Britânica, fizera a volta ao mundo entre 1768 e 1771.

Com um interesse ocioso que não tardara a converter-se numa curiosidade absorvente, quase uma obsessão, Norton pusera-se a ler tudo que podia encontrar a respeito de Cook. Era agora, provavelmente, a maior autoridade do mundo sobre o maior explorador de todos os tempos, e conhecia de cor trechos inteiros dos *Diários*.

Ainda parecia incrível que um homem só pudesse ter feito tanto, com um equipamento tão primitivo. Mas Cook não somente fora um navegador inigualável como também um cientista e – numa época de disciplina brutal – um humanitário. Tratava seus homens com bondade, o que era raro; mas havia outra coisa, essa inaudita: exatamente da mesma forma se conduzia com os selvagens muitas vezes hostis das novas terras que ia descobrindo.

O sonho secreto de Norton, que ele sabia nunca havia de realizar, era retraçar pelo menos uma das viagens de Cook ao redor do mundo. Fizera uma limitada mas espetacular tentativa que certamente teria assombrado o Capitão, certa vez que voara numa órbita polar bem acima dos recifes da Grande Barreira.

Era de manhã cedo, num dia límpido, e de quatrocentos quilômetros de altura tinha desfrutado uma soberba vista da mortífera muralha de coral marcada por sua linha de espuma branca ao longo da costa de Queensland.

Levara um pouco menos de cinco minutos para sobrevoar ps dois mil quilômetros da Barreira. Num só relance de olhos pôde abarcar semanas de perigosa navegação para aquele primeiro *Endeavour*. E, pelo telescópio, divisara Cooktown e o estuário onde o navio fora posto em seco para reparações, após o seu primeiro encontro quase fatal com os recifes.

Um ano depois, uma visita à Estação de Rastreamento Espacial de Havaí lhe proporcionara uma experiência ainda mais inesquecível. Tomara o hidrofólio para a baía de Kealakekua, e ao passar rapidamente pelas desoladas penedias vulcânicas sentiu uma intensidade de emoção que o surpreendeu e até o desconcertou. O guia do grupo de cientistas, engenheiros e astronautas fizera-os passar diante do refulgente pilone de metal que substituía o monumento anterior, destruído pelo grande *tsunami* de 2068. Caminharam sobre alguns metros de lava negra e escorregadia para ler a pequena placa à beira d'água. As maretas vinham quebrar-se sobre ela, mas Norton apenas reparou nisso ao curvar-se para ler as palavras:

PERTO DESTE PONTO
O CAPITÃO JAMES COOK
FOI MORTO
EM 14 DE FEVEREIRO DE 1779
A PLACA ORIGINAL FOI INAUGURADA EM 28 DE AGOSTO DE 1928

PELA COMISSÃO DO SESQUICENTENÁRIO DE COOK
E SUBSTITUÍDA PELA COMISSÃO DO TRICENTENÁRIO
EM 14 DE FEVEREIRO DE 2079

Isso fora anos atrás e a cem milhões de quilômetros dali. Mas num momento como este a confortadora presença de Cook parecia muito próxima. Nos desvãos secretos do seu pensamento, ele perguntaria: "Bem, Capitão, e o *senhor* o que pensa disto? Era um pequeno jogo a que se entregava nas ocasiões em que os fatos eram insuficientes para se formar um juízo sólido e tornava-se preciso confiar na intuição. Nisso consistia, em parte, o gênio de Cook; e sempre escolhera o alvitre acertado – até o fim, na baía de Kealakekua.

O Sargento esperava pacientemente enquanto o seu comandante olhava em silêncio a noite de Rama. Já não era uma noite ininterrupta, pois em dois pontos, a uns quatro quilômetros de distância, podiam avistar-se claramente as débeis manchas luminosas dos grupos de exploradores.

"Numa emergência, posso fazê-los voltar no prazo de uma hora", pensou Norton. E isso, por certo, seria suficiente.

Virou-se para o Sargento.

– Escreva esta mensagem. "Comitê Rama, a cuidado de Spacecom.

Agradeço recomendação e tomarei precauções. Favor especificar significado da expressão 'irrupção repentina'. Respeitosamente, Norton, Comandante, *Endeavour."*

Esperou que o sargento tivesse desaparecido na direção das luzes resplandecentes do acampamento para tornar a ligar o gravador. Mas o fio de seus pensamentos se rompera e não podia recuperar o estado de espírito anterior. O fim da carta teria que aguardar outra oportunidade.

Não era comum que o Capitão Cook lhe acudisse quando estava negligenciando o seu dever. Mas subitamente lembrou-se de que a pobre Elizabeth Cook só de raro em raro e por breves momentos tinha visto seu marido em dezesseis anos de vida matrimonial. Não obstante, dera-lhe seis filhos – e sobrevivera a todos eles.

Suas esposas, que nunca se achavam a mais de dez minutos dele à velocidade da luz, não tinham por que se queixar...

17 - PRIMAVERA

DURANTE as primeiras "noites" em Rama não fora fácil dormir. A escuridão e os mistérios que ali se ocultavam eram opressivos, mas ainda mais inquietante era o silêncio. A ausência de ruídos não é uma condição natural; todos os sentidos humanos exigem algum grau de excitação. Se dela são privados, a mente fabrica os seus sucedâneos. E assim, muitos se tinham queixado de ouvir estranhos ruídos – e mesmo vozes – enquanto dormiam – o que era evidentemente uma ilusão, uma vez que os que estavam acordados não tinham ouvido nada. A Capitã-médica Ernst prescrevera uma cura muito simples e eficaz para isso; durante as horas de sono, o acampamento era agora embalado por uma suave e discreta música de fundo.

Nessa noite, o Comandante Norton achou o remédio inadequado. Não cessava de aguçar o ouvido na escuridão, e sabia de que estava à escuta. Mas, embora uma levíssima aragem lhe acariciasse o rosto de tempos a tempos, não havia som algum que pudesse ser interpretado como o de um vento que se levantasse ao longe. E tampouco qualquer dos grupos de exploração comunicou algo fora do comum.

Em todo caso, por volta de meia-noite, hora da nave, ele ferrou no sono.

Havia sempre um homem de plantão à mesa de comunicações, para a eventualidade de alguma mensagem urgente. Não se consideravam necessárias quaisquer outras precauções.

Nem mesmo um furacão poderia ter produzido o som que o acordou, e com ele o acampamento inteiro no mesmo instante. Dir-se-ia que o céu estava caindo ou que Rama rachara e se estava partindo em dois. Primeiro um "crrrac!"

de rebentar os ouvidos, depois uma longa série de estrondos cristalinos, como se um milhão de estufas de vidro estivessem sendo demolidas. Isso durou vários minutos, conquanto parecessem horas; e ainda continuava aparentemente distanciando-se cada vez mais, quando Norton chegou à mesa de comunicações.

– Controle Central! Que foi que aconteceu?

– Um momentinho, Capitão. É lá para os lados do Mar. Estamos focalizando o projetor sobre ele.

Oito quilômetros acima, no eixo de Rama, o projetor começou a vasculhar a planície com o seu círculo de luz. Alcançou a margem do Mar e seguiu rente a ela. A um quarto do caminho em redor da superfície cilíndrica, imobilizou-se.

Lá em cima, no céu – ou aquilo que a mente ainda insistia em chamar o céu – algo de extraordinário estava acontecendo. A princípio, Norton teve a impressão de que o Mar houvesse entrado em ebulição. Já não se mantinha imóvel e gelado, prisioneiro de um infindável inverno; uma área enorme, de quilômetros de largura, se movia turbulentamente. E ia mudando de cor: uma larga faixa branca avançava através do gelo.

De repente, uma laje que media talvez um quarto de quilômetro num dos lados começou a inclinar-se para cima, como um alçapão que se abre. Lenta e

majestosamente, alçou-se para o céu, reluzindo e cintilando à luz do projetor.

Depois deslizou para trás e desapareceu sob a superfície, enquanto um vagalhão de água espumejante corria em todas as direções a partir do ponto de submersão.

Só então o Comandante Norton compreendeu plenamente o que estava acontecendo. *O gelo começava a quebrar-se.* Durante todos esses dias e semanas o Mar estivera degelando, lá no fundo. Era difícil concentrar-se por causa do tremendo estrépito que ainda enchia o pequeno mundo, ecoando no seu céu, mas Norton procurou encontrar um motivo para tão dramática convulsão. Quando um lago ou rio gelado degelava na Terra, não acontecia nada semelhante a isto...

Mas claro! A razão era assaz evidente, agora que a coisa tinha acontecido.

O Mar estava degelando de baixo para cima, à proporção que o calor solar penetrava o casco de Rama. E quando o gelo se converte em água, o seu volume diminui...

De forma que o Mar se estivera afundando sob a camada superior de gelo e a deixara sem suporte. Dia a dia, a pressão se fora acumulando; agora a banda de gelo que circundava o equador de Rama desmoronava como uma ponte que perde o seu pilar central. Esfarelava-se em centenas de ilhas flutuantes que se iriam acotovelar e entrechocar até que também elas se derretessem. Norton sentiu o sangue esfriar-lhe repentinamente nas veias quando se lembrou dos planos que faziam ainda na véspera, de alcançar Nova Iorque em trenó...

O tumulto amainava rapidamente; a guerra entre o gelo e a água ficara temporariamente paralisada. Dentro de algumas horas, com a crescente elevação da temperatura, venceria a água e os últimos vestígios do gelo desapareceriam.

Mas no fim da história o gelo é que seria o vencedor quando Rama tivesse dado volta ao Sol e mergulhado mais uma vez na noite interestelar.

Norton lembrou-se de começar a respirar novamente, depois chamou o grupo que se achava mais próximo do Mar. Para grande alívio dele, o Ten.

Rodrigo respondeu em seguida. Não, a água não chegara até eles. Nenhuma onda de ressaca ultrapassara a beira da escarpa.

– De modo que agora sabemos – acrescentou com perfeita serenidade – por que existe uma escarpa.

Norton concordou em silêncio; "mas isto não explica", pensou lá consigo,

"por que a escarpa é dez vezes mais alta na margem meridional"...

O projetor do Cubo continuava a vasculhar o mundo. O Mar agora desperto se ia acalmando aos poucos e já não corria aquela espuma branca fervilhante de baixo dos bancos de gelo emborcados. No espaço de quinze minutos o grosso da convulsão terminou.

Mas Rama já não era um mundo silencioso; tinha despertado do seu sono, e de quando em quando se ouvia o som de gelo triturado ao se chocarem dois *icebergs* um de encontro ao outro.

A primavera chegara um pouco tarde, pensou Norton, mas estava findo o inverno.

E lá estava aquela brisa de novo a soprar, mais forte do que nunca. Rama o tinha avisado suficientemente; eram horas de partir.

Ao aproximar-se da marca que assinalava a metade do caminho, o Comandante Norton sentiu-se mais uma vez grato pela escuridão que impedia a vista para cima – e para baixo. Embora soubesse que tinha ainda por galgar mais de dez mil degraus e pudesse ver, com os olhos da imaginação, a íngreme curva ascendente, o fato de só enxergar uma pequena porção dela tornava a perspectiva mais suportável.

Esta era a sua grande ascensão, e aprendera bastante com os seus erros na primeira. A grande tentação era subir com demasiada rapidez a essa gravidade baixa; era tão fácil galgar cada degrau que custava adotar o ritmo lento e perseverante que se fazia necessário. Mas, se assim não fosse, depois de uns poucos milhares de degraus estranhas dores começavam a fazer-se sentir nas coxas e nas panturrilhas. Músculos que a gente nunca soubera que existiam começavam a protestar, e era preciso intercalar períodos de repouso cada vez mais longos. Lá pelo fim, ele passara mais tempo descansando do que subindo, e mesmo assim não bastava. Andou dois dias com dolorosas cãibras nas pernas que quase o teriam incapacitado se não se achasse de novo no ambiente da nave, com sua gravidade zero. De modo que esta vez começara com uma lentidão pouco menos que penosa, movendo-se como um velho. Fora o último a deixar a planície, e os outros formavam uma fila espalhada ao longo de meio quilômetro de escadaria adiante dele. Podia ver-lhes as luzes que subiam o aclive invisível.

Estava profundamente descorçoado pelo fracasso da sua missão, e ainda esperava que aquela retirada fosse apenas temporária. Quando chegassem ao cubo, poderiam esperar até que cessassem todas as perturbações atmosféricas.

Presumivelmente, reinaria ali uma calmaria total, como no centro de um ciclone, e poderiam aguardar em segurança a esperada tormenta.

Mais uma vez, estava ele tirando conclusões precipitadas, com base em perigosas analogias terrestres. A meteorologia de um mundo inteiro, mesmo em condições de estado constante, era um assunto de enorme complexidade. Depois de vários séculos de estudos, a previsão do tempo na Terra ainda não merecia absoluta confiança. E Rama, além de ser um sistema completamente novo, também estava sofrendo rápidas mudanças, pois a temperatura subira vários graus num período de poucas horas. Contudo, não se via ainda nenhum sinal do anunciado furacão, embora tivesse havido algumas débeis lufadas vindas, aparentemente, das mais variadas direções.

Tinham já galgado cinco quilômetros, o que, nessa gravidade baixa que continuava ainda a diminuir, equivalia a menos de dois na Terra. No terceiro patamar, a três quilômetros do eixo, descansaram durante uma hora, tomando uma ligeira merenda e fazendo massagens nos músculos das pernas. Era o último ponto em que podiam respirar livremente; como os escaladores do Himalaia nos velhos tempos, havia deixado ali os seus suprimentos de oxigênio, que puseram às costas para a ascenção final.

Uma hora depois, haviam alcançado o topo da escadaria – e o começo da escada de mão. Ainda tinham pela frente o último quilômetro, este vertical, mas afortunadamente num campo de gravidade que não equivalia a mais do que uns poucos por cento do da Terra. Outros trinta minutos de descanso, uma conferição cuidadosa do oxigênio, e estavam prontos para a derradeira etapa.

Mais uma vez, Norton certificou-se de que todos os seus homens tinham ido adiante, separados por intervalos de vinte metros. A partir de agora, seria uma escalada lenta e regular, extremamente enfadonha. A melhor técnica seria esvaziar o espírito de todo pensamento e limitar-se a contar os degraus à medida que iam passando – cem, duzentos, trezentos, quatrocentos...

Havia chegado a mil duzentos e cinquenta quando repentinamente notou que havia algo de anormal. A luz que brilhava sobre a superfície vertical bem diante dos seus olhos mudara de cor – e era, agora, muito mais viva, ofuscantemente viva.

Num silencioso impacto de luz, a aurora estourou em Rama.

18 - AURORA

A LUZ era tão brilhante que pelo espaço de um minuto inteiro Norton teve de fechar os olhos com força. Depois arriscou-se a entreabrir um deles e fixou, por entre as pálpebras mal-e-mal separadas, a parede alguns centímetros diante de seu rosto. Pestanejou várias vezes, esperou que as lágrimas involuntárias acabassem de escorrer, e virou-se lentamente para contemplar a alvorada.

Não pôde suportar a luz mais do que alguns segundos, e foi então obrigado a fechar novamente os olhos. Não era o fulgor que era intolerável – a ele poderia acostumar-se – mas o terrível espetáculo de Rama, agora visto pela primeira vez em sua plenitude.

Norton sabia exatamente o que esperar; não obstante, o panorama o aturdiu. Foi presa de um tremor espasmódico, incontrolável; suas mãos apertaram o degrau da escada com a violência com que alguém que se está afogando se agarra a um salva-vidas. Os músculos dos seus antebraços saltavam ao mesmo tempo que as pernas, já fatigadas por horas de escalada ininterrupta, pareciam prestes a ceder. Se não fosse a baixa gravidade, poderia ter caído.

Foi então que o seu treinamento mostrou quanto valia, e ele começou a aplicar o primeiro remédio contra o pânico. Ainda com os olhos fechados e procurando esquecer o monstruoso espetáculo que o cercava, pôs-se a respirar fundo, enchendo os pulmões de oxigênio e lavando o seu sangue dos venenos da fadiga.

Não tardou a sentir-se muito melhor, mas só abriu os olhos depois de fazer uma coisa mais. Foi necessário um grande esforço de vontade para obrigar sua mão direita a abrir-se – teve que lhe falar como a uma criança desobediente – mas pouco a pouco conseguiu que ela descesse até a cintura, desprendesse o cinto de segurança e enganchasse a fivela no degrau mais próximo. Agora, acontecesse o que acontecesse, não poderia cair.

Norton respirou fundo, várias vezes mais; depois – ainda com os olhos fechados – ligou o seu rádio. Fez votos para que sua voz soasse calma e resoluta enquanto pronunciava as palavras:

– Aqui é o Capitão. Todos estão bem?

À medida que conferia os nomes um por um e ouvia as respostas de todos – ainda que um tanto trêmulas – voltaram-lhe rapidamente a confiança e, o controle próprios. Todos os seus homens estavam sãos e salvos, e voltavam-se para ele em busca de liderança. Era, mais uma vez, o Comandante.

– Fiquem de olhos fechados até terem toda a certeza de que podem aguentar isto – disse. – A vista é... esmagadora. Se alguém achar que não pode suportá-la, continue a subir sem olhar para trás. Lembrem-se de que dentro em pouco estarão em gravidade zero e não poderão mais cair.

Era desnecessário sublinhar um fato tão elementar a astronautas treinados, mas o próprio Norton tinha que se lembrar disso de poucos em poucos segundos. O

pensamento da gravidade zero era uma espécie de talismã que o protegia contra todo perigo. O que quer que lhe dissessem os seus olhos, Rama não podia arrastá-lo à sua própria destruição naquela planície, oito quilômetros lá embaixo.

Foi, assim, para ele, uma premente questão de orgulho e estima própria abrir os olhos uma vez mais e olhar o mundo que o cercava. Mas, em primeiro lugar, era preciso adquirir o controle do seu corpo. Largou a escada com *ambas* as mãos e enganchou o braço esquerdo por baixo de um degrau. Cerrando e descerrando os punhos, esperou até que se houvessem dissipado as cãibras.

Quando se sentiu completamente à vontade, abriu os olhos e lentamente virou-se para fazer face a Rama.

Sua primeira impressão foi de uma cor azul. O fulgor que enchia o céu não podia ser confundido com a luz solar; assemelhava-se, antes, ao de um arco voltaico. De modo que o sol de Rama, disse Norton lá consigo, deve ser mais quente do que o nosso. Isso deve interessar aos astrônomos...

E agora compreendia a finalidade daqueles misteriosos fossos, o Vale Retilíneo e seus cinco companheiros: eram nada menos que gigantescas faixas luminosas. Rama tinha seis sóis lineares, simetricamente dispostos em torno do seu interior. De cada um deles, partia um largo leque de luz para iluminar o lado oposto do mundo, passando pelo eixo central. Norton ficou curioso de saber se eles podiam ser ligados alternativamente, produzindo um ciclo de luz e trevas, ou se neste planeta reinava um dia perpétuo. A contemplação demasiado longa dessas ofuscantes barras de luz fizera-lhe doer novamente os olhos, e isso era um bom pretexto para tornar a fechá-los durante algum tempo. Só então, quando se havia quase refeito desse primeiro choque visual, foi que pôde consagrar-se a um problema muito mais sério.

Quem, ou o quê, havia ligado as luzes de Rama?

Este era um mundo estéril, pelos testes mais sensíveis que o homem lhe podia aplicar. Mas agora estava acontecendo uma coisa que não podia ser explicada pela ação de forças naturais. Talvez não houvesse vida ali, mas podia haver consciência, percepção; robôs podiam estar despertando após um sono de milhões de anos. Quem sabe se essa explosão de luz não era um espasmo não programado, fortuito – o último estertor de máquinas agonizantes que respondiam desordenadamente ao calor de um novo sol, e dentro em pouco recairiam no seu estado de quiescência, desta vez para sempre?

Contudo, Norton não podia crer numa explicação tão simples. Algumas peças do quebra-cabeças estavam começando a encaixar-se nos seus lugares, embora faltassem ainda muitas. A ausência de qualquer sinal de desgaste, por exemplo – a sensação de *novidade,* como se Rama tivesse sido criado naquele instante...

Estes pensamentos poderiam ter inspirado medo e mesmo terror. Por alguma razão, não faziam nada disso. Bem ao contrário, Norton experimentou um sentimento de euforia, quase de regozijo. Havia muito mais a descobrir aqui do que

eles ousariam esperar. "Vamos ver o que diz o Comitê Rama quando souber disto!" pensou ele.

Depois, com calma resolução, tornou a abrir os olhos e começou a fazer um cuidadoso inventário de tudo quanto via.

Em primeiro lugar, era preciso estabelecer um sistema de referência qualquer. Estava contemplando o mais vasto espaço fechado já visto pelo homem e necessitava de um mapa mental para orientar-se nele.

A fraca gravidade não o orientava muito nesse trabalho, pois, com um esforço da vontade, podia deslocar o Para Cima e o Para Baixo em qualquer direção que lhe aprouvesse. Mas algumas direções eram psicologicamente perigosas; todas as vezes que sua mente roçava por uma delas, tinha que desviá-la às pressas.

A mais segura de todas as hipóteses era imaginar que ele se encontrava no fundo, em forma de concha, de um poço gigantesco, com dezesseis quilômetros de largo e cinquenta de fundo. A vantagem dessa imagem era que não podia haver perigo de cair mais abaixo; não obstante, ela tinha alguns defeitos sérios.

Norton podia fazer de conta que as várias cidades espalhadas aqui e ali, assim como as áreas de diferentes cores e texturas, estavam todas firmemente pegadas às vertiginosas paredes. As complexas estruturas que via pender da cúpula não eram, talvez, mais estonteantes do que os candelabros de algum imenso salão de concertos da Terra. O que havia de absolutamente inaceitável era o Mar Cilíndrico... Lá estava ele, a meia altura do poço – uma banda de água a percorrer-lhe todo o círculo, sem nenhum meio visível de suporte. Não podia haver dúvida de que realmente era água; tinha uma viva cor azul, pintalgada de centelhas brilhantes – os poucos blocos de gelo que ainda restavam. Mas um mar vertical, formando uma cintura completa no céu, a vinte quilômetros de altitude, era um fenômeno tão desconcertante que depois de algum tempo ele começou a procurar uma alternativa.

Foi quando, mentalmente, fez a cena girar noventa graus. Ato contínuo, o profundo poço transformou-se num comprido túnel, com uma calota em cada extremidade. "Para baixo" era, evidentemente, na direção da escada de mão e da escadaria que acabava de subir; e, com essa nova perspectiva, Norton pôde finalmente apreciar a verdadeira visão dos arquitetos que tinham construído aquele lugar.

Estava ele colado à superfície de uma escarpa curva com dezesseis quilômetros de altura, cuja metade superior formava arco até confundir-se com a abóbada do que era, agora, o céu. Abaixo dele, a escada de mão descia mais de quinhentos metros antes de ir terminar no primeiro ressalto ou terraço. Aí começava a escadaria, que continuava quase verticalmente a princípio, nesse regime de baixa gravidade, depois lentamente se tornava cada vez menos íngreme, até que, vencidos cinco outros patamares, chegava à planície distante.

Durante os dois ou três primeiros quilômetros ele podia ainda distinguir os degraus, que daí para diante se confundiam numa faixa contínua.

O mergulho daquela imensa escadaria era algo tão inaudito que se tornava

impossível apreciar a sua verdadeira escala. Norton voara certa vez em redor do Monte Everest, cujo tamanho o enchera de pávido respeito. Lembrou a si mesmo que essa escadaria era tão alta quanto o Himalaia, mas a comparação não fazia sentido.

E não havia comparação possível no caso das outras duas escadarias, Beta e Gama, que subiam até o céu para então sobrepairar-lhe numa imponente curva. Norton já havia adquirido suficiente confiança e pôde inclinar o corpo para trás e olhá-las lá no alto – por um breve momento. Procurou, então, esquecer que elas estavam lá...

Com efeito, refletir demais dentro dessas linhas evocava uma terceira imagem de Rama, a qual procurava evitar a todo custo. Era o ponto de vista que o encarava, mais uma vez, como um cilindro vertical ou poço – mas então ele se encontrava no *topo* e não no fundo, como uma mosca que caminha de cabeça para baixo sobre um teto em cúpula, com a perspectiva de uma queda de cinquenta quilômetros. Sempre que Norton sentia a aproximação insidiosa dessa imagem, necessitava de exercer toda a sua força de vontade para não se agarrar de novo à escada de mão, tomado de um pânico irracional.

Estava certo de que, com o tempo, todos esses temores declinariam. O portento e a estranheza de Rama perderiam os seus terrores, ao menos para aqueles que estavam treinados em fazer face às realidades do espaço. Talvez ninguém que jamais houvesse deixado a Terra e visto as estrelas cercá-lo por todos os lados podia suportar tais espetáculos. Mas, se havia quem fosse capaz de aceitá-los, disse Norton a si mesmo com inabalável resolução, tinham de ser o comandante e a tripulação da *Endeavour*.

Olhou o seu cronômetro. Essa breve pausa de dois minutos parecia ter durado uma vida inteira. Fazendo apenas o esforço necessário para vencer a sua inércia e o campo gravitacional cada vez mais fraco, começou a galgar os últimos cem metros da escada vertical/ Antes de entrar na eclusa de ar e voltar as costas a Rama, virou-se para dar um último e rápido olhar ao interior.

Este havia mudado, mesmo em tão breve lapso de tempo; uma névoa se elevava do Mar. Por umas poucas centenas de metros, as fantasmagóricas colunas brancas mostravam uma forte inclinação para a frente, no sentido da rotação de Rama; depois começavam a dissolver-se num redemoinho de turbulência, sob a ação do ar que se precipitava para cima e procurava desfazerse do seu excesso de velocidade. Os ventos alísios desse mundo cilíndrico começavam a estampar os seus padrões no céu; a primeira tempestade tropical em milhões de anos estava prestes a estalar.

19 - UMA ADVERTÊNCIA DE MERCÚRIO

HAVIA várias semanas que não se registrava o comparecimento da totalidade dos membros do Comitê Rama, como sucedeu nessa vez. O Professor Solomons emergiu das profundezas do Pacífico, onde estivera estudando as operações de mineração ao longo das fossas centrais daquele oceano. E – o que não foi surpresa para ninguém – o Dr. Taylor tinha reaparecido, agora que havia pelo menos alguns indícios de que Rama podia conter algo mais interessante do que meros artefatos sem vida.

O Presidente já esperava que o Dr. Carlisle Perera se mostrasse mais assertivo e dogmático que de costume depois que se confirmara o seu prognóstico de um furacão em Rama. Para assombro de Sua Excelência, Perera foi notavelmente comedido e aceitou as congratulações de seus colegas com um ar tão sugestivo de embaraço quanto era possível em tal homem.

Em realidade, o exobiologista estava profundamente mortificado. O degelo espetacular do Mar Cilíndrico era um fenômeno muito mais óbvio do que os vendavais – e contudo, não soubera prevê-lo. Lembrar-se de que o ar quente se eleva, mas esquecer que o gelo aquecido se contrai, era uma coisa de que ele não podia orgulhar-se. Não tardaria, contudo, a vencer essa pequena crise e a recuperar a autoconfiança olímpica que lhe era normal.

Quando o Presidente lhe deu a palavra, perguntando-lhe que novas alterações climáticas esperava, ele pôs o máximo de cautela no que dizia.

– Os senhores devem compreender que a meteorologia de um mundo tão estranho quanto Rama pode nos reservar muitas outras surpresas. Mas, se os meus cálculos estão corretos, não haverá mais tempestades e as condições não tardarão a estabilizar-se. A temperatura vai subir lentamente até o periélio – e além dele – mas isso não nos interessará, pois a *Endeavour* terá que retirar-se muito antes.

– Então, dentro em pouco se poderá voltar ao interior de Rama sem perigo?

– Hã... provavelmente. Dentro de quarenta e oito horas deveremos saber com certeza.

– Essa volta é uma necessidade imperiosa – disse o Embaixador de Mercúrio. Temos de saber tudo que for possível sobre Rama. A situação mudou agora completamente.

– Creio que nós sabemos o que o senhor quer dizer, mas quer fazer-nos o favor de dar alguns pormenores?

– Com muito gosto. Até agora, havíamos presumido que Rama fosse um mundo sem vida – ou, em todo caso, um mundo não controlado. Mas já não podemos tratá-lo como se fosse um barco abandonado. Mesmo que não existam formas de vida a bordo, ele pode ser dirigido por mecanismos de robôs programados para cumprirem

uma missão qualquer – talvez uma missão altamente desvantajosa para nós. Por mais desagradável que isso seja, devemos considerar a questão da nossa defesa.

Houve uma confusão de vozes de protesto e o Presidente teve 'de erguer a mão para restabelecer a ordem.

– Deixem Sua Excelência terminar! – rogou ele. – Quer a idéia nos agrade, quer não, é preciso considerá-la seriamente.

– Com todo o respeito que se deve ao Sr. Embaixador – disse o Dr. Conrad Taylor no seu tom mais desrespeitoso, – creio que podemos excluir como ingênuo o temor de uma intervenção malévola. Criaturas tão avançadas como são os ramaianos devem ter uma moral não menos desenvolvida. Se assim não fosse teriam destruído uns aos outros – como estivemos a ponto de fazer no século XX.

Esclareci bem este ponto no meu novo livro, *Ethos e Cosmos*. Espero que o senhor tenha recebido o seu exemplar.

– Sim, e muito obrigado, embora, infelizmente, a premência de outros assuntos não me tenha permitido lê-lo além da introdução. Todavia, a tese geral não é novidade para mim. Talvez não tenhamos intenções malévolas para com um formigueiro, mas, se desejamos construir uma casa no mesmo local...

– Isto é tão ruim quanto as idéias do partido pandorista! Nada menos que xenofobia interestelar!

– Por favor, *cavalheiros!* Assim não vamos a parte alguma. O Sr.

Embaixador continua com a palavra.

O Presidente enviou um olhar severo através de trezentos e oitenta mil quilômetros de espaço a Conrad Taylor, que se calou a contragosto, como um vulcão que aguarda há sua hora.

– Obrigado – disse o Embaixador de Mercúrio. – O perigo pode ser pouco provável, mas quando está em jogo o futuro da espécie não podemos nos arriscar.

E, se me permitem dizê-lo, a nós, os mercurianos, isso interessa particularmente.

Talvez tenhamos mais razão para nos alarmarmos do que quaisquer outros.

O Dr. Taylor emitiu um "pfu!" bem audível, mas outra carranca proveniente da Lua lhe impôs silêncio.

– Por que Mercúrio mais do que qualquer outro planeta? – perguntou o Presidente.

– Vejam a dinâmica da situação. Rama já se acha dentro da nossa órbita.

Que vai dar volta ao Sol e partir novamente para o espaço não é mais do que uma suposição. E se ele executar uma manobra de freagem? Se o fizer, será no periélio, dentro de uns trinta dias. Os meus cientistas me dizem que, se toda essa mudança de velocidade se realizar aqui, Rama terminará numa órbita circular a apenas vinte e cinco milhões de quilômetros do Sol. Dessa posição, poderia dominar o Sistema Solar.

Por longo tempo ninguém – nem mesmo Conrad Taylor – pronunciou uma só palavra. Todos os membros do Comitê concentravam o seu pensamento nessa gente intratável, os mercurianos, tão bem representados ali pelo seu Embaixador.

Para a maioria das pessoas, Mercúrio era uma imagem bastante aproximada do Inferno. Pelo menos, servia enquanto não aparecesse outra pior.

Mas os mercurianos se orgulhavam do seu esquisito planeta, com seus dias mais longos do que os anos, seus duplos nasceres e pores-do-sol, seus rios de metal derretido... Em comparação, a Lua e Marte e tinham sido, por assim dizer, meras brincadeiras. Só depois que os homens houvessem pousado em Vênus (se algum dia lá pousassem), iriam deparar-se com um ambiente mais hostil que o de Mercúrio.

E contudo, esse mundo se revelara, sob muitos aspectos, a chave do Sistema Solar. Em retrospecto isso parecia óbvio, mas havia já quase um século que durava a Era Espacial quando o fato foi percebido. Agora, os mercurianos nunca deixavam que ninguém os esquecesse.

Muito antes de os homens chegarem lá, a densidade anormal de Mercúrio estava a indicar os elementos pesados que ele continha; mesmo assim, a sua riqueza ainda causava pasmo, e adiara por mil anos todo temor de que os metais essenciais à civilização humana viessem a exaurir-se. É esses tesouros estavam localizados, como por encomenda, num mundo em que a força do Sol era dez vezes maior do que na frígida Terra.

Energia sem limites; metais sem limites: eis o que era Mercúrio. Seus grandes lança-foguetes magnéticos podiam enviar produtos manufaturados a qualquer ponto do sistema solar. O planeta também podia exportar energia, tanto sob a forma de isótopos transuranianos sintéticos como de radiação pura.

Alguém chegara a propor que se descongelasse um dia o gigantesco Júpiter com os *lasers* mercurianos, mas essa idéia não fora bem recebida nos outros mundos.

Uma tecnologia capaz de cozinhar Júpiter ofereceria muitas e1 tentadoras possibilidades de chantagem interplanetária.

Só o fato de se ter expressado uma tal preocupação dizia muito sobre a atitude geral para com os mercurianos. Eram respeitados pela sua rijeza e sua habilidade como engenheiros, e admirados pela maneira como tinham conquistado um mundo tão espantoso. Mas não os estimavam, e muito menos depositavam neles inteira confiança.

Ao mesmo tempo, era possível apreciar-lhes o ponto de vista. Os mercurianos, segundo um gracejo corrente, portavam-se como se o Sol fosse sua propriedade particular. Estavam presos a ele por uma entranhada relação de amor e ódio, como os vikings de outrora tinham sido ligados ao mar, os nepaleses ao Himalaia e os esquimós à tundra. Sentir-se-iam os mais infelizes dos seres se alguma coisa se interpusesse entre eles e a força natural que lhes dominava e controlava a vida.

Por fim o Presidente rompeu o silêncio. Ainda se lembrava do sol da índia e estremecia só de pensar no sol de Mercúrio. Tomava, por isso, muito a sério os mercurianos, embora os considerasse como rudes bárbaros tecnológicos.

– Seu argumento me parece ter algum mérito, Sr. Embaixador – disse, falando lentamente. – Tem alguma proposta a fazer?

– Sim, senhor. Antes de sabermos que medidas tomar, precisamos conhecer os fatos. Conhecemos a geografia de Rama – se é lícito usar essa expressão – mas não fazemos idéia de suas potencialidades. E a chave de todo o problema é este: Rama possui um sistema de propulsão? *Pode ele mudar de órbita?* Seria muito interessante ouvir a opinião do Dr. Perera.

– Tenho refletido muito sobre esse assunto – respondeu o exobiologista. – Evidentemente, Rama deve ter recebido o seu impulso inicial de algum dispositivo de lançamento, mas talvez não tenha sido mais que um empurrão exterior. Se, em verdade, tem propulsão instalada a bordo, não encontramos vestígios dela. É

certo que não há canos de descarga de foguetes nem coisa parecida em qualquer ponto do casco externo.

– Podiam estar escondidos.

– É verdade, mas qual seria a vantagem disso? E onde estão os tanques de combustível, as fontes de energia? O casco principal é inteiriço – verificamos isso por meio de testes sísmicos. As cavidades da calota setentrional podem ser explicadas pelo sistema de eclusas de ar.

– Resta, pois, a extremidade meridional de Rama, que o Comandante Norton não conseguiu atingir devido àquela cintura de água com dez quilômetros de largo. Há toda sorte de mecanismos'e estruturas curiosas nesse Pólo Sul – os senhores viram as fotos. Para que servem, é o que ninguém sabe até agora.

"Mas há uma coisa de que estou bastante certo. Se Rama possui de fato um sistema de propulsão, é algo completamente inacessível aos nossos atuais conhecimentos. Teria, mesmo, de ser a fabulosa "propulsão espacial", de que se vem falando há duzentos anos.

– O senhor não a poria fora de cogitação?

– Certamente que não. Se pudermos provar que Rama tem uma propulsão espacial – ainda que não aprendamos nada sobre o seu modo de operar – teremos feito uma grande descoberta. Pelo menos, saberemos que tal coisa é possível.

– Mas que é, enfim, essa propulsão espacial? – perguntou o Embaixador da Terra num tom de voz meio queixoso.

– Qualquer sistema de propulsão, Sir Robert, que não funcione com base no princípio do foguete. O termo antigravidade – se isso é possível – seria muito apropriado. De momento, não sabemos onde procurar uma tal propulsão e a maioria dos cientistas duvidam que ela exista.

– Não existe – atalhou o Prof. Davidson. – Newton estabeleceu isso uma vez por todas. Não se pode ter ação sem reação>As propulsões espaciais são um contra-senso, podem crer no que lhes digo.

– Talvez o senhor tenha razão – replicou Perera com uma brandura desacostumada. – Mas, se Rama não tem uma propulsão espacial, não tem propulsão nenhuma. Simplesmente não há espaço para um sistema de propulsão convencional, com os seus enormes tanques de combustível.

– É difícil imaginar um mundo inteiro sendo empurrado de cá para lá – disse

Dennis Solomons. – Que aconteceria aos objetos que vão no seu interior?

Seria preciso aparafusar tudo. Extremamente incômodo.

– Bem, a aceleração seria provavelmente muito baixa. O maior problema seria a água do Mar Cilíndrico. Como impedir que ela... A Voz de Perera apagouse de repente e seus olhos se vidraram. Parecia estar à beira de uma crise epiléptica ou mesmo de um ataque cardíaco. Os colegas olhavam-no alarmados; mas, refazendo-se subitamente, ele deu um murro na mesa e gritou:

– Pois claro! Isso explica tudo! A escarpa meridional! Agora sim, faz sentido!

– Não para mim – resmungou o Embaixador da Lua, exprimindo o sentir de todos os presentes.

– Vejam esta seção longitudinal de Rama – continuou Perera, alvoroçado, desdobrando o seu mapa. – Têm as suas cópias aí? O Mar Cilíndrico está contido entre duas escarpas, que circundam completamente o interior de Rama. A do norte só tem cinquenta metros de altura; a do sul, por outro lado, se eleva a quase meio quilômetro de altitude. Por que essa diferença? Ninguém, até agora, pôde encontrar uma razão plausível.

"Mas suponhamos que Rama seja realmente capaz de propelir a si mesmo,

– acelerando de modo que a extremidade norte fique virada para a frente. A água do Mar tenderia a mover-se para trás; seu nível subiria no sul, talvez centenas de metros. Daí a escarpa. Vejamos...

Perera começou a rabiscar com frenética rapidez no seu bloco. Ao cabo de um tempo espantosamente curto – não podia ter durado mais de vinte segundos – alçou a cabeça com um ar triunfante.

– Dada a altura dessas escarpas, pode-se calcular o máximo de aceleração que Rama é capaz de receber. Se fosse superior a dois por cento de gravidade, o mar transbordaria sobre o continente meridional.

– Um cinquenta avôs de *g?* Não é muito.

– É, sim – para uma massa de dez milhões de megatons. Não se faz necessário mais para manobras astronômicas.

– Muito obrigado, Dr. Perera. – disse o Embaixador de Mercúrio. – O senhor nos deu bastante assunto para reflexão. Sr. Presidente... podemos encarecer ao Comandante Norton a importância de inspecionar a região polar sul?

– Ele está fazendo o possível. O Mar é o obstáculo, naturalmente. Estão tentando construir uma espécie de jangada – para ver se ao menos conseguem chegar até Nova Iorque.

– Talvez a região do Pólo Sul seja ainda mais importante. Enquanto isso, tenciono levar estes assuntos à atenção da Assembléia Geral. Posso contar com a aprovação dos senhores?

Não houve objeções, nem mesmo por parte do Dr. Taylor. Mas, justamente quando os membros do comitê se preparavam para desligar o circuito, Sir Lewis alçou *&* mão.

O velho historiador falava muito raramente; quando o fazia, todos escutavam.

– Talvez venhamos a descobrir que Rama é... *ativo,* e tem essas potencialidades. Em questões militares há um velho rifão, segundo o qual potencialidade não implica intenção.

– Quanto tempo devemos esperar para descobrir que intenções ele traz consigo? – perguntou o mercuriano. – Quando as descobrirmos, talvez seja tarde demais.

– Já é tarde demais. Nada podemos fazer para influenciar Rama. Duvido, mesmo, que isso nos tenha sido possível em algum momento.

– Não reconheço isso, Sir Lewis. Podemos fazer muita coisa ainda... se for necessário. Mas o tempo é muito curto. Rama é um ovo cósmico que está sendo chocado pelas chamas do Sol. Pode descascar a qualquer momento.

O Presidente do Comitê olhou para o Embaixador de Mercúrio com indisfarçado pasmo. Poucas vezes havia sentido tamanha surpresa em toda a sua carreira diplomática.

Jamais teria sonhado que um mercuriano fosse capaz de exprimir-se em linguagem tão poética.

20 - APOCALIPSE

SEMPRE que alguém da sua tripulação o chamava de "Comandante" ou – o que era ainda pior – de *Sr. Norton,* tratava-se de algum assunto grave. Não se lembrava de ter jamais ouvido Boris Rodrigo dirigir-se a ele nesses termos, de modo que a coisa devia ser duplamente grave. O Capitão-de-corveta Rodrigo era uma pessoa muito séria e ponderada.

– Qual é o problema, Boris? – perguntou depois que a porta da cabina se fechou atrás deles.

– Desejava a sua permissão, Comandante, para usar a prioridade da Nave, pois quero enviar uma mensagem à Terra.

Isto era realmente incomum, embora não sem precedentes. Os sinais de rotina eram encaminhados ao mais próximo posto planetário de retransmissão – de momento, estavam se comunicando através de Mercúrio – e, embora o tempo de trânsito fosse uma questão de minutos, muitas vezes uma mensagem levava cinco ou seis horas para chegar à escrivaninha do destinatário. Em noventa e nove por cento dos casos isso era suficiente; mas, numa emergência, podia-se empregar canais mais diretos e muito mais dispendiosos, ao alvitre do comandante.

– Você sabe, naturalmente, que é preciso me dar uma boa razão para isso.

Toda a nossa faixa de onda disponível já está atulhada com transmissões de dados. Trata-se de uma emergência pessoal?

– Não, Comandante. Ê um assunto muito mais importante. Quero mandar uma mensagem à Madre Igreja.

"Ahã", disse o Comandante lá consigo. "Que faço eu agora?"

– Gostaria muito se você explicasse.

Não foi a simples curiosidade que inspirou este pedido de Norton, embora houvesse certamente curiosidade. Se desse a Boris a prioridade solicitada, teria de justificar a sua ação.

Os calmos olhos azuis fitavam os seus. Nunca ouvira dizer que Boris houvesse perdido o autocontrole, que deixasse, por um momento, de ser completamente senhor de si. Todos os *Cosmo-Christers* eram assim – um dos benefícios da sua fé, que contribuía para fazer deles excelentes astronautas. Às vezes, porém, a sua certeza inabalável era um tantinho exasperante para os infortunados a quem fora negada a Revolução.

– É a respeito da finalidade de Rama, Comandante. Creio que a descobri.

– Continue.

– Considere a situação. Temos aí um mundo completamente vazio e sem vida; e, contudo, é apropriado aos seres humanos. Possui água e uma atmosfera que nós podemos respirar. Vem das remotas profundezas do espaço, visando com precisão ao sistema solar – uma coisa completamente incrível, se fosse obra do puro acaso. E não só parece novo, mas *tem o ar de nunca ter sido usado*.

"Todos nós temos refletido sobre isso dúzias de vezes", pensou Norton.

Que poderia Boris acrescentar de novo?

– Nossa fé nos ensinou a esperar uma visitação como esta, só que não sabemos exatamente que forma ela assumirá. A Bíblia dá algumas indicações. Se este não é o Segundo Advento, pode ser o Segundo Juízo: a história de Noé é a descrição do primeiro. Acredito que Rama é uma Arca cósmica, que foi mandada para cá a fim de salvar... aqueles que merecem ser salvos.

Por um tempo bastante longo reinou silêncio na cabina do Comandante.

Não é que Norton não encontrasse palavras com que se expressar. Ao contrário, podia imaginar um número excessivo de perguntas, mas não sabia ao certo quais delas seria prudente fazer.

Finalmente fez este comentário, no tom mais benigno e inofensivo que pôde arranjar:

– Esta é uma concepção muito interessante e, embora eu não compartilhe a sua fé, é tantalizantemente plausível.

Não estava sendo hipócrita nem lisonjeiro. Despida de suas conotações religiosas, a teoria de Rodrigo era, pelo menos, tão convincente quanto meia dúzia de outras que ele tinha ouvido expor. Suponhamos que uma catástrofe estivesse prestes a abater-se sobre a raça humana e uma inteligência superior e benévola o soubesse: isso explicaria tudo perfeitamente. Contudo, ainda restavam alguns problemas...

– Permita-me fazer um par de perguntas, Boris. Rama estará no periélio dentro de três semanas; aí rodeará o Sol e deixará o Sistema Solar com a mesma rapidez com que veio. Não há muito tempo para um Dia do Juízo, ou para embarcar aqueles que... hã... foram escolhidos – como quer que isso se faça.

– É verdade. De modo que, quando chegar ao periélio, Rama terá de desacelerar e entrar numa órbita de estacionamento – provavelmente tendo como afélio a órbita da Terra. Aí talvez faça outra mudança de velocidade e vá ao encontro da Terra.

Estas palavras eram perturbadoramente persuasivas. Se Rama queria ficar no Sistema Solar, estava fazendo exatamente o que era preciso para isso. O modo mais eficiente de desacelerar era chegar tão perto do Sol quanto possível e executar ali a manobra de freagem. Se houvesse algo de verdadeiro na teoria de Rodrigo – ou em alguma variante da mesma – não tardaria a ser posto à prova.

– Mais uma perguntinha, Boris. Quem está controlando Rama agora?

– Não há nenhuma doutrina que esclareça este ponto. Poderia ser um puro robô. Ou poderia ser um... espírito. Aí está por que não foi encontrada nenhuma forma de vida biológica.

O asteróide assombrado: por que tinham estas palavras surgido das profundezas da memória? Norton lembrou-se então de um continho ridículo que lera anos atrás, mas achou melhor não perguntar a Boris se o conhecia também.

Duvidava que o outro tivesse gosto por esse gênero de leitura.

– Vou lhe dizer o que faremos, Boris – disse ele, decidindo-se repentinamente.

Queria pôr fim à entrevista antes que se tornasse demasiado espinhosa e julgou ter encontrado uma boa saída. – Você pode resumir suas idéias em menos de... digamos, mil palavras?

– Creio que posso.

– Pois bem, se conseguir dar-lhes a forma de uma teoria científica coerente, eu a enviarei, com prioridade absoluta, ao Comitê Rama. Pode-se mandar ao mesmo tempo uma cópia à sua Igreja, e assim todos ficarão satisfeitos.

– Obrigado, Comandante. Realmente, eu lhe fico muito grato.

– Não estou fazendo isto para salvar a minha consciência. Gostaria de ver a impressão que vai produzir no Comitê. Embora não concorde com você em toda a linha, talvez tenha acertado com alguma coisa muito importante.

– Bom, nós o saberemos quando estivermos no periélio, não é verdade?

– Sim, saberemos no periélio.

Depois que Boris Rodrigo se retirou, Norton chamou a ponte de comando e deu a necessária autorização. Pensava ter resolvido o problema com bastante habilidade; além disso, na hipótese de que Boris estivesse com a razão...

Ele podia ter aumentado suas chances de ser um dos que se salvariam.

21 - DEPOIS DA TEMPESTADE

ENQUANTO OS quatro homens passavam, flutuando como nuvens viajantes, ao longo do corredor, tão já seu conhecido, do complexo Alfa de eclusas de ar, Norton perguntou a si mesmo se a impaciência não os teria feito esquecer a cautela. Haviam esperado a bordo da *Endeavour* durante quarenta e oito horas – dois dias preciosos – prontos para uma retirada instantânea, se os acontecimentos a justificassem. Mas nada acontecera. Os instrumentos deixados em Rama não tinham detectado nenhuma atividade fora do comum. A câmara de televisão instalada no Cubo fora ofuscada por um frustrativo nevoeiro que reduzira a visibilidade a cinco metros e só agora começava a dissipar-se.

Quando fizeram funcionar o mecanismo da última porta da eclusa e saíram flutuando para a cama-de-gato de cordas de segurança em volta do Cubo, o que primeiro impressionou Norton foi a mudança da luz. Já não era aquele azul agressivo, porém muito mais temperado e suave, lembrando um dia de sol e bruma na Terra.

Olhou ao longo do eixo daquele mundo e nada pôde ver exceto um túnel branco, brilhante e vazio de quaisquer acidentes, que se alongava até as esquisitas montanhas do Pólo Sul. O interior de Rama estava completamente amortalhado por nuvens, sem nenhuma aberta visível. A superfície superior da camada de nuvens era nitidamente definida; formava um cilindro menor dentro do cilindro maior que era esse mundo rotativo, deixando uma alma central com cinco ou seis quilômetros de diâmetro, perfeitamente clara com exceção de alguns fiapos perdidos de cirro.

O imenso tubo de nuvem era iluminado de baixo para cima pelos seis sóis artificiais de Rama. As localizações dos três situados neste continente setentrional era claramente definida por bandas de luz difusa, mas os que ficavam no outro lado do Mar Cilíndrico se confundiam numa só banda contínua e rebrilhante.

"Que estará acontecendo lá longe, embaixo dessas nuvens?" perguntou Norton a si mesmo. Mas pelo menos a tempestade, que as havia centrifugado com tão perfeita simetria em torno do eixo de Rama, já amainara. A não ser que houvesse outras surpresas, podia-se descer sem perigo.

Pareceu apropriado, nessa segunda visita, usar a mesma turma que realizara a primeira penetração profunda no interior de Rama. O Sargento Myron – como todos os outros membros da tripulação da *Endeavour* – satisfazia plenamente, agora, os requisitos físicos da Médica-Chefe Ernst; afirmava até, com uma sinceridade muito convincente, que nunca mais tornaria a vestir os seus velhos uniformes.

Enquanto olhava Mercer, Calvert e Myron "nadarem" rápidos e despreocupados escada de mão abaixo, Norton lembrou-se de quanto as coisas haviam mudado. Na primeira vez, tinham descido no frio e na escuridão; agora, iam a caminho da luz e do calor. E, nas visitas anteriores, tinham a convicção de que Rama era um mundo

morto. Isso ainda podia ser verdade, no sentido biológico. Mas algo se movia ali; e a expressão de Boris Rodrigo servia tão bem como outra qualquer. O espírito de Rama havia despertado.

Quando alcançaram a plataforma ao pé da escada de mão e se preparavam para começar a descer a escadaria, Mercer realizou o seu teste habitual da atmosfera. Havia certas coisas que ele nunca aceitava sem exame; ainda que as pessoas ao seu redor estivessem respirando tranquilamente, confortavelmente, sem aparelhos auxiliares, tinham-no visto algumas vezes deterse para fazer uma testagem do ar antes de abrir o seu capacete. Quando lhe pediam que justificasse tal excesso de cautela, respondia:

– É porque os sentidos humanos não merecem inteira confiança, aí está. A gente pode sentir que está perfeitamente bem, dar mais uns passos e cair de cara no chão à próxima respiração profunda.

– Olhou o seu medidor e exclamou:

– Raios!

– Que é que há? – perguntou Calvert.

– Está pifado. A indicação é muito alta. Estranho, nunca vi isto acontecer antes. Vou testar no meu circuito respiratório.

Ligou o pequeno e compacto analisador no ponto de testagem do seu suprimento de oxigênio, depois ficou alguns momentos refletindo em silêncio.

Seus companheiros o olhavam com ansiedade e preocupação; tudo que perturbasse Karl devia ser algo muito sério.

Desligou o medidor, usou-o para colher novamente uma amostra da atmosfera de Rama, depois chamou o Controle Central.

– Capitão! Quer fazer uma leitura deO_2 ?

A resposta levou muito mais tempo a chegar do que o pedido justificava.

Por fim a voz de Norton falou:

– Acho que o meu medidor não está funcionando bem. Um lento sorriso se espalhou sobre a cara de Mercer.

– Cinquenta por cento mais alto, não é?

– Sim; que significa isto?

– Significa que podemos tirar nossas máscaras. Não é uma beleza?

– Não estou certo disso – replicou Norton, ecoando o sarcasmo da voz de Mercer. – Parece bom demais para ser verdade.

Não era preciso dizer mais nada. Como todos os astronautas, o Comandante Norton olhava com profunda desconfiança tudo que fosse bom demais para ser verdade.

Mercer entreabriu um tudo-nada a sua máscara e fungou cautelosamente.

Pela primeira vez nessa altitude, o ar era perfeitamente respirável. O cheiro bolorento de coisa morta havia desaparecido; o mesmo sucedera com a excessiva sequidão, que anteriormente havia causado vários distúrbios respiratórios. A umidade alcançava agora a pasmosa cifra de oitenta por cento; indubitavelmente, o

descongelo do Mar era responsável por esse fato. Havia algo de mormacento no ar, se bem que a sensação não fosse desagradável. Era como uma noite de verão em alguma costa tropical, pensou Norton. O clima do interior de Rama havia melhorado surpreendentemente naqueles últimos dias...

E por quê? O aumento de umidade não era problema; muito mais difícil de explicar era aquela elevação surpreendente do teor de oxigênio. Ao mesmo tempo que recomeçava a descida, Mercer deu início a uma longa série de cálculos mentais. Não tinha, porém, chegado a nenhum resultado satisfatório quando penetraram na camada de nuvens.

Foi uma experiência impressionante, pois a transição era muito abrupta.

Em dado momento, estavam escorregando para baixo com ar claro, segurando o metal liso do corrimão para não ganharem velocidade muito depressa nessa região de um quarto de gravidade, quando, de súbito, penetraram num ofuscante nevoeiro branco e a visibilidade baixou a uns poucos metros. Mercer freou de maneira tão repentina que Calvert quase veio chocar-se contra ele; Myron é que realmente se chocou contra Calvert, por pouco não o jogando fora da balaustrada.

– Calma! – disse Mercer. – Vamos abrir mais a fila, de modo que mal possamos ver uns aos outros. E não se deixem acelerar, pois eu posso ser obrigado a parar de repente.

Num fantasmagórico silêncio, continuaram a descer escorregando através do nevoeiro. Calvert conseguiu ainda ver Mercer como uma vaga sombra dez metros adiante dele, e quando olhava para trás distinguiu o vulto de Myron às suas costas, separado pela mesma distância. Sob certos aspectos, isso era ainda mais fantástico do que descer na escuridão total da noite ramaiana; naquela ocasião, pelo menos, a luz do projetor lhes mostrava o caminho. Mas agora, era como mergulhar em alto mar com pouca visibilidade.

Impossível calcular que distância haviam percorrido. Calvert conjeturou que estivessem quase a alcançar o quarto nível quando Mercer repentinamente tornou a frear. Depois que os três se reuniram, ele cochichou:

– Prestem atenção! Vocês não ouvem alguma coisa?

– Sim – disse Myron depois de escutar durante um minuto. – Parece ser o vento.

Calvert tinha suas dúvidas. Voltou a cabeça para todos os lados, procurando determinar a direção de onde provinha o debilíssimo murmúrio que chegava até eles através do nevoeiro. Por fim abandonou a tentativa como inútil.

Continuaram a descida, alcançaram o quarto nível e partiram para o quinto. O som ia se tornando cada vez mais forte – e mais obsessivamente familiar. Estavam na metade do quarto lance de escadaria quando Myron gritou:

– Agora reconhecem?

Teriam identificado o som há muito tempo se fosse algo que pudessem associar com qualquer mundo que não fosse a Terra. Através da neblina, vindo de uma origem cuja distância não podia ser avaliada, chegava aos ouvidos dos três homens o reboar ininterrupto de uma cascata. Alguns minutos depois o teto de nuvens

cessou tão abruptamente como havia começado. Os três mergulharam na intensa claridade do dia ramaiano, que a luz refletida pelas nuvens baixas tornava mais ofuscante ainda. Lá estava a já conhecida planície curva – agora mais aceitável ao espírito e aos sentidos porque já não se podia ver o seu círculo completo. Não era muito difícil fazer de conta que estavam olhando ao longo de um largo vale e que a curva ascendente do Mar era em realidade uma curva *para fora*.

Pararam na quinta e penúltima plataforma a fim de informar que haviam atravessado a cobertura de nuvens e proceder a uma cuidadosa observação do terreno. Tanto quanto pudessem ver, nada mudara lá embaixo na planície; mas cá em cima, na cúpula setentrional, Rama havia engendrado um novo portento.

Era essa, pois, a origem do som que tinham ouvido! Descendo de uma fonte oculta entre as nuvens a três ou quatro quilômetros dali, havia uma catarata, que por longos minutos eles contemplaram em silêncio, quase sem poder acreditar nos seus olhos. A lógica lhes dizia que nesse mundo rodopiante nenhum objeto em queda livre podia mover-se em linha reta, mas havia qualquer coisa de horrivelmente inatural numa queda dágua que se curvava lateralmente para ir terminar a muitos quilômetros do ponto situado diretamente abaixo da sua origem...

– Se Galileu tivesse nascido neste mundo – disse Mercer afinal, – teria enlouquecido procurando deduzir as leis da dinâmica.

– Pois eu, que pensava conhecê-las, estou enlouquecendo de qualquer jeito – replicou Calvert. – Isto não o perturba, Professor?

– Por que havia de me perturbar? – disse o Sargento Myron. – É uma demonstração perfeitamente natural do Efeito de Coriolis. Quem me dera poder mostrar isto a alguns de meus alunos!

Mercer contemplava pensativo a faixa líquida do Mar Cilíndrico que circundava Rama.

– Repararam no que aconteceu à água? – perguntou finalmente.

– É verdade, já não é tão azul. Eu diria que ficou verde-ervilha. Que significa isso?

– Talvez o mesmo que significa na Terra. Laura disse que o Mar era uma sopa orgânica à espera de que algo a sacudisse para cobrar vida.Talvez tenha sido exatamente isso o que aconteceu.

– No espaço de dois dias! Na Terra, levou milhões de anos a acontecer.

– Trezentos e setenta e cinco milhões, de acordo com as últimas estimativas. Então foi daí que veio o oxigênio! Rama passou como um relâmpago pelo estádio anaeróbio e chegou às plantas fotossintéticas... em cerca de quarenta e oito horas. Que produzirá ele amanhã?

22 - SINGRAR O MAR CILÍNDRICO

OUTRO CHOQUE OS esperava ao pé da escadaria. No começo, pareceu que alguma coisa havia atravessado o acampamento, derrubando aparelhos e até reunindo pequenos objetos e levando-os consigo. Após um breve exame, porém, o sentimento de alarma cedeu o lugar a um aborrecimento envergonhado.

O único culpado era o vento. Embora tivessem amarrado todos os objetos soltos antes de partir, algumas cordas deviam ter rebentado sob o tirão de rajadas excepcionalmente fortes. Vários dias se passaram até que conseguissem recuperar todas as suas propriedades dispersas. Fora isso, não parecia ter havido alterações de vulto. O próprio silêncio de Rama voltara a reinar, agora que estavam findas as efêmeras tormentas de primavera. E lá longe, na orla da planície, havia um mar calmo à espera do primeiro navio num milhão de anos.

– Um barco novo não deve ser batizado com uma garrafa de champanha?

– Mesmo que tivéssemos champanha **a** bordo, eu não permitiria tão criminoso desperdício. De todo modo, agora é tarde. Já lançamos o barco. ,

– Pelo menos, flutua. Você ganhou a aposta, Jimmy. Pagarei quando voltarmos à Terra.

– É preciso dar-lhe um nome. Alguém tem uma idéia?

O objeto destes comentários pouco lisonjeiros balouçava-se junto aos primeiros degraus da escadaria que conduzia ao Mar Cilíndrico. Era uma pequena jangada construída com seis tambores vazios e uma leve armação metálica. Sua construção, montagem no acampamento Alfa e transporte a reboque, sobre rodas desmontáveis, através de mais de dez quilômetros de planície, haviam absorvido todas as energias da tripulação durante vários dias.

Era um empate de capital humano que precisava render.

O prêmio valia o risco. As enigmáticas torres de Nova Iorque, que reluziam a cinco quilômetros de distância na luz sem sombras, os tinham intrigado desde que penetraram em Roma. Ninguém duvidava de que a cidade – ou fosse lá o que fosse – era o verdadeiro coração daquele mundo. Tinham de alcançar Nova Iorque, ainda que não fizessem outra coisa.

Ainda não achamos um nome, Capitão. Que pensa o senhor?

Norton riu e ficou subitamente sério.

– Eu tenho um. Chamem de *Resolution*.

– Por quê?

– Era uma das naus do Capitão Cook. Bonito nome. Meus votos são de que nossa jangada faça jus a ele.

Houve um silêncio pensativo, e finalmente a Sargenta Barnes, que fora a principal responsável pelo desenho, solicitou três voluntários. Todos os presentes ergueram a mão.

– Lamento, mas só temos quatro casacos salva-vidas. Boris, Jimmy, Pieter...

Vocês já foram marinheiros. Vamos experimentá-la.

Ninguém estranhou que uma sargenta tivesse assumido o comando das atividades: Ruby Barnes era a única que tinha carta de capitão a bordo, e isso resolvia a questão. Havia navegado trimarãs de corrida de um lado ao outro do Pacífico e uns poucos quilômetros de calmaria podre não poderiam representar um desafio para as suas habilidades.

Desde que vira pela primeira vez o Mar tinha resolvido fazer essa viagem.

Havia milênios que o homem vinha arrostando as águas do seu próprio mundo e nunca marinheiro algum enfrentara algo que mesmo remotamente se parecesse com aquilo. Nos últimos dias, obsedara-a uma tola taodinha que não podia libertar-se. "Singrar o Mar Cilíndrico..." Pois era exatamente isso o que ia fazer.

Seus passageiros instalaram-se nos assentos improvisados e Ruby ligou o acelerador. O motorzinho de vinte quilowatts começou a roncar, a transmissão por corrente da engrenagem de redução fez coro com ele e a *Resolution* saltou para a frente sob os aplausos dos espectadores. Ruby esperava obter 15km/h com aquela carga, mas se contentaria com qualquer cifra superior a dez. Haviam marcado uma pista de meio quilômetro ao longo da escarpa e o percurso de ida e volta foi completado em cinco minutos e meio. Fazendo-se o desconto do tempo necessário para dar a volta, isso correspondia a 12 km/h, o que satisfez Ruby plenamente.

Sem força, mas com três vigorosos remadores a ajudá-la, Ruby podia conseguir um quarto dessa velocidade; portanto, mesmo que o motor falhasse estariam de volta num par de horas. As baterias extra fortes podiam fornecer energia suficiente para circunavegar o mundo ramaiano; para maior segurança, Ruby levava duas de sobressalente. E, agora que a cerração se dissipara completamente, mesmo uma marinheira cautelosa como ela não vacilou em lançar-se ao mar sem bússola.

Fez uma bela continência ao pôr o pé em terra.

– Viagem inaugural da *Resolution* completada com êxito, senhor. Aguardo agora suas ordens.

– Muito bem... Almirante. Quando estarão prontos para partir?

– Logo que as provisões forem colocadas a bordo e o Capitão do Porto nos der licença.

– Então partiremos ao amanhecer.

– Sim, senhor.

Cinco quilômetros de água não parecem grande coisa num mapa; o caso é bem diferente quando se está no meio dela. Havia apenas dez minutos que navegavam, e a escarpa de cinquenta metros que fazia face ao continente setentrional já parecia surpreender longe. Mas Nova Iorque, misteriosamente, não dava a impressão de ter-se aproximado nem um pouco...

Contudo, a maior parte do tempo deram pouca atenção à terra, tão absortos estavam na contemplação do portentoso Mar. Já não diziam as piadas nervosas que tinham pontuado o começo da travessia; esta nova experiência era por demais assoberbante.

Todas as vezes que pensava ter-se acostumado a Rama, dizia Norton de si para si, vinha ele com um novo prodígio. Ã medida que a *Resolution* avançava, firme no seu rumo, parecia cada vez mais que a pequena jangada fora apanhada num entresseio de ondas gigantescas – ondas que se continuavam à direita e à esquerda até se tornarem verticais, depois continuavam a curvar-se até se encontrarem formando um arco líquido dezesseis quilômetros acima das cabeças dos navegantes. A despeito de tudo que lhes diziam a razão e a lógica, nenhum deles podia fugir por muito tempo à impressão de que a qualquer instante aqueles milhões de toneladas desabariam do céu sobre eles.

Em que pese a isso, o sentimento predominante era de euforia; havia uma sensação de perigo, sem nenhum perigo real. A menos, naturalmente, que também o Mar lhes reservasse novas surpresas.

Essa era uma evidente possibilidade, pois como tinha adivinhado Mercer, a água, agora, estava cheia de vida. Cada tonelada continha milhares de microrganismos esféricos, monocelulares, semelhantes às mais primitivas formas de plâncton que haviam existido nos oceanos da Terra.

Contudo, havia diferenças inexplicáveis. Esses microrganismos careciam de núcleo, assim como de muitos outros requisitos mínimos das mais rudimentares formas de vida na Terra. E embora Laura Ernst – que agora acumulava as funções de pesquisadora científica com as de médica de bordo – tivesse provado que eles positivamente geravam oxigênio, seu número era muito pequeno para explicar o aumento da atmosfera de Rama. Deviam existir aos milhões, e não apenas aos milhares.

Foi quando descobriu que esse número diminuía rapidamente e devia ter sido muito mais alto durante as primeiras horas da alvorada ramaiana. Era como se tivesse havido uma breve explosão de vida, recapitulando, numa escala cronológica trilhões de vezes mais rápida, a história primitiva da Terra. Agora, talvez se tivesse exaurido; os microrganismos arrastados pelas correntes se estariam desintegrando, devolvendo ao Mar as suas reservas de substâncias químicas.

– Se tiverem de salvar-se a nado – avisara a Dra. Ernst, – conservem a boca fechada. Umas poucas gotas não lhes farão mal, se as cuspirem fora imediatamente. Mas todos esses estranhos sais metálicos dão uma mistura bastante venenosa, e eu teria um trabalho infernal para descobrir um antídoto.

Por sorte, esse perigo parecia muito improvável. A *Resolution* podia continuar à tona se um de seus dois tanques de flutuação sofresse uma ruptura.

(Ao ouvir isto, Calvert murmurara: “Lembrem-se do *Titanic!*”) E, mesmo que fosse a pique, os toscos mas eficientes casacos salva-vidas conservariam as cabeças dos náufragos acima d'água. Se bem que Laura tivesse relutado em dar uma resposta positiva à questão, não pensava que umas poucas horas de imersão no Mar seriam fatais; entretanto, não o recomendava.

Após vinte minutos de navegação ininterrupta, Nova Iorque já não era uma ilha distante. Tornava-se uma localidade concreta, e detalhes que eles só tinham visto

com o auxílio de telescópios ou de ampliações fotográficas se revelavam agora como estruturas sólidas e maciças. E uma coisa notável se evidenciava: que a "cidade", como tantas coisas em Rama, era triplicada; consistia em três complexos ou superestruturas circulares idênticas, elevando-se de um longo fundamento oval. As fotografias tiradas do Cubo também indicavam que cada complexo, por sua vez, se dividia em três componentes iguais, como um pastelão, em três setores de 120 graus. Isso simplificaria muito o trabalho de exploração; presumivelmente, bastava examinar uma nona parte de Nova Iorque e ter-se-ia visto uma cidade inteira. Mesmo isso, porém, seria um formidável empreendimento, pois importava em investigar pelo menos um quilômetro quadrado de edifícios e maquinaria, alguns dos quais se elevavam a centenas de metros acima do solo. Os ramaianos, ao que parecia, tinham levado a um alto grau de perfeição a arte tríplice da redundância. Isso era demonstrado pelo sistema de eclusas de ar, as escadarias que partiam do Cubo, os sóis artificiais.

E, onde isso realmente importava, haviam inclusive dado o passo seguinte. Nova Iorque era um exemplo de redundância triplamente tríplice.

Ruby governou a *Resolution* na direção do complexo central, onde um lance de escada conduzia da superfície da água ao topo do muro ou dique que circundava a ilha. Havia até um pilar muito bem colocado, ao qual se podiam amarrar botes.. Ao ver isso, Ruby ficou toda alvoroçada; agora, não ficaria satisfeita enquanto não descobrisse uma das embarcações em que os ramaianos singravam o seu extraordinário mar.

Norton foi o primeiro a pisar em terra. Virou-se para seus três companheiros e disse:

– Esperem aqui no barco enquanto eu subo ao alto do muro. Quando eu abanar com a mão, Pieter e Boris irão ter comigo. Você fica no leme, Ruby, de modo que possamos nos fazer ao largo ao primeiro sinal. Se me acontecer alguma coisa, comunique a Karl e siga as ordens dele. Use o seu discernimento, mas olhe lá: nada de heroísmos. Entendeu?

– Sim, Capitão. Boa sorte!

O Comandante Norton não acreditava realmente na sorte; nunca se metia numa situação enquanto não tivesse analisado todos os fatores em jogo e garantido uma linha de retirada. Mas, uma vez mais, Rama o estava forçando a violar uma de suas sagradas regras. Quase todos os fatores, aqui, eram desconhecidos – tão desconhecidos quanto o Pacífico e os recifes da Grande Barreira tinham sido para o seu herói, três séculos e meio atrás... Sim, desta vez não seria demais um pouco de sorte.

A escada era uma duplicata virtual daquela que haviam descido no outro lado do Mar; sem dúvida, seus amigos o estavam olhando diretamente com os telescópios. E "diretamente" era agora a expressão correta; nessa direção, paralela ao eixo de Rama, o Mar era, em verdade, perfeitamente plano. Talvez, plano mesmo, pois, em todos os mundos, qualquer lago ou mar devia acomodarse à superfície de uma

esfera, com uma curvatura igual em todas as direções.

– Estou quase no topo – falou ele para o gravador e o seu subcomandante, que escutavam atentamente a cinco quilômetros dali. –Tudo continua perfeitamente tranquilo. As radiações, normais.

Estou segurando o medidor acima da minha cabeça, para o caso de este muro servir de anteparo contra alguma coisa. E, se houver elementos hostis no outro lado, alvejarão primeiro o medidor.

Estava gracejando, naturalmente. E contudo... por que arriscar-se, quando era tão fácil evitar qualquer risco?

Ao galgar o último degrau, descobriu que o dique terraceado tinha uns dez metros de espessura. Na face interna, uma série de rampas e escadas alternadas descia até o nível principal da cidade, vinte metros abaixo. Estava, em verdade, no topo de uma alta muralha que cercava completamente Nova Iorque, oferecendo-lhe uma vista panorâmica desta última.

Era uma vista quase estonteante na sua complexidade, e a primeira coisa que Norton fez foi percorrê-la vagarosamente com a câmara cinematográfica.

Abanou então a mão aos seus companheiros e falou pelo rádio para o outro lado do Mar:

– Não há sinais de qualquer atividade. Tudo tranquilo. Subam, vamos começar a explorar.

23 - NOVA IORQUE, RAMA

NÃO ERA uma cidade, era uma máquina. Norton tinha chegado a esta conclusão em dez minutos e não via razão para modificá-la depois de terem feito uma travessia completa da ilha. Uma cidade – fosse qual fosse a natureza de seus habitantes – devia oferecer alguma forma de acomodação; e aqui não havia nada dessa espécie, a menos que fosse no subsolo. E, se tal era o caso, onde estavam as entradas, as escadarias, os elevadores?

Não encontrara nada que fosse sequer o arremedo de uma simples porta...

A analogia mais aproximada que tinha visto para esse lugar na Terra era uma gigantesca fábrica de processamento químico. Mas em parte nenhuma se viam as pilhas de matérias-primas ou qualquer indício de um sistema de transporte para movimentá-las. Tampouco podia imaginar onde surgiria o produto acabado – e ainda menos o que seria esse produto. Tudo isso era muito frustrativo e desconcertante.

– Alguém tem uma sugestão a fazer? – perguntou finalmente, a quem quer que estivesse escutando. – Se isto é uma fábrica, que é que ela faz? E de onde vêm as matérias-primas?

– Eu tenho uma, Capitão – respondeu Karl Mercer lá da outra margem. – Suponhamos que ela utilize o Mar. De acordo com a Doutora, este contém praticamente qualquer coisa que se possa imaginar.

A resposta era plausível e Norton já a tinha considerado. Era bem possível que houvesse encanamentos subterrâneos conduzindo ao Mar – aliás, *devia* haver, pois qualquer indústria química que se podia conceber requereria grandes quantidades de água. Mas ele sempre desconfiara das explicações plausíveis, que muitas vezes eram falsas explicações.

– É uma boa idéia, Karl; mas que é que Nova Iorque faz com a água do mar?

Durante largos momentos, ninguém respondeu da nave, do Cubo ou da planície setentrional. Então uma voz inesperada falou.

– Isso é fácil, Capitão. Mas todos aí vão rir de mim.

– Não vamos, não, Ravi. Continue.

O Sargento Ravi McAndrews, despenseiro-chefe e mestre dos *simps,* era a última pessoa a bordo dessa nave que normalmente se teria envolvido numa discussão técnica. Com um Q.I. modesto e conhecimentos científicos mínimos, não era, contudo, nenhum tolo e tinha uma perspicácia natural que todos respeitavam.

– Bem, é de fato uma fábrica, Capitão, e talvez o Mar forneça a matériaprima...

Afinal de contas, foi assim que tudo aconteceu na Terra, se bem que de um modo diferente... Creio que Nova Iorque é uma fábrica para fazer ramaianos...

Alguém, algures, deixou escapar um risinho de mofa, mas logo silenciou sem se identificar.

– Sabe de uma coisa, Ravi? – disse o Comandante afinal. – Essa teoria é bastante

maluca para ser verdadeira. E não sei se gostaria de vê-la testada, pelo menos enquanto não tiver voltado a terra firme.

Esta Nova Iorque celeste tinha mais ou menos a mesma largura que a ilha de Manhattan, mas sua geometria era totalmente diversa. Existiam poucas vias de comunicação retilíneas; era um dédalo de arcos curtos concêntricos, ligados entre si por vias radiais. Por sorte, era impossível perder a orientação no interior de Rama; bastava um olhar para estabelecer o eixo norte-sul daquele mundo.

Pararam em quase todas as interseções para fazer um apanhado panorâmico.

Quando essas centenas de fotos fossem classificadas, seria um trabalho enfadonho, mas bastante simples, construir um modelo da cidade em escala. Norton suspeitava que o quebra-cabeças daí resultante daria o que fazer aos cientistas durante gerações.

Foi ainda mais difícil acostumar-se ao silêncio aqui reinante do que tinha sido lá fora, na planície de Rama. Uma cidade-máquina devia produzir algum ruído; contudo, não se ouvia nem o mais fraco zumbido de motor elétrico, nem um sussurro que fosse de movimento mecânico. Por várias vezes Norton encostou o ouvido ao chão ou à parede de um edifício, e escutou atentamente. Nada pôde distinguir, a não ser as pulsações do seu próprio sangue.

As máquinas dormiam; nem sequer davam um tique para marcar o tempo.

Iriam elas acordar um dia, e para que fim? Tudo estava em perfeitas condições, como de costume. Era fácil acreditar que o fechar-se de um simples circuito de um paciente, oculto computador, devolveria a vida a todo esse labirinto.

Quando, por fim, chegaram ao outro lado da cidade, subiram ao topo do dique circundante e olharam para a margem oposta do braço meridional do Mar.

Por longo tempo Norton ficou contemplando a escarpa de quinhentos metros de altura que os separava de quase metade de Rama – e, a julgar pelos apanhados telescópicos, a metade mais complexa e variada. Daquele ângulo, parecia ser de uma aziaga e rebarbativa cor negra, e lembrava um muro de prisão rodeando um continente inteiro. Em parte alguma, ao longo de todo o seu circuito, havia uma escada ou qualquer outro meio de acesso.

Como seria que os ramaianos iam de Nova Iorque às terras meridionais?

Provavelmente, havia um sistema de transportes subterrâneos passando por baixo do Mar, mas também deviam ter aeronaves; não faltavam, aqui na cidade, áreas abertas que pudessem ser usadas como pistas de pouso. A descoberta de um veículo ramaiano seria memorável – especialmente se conseguissem fazê-lo funcionar. (Mas poderia qualquer gerador de força estar ainda funcionando depois de várias centenas de anos?) Havia ali numerosas estruturas que tinham um ar funcional de hangares ou garagens, mas eram todas lisas e sem janelas, como se tivessem sido banhadas com betume de vedação. "Mais cedo ou mais tarde", disse Norton lá consigo, de sobrolho franzido, "seremos forçados a usar explosivos ou raios *laser*."

Estava resolvido a adiar essa decisão até o último momento possível.

Sua relutância a empregar a força bruta baseava-se em parte no orgulho e em parte no temor. Não desejava comportar-se como um bárbaro tecnológico, destruindo o que não podia compreender. Afinal de contas, era um visitante que não fora convidado neste mundo e devia agir como tal.

Quanto ao seu temor – talvez o termo fosse forte demais; apreensão seria mais apropriado. Os ramaianos pareciam ter previsto tudo em seus planos; Norton não estava nada ansioso por descobrir as precauções que eles haviam tomado para salvaguardar os seus bens. Quando voltasse ao continente, iria com as mãos vazias.

24 - "LIBÉLULA"

O TENENTE JAMES PAK era o oficial mais jovem a bordo da *Endeavour* e estava em sua quarta missão no espaço profundo; era ambicioso e seu nome figurava na lista de merecimento; mas também tinha cometido uma séria infração. Não admirava, pois, que tardasse tanto a decidir-se.

Seria um jogo; se perdesse, as consequências seriam talvez desastrosas para ele. Não só podia estar arriscando a sua carreira como também o seu pescoço. Mas, se lograsse êxito, seria um herói. O que finalmente o decidiu foi a certeza de que, se nada fizesse, passaria o resto de sua existência lamentando essa oportunidade perdida. Não obstante, ainda hesitava quando solicitou uma conferência privada com o Capitão.

"Que será desta vez?" pensou Norton, analisando a expressão dúbia do rosto do jovem oficial. Lembrou-se da delicada entrevista com Boris Rodrigo; não, não seria nada de semelhante. Jimmy não era do tipo religioso; os únicos interesses que já havia manifestado fora do seu trabalho eram o esporte e o sexo, preferivelmente combinados.

Dificilmente poderia tratar-se do primeiro, e Norton fez votos para que não fosse o segundo. Tinha enfrentado a maioria dos problemas que um oficial comandante podia encontrar neste campo – exceto o clássico problema de um nascimento imprevisto durante uma missão. Embora essa situação fosse objeto de inúmeros gracejos, nunca se concretizara até então; mas uma incompetência tão crassa era, talvez, uma simples questão de tempo.

– Então, Jimmy, de que se trata?

– Tenho uma idéia, Comandante. Sei como alcançar o continente meridional – inclusive o Pólo Sul.

– Estou ouvindo. Como pretende fazer isso?

– Hã... Voando até lá.

– Jimmy, já recebi, pelo menos, cinco propostas nesse sentido – mais, se levarmos em conta algumas sugestões doidas provenientes da Terra.

Examinamos a possibilidade de adaptar os nosso propulsores de trajes espaciais, mas a resistência do ar os tornaria completamente ineficientes. Ficariam sem combustível antes de percorrer dez quilômetros.

– Isso eu sei. Mas tenho a solução.

A atitude do Ten. Pak era uma curiosa mistura de perfeita confiança e nervosismo mal reprimido. Norton estava intrigadíssimo; que é que tanto inquietava o rapaz? Devia conhecer bastante bem o seu oficial comandante para ter certeza de que nenhuma proposta razoável seria levianamente desprezada.

– Bem, continue. Se funcionar, tratarei de fazer com que a sua promoção seja retroativa.

Esta pequena semipromessa e semigracejo não foi tão bem recebida como ele

esperava. Jimmy fez um sorriso amarelo, abriu a boca várias vezes para falar e finalmente optou por uma abordagem oblíqua do assunto.

– Como o senhor sabe, Comandante, participei das Olimpíadas Lunares no ano passado.

– Pois claro. Lamento que não tenha ganho.

– Questão de mau equipamento. Eu sei qual foi a falha. Tenho amigos em Marte que estiveram trabalhando no aparelho, em segredo. Queremos dar uma surpresa a todo mundo.

– Marte? Mas eu não sabia...

– Não são muitos os que sabem. O esporte ainda é novo ali; até agora, só foi experimentado no Estádio Xante. Mas os melhores aerodinamicistas do Sistema Solar estão em Marte; quem pode voar naquela atmosfera, pode voar em qualquer lugar.

"Bem, a minha idéia foi que, se os marcianos pudessem construir uma boa máquina, com todo o seu *know-how,* ela realmente voaria na Lua, onde a gravidade tem apenas metade da força."

– Isto parece plausível, mas de que nos serve?

Norton estava começando a adivinhar, mas queria dar bastante corda a Jimmy.

– Bem, fiz sociedade com alguns amigos em Lowell City. Eles construíram uma máquina voadora perfeitamente aerobática, com alguns aperfeiçoamentos que ninguém viu até hoje. Na gravidade lunar, sob o Domo Olímpico, deve causar sensação.

– E ganhar para você a medalha de ouro.

– Assim espero.

– Vamos ver se eu sigo corretamente o seu raciocínio. Uma bicicleta celeste que pôde participar das Olimpíadas Lunares, a um sexto de gravidade, seria mais sensacional no interior de Rama, onde a gravidade é zero. Você poderia voar com ela ao longo do eixo, do Pólo Norte ao Pólo Sul... e vice-versa.

– Sim, facilmente. A travessia simples levaria três horas de voo ininterrupto. Mas está claro que o ciclista poderia descansar onde quisesse, contanto que não saísse das proximidades do eixo.

– A idéia é brilhante. Meus parabéns. É pena que as bicicletas celestes não façam parte do equipamento regular da Observação Espacial.

Jimmy pareceu ter uma certa dificuldade em encontrar palavras com que se expressar. Abriu a boca várias vezes, mas não dizia nada.

– Muito bem, Jimmy. Por uma questão de interesse mórbido e estritamente entre nós, me diga como foi que introduziu o aparelho a bordo.

– Hã... "Material Recreativo".

– Bom, mentindo não estava. E quanto ao peso?

– Apenas vinte quilogramas.

– *Apenas!* Enfim, não é tão mau como eu pensava. Estou mesmo assombrado de ver que se pode construir uma bicicleta com esse peso.

– Algumas só pesavam quinze, mas eram muito frágeis e em geral se dobravam ao fazer uma curva. Não há perigo de acontecer isso com a *Libélula*.

Como já disse, ela é perfeitamente aerobática.

– *Libélula*... Bonito nome. Pois bem, agora me diga como pensa usá-la; depois verei o que é mais indicado no caso, se uma promoção ou um conselho de guerra... ou ambos.

25 - VOO INAUGURAL

"LIBÉLULA" era realmente um belo nome. As longas e afiladas asas eram quase invisíveis, salvo quando a luz incidia nelas sob certos ângulos e se retratava em matizes de arco-íris. Era como se um fino rendilhado de superfícies aerodinâmicas tivesse sido envolvido por uma bolha de sabão; o envoltório que cercava a pequena máquina voadora era uma película orgânica de apenas algumas moléculas de espessura, e contudo bastante forte para controlar e dirigir os movimentos de uma corrente de ar de 50 km/h. O piloto (que era também o gerador de força e o sistema de direção) ia instalado num assento pequenino, bem no centro de gravidade, em posição semi-reclinada a fim de reduzir a resistência do ar. O controle se fazia por um manete único que podia ser movido para trás e para diante, para a esquerda e para a direita; o único "instrumento" era uma fita chumbada e presa pela outra extremidade à aresta de ataque, para mostrar a direção do vento relativo.

Depois que a máquina fora montada no Cubo, Jimmy Pak não' permitia que ninguém a tocasse. O manuseio inábil podia rebentar um dos membros estruturais, formados de uma só fibra, e aquelas asas irisadas eram uma tentação quase irresistível para os dedos exploradores. Custava acreditar que havia realmente alguma coisa ali...

Ao ver Jimmy embarcar na engenhoca, o Comandante Norton começou a sentir-se inquieto. Se um daqueles montantes finos como arame rebentasse quando a *Libélula* estivesse no outro lado do Mar Cilíndrico, Jimmy não teria meio de voltar, mesmo que conseguisse pousar incólume. Estavam também violando uma das regras sacrossantas da exploração espacial: um homem ia penetrar *sozinho* em território desconhecido, sem qualquer possibilidade de socorro. O único consolo era que estaria sempre bem à vista e em plena comunicação com os outros; se tivesse mau fim, estes saberiam exatamente o que lhe havia acontecido.

Todavia, a oportunidade era boa demais para que a deixassem escapar; se um homem acreditava no destino, seria desafiar os próprios deuses negligenciar o único ensejo que teriam, talvez, de chegar ao outro lado de Rama e ver de perto os mistérios do Pólo Sul. Jimmy sabia ó que estava empreendendo, muito melhor do que lhe poderia dizer qualquer outro membro da tripulação. Essa era exatamente a espécie de risco que se devia assumir; se fracassasse, seria o azar do jogo. Não se pode ganhar todas...

– Escute com todo o cuidado, Jimmy – disse a Médica-chefe Ernst. – É

muito importante que você não se esfalfe. Não se esqueça de que o nível de oxigênio aqui no eixo é ainda muito baixo. Se por acaso sentir falta de ar, pare e respire fundo durante trinta segundos – porém não mais.

Distraidamente, Jimmy fez que sim com a cabeça enquanto testava os controles. Todo o mecanismo de elevação do leme, que formava uma só unidade sobre um prolongamento do chassi, cinco metros atrás da rudimentar nacele, começou a girar

sobre si mesmo; as aletas, na parte média da asa, moveram-se alternativamente para cima e para baixo.

– Quer que eu dê impulso à hélice? – perguntou Joe Calvert, incapaz de reprimir as recordações dos filmes de guerra duas vezes seculares. – Ignição!

Contato!

Provavelmente ninguém, à exceção de Jimmy, entendia o que ele estava falando, mas isso contribuiu para aliviar a tensão.

Jimmy começou, muito vagarosamente, a mover os pedais. A larga e frágil hélice, delicado esqueleto forrado de uma película rebrilhante, pôs-se em movimento. Depois de completar algumas revoluções, desapareceu por completo – a *Libélula* estava em pleno voo.

Afastou-se do Cubo em linha reta, movendo-se lentamente ao longo do eixo de Rama. Depois de percorrer uma centena de metros, Jimmy parou de pedalar. Era estranho ver um veículo obviamente aerodinâmico pairar imóvel na atmosfera. Devia ser a primeira vez que tal coisa acontecia, salvo, talvez, em escala muito limitada no interior de uma das grandes estações espaciais.

Que tal vai o manejo? – perguntou Norton.

– Responde bem; estabilidade pouca. Mas eu sei de que se trata: é a falta de gravidade. Um quilômetro mais abaixo estaremos melhor.

– Mas espere um pouco... Não há perigo?

Ao perder altitude, Jimmy estaria sacrificando a sua principal vantagem.

Enquanto permanecesse exatamente no eixo, ele e a *Libélula* não teriam nenhum peso. Podia pairar em completo repouso, e até dormir, se quisesse. Mas logo que se afastasse da linha central em torno da qual girava Rama, tornaria a aparecer o pseudopeso da força centrífuga.

E assim, a menos que conseguisse manter-se a essa altitude, continuaria a perder altura – e, ao mesmo tempo, a *ganhar peso*. Seria um processo acelerativo, que podia terminar em catástrofe. A gravidade lá embaixo, na planície de Rama, era duas vezes maior do que aquela em que a *Libélula* se destinava a operar. Talvez Jimmy pudesse pousar sem incidentes, mas certamente não conseguiria tornar a partir.

Mas já havia considerado todas essas eventualidades e respondeu com bastante confiança:

– Posso me arranjar num terço de gravidade sem dificuldade alguma. E a máquina será mais fácil de manejar no ar mais denso.

Numa lenta e folgada espiral, *& Libélula* planava no céu, seguindo mais ou menos a linha da Escadaria Alfa em direção à planície. Olhada de certos ângulos, a pequena bicicleta celeste era quase invisível; Jimmy parecia estar sentado no ar, pedalando furiosamente. Às vezes movia-se em arrancos de até trinta quilômetros por hora, depois diminuía a velocidade e parava, experimentando os controles, antes de tornar a acelerar. E tinha sempre muito cuidado em conservar-se à distância da extremidade curva de Rama.

Não tardou a confirmar-se a previsão de que a *Libélula* obedeceria muito melhor à direção nas baixas altitudes; já não rolava sobre si mesma ao fazer qualquer ângulo, mas estabilizou-se de tal modo que suas asas se mantinham paralelas com a planície, embora andasse a sete mil metros acima desta. Jimmy completou várias amplas órbitas, depois começou de novo a ganhar altitude.

Finalmente, parou a alguns metros dos colegas que o esperavam e deu-se conta, um pouco tarde, de que não sabia ao certo como pousar a sua frágil máquina.

– Quer que lhe atiremos uma corda? – perguntou Norton, meio caçoando, meio a sério.

– Não, Capitão... eu mesmo preciso resolver isto. Não quero pedir ajuda a ninguém na hora da chegada.

Ficou refletindo alguns momentos, depois começou a aproximar com cuidado *& Libélula* do Cubo, mediante breves impulsos de força.

A máquina perdia rapidamente o seu ímpeto entre um e outro empurrão, devido à resistência do ar que a fazia parar de novo. Quando chegou a apenas cinco metros de distância e viu mais uma vez que a bicicleta celeste mal se movia, Jimmy saltou. Deixou-se flutuar em direção à corda de segurança mais próxima na cama-de-gato do Cubo, segurou-a e deu meia volta ao corpo, a tempo de agarrar a bicicleta que se aproximava. A manobra foi executada com tanta elegância que provocou uma salva de palmas.

– Para o meu próximo número... – começou Joe Calvert. Jimmy apressouse a negar qualquer mérito à sua proeza.

– Isso foi mal feito. Mas agora sim, sei como fazer. Levarei comigo uma bomba de sucção na ponta de um cordel de vinte metros; então poderei subir pelo cordel ao lugar que quiser.

– Dê cá o seu pulso, Jimmy, e sopre neste saco – ordenou a doutora. – Vou precisar de uma amostra do seu sangue também. Você teve alguma dificuldade em respirar?

– Só nesta altitude. Mas para que quer o sangue?

– Teor de glicose; por meio dela posso saber quanta energia você usou.

Precisamos ter certeza de que você levará consigo combustível suficiente para a missão. A propósito, qual é o recorde de resistência para o ciclismo celeste?

– Duas horas, vinte e cinco minutos e três vírgula seis segundos. Na Lua, é claro. Um circuito de dois quilômetros no Domo Olímpico.

– E você pensa que pode elevá-lo para seis horas?

– Facilmente, uma vez que posso parar para descansar quando quiser. O ciclismo celeste na Lua é pelo menos duas vezes mais difícil do que aqui.

– Muito bem, Jimmy. Volte para o laboratório. Vou lhe dar o Sim ou Não logo que tiver analisado essas amostras. Não quero inspirar falsas esperanças, mas me parece que você dará conta do recado.

Um largo sorriso de satisfação alastrou-se pela cara cor de marfim de Jimmy Pak. Enquanto seguia a Médica-chefe até a eclusa de ar, virou-se para gritar aos

companheiros:

– É favor não porem as mãos! Não quero que ninguém me fure uma asa com o punho.

– Eu me encarregarei disso, Jimmy – prometeu o Comandante. - O acesso à *Libélula* fica proibido a todos, inclusive eu próprio.

26 - A VOZ DE RAMA

JIMMY PAK não teve consciência da verdadeira magnitude dessa aventura enquanto não alcançou a costa do Mar Cilíndrico. Até agora tinha voado sobre território conhecido; a menos que ocorresse uma catastrófica falha estrutural, sempre podia aterrissar e voltar a pé para á base numa questão de poucas horas.

Essa opção já não existia. Se descesse no Mar, se afogaria provavelmente, de maneira bem desagradável, aliás, naquela água venenosa. E, mesmo que pousasse incólume no continente meridional, seria impossível recuperá-lo antes que a *Endeavour* fosse obrigada a abandonar a órbita de Rama em direção ao Sol.

Também percebia agudamente que os desastres previsíveis eram os que tinham menos probabilidade de acontecer. A região totalmente desconhecida sobre a qual estava voando podia deparar-lhe toda sorte de surpresas; suponhamos que houvesse ali criaturas voadoras que se opusessem à sua intrusão? Detestaria ter de travar um combate aéreo com qualquer coisa que fosse maior do que um pombo. Umas poucas bicadas bem colocadas podiam arruinar a aerodinâmica da *Libélula*.

Entretanto, se não houvesse riscos não haveria glória, nem sentimento de aventura. Milhões de homens desejariam estar na sua pele agora. Não se dirigia apenas para um lugar onde ninguém havia posto os pés antes, – mas onde ninguém jamais tornaria a pôr os pés. Seria ele, em toda a História, o único ser humano que visitara as regiões meridionais de Rama. Sempre que sentisse a aproximação do medo, poderia lembrar-se disso.

Já se acostumara a ficar sentado no ar, com o mundo à sua volta. Por ter descido a dois quilômetros sob o eixo central, adquirira um senso definido do "acima" e do "abaixo". O chão estava a apenas seis quilômetros lá embaixo, mas o céu se arqueava dez quilômetros acima da sua cabeça. A "cidade" de Londres pairava lá no alto, perto do zênite; Nova Iorque, pôr sua vez, ficava bem em frente.

– *Libélula* – disse o Controle Central, – você está baixando um pouco. Dois mil e duzentos metros do eixo.

– Obrigado – respondeu ele. – Vou ganhar altura. Me avisem quando tiver voltado aos dois mil.

Era uma coisa que teria de vigiar. Havia uma tendência natural para perder altura, e Jimmy não tinha instrumentos que lhe dissessem exatamente onde se achava. Se se afastasse demasiado da gravidade zero do eixo, talvez nunca pudesse retornar a ela. Por sorte, a margem tolerável de erro era bastante grande, e sempre havia alguém a observar-lhe os movimentos com um telescópio lá em cima, no Cubo.

Tinha já percorrido uma boa distância sobre as águas do Mar Cilíndrico, pedalando firme a vinte quilômetros por hora. Dentro de cinco minutos passaria sobre Nova Iorque; já tinha a ilha à vista, bastante parecida com um navio que circunavegasse eternamente o Mar Cilíndrico.

Quando alcançou Nova Iorque, sobrevoou-a em círculo, parando várias vezes para que a sua pequena câmara de TV enviasse imagens nítidas, sem vibrações. O panorama de edifícios, torres, instalações industriais, usinas geradoras de força ou fossem lá o que fossem, era fascinante mas essencialmente sem nenhum sentido. Por mais tempo que se detivesse a contemplar a sua complexidade, não tinha probabilidade de apreender nada. A câmara registraria muito mais detalhes do que ele podia assimilar; e um dia – talvez anos depois, – algum estudioso descobriria entre eles, quem sabe, a chave dos segredos de Rama.

Após deixar Nova Iorque, cruzou a outra metade do Mar em quinze minutos apenas. Embora não se desse conta disso, tinha voado mais depressa sobre a água, mas assim que atingiu a costa meridional relaxou inconscientemente e sua velocidade caiu vários quilômetros por hora. Podia estar sobrevoando território estranho – mas, pelo menos, era terra firme.

Logo após atravessar a grande escarpa que formava o limite meridional do Mar, deu uma volta completa à câmara, numa tomada panorâmica do mundo inteiro em derredor.

– Lindo! – disse o Controle Central. – Os cartógrafos terão com que se entreterem. Como se sente você?

– Muito bem... um pouquinho de cansaço, porém não mais do que esperava. A que distância calculam que eu esteja do Pólo?

– Quinze vírgula seis quilômetros.

– Me avisem quando chegar a dez; descansarei então. E não me deixem perder altura outra vez. Começarei a subir quando faltarem cinco quilômetros.

Vinte minutos mais tarde, o mundo parecia descer sobre ele; tinha chegado ao fim da seção cilíndrica e estava penetrando no domo meridional.

Tinha-o estudado durante horas pelos telescópios, da outra extremidade de Rama, e aprendera a sua geografia de cor. Mesmo assim, não estava plenamente preparado para o espetáculo que o cercava agora por todos os lados.

Sob quase todos os aspectos, as extremidades sul e norte de Rama diferiam radicalmente uma da outra. Aqui não havia tríade de escadarias, nem série de platôs concêntricos, nem vasta curva unindo o cubo à planície. Em lugar disso tudo, um imenso espigão central, com mais de cinco quilômetros de comprimento, estendendo-se ao longo do eixo. Seis outros, menores, com metade do tamanho, rodeavam-no igualmente espaçados entre si; o conjunto tinha o ar de um grupo de estalactites notavelmente simétricas, pendendo do teto de uma caverna. Ou, invertendo-se o ponto de vista, as cúspides de algum templo cambojano plantadas no fundo de uma cratera...

Ligando umas às outras essas esguias e pontiagudas torres, das quais desciam em curva para terminar formando corpo com a planície cilíndrica, havia botaréus que pareciam bastante maciços para suportar o peso de um mundo. E essa, talvez, era a sua função, se efetivamente se tratava de exóticas unidades de propulsão, como alguém havia sugerido.

O Tenente Pak aproximou-se cautelosamente do espigão central, parou de pedalar a uns cem metros de distância e deixou que a *Libélula* gastasse o impulso adquirido até imobilizar-se. Verificou o nível de radiação e encontrou apenas o baixíssimo valor básico de Rama. Ali podia haver forças em ação que nenhum instrumento humano era capaz de detectar, mas esse era outro risco inevitável.

– Que é que você pode ver? – perguntou a voz ansiosa do Controle Central.

– Apenas o Chifre Grande. Ê perfeitamente liso... não tem marca nenhuma... e a ponta é tão aguda que se poderia usá-la como agulha de costurar.

Quase chego a ter medo de me aproximar dela.

Não gracejava totalmente. Parecia incrível que um objeto tão maciço se afilasse até terminar num ponto geometricamente perfeito. Jimmy tinha visto coleções de insetos empalados em alfinetes e não queria que a sua *Libélula* tivesse semelhante destino.

Pedalou devagar para a frente até que o espigão, alargando-se progressivamente, medisse vários metros de diâmetro. Então tornou a parar e, abrindo um pequeno recipiente, extraiu dele com muita cautela uma esfera do tamanho aproximado de uma bola de *baseball* e atirou-a na direção do espigão.

Enquanto percorria a sua lenta trajetória, a esfera foi deixando após si um fio quase invisível.

A bomba adesiva bateu na superfície suavemente curva – e não ressaltou.

Jimmy deu ao fio uma puxadela experimental, depois um tirão mais forte. Como um pescador que puxa a sua presa, enrolando a linha, aproximou devagar *& Libélula* da ponta do apropriadamente batizado Chifre Grande, até que pôde estender a mão e estabelecer contato com ele.

– Suponho que isto equivale a um *touch-down* no futebol americano – comunicou ao Controle Central. – Dá a impressão de vidro: quase sem atrito e ligeiramente morno. A bomba de sucção funcionou muito bem. Agora estou experimentando o microfone... Vamos ver se o disco de sucção também pega...

estou encaixando os fios de contato... Ouvem alguma coisa?

Houve um longo silêncio, depois o Controle disse, aborrecido:

– Nada de nada, salvo os ruídos térmicos usuais. Quer fazer o favor de bater nele com um objeto metálico? Assim, pelo menos saberemos se é oco.

– O.K. E agora, que tal?

– Gostaríamos que você voasse ao longo do espigão, fazendo uma exploração completa a cada meio quilômetro e prestando atenção a tudo que for fora do comum. Depois, se tiver certeza de que não há perigo, poderia passar a um dos Pequenos Chifres. Mas somente se estiver seguro de que poderá voltar a zero *g* sem nenhum problema.

Três quilômetros de distância do eixo... dá um pouco mais do que a gravidade lunar. A *Libélula* foi projetada para isso. Terei de fazer mais força, e acabou-se.

– Jimmy, aqui fala o Capitão. Reconsiderei esse assunto. A julgar pelas suas fotos, os espigões menores são exatamente iguais ao grande. Obtenha a melhor

cobertura deles que puder com a lente zum. Não quero que você deixe a região de baixa gravidade... salvo se vir alguma coisa que pareça muito importante. Então conversaremos.

– O.K., Capitão. – disse Jimmy, em cuja voz os outros julgaram notar um leve tom de alívio. – Não me afastarei do Chifre Grande. Lá: vamos nós de novo.

Sentiu que ia em queda vertical, na direção de um vale entre montanhas incrivelmente altas e esguias. O Chifre Grande pairava agora a um quilômetro acima dele e os seis espigões dos Pequenos Chifres faziam círculo em torno. O complexo de contrafortes e arcobotantes que cercavam as encostas inferiores se aproximava rapidamente. Poderia ele pousar sem perigo em algum ponto lá embaixo, no meio daquela arquitetura ciclópica? Já não era possível pousar no próprio Chifre Grande, pois a gravidade, nos seus declives que se alargavam cada vez mais, tornara-se demasiado forte para ser neutralizada pela débil força da bomba adesiva.

Ao aproximar-se cada vez mais do Pólo Sul, começou a sentir-se como um pardal que voasse sob as abóbadas de alguma grande catedral – embora nenhuma catedral conhecida tivesse sequer a centésima parte do tamanho daquele lugar. Chegou mesmo a imaginar se de fato se trataria de uma espécie de templo ou coisa parecida, mas logo tirou a idéia de seus pensamentos. Em nenhuma parte de Rama havia qualquer sinal de expressão artística; tudo ali era puramente funcional. Talvez os ramaianos julgassem que já conheciam os segredos últimos do universo e se tivessem libertado dos anelos e aspirações que agitavam a humanidade.

Era um pensamento que arrepiava, completamente estranho à filosofia habitual de Jimmy, a qual não era muito profunda. Sentiu uma necessidade urgente de restabelecer o contato e comunicou sua situação aos amigos distantes.

– Repita isso, *Libélula* – respondeu o Controle Central. – Não podemos entendê-lo... Sua transmissão está sendo distorcida.

– Vou repetir: estou perto da base do Pequeno Chifre número 6, e vou usar a bomba adesiva para encostar nele.

– Só o entendo parcialmente. Você pode me ouvir?

– Sim, perfeitamente. Repito: perfeitamente.

– Faça o favor de contar os números em ordem.

– Um, dois, três, quatro...

– Peguei uma parte. Dê o farol durante quinze segundos, depois retorne à voz.

Jimmy ligou o radiofarol de pouca potência que o localizaria em qualquer ponto de Rama, e contou os segundos. Quando retornou à voz, perguntou em tom de queixa:

– Que está acontecendo? Podem ouvir-me agora? Presumivelmente o pessoal do Cubo não ouvia, pois o controlador pediu quinze segundos de TV. Só depois de duas repetições a pergunta foi entendida.

– Ainda bem que você nos ouve perfeitamente, Jimmy. Mas está acontecendo alguma coisa muito esquisita aí para as suas bandas. Escute.

Através do rádio, Jimmy ouviu o assobio familiar do seu farol, que lhe era retransmitido lá de cima. Durante um momento o som foi perfeitamente normal, depois insinuou-se nele uma estranhíssima distorção. O assobio de mil ciclos começou a ser modulado por uma pulsação profunda, latejante, no próprio limiar da audição; era uma espécie de trêmulo em baixo profundo, no qual se podia distinguir cada vibração separada. E a própria modulação era modulada; subia e baixava, com um período de cinco segundos aproximadamente.

Nem sequer por um instante ocorreu a Jimmy que houvesse algum desarranjo no seu radio transmissor. Aquilo vinha de fora, se bem que ele não pudesse imaginar o que era nem o que significava.

O Controle Central não estava melhor informado, mas pelo menos tinha uma teoria.

– Pensamos que você deve estar em alguma espécie de campo muito intenso – provavelmente magnético – com uma frequência de dez ciclos mais ou menos. Talvez seja bastante forte para representar um perigo. Sugerimos que você se afaste imediatamente de onde está; é possível que seja apenas local. Ligue de novo o seu radiofarol e nós o retransmitiremos. Desse modo poderá saber quando estiver escapando à interferência.

Jimmy deu um puxão apressado ao fio da bomba adesiva para despegá-la e abandonou a tentativa de pousar. Fez a *Libélula* descrever um vasto círculo, atento ao som que oscilava nos seus fones de ouvido. Não tinha voado mais que alguns metros quando percebeu que a intensidade desse som caía rapidamente; como adivinhara o Controle Central, o fenômeno era extremamente localizado.

Deteve-se um momento no último ponto em que podia ouvi-lo, como um débil pulsar nas profundezas do seu cérebro. Assim, talvez, teria escutado um selvagem primitivo, com aterrorizada ignorância, o surdo zumbir de um gigantesco transformador de força. E até o selvagem poderia ter adivinhado, no som que ouvia, as migalhas extraviadas de colossais energias, plenamente controladas, mas aguardando o seu ensejo...

O que quer que esse som significasse, foi com prazer que Jimmy se afastou dele. Aquele não era lugar, entre a esmagadora arquitetura do Pólo Sul, para um homem solitário escutar a voz de Rama.

27 - VENTO ELÉTRICO

QUANDO JIMMY deu volta à sua máquina para regressar, a extremidade norte de Rama parecia incrivelmente longínqua. Até as três escadarias gigantescas mal-e-mal podiam ser avistadas, como um quase apagado Y estampado no domo que encerrava o mundo. A banda do Mar Cilíndrico era uma larga e ameaçadora barreira à espera para engoli-lo se, como Ícaro, suas delicadas rêmiges se partissem.

Mas tinha ido até ali sem problemas e, embora se sentisse levemente fatigado, parecia-lhe, agora, que não tinha razão para preocupar-se. Nem sequer tocara na comida e na água que levava consigo e, na sua excitação, não lhe sobrara tempo para descansar. Na viagem de regresso iria com mais vagar e calma. Também o alegrava o pensamento de que a volta poderia ser vinte quilômetros mais curta do que a vinda, pois, com a condição de evitar o Mar, havia a possibilidade de fazer um pouso de emergência em qualquer ponto do continente setentrional. Isso seria tedioso porque lhe impunha uma longa caminhada e, o que era muito pior, teria de abandonar a *Libélula* – mas lhe oferecia uma confortadora margem de segurança.

Estava, agora, ganhando altura, subindo novamente em direção ao espigão central; a afilada agulha do Chifre Grande alongava-se por um quilômetro à sua frente, e às vezes Jimmy sentia que aquele era o eixo em torno do qual girava todo este mundo.

Havia quase alcançado o pico do Chifre Grande quando teve consciência de uma curiosa sensação; um como pressentimento e, em verdade, um desconforto tanto físico como psicológico, se tinham apoderado dele. De repente lembrou-se – e isso não contribuiu em absoluto para aliviar a sua inquietude – de uma frase que encontrara certa vez, num livro: *"alguém está caminhando sobre a sua sepultura."*

A princípio, deu de ombros e continuou a pedalar firme. Não tinha nenhuma intenção de comunicar ao Controle Central uma coisa tão tênue como esse vago mal-estar, mas, como o sentisse agravar-se cada vez mais, foi tentado a fazê-lo. Não podia ser meramente psicológico; ou, se o fosse, a sua mente era muito mais poderosa do que pensava – pois sentia, literalmente, que sua pele começava a arrepiar-se...

Já seriamente alarmado, parou no ar e pôs-se a considerar a situação. O que a tornava ainda mais estranha era o fato de esse pesado sentimento de depressão não lhe ser completamente desconhecido; experimentara-o antes, mas não saberia dizer onde.

Olhou em volta de si. Nada havia mudado. A extremidade pontiaguda do Chifre Grande pairava algumas centenas de metros acima dele, tendo por fundo o céu do outro lado de Rama. Oito quilômetros abaixo, desdobrava-se a complicada variedade do continente meridional, cheio de portentos que nenhum outro homem veria jamais. Nessa paisagem totalmente exótica que, no entanto, já se lhe tornara familiar, não pôde encontrar nenhum motivo para o seu desconforto.

Alguma coisa lhe fazia cócega nas costas da mão; por um momento pensou que um inseto houvesse pousado ali e enxotou-o sem olhar. Não havia ainda completado o rápido gesto quando se deu conta do que estava fazendo e parou, sentindo-se ligeiramente ridículo. Pois se ninguém jamais tinha visto um inseto em Rama...

Ergueu a mão e olhou-a um tanto intrigado; a sensação de cócega continuava. Só então notou que todos os seus pelos estavam em pé; e não só os da mão como também do antebraço inteiro; e a mesma coisa na cabeça, quando pôs ali a mão para explorar o cabelo.

Então era *isso*... Estava num campo elétrico tremendamente poderoso. A sensação de pesadume e opressão que experimentara era a que às vezes precede uma trovoada na Terra.

A súbita compreensão do perigo que corria pôs Jimmy num estado muito próximo do pânico. Nunca em sua Vida enfrentara uma verdadeira ameaça física.

Como todos os espaçonautas, conhecera momentos de frustração com equipamento de difícil manuseio, e ocasiões em que, devido a erros ou à inexperiência, julgara erroneamente que se encontrava numa situação perigosa.

Mas nenhum desses episódios durara mais de alguns minutos, e em geral podia rir deles instantes depois.

Desta vez não houve saída rápida. Jimmy sentia-se nu e sozinho num céu repentinamente hostil, cercado por forças titânicas que podiam desencadear sua fúria a qualquer momento. A *Libélula,* que já de si era bastante frágil, parecia agora mais insubstancial do que a mais fina teia de aranha. O primeiro estampido da tempestade que se estava preparando a reduziria a frangalhos.

– Controle Central – chamou ele numa voz urgente. – Uma carga elétrica está se acumulando em redor de mim. Acho que a qualquer momento vai estalar uma trovoada.

Mal havia acabado de falar quando um relâmpago luziu às suas costas; pôs-se a contar os segundos, e estava em dez quando chegou o primeiro estalejante ribombo. Três quilômetros: isso situava a faísca lá atrás, entre os Pequenos Chifres; olhou para eles e viu que cada uma das seis agulhas parecia estar em chamas. Descargas luminosas com centenas de metros de comprido dançavam equilibrando-se nas suas pontas, como se fossem gigantescos pára-raios.

O que ali estava acontecendo poderia ocorrer em escala ainda maior nas proximidades da ponta afilada do Chifre Grande. O melhor seria distanciar-se tanto quanto possível da perigosa estrutura e buscar uma atmosfera serena.

Começou de novo a pedalar, acelerando o quanto era possível sem forçar demasiado a *Libélula*. Ao mesmo tempo ia perdendo altura; embora isto significasse penetrar na região de maior gravidade, estava disposto, agora, a assumir esse risco. Oito quilômetros era muito longe do solo para que pudesse sentir-se tranquilo.

O ominoso espigão negro do Chifre continuava isento de descargas visíveis, mas ele não duvidou que tremendos potenciais se estivessem acumulando ali. De

tempos a tempos o trovão ainda ecoava às suas costas, percorrendo a circunferência do mundo. De repente, Jimmy se deu conta de como era estranha uma tal tempestade num céu perfeitamente claro; compreendeu, então, que não se tratava em absoluto de um fenômeno meteorológico. Podia, inclusive, ser um trivial escape de energia proveniente de alguma fonte oculta, nas profundezas da calota meridional de Rama. Mas por que *agora?* E, o que era ainda mais importante: *que aconteceria em seguida?*

Já havia deixado bastante para trás a agulha do Chifre Grande e esperava estar, dentro em pouco, fora do alcance de quaisquer descargas elétricas. Mas agora tinha outro problema: o ar estava se tornando turbulento e ele tinha dificuldade em controlar a *Libélula.* Levantara-se um vento que aparentemente não provinha de parte alguma, e se as condições piorassem o frágil esqueleto da bicicleta correria perigo. Jimmy pedalava pertinazmente, procurando amortecer os embates do vento com variações de força e movimentos do corpo. Como a *Libélula* era quase um prolongamento dele, teve êxito em parte; mas não lhe agradavam os débeis estalidos de protesto que se ouviam na verga mestra, nem o jeito como se torciam as asas a cada lufada.

E havia outra coisa que o preocupava: um pequeno som precípite que foi cobrando cada vez mais força e que parecia vir das bandas do Chifre Grande. Dirse-ia um gás que escapasse de uma válvula sob forte pressão, e Jimmy perguntou a si mesmo se aquilo teria algo que ver com a turbulência com que estava lutando. Fosse qual fosse a causa, dava-lhe novas razões para inquietar-se.

De quando em quando comunicava esses fenômenos, de modo bastante conciso e ofegante, ao Controle Central. Ninguém lá podia dar-lhe qualquer orientação ou mesmo sugerir o que talvez estivesse acontecendo. Mas era confortador ouvir as vozes de seus amigos, embora estivesse começando a recear que nunca mais tornaria a vê-los.

A turbulência aumentava sempre. Era quase como se estivesse penetrando numa corrente de jato – o que ele fizera uma vez na Terra, quando pilotava um planador de grande altitude, procurando bater um recorde. Mas o que poderia criar uma corrente de jato no interior de Rama?

Havia feito a si mesmo a pergunta apropriada; e, assim que a formulou, conheceu a resposta. O som que tinha ouvido era o vento elétrico que levava consigo a tremenda ionização que devia estar se acumulando em redor do Chifre Grande. O ar carregado de eletricidade precipitava-se como um esguicho ao longo do eixo de Rama, e mais ar afluía à área de baixa pressão que ele deixava atrás de si. Virou-se para olhar aquela gigantesca e agora duplamente ameaçadora agulha, tentando visualizar os limites do vendaval que dali soprava. Talvez a melhor tática fosse voar de ouvido, distanciando-se o mais possível do agourento assobio.

Rama poupou-lhe o embaraço da escolha. Um lençol de chama rebentou às suas costas, enchendo o céu. Ainda teve tempo de vê-lo dividir-se em seis listas de fogo que se estendiam do pico do Chifre Grande a cada um dos Pequenos Chifres. Então

foi alcançado pela concussão.

28 - ÍCARO

JIMMY mal teve tempo de falar pelo rádio: "A asa está vergando... vou cair... vou cair!" quando a *Libélula* começou a dobrar-se graciosamente em torno dele. A asa esquerda partiu-se pelo meio e a metade exterior se afastou pouco a pouco, como unia folha que cai suavemente. A *performance* da asa direita foi mais complicada. Torceu-se pela raiz e dobrou para trás com tanta força que foi enredar-se na cauda. Jimmy teve a impressão de estar sentado num papagaio quebrado que baixava lentamente do céu. Contudo, não estava completamente sem recursos: a hélice ainda funcionava, e enquanto ele tivesse força motriz lhe restaria uma certa medida de controle. Dispunha, talvez, de cinco minutos para usá-lo.

Haveria alguma esperança de atingir o Mar? Não: ficava muito longe.

Notou, então, que ainda pensava em termos terrestres; embora fosse bom nadador, passariam horas antes que os outros chegassem lá para socorrê-lo, e durante esse tempo as águas venenosas o matariam infalivelmente. Sua única esperança era pousar em seco; quanto ao problema da escarpa vertical, pensaria nisso depois – se houvesse "depois".

Ia caindo muito devagar naquela zona de um décimo de gravidade, mas dentro em pouco principiaria a acelerar à proporção que se afastasse do eixo. No entanto a resistência do ar complicaria a situação, não permitindo que a aceleração fosse demasiado rápida. Mesmo sem força motriz, a *Libélula* faria o papel de um pára-quedas improvisado. Os poucos quilogramas de força propulsora que ele ainda podia fornecer fariam toda a diferença entre a vida e a morte; essa era a sua única esperança.

O Cubo parará de falar; seus amigos viam exatamente o que estava lhe acontecendo e sabiam que com palavras não lhe podiam prestar nenhuma ajuda.

Jimmy estava dando provas de uma habilidade aviatória como nunca tinha mostrado igual em sua vida; era pena, pensou ele com soturno humorismo, que o público fosse tão reduzido e não tivesse condições de apreciar os detalhes mais sutis do seu desempenho.

Ia baixando numa vasta espiral, e enquanto o passo dessa espiral se mantivesse suficientemente curto suas probabilidades de sobreviver eram boas. O vigor com que pedalava contribuía para manter a *Libélula* no ar, embora receasse empregar o máximo de sua força, pois as asas quebradas podiam soltar-se completamente. E todas as vezes que virava de frente para o sul, podia apreciar o fantástico espetáculo que Rama preparara especialmente para ele.

As serpentinas de fogo ainda voavam da ponta do Chifre Grande para os picos menores à sua volta, mas agora o conjunto inteiro estava animado de um movimento de rotação. A coroa luminosa de seis dentes girava em sentido contrário ao de Rama, completando uma revolução em poucos segundos. Jimmy teve a impressão de estar contemplando um gigantesco motor elétrico em operação, e

talvez isso não estivesse muito longe da verdade.

Ia a meio caminho da planície, sempre em órbita numa lenta espiral, quando o jogo pirotécnico subitamente cessou. Pôde sentir a tensão desaparecer do céu e não precisou de olhar para saber que os pelos dos seus braços já não estavam em pé. Não havia, agora, mais nada que o distraísse ou lhe fizesse obstáculo durante os últimos minutos de sua luta pela vida.

Agora que podia ter certeza da área em que iria pousar, começou a estudá-la atentamente. Grande parte dessa região era um tabuleiro de damas composto de ambientes os mais disparatados, como se a um jardineiro paisagista maluco se tivesse dado plena liberdade de exercer a sua imaginação. As casas desse tabuleiro mediam quase um quilômetro de lado, e embora a maioria delas fossem planas ele não estava seguro de que fossem sólidas, tamanha era a variedade de suas cores e texturas. Resolveu esperar até o último minuto possível antes de tomar uma decisão– se ainda pudesse escolher.

Quando faltavam umas poucas centenas de metros para bater no chão, chamou pela última vez o Cubo.

– Ainda tenho algum controle sobre a máquina... Tocarei no solo dentro de meio minuto. Tornarei a chamar então.

Eram palavras otimistas, e todos o compreenderam. Mas Jimmy se recusava a dizer adeus; queria que seus camaradas soubessem que ele caíra lutando, e sem medo.

Em verdade sentia muito pouco medo, e isso o surpreendia, pois nunca se considerara um homem particularmente bravo. Era quase como se estivesse observando os embates de um indivíduo completamente estranho, em que ele não estivesse pessoalmente envolvido. Ou melhor, como se estudasse um interessante problema de aerodinâmica, mudando vários parâmetros para ver o que aconteceria. Quase a única emoção que sentia era uma certa pena distante pelas oportunidades perdidas – a mais importante das quais eram as próximas Olimpíadas Lunares. Um futuro, pelo menos, estava decidido: a *Libélula* jamais mostraria as suas habilidades na Lua.

Ainda cem metros. Sua velocidade horizontal parecia aceitável, mas com que rapidez estava caindo? E, por sorte, o terreno era completamente plano.

Empregaria toda a sua força num ímpeto final, a começar de... AGORA!

A asa direita, tendo cumprido a sua obrigação, finalmente desprendeu-se pela base. A *Libélula* começou a rolar sobre si mesma e ele tentou corrigir esse movimento lançando todo o peso do seu corpo no sentido contrário ao da rotação.

Olhava diretamente para a extensa curva da paisagem que se arqueava a dezesseis quilômetros de distância quando bateu.

Pareceu-lhe o cúmulo da injustiça e.do absurdo que o céu fosse tão duro assim.

29 - PRIMEIRO CONTATO

QUANDO JIMMY PAK recobrou a consciência, a primeira coisa que sentiu foi uma lancinante dor de cabeça. Quase lhe deu as boas-vindas: pelo menos, provava que ele ainda vivia.

Procurou então mover-se, e uma variedade de dores simultâneas o fez desistir. Mas, tanto quanto lhe era dado saber, não parecia ter nenhuma fratura.

Depois aventurou-se a abrir os olhos, mas tornou a fechá-los imediatamente quando percebeu que estava olhando para a faixa de luz no teto do mundo. Como cura para dor de cabeça, essa vista não se recomendava.

Ainda estava estirado no chão, tratando de recobrar as forças e perguntando-se quanto tempo deveria deixar passar antes de abrir novamente os olhos, quando se fez ouvir um súbito, triturante ruído ali bem perto. Virando a cabeça muito devagar na direção da origem do som, arriscou uma espiadela – e quase voltou a perder os sentidos. A cinco metros dele, no máximo, um grande bicho com jeito de caranguejo parecia estar devorando os destroços da pobre *Libélula*. Quando conseguiu pôr suas idéias em ordem, Jimmy rolou sobre si mesmo vagarosamente, em silêncio, afastando-se do monstro, e esperando ser apresado a qualquer momento pelas garras deste, quando descobrisse que havia alguma coisa mais apetitosa ao seu alcance. No entanto, a criatura não lhe prestou a menor atenção, e depois de aumentar para dez metros a distância que os separava sentou o corpo cautelosamente, apoiando-se nas mãos.

Vista dessa distância maior, a coisa não parecia tão temível. Tinha um corpo baixo e chato, com cerca de três metros de comprimento e um de largura, suportado por seis patas triarticuladas. Jimmy viu que se enganara ao supor que tivesse estado a comer, pois nem sequer parecia ter boca. O que realmente fazia era um belo trabalho de demolição, utilizando as garras semelhantes a tesouras para cortar em pedacinhos a bicicleta celeste. Toda uma fila de manipuladores, que se pareciam extraordinariamente com mãos humanas, transferia então os fragmentos para uma pilha que crescia cada vez mais no lombo do animal.

Mas seria mesmo um animal? Se bem que essa tivesse sido a primeira reação de Jimmy, agora tinha outras idéias. No comportamento da criatura havia uma espécie de desígnio que sugeria uma inteligência bastante elevada; Jimmy não via por que um animal guiado pelo puro instinto havia de juntar cuidadosamente os pedaços esparsos da sua bicicleta celeste – a menos, talvez, que estivesse colhendo material para um ninho.

Sempre trazendo de olho o caranguejo, que ainda parecia não fazer o menor caso dele, Jimmy pôs-se laboriosamente em pé. Alguns passos vacilantes demonstraram que ele ainda podia caminhar, embora não tivesse certeza de que poderia deixar para trás aquelas seis patas na corrida. Ligou então o seu rádio, seguro de que estaria ainda funcionando. Um choque a que ele sobrevivera nem teria sido notado

pelo sólido aparelho eletrônico.

– Controle Central – disse baixinho. Estão me recebendo?

– Graças a Deus! Você está bem?

– Só um pouco abalado. Olhem isto aqui.

Voltou a objetiva da câmara para o caranguejo, a tempo de apanhar a demolição final da asa da *Libélula.*

– Que diabo de coisa é essa, e por que está mastigando a sua bicicleta?

– Isso é o que eu gostaria de saber. Já acabou com a *Libélula* e vou me pôr à fresca, para o caso de que queira fazer o mesmo comigo.

Jimmy retirou-se devagar, sem tirar os olhos de cima do caranguejo. Este, agora, dava_ voltas e mais voltas, numa espiral crescente – pelo visto, em busca de fragmentos que tivessem escapado à sua atenção; e assim, Jimmy pôde observá-lo pela primeira vez em sua totalidade.

Agora que o choque inicial havia passado, podia reconhecer que não faltava beleza ao animal. O nome de "caranguejo", que lhe dera automaticamente, era talvez um .tanto inadequado; porque, se não fosse tão grande, poderia ter dito escaravelho. A carapaça tinha um magnífico brilho metálico; e Jimmy teria quase jurado que se tratava efetivamente de metal.

Era uma idéia interessante. Poderia ser um robô, e não um animal? Olhou atentamente o caranguejo, com esse pensamento no cérebro, analisando todos os detalhes da sua anatomia. No lugar onde devia estar a boca via-se uma coleção de manipuladores, lembrando fortemente os canivetes multilaminados, que são o deleite de todo garoto buliçoso; havia tenazes, sondas, grosas, e até uma coisa que se parecia com uma broca. Nada disso, porém, era decisivo. Na Terra, o mundo dos insetos podia exibir réplicas de todas essas ferramentas e de muitas outras. O problema animal-ou-robô permanecia em perfeito equilíbrio na sua mente.

Os olhos, que poderiam ter resolvido a questão, deixavam-na ainda mais ambígua. Estavam tão profundamente engastados nos seus capuchos protetores que não se podia saber se os cristalinos eram feitos de cristal ou de gelatina.

Totalmente destituídos de expressão, tinham uma cor azul surpreendentemente viva. Embora se tivessem dirigido várias vezes para Jimmy, não mostraram o menor sinal, de interesse. Na opinião dele, talvez preconceituosa, isso decidia o nível de inteligência da criatura. Uma entidade – robô ou animal – capaz de desdenhar um ser humano não podia ser muito perspicaz.

Havia parado de dar voltas e ficou imóvel durante alguns momentos, como se escutasse alguma mensagem inaudível. Depois partiu, com uma curiosa andadura bamboleante, na direção do Mar. Andava em linha perfeitamente reta, a cinco ou seis quilômetros por hora, e já tinha percorrido uns duzentos metros quanto a mente de Jimmy, ainda não de todo refeita do choque, registrou o fato de que as relíquias da sua bem-amada *Libélula* lhe estavam sendo arrebatadas.

Lançou-se, indignado, em perseguição do raptor.

Seu ato não foi de todo ilógico. O caranguejo ia em direção ao Mar – e, se havia

socorro possível, só poderia vir de lá. Além disso, queria descobrir o que a criatura faria com o seu troféu; isso devia revelar alguma coisa no tocante à sua motivação e inteligência.

Por estar ainda machucado e rengo, Jimmy levou vários minutos a alcançar o caranguejo, que avançava resolutamente. Quando lhe chegou perto, seguiu-o a uma distância respeitosa, até certificar-se de que ele não se ressentia da sua presença. Foi então que notou entre os destroços da *Libélula* o seu cantil de água e a sua ração de emergência, e imediatamente sentiu fome e sede.

Ali, fugindo dele implacavelmente a cinco quilômetros por hora, iam o único alimento e a única bebida que havia naquela metade do mundo. Era preciso apoderar-se deles a todo custo.

Cautelosamente, foi se chegando ao caranguejo pela traseira direita.

Enquanto marcava passo com ele, estudou-lhe o complicado ritmo das patas até poder prever qual delas se adiantaria em qualquer momento. Quando se sentiu pronto, murmurou um rápido "Com licença" e avançou lesto para deitar a mão aos seus bens. Nunca sonhara que um dia teria de exercer as habilidades de um escrunchador, e estava encantado com o seu sucesso. Em menos de um segundo tornou a pôr pé em terra e o caranguejo nem sequer diminuiu a sua marcha regular.

Deixou-se ficar uns doze metros para trás, molhou os lábios no cantil e começou a mastigar uma barra de concentrado de carne. A pequena vitória o fazia sentir-se muito mais feliz. Agora podia até aventurar-se a pensar no seu futuro sombrio.

Enquanto há vida, há esperança; e contudo, ele não podia imaginar um meio de ser salvo. Mesmo que seus colegas atravessassem o Mar, como alcançálos meio quilômetro lá embaixo? "Havemos de encontrar um meio de descer", prometera o Controle Central. "Essa escarpa não pode dar volta ao mundo inteiro sem uma interrupção em alguma parte." Jimmy fora tentado a perguntar "Por quê?", mas preferira calar.

Uma das coisas mais estranhas, para quem caminhava no interior de Rama, era que sempre podia ver o seu ponto de destino. Aqui, a curva do mundo não escondia, *revelava.* Havia já algum tempo que Jimmy sabia qual o objetivo do caranguejo; além, naquela terra que parecia subir diante dele, havia uma cova de meio quilômetro de largo. Fazia parte de um grupo de três, no continente meridional; fora impossível, do Cubo, ver-lhes a profundidade. Todas haviam recebido os nomes de grandes crateras lunares, e aquela de que se aproximava agora era a de Copérnico. A denominação era pouco apropriada, pois faltavam as colinas circundantes e os picos centrais. Esta não passava de um poço profundo, com paredes perfeitamente verticais.

Quando se aproximou o suficiente para poder olhar o fundo, Jimmy viu uma água parada, de um ominoso verde plúmbeo, pelo menos meio quilômetro mais abaixo. Isto a colocava aproximadamente ao nível do Mar, e Jimmy perguntou-se se haveria alguma comunicação entre ambos.

Pelo interior do poço descia uma rampa em espiral, completamente escavada na

parede vertical, de modo que o efeito se parecia bastante com o estriamento de uma imensa alma de canhão. Impressionava o número de voltas; só depois de acompanhá-las através de várias revoluções, embaralhando-as cada vez mais, foi que Jimmy compreendeu que não se tratava de uma rampa, mas de *três,* completamente independentes e separadas umas das outras por uma distância angular de cento e vinte graus. Em qualquer ambiente que não fosse Rama, esse conceito teria sido um surpreendente *tour de force* arquitetônico. As três rampas conduziam diretamente para a água e mergulhavam na sua superfície opaca. Próximo à linha d'água Jimmy pôde distinguir um grupo de túneis ou cavernas negras; tinham um ar bastante sinistro, e ele perguntou a si mesmo se seriam habitadas. Talvez os ramaianos fossem anfíbios...

O caranguejo aproximou-se da beira do poço e Jimmy presumiu que ele fosse descer uma das rampas – talvez levando os destroços da *Libélula* a alguma entidade que fosse capaz de avaliá-la. Ao invés disso, a criatura caminhou direto até a beira, estendeu quase metade do corpo sobre o abismo sem a menor hesitação, se bem que um erro de alguns centímetros poderia ser desastroso – e sacudiu vigorosamente os ombros. Os fragmentos da *Libélula* desceram, esvoaçantes, para as profundezas; foi com lágrimas nos olhos que Jimmy os viu desaparecer. Eis em que redundava, pensou amargamente, a inteligência daquela criatura.

Depois de jogar fora o cisco, o caranguejo deu meia volta e começou a caminhar na direção de Jimmy, de quem não o separavam mais de dez metros.

Irei receber o mesmo tratamento? perguntava-se este. Enquanto exibia ao Controle Central o monstro que se aproximava rapidamente, esperou que a câmara não estivesse tremendo muito.

– Que conselho me dão? – perguntou, ansioso, sem muita esperança de receber uma resposta útil. Era um pequeno console pensar que estava fazendo história, e viu desfilar diante dos seus olhos, como um relâmpago, os padrões aceitos para um tal encontro.

Até agora, todos esses padrões tinham sido puramente teóricos. Ele seria o primeiro homem a testá-los na prática.

– Não corra enquanto não tiver certeza de que ele é hostil – respondeu o Controle Central, também cochichando. Mas correr para onde? Ele pensava que podia vencer aquela coisa numa corrida de cem metros, mas em longa distância – e sentia um frio nas entranhas ao imaginar isso – seria certamente derrotado pelo cansaço.

Lentamente, Jimmy ergueu as mãos abertas com as palmas para a frente.

Havia duzentos anos que se discutia sobre esse gesto: qualquer criatura, em qualquer parte do universo, o interpretaria como "Está vendo? Não tenho armas"? Mas ninguém tinha algo melhor a sugerir.

O caranguejo não mostrou nenhuma reação, e tampouco afrouxou a sua marcha. Sem fazer o menor caso de Jimmy, passou por ele caminhando resolutamente para o sul. O representante do *Homo sapiens,* que se sentia perfeitamente ridículo, viu o

seu Primeiro Contato dirigir-se para a planície ramaiana, numa total insensibilidade à sua presença.

Raramente fora tão humilhado em sua vida. Então veio-lhe em socorro o senso de humor. Afinal de contas, que importância tinha o sofrer uma desfeita de um caminhão de lixo animado? Seria pior se ele corresse a abraçá-lo como a um irmão desaparecido há muitos anos...

Voltou à orla de Copérnico e pôs-se a olhar as águas opacas lá no fundo.

Pela primeira vez notou a presença de formas vagas, algumas delas bem grandes, a mover-se de um lado para outro sob a superfície. Momentos depois, uma dessas formas dirigiu-se para a mais próxima espiral, e alguma coisa que parecia um tanque centípede deu início à longa subida. Na marcha em que ia, calculou Jimmy, levaria quase uma hora para chegar lá em cima; se era uma ameaça, era uma ameaça a muito longo prazo.

Notou, então, sinais de movimento muito mais rápido perto de uma daquelas aberturas com ar de cavernas, ao nível da água. Alguma coisa se deslocava com grande velocidade ao longo da rampa, mas ele não podia focalizála claramente, nem distinguir uma forma definida. Era como se estivesse olhando um pequeno ciclone ou torvelinho de vento, mais ou menos do tamanho de um homem...

Pestanejou e sacudiu a cabeça, conservando os olhos fechados durante alguns segundos. Quando tornou a abri-los, a aparição se dissipara.

Talvez o impacto o tivesse abalado mais do que pensava; esta era a primeira vez que sofria uma alucinação visual. Não mencionaria o fato ao Controle Central.

Tampouco se daria ao trabalho de explorar aquelas rampas, como quase se resolvera a fazer. Seria um evidente desperdício de energia.

O fantasma rodopiante que apenas imaginara ver não tinha relação nenhuma com a. sua decisão.

Absolutamente nenhuma; pois, naturalmente, Jimmy não acreditava em fantasmas.

30 - A FLOR

AS PERIPÉCIAS de Jimmy tinham-lhe dado sede, e ele tinha perfeita consciência de que em toda aquela terra não havia uma gota de água que um homem pudesse beber. Com o conteúdo do seu cantil poderia talvez sobreviver uma semana... mas para quê? Os melhores cérebros da Terra não tardariam a focalizar-se no seu problema; sem dúvida o Comandante Norton seria bombardeado por sugestões. Mas como encontrar um meio de descer aquela escarpa vertical de quinhentos metros? Mesmo que tivesse uma corda suficientemente longa, não havia onde amarrá-la.

Não obstante, era uma tolice – e uma falta de varonilidade – desistir sem luta. Todo socorro teria que vir do Mar, e enquanto para lá caminhava podia continuar o seu trabalho como se nada houvesse acontecido. Nenhum outro jamais observaria e fotografaria o variado terreno pelo qual devia passar, e isso lhe garantiria uma glória póstuma. Embora tivesse preferido muitas outras honras, sempre era melhor do que nada.

A distância que mediava entre ele e o Mar seria, para a pobre *Libélula,* de apenas três quilômetros, mas parecia improvável que pudesse alcançá-lo em linha reta; talvez fosse dificílimo atravessar alguns trechos do terreno à sua frente. Isso, todavia, não era problema, pois não faltavam outros caminhos que escolher. Jimmy podia vê-los todos, espalhados sobre o grande mapa curvo que se elevava lentamente à direita e à esquerda.

Sobrava-lhe tempo. Começaria pelo cenário mais interessante, embora o desviasse do caminho reto. A cerca de um quilômetro dali havia um quadrado que reluzia como cristal – ou como uma gigantesca exibição de pedras preciosas.

Foi talvez esse pensamento que estugou os passos de Jimmy.

Mesmo de um condenado à morte não seria de estranhar que se interessasse um pouco por alguns milhares de metros quadrados de gemas. Não ficou muito desapontado quando descobriu que eram cristais de quartzo, engastados, aos milhões, num leito de areia. A casa contígua do tabuleiro era mais interessante, pois estava coberta por um padrão de colunas metálicas ocas, distribuídas aparentemente por acaso, muito chegadas umas às outras, e cuja altura variava de um a cinco metros. Era completamente impérvia; só um tanque, derrubando tudo, poderia atravessar aquela floresta de tubos.

Jimmy caminhou entre os cristais e colunas até chegar à primeira encruzilhada. O quadrado à esquerda era um enorme tapete de arame trançado; procurou soltar um fio, mas sua força não bastou para rompê-lo. A esquerda havia um mosaico de tijoletas hexagonais, tão bem embutidas que não se podia ver as juntas. Daria a impressão de uma superfície contínua se as tijoletas não tivessem todas as cores do arco-íris. Jimmy gastou muitos minutos procurando descobrir duas delas que fossem da mesma cor, para ver se poderia então distinguir os seus limites, mas não

encontrou um único exemplo de tal coincidência.

Enquanto tomava uma lenta vista panorâmica em volta da encruzilhada, falou para o Controle Central em tom queixoso:

– Que pensam disto? Eu cá tenho a impressão de ter sido encaixado num gigantesco quebra-cabeças de armar. Ou será que é a Galeria de Arte Ramaiana?

– Estamos tão perplexos quanto você, Jimmy. Mas nunca se viu o menor sinal de que os ramaianos fossem também artistas. Vamos esperar até que tenhamos mais alguns exemplos antes de tirar conclusões.

Os dois exemplos que ele foi encontrar na próxima encruzilhada não ajudaram muito. Um deles era a própria imagem do desnudamento – um cinzento liso e neutro, duro mas escorregadio ao tato. O outro era uma esponja macia, perfurada por bilhões e bilhões de buraquinhos. Experimentou-o com o pé, e toda a superfície ondulou de maneira nauseante debaixo dele, como uma areiaengolideira mal-e-mal estabilizada.

Na encruzilhada seguinte encontrou algo que se parecia notavelmente com um campo lavrado – só que os sulcos mediam uniformemente um metro de profundidade e o material de que eram feitos tinha a textura de uma lima ou grosa; mas deu pouca atenção a isso, porque o quadrado adjacente era, de todos os que tinha visto até agora, o que mais fazia pensar. Finalmente havia alguma coisa que podia compreender; e era bastante perturbadora.

Todo o quadrado era circundado por uma cerca, tão convencional que não teria olhado duas vezes para ela se a visse na Terra. Tinha mourões – aparentemente de metal, com cinco metros de intervalo, e seis fios de arame muito esticado.

Além dessa cerca havia outra, idêntica a ela, e além dessa uma terceira.

Era mais um exemplo típico da redundância ramaiana; tudo que estivesse preso nessa encerra não teria possibilidade de escapar. Não havia entradas – nenhum portão que se pudesse abrir para encurralar ali o animal ou animais que presumivelmente a habitavam. Em compensação, no centro do quadrado havia um poço único, como uma versão menor de Copérnico.

Mesmo em outras circunstâncias era provável que Jimmy não tivesse hesitado, mas agora não tinha nada a perder. Escalou rapidamente as três cercas, caminhou para o poço e olhou para baixo.

À diferença de Copérnico, este só tinha cinquenta metros de profundidade.

No fundo havia três bocas de túnel, cada uma das quais parecia bastante grande para dar passagem a um elefante. E era tudo.

Depois de olhar durante algum tempo, Jimmy concluiu que a única coisa que poderia fazer sentido em todo aquele arranjo era que o fundo do poço fosse um elevador. Mas que é que esse elevador transportava? Talvez nunca viesse a sabê-lo. Só podia conjeturar que devia ser algo muito grande e possivelmente muito perigoso.

Durante as próximas horas, caminhou mais de dez quilômetros pela beira do Mar, e as casas do tabuleiro começaram a confundir-se na sua memória.

Tinha visto algumas que estavam totalmente encerradas em estruturas semelhantes a barracas feitas de tela de arame, como se fossem enormes gaiolas.

Outras pareciam ser poças de líquido congelado, com marcas de remoinhos; no entanto, quando as testara com cautela achara-as perfeitamente sólidas. E havia uma tão absolutamente negra que nem sequer a podia ver com clareza; só o sentido do tato lhe mostrava que havia qualquer coisa ali. Contudo, graças a uma sutil modulação, agora surgia algo que ele podia compreender. Sucedendo-se uns aos outros em direção ao sul, havia uma série de – nenhuma outra palavra podia servir – *campos*. Era como se estivesse passando por uma fazenda experimental na Terra; cada casa do tabuleiro era um quadrado de terra cuidadosamente nivelada, a primeira que ele via nas paisagens metálicas de Rama.

Os extensos campos eram virgens e sem vida – à espera de searas que nunca tinham sido plantadas. Qual seria o seu propósito, visto ser incrível que criaturas tão avançadas como os ramaianos se dedicassem a uma forma qualquer de agricultura quando até na Terra esta não era mais do que um *hobby* muito em voga e uma fonte de alimentos exóticos de luxo? Mas Jimmy teria jurado que se tratava de fazendas potenciais, preparadas com o máximo carinho. Nunca tinha visto uma terra que parecesse tão limpa; cada quadrado era recoberto por um lençol de plástico duro e transparente. Tentou cortá-lo para obter uma amostra, mas o seu canivete não fez mais do que arranhar a superfície.

Mais para o interior havia outros campos, e muitos deles continham complicadas estruturas de varas e arames, presumivelmente destinadas a servir de suporte para plantas trepadeiras. Pareciam muito despidas e desoladas, como árvores sem folhas no mais forte do inverno. O inverno que tinham conhecido devia ter sido longo e realmente terrível, e essas poucas semanas de luz e calor não representavam mais que um breve interlúdio até que ele voltasse.

Jimmy não saberia dizer o que o fez parar e olhar com mais atenção aquele labirinto metálico. Inconscientemente, seu espírito devia estar tomando nota de todos os detalhes da paisagem; e registrara, nessa paisagem fantástica, alguma coisa ainda mais anômala.

Cerca de um quarto de quilômetro adiante, no meio de uma latada de varas e arames, destacava-se uma mancha isolada de cor. Era tão pequena e modesta que se achava, por assim dizer, no limite da visibilidade; na Terra, ninguém teria olhado duas vezes para ela. Contudo, uma das razões de haver reparado nela agora era, indubitavelmente, o fato de lembrar-lhe a Terra...

Não comunicou o fato ao Controle Central enquanto não teve certeza de que não se havia enganado, de que não estava sendo iludido por uma fantasia do seu próprio desejo. Só quando chegou a poucos metros do objeto de sua curiosidade pôde ter certeza de que a vida, tal como a conhecia, se havia introduzido no mundo estéril e asséptico de Rama. Porque ali, em solitário esplendor na orla do continente meridional, havia desabrochado uma flor.

Ao aproximar-se ainda mais, tornou-se-lhe evidente que alguma coisa falhara nos

planos dos construtores de Rama. Havia um buraco no forro que, presumivelmente, protegia a camada de terra de contaminação por formas indesejadas de vida. Por essa solução de continuidade saía uma haste verde, mais ou menos da grossura de um dedo mínimo de homem, que trepava enroscando-se nos arames da latada. A um metro do solo, rebentava numa erupção de folhas azuladas, mais parecidas com penas do que com a folhagem de qualquer planta conhecida por Jimmy. A haste terminava, ao nível do olho, por aquilo que, a princípio, ele tomara por uma flor só. Agora via, sem nenhuma surpresa em absoluto, que eram, em realidade, três flores compacta-mente unidas.

As pétalas eram tubos de cor viva, com uns cinco centímetros de comprimento; havia pelo menos cinquenta em cada flor, e rebrilhavam com azuis, violetas e verdes tão metálicos que mais pareciam asas de borboleta do que uma coisa pertencente ao reino vegetal. Jimmy não sabia praticamente nada de Botânica, mas intrigava-o a ausência de quaisquer estruturas que se assemelhassem a pétalas ou estames. A parecença com as flores terrestres seria pura coincidência? Talvez houvesse mais afinidade com um pólipo de coral; fosse como fosse, parecia implicar a existência de pequenos seres voadores que serviriam ou como agentes fertilizantes – ou de alimento.

Na verdade, isso não tinha importância. Qualquer que fosse a definição científica, para Jimmy era uma flor. O estranho milagre, o acidente tão insólito em Rama, lembrava-lhe todas as coisas que nunca tornaria a ver; e estava decidido a apossar-se dela.

Isso não seria fácil. Separavam-nos mais de dez metros e uma latada feita de delgadas varas que formavam um padrão cúbico várias vezes repetido, com menos de quarenta centímetros de aresta. Jimmy não andaria pilotando bicicletas celestes se não fosse um homem esguio e musculoso; tinha, pois, certeza de que poderia meter-se pelos interstícios da grade. Mas a dificuldade estaria em sair lá de dentro: ser-lhe-ia certamente impossível virar-se, de modo que teria de retirar-se em marcha à ré.

O Controle Central ficara encantado com a sua descoberta quando descrevera a flor e a filmara sob todos os ângulos possíveis. Ninguém objetou quando ele disse: "Vou buscá-la". Não esperava, mesmo, que objetassem; sua vida lhe pertencia agora, e podia fazer dela o que lhe aprouvesse.

Tirou toda a roupa, segurou as varas metálicas e começou a enfiar-se na armação. Mal havia espaço para passar, e tinha a impressão de ser um prisioneiro escapando entre as barras da sua cela. Depois de inserir-se completamente na latada, experimentou sair de novo, para ver se haveria problemas. Era consideravelmente mais difícil, visto que agora tinha de usar os braços estendidos para empurrar em vez de puxar, mas não via por que ficar preso ali sem apelação. Jimmy era um homem de ação e impulso, não de introspecção. Enquanto progredia penosamente, retorcendo-se, ao longo do estreito corredor de varas metálicas, não perdeu tempo em indagar por que estava realizando uma façanha tão quixotesca. Em toda a sua

vida nunca se interessara por flores, e agora estava gastando suas últimas reservas de energia para colher uma.

Em verdade, este espécime era único, e de enorme valor científico. Mas queria-o para si porque era o derradeiro elo que o ligava à vida e ao seu planeta natal.

Não obstante, quando viu a flor ao alcance da sua mão, teve um escrúpulo repentino. Talvez fosse a única flor existente em Rama: era justo que a apanhasse?

Se precisasse de uma justificativa, podia consolar-se com o pensamento de que os próprios ramaianos não a tinham incluído em seus planos. Era, evidentemente, uma anomalia que germinara com um atraso – ou uma antecipação – de centenas de milhares de anos. Mas em realidade ele não necessitava de uma escusa, e sua hesitação era apenas momentânea. Estendeu a mão, segurou a haste e deu um forte puxão.

A flor desprendeu-se com muita facilidade; Jimmy arrancou também duas folhas e começou a recuar lentamente através da latada. Agora que só tinha uma mão livre era extremamente difícil e mesmo doloroso deslocar-se, e logo teve de parar a fim de recobrar o fôlego. Foi então que notou que as folhas peniformes se estavam fechando e que a haste decapitada se desprendia lentamente dos seus suportes. Enquanto observava essas coisas com um misto de fascínio e consternação, viu que toda a planta se retirava para o solo, como uma serpente mortalmente ferida se arrasta para a sua toca.

"Matei uma coisa bela", disse Jimmy a si mesmo. Mas Rama não o tinha matado também? Estava apenas cobrando o que era seu de direito.

31 - VELOCIDADE TERMINAL

O COMANDANTE NORTON nunca perdera ainda um homem e não pretendia começar agora. Mesmo antes de Jimmy ter partido para o Pólo Sul, estivera estudando os meios de salvá-lo em caso de acidente. O problema, contudo, se revelara muito difícil, e não tinha encontrado uma resposta. Só conseguira uma coisa, que era eliminar todas as soluções óbvias.

Como se sobe uma escarpa vertical de meio quilômetro de altura, mesmo numa gravidade reduzida? Com o equipamento e o treinamento adequados, seria bastante fácil. Não havia lança-arpões a bordo da *Endeavour* e ninguém podia imaginar outro meio prático de cravar as centenas de pregões necessários naquela superfície dura e espelhada.

Dera um breve relance de olhos a outras soluções mais exóticas, algumas delas francamente malucas. Talvez um *simp,* munido de discos de sucção, pudesse fazer a escalada. Mas, embora esse plano fosse prático, quanto tempo seria preciso para fabricar e testar o equipamento e treinar um *simp* no seu uso?

Norton duvidava que um homem tivesse a força necessária para levar a façanha até o fim.

Mas havia uma tecnologia mais avançada. As unidades de propulsão de AEV eram tentadoras, mas tinham uma força propulsora muito fraca por se destinarem a operar em gravidade zero. Eram incapazes de erguer o peso de um homem, mesmo contra a modesta gravidade de Rama.

Seria possível enviar um propulsor de AEV pelo controle automático, levando apenas uma corda de salvação? Havia experimentado essa idéia com o Sargento Myron, que prontamente abatera a máquina, envolta em chamas.

Segundo frisara o engenheiro, havia sérios problemas de estabilidade; podiam ser resolvidos, mas isso tomaria muito tempo – muito mais do que lhes convinha.

E quanto a balões? Parecia haver uma leve possibilidade nesse setor, se conseguissem arranjar um envoltório e uma fonte suficientemente compacta de calor. Esse era o único enfoque que Norton não tinha rejeitado quando o problema cessou repentinamente de ser teórico para se converter numa questão de vida ou de morte, dominando os noticiários em todos os mundos habitados.

Enquanto Jimmy fazia a sua peregrinação pela beira do Mar, metade dos aloprados do Sistema Solar estavam procurando salvá-lo. No Quartel-General da Frota, todas as sugestões eram levadas em consideração, e cerca de uma em mil era encaminhada à *Endeavour*. A do Dr. Carlisle Perera chegou duas vezes – uma pela rede do próprio Serviço de Observação e a outra pelo PLANETCOM, Prioridade Rama. Absorvera aproximadamente cinco minutos de reflexão por parte do cientista e um milissegundo de tempo de computador.

A princípio, o Comandante Norton achou que aquilo era uma pilhéria de muito mau gosto. Depois viu o nome do remetente e os cálculos anexos, e mudou

rapidamente de atitude. Passou a mensagem a Karl Mercer.

– Que pensa você disto? – perguntou na voz mais neutra que pôde arranjar.

Karl leu tudo num instante e disse:

– Pois diabos me levem! Ele tem razão, é claro.

– Tem certeza?

– Ele acertou no caso da tempestade, não acertou? Nós devíamos ter pensado nisto. Faz com que eu me sinta um imbecil.

– Você não é o único. O problema seguinte é: como dar a notícia a Jimmy?

– Não creio que devamos dá-la... Só no último momento possível.

– Isso é o que eu preferiria se estivesse no lugar dele. Diga-lhe apenas que nós vamos lá.

Embora pudesse enxergar o outro lado do Mar Cilíndrico e soubesse mais ou menos a direção em que vinha a *Resolution,* Jimmy só avistou o pequenino barco depois que este havia passado Nova Iorque. Parecia incrível que ele pudesse acomodar seis homens – e o equipamento, fosse lá qual fosse, que traziam para socorrê-lo.

A um quilômetro de distância reconheceu o Comandante Norton e começou a abanar a mão. Momentos depois Norton avistou-o e retribuiu a saudação.

– Prazer em vê-lo tão bem disposto, Jimmy – disse pelo rádio.

– Eu lhe prometi que não o deixaríamos para trás. Me acredita agora?

Não de todo, pensou Jimmy. Até este momento desconfiara de que aquilo fosse uma bondosa conspiração para levantar-lhe o moral. Mas o Comandante não teria atravessado o Mar só para lhe dizer adeus; devia ter arquitetado algum plano.

– Acreditarei, Capitão, quando estiver aí no convés com os senhores – respondeu. – Mas como chegarei lá?

A *Resolution* estava diminuindo a marcha, a cem metros da base da escarpa. Que Jimmy pudesse ver, não trazia nenhum equipamento fora do comum – embora ele não soubesse dizer exatamente o que esperava.

– Lamento muito, Jimmy... mas queríamos evitar-lhe tanto quanto possível os motivos de preocupação.

Hum... Estas palavras não auguravam nada de bom. Que diabo queria ele dizer?

A *Resolution* parou a cinquenta metros de distância na horizontal e quinhentos na vertical. Jimmy viu quase a voo de pássaro o Comandante falando ao microfone.

– Este é o negócio, Jimmy. Você não correrá nenhum perigo, mas será preciso ter coragem. Sabemos que coragem não lhe falta. *Você vai saltar*.

– Quinhentos metros!

– Sim, mas em meia gravidade apenas.

– E daí? O senhor já saltou cinquenta metros na Terra?

– Cale a boca, senão eu cancelo a sua próxima licença. Você mesmo devia ter feito o cálculo. É simplesmente uma questão de velocidade terminal. Nesta atmosfera, não pode ir além de noventa quilômetros por hora, quer caia de duzentos, quer de dois mil metros.

Noventa já e bastante, é verdade, mas a gente pode reduzir isso um pouco.

Eis o que você terá de fazer; ouça, portanto, com cuidado.

– Estou ouvindo - disse Jimmy. - Trate de ser convincente senão...

Não tornou a interromper o Comandante, nem fez qualquer comentário quando Norton terminou. Sim, a proposta fazia sentido, e era tão absurdamente simples que só um gênio podia ter concebido tal idéia. Ou, talvez, alguém que não esperasse pô-la em prática pessoalmente...

Jimmy nunca havia experimentado o mergulho de grande altura nem dado um salto retardado de pára-quedas, o que lhe teria proporcionado uma certa preparação psicológica para esta façanha. Podia-se explicar a um homem que era perfeitamente seguro atravessar um abismo caminhando sobre uma prancha – e contudo, ainda que os cálculos estruturais fossem impecáveis, ele seria, talvez, incapaz de fazê-lo. Jimmy compreendia agora por que o Comandante tinha sido tão evasivo no que dizia respeito aos detalhes do salvamento. Não lhe haviam dado tempo para refletir nem para encontrar objeções.

– Não desejo apressá-lo – disse a voz persuasiva de Norton meio quilômetro lá embaixo, – mas quanto mais cedo, melhor.

Jimmy olhou para o seu precioso *souvenir,* a única flor encontrada em Rama. Envolveu-a com o maior cuidado no seu lenço sujo, deu um nó no tecido e atirou-o sobre a borda da escarpa.

O conjunto desceu flutuando com tranquilizadora lentidão, mas também demorou muito tempo a cair, diminuindo cada vez mais de tamanho até que não pôde mais vê-lo. Mas então a *Resolution* deu um arranco para a frente e ele compreendeu que o objeto tinha sido avistado.

– Lindo! – exclamou o Comandante, entusiasmado. – Tenho certeza de que lhe darão o seu nome. Muito bem – estamos esperando...

Jimmy tirou a camisa – a única peça de roupa superior que se usava naquele clima agora tropical – e estirou-a pensativamente. Por várias vezes em suas caminhadas estivera a ponto de lançá-la fora; agora, talvez contribuísse para salvar-lhe a vida.

Pela última vez, virou-se para o mundo oco que só ele havia explorado, e os distantes, ominosos pináculos do Chifre Grande e dos Pequenos Chifres.

Depois, segurando firmemente a camisa com a mão direita, deu uma corrida para saltar tão longe quanto possível da beira da escarpa.

Agora não havia pressa, pois dispunha de vinte segundos para deleitar-se com a experiência. Mas não perdeu tempo enquanto o vento se fazia mais rijo à sua volta e a *Resolution* se expandia lentamente no seu campo de visão.

Segurando a camisa com ambas as mãos, estendeu os braços acima da cabeça, para que o ar fragoroso enfunasse o pano e o transformasse num tubo retesado.

Como pára-quedas, não se podia dizer que fosse um sucesso; os poucos quilômetros horários eram úteis, porém não vitais. Estava prestando um serviço muito mais importante, que era conservar-lhe o corpo em posição vertical, de modo

que mergulharia no Mar direito como uma flecha.

Ainda tinha a impressão de que não se movia em absoluto, mas a água lá embaixo é que se arremessava na sua direção. Depois de ter-se decidido, não sentiu medo; estava até um pouco indignado com o capitão por não lhe ter dito nada. Pensaria realmente que ele teria medo de saltar se meditasse muito tempo sobre isso?

No último momento largou a camisa, encheu os pulmões de ar e apertou a boca e o nariz com ambas as mãos. De acordo com as instruções que recebera, endureceu o corpo até tornar-se como uma barra rígida, e cruzou os pés com força. Entraria na água como uma lança que cai...

– Será exatamente o mesmo que dar um passo além da extremidade de um trampolim na Terra. – Não há nenhum problema... *se* você entra bem na água.

– E se não entro? – perguntou ele.

– Então terá de voltar e tentar de novo.

Alguma coisa bateu-lhe nos pés – com força, porém não violentamente.

Um milhão de mãos viscosas lhe dilaceravam o corpo; havia uma atroada nos seus ouvidos, uma crescente pressão – e, embora conservasse os olhos firmemente cerrados, podia notar que ia escurecendo à medida que mergulhava nas profundezas do Mar Cilíndrico.

Com toda a sua força, começou a nadar para cima em direção à desmaiada luz. Não podia abrir os olhos por mais tempo do que durava uma piscadela; quando o fazia, sentia a água venenosa como se fosse um ácido.

Parecia estar lutando há milênios, e mais de uma vez teve medo, como num pesadelo, de haver perdido a orientação e estar, em verdade, nadando para baixo.

Arriscava então outra rápida olhadela, e de cada vez a luz era mais forte. Ainda tinha os olhos apertados com força quando assomou à tona. Engoliu um precioso hausto de ar, ficou boiando de costas e olhou em redor de si.

A *Resolution* dirigia-se para ele a toda a velocidade; segundos depois, mãos ansiosas o agarravam e arrastavam para bordo.

– Engoliu alguma água? – foi a pergunta apreensiva do Comandante.

– Não creio.

– Enxágue a boca com isto, em todo caso. Assim! Como se sente?

– Não sei dizer ao certo. Daqui a pouco lhes digo. Olhem... muito obrigado a todos.

Mal se havia passado um minuto e Jimmy sabia perfeitamente como se sentia.

– Vou vomitar – disse, branco como um lençol. Seus salvadores ficaram incrédulos.

– Numa calmaria morta... num mar liso como um espelho? – protestou a Sargenta Barnes, que parecia considerar a indisposição de Jimmy como um ataque frontal à sua competência.

– Eu não chamaria isso de *mar liso* – disse o Comandante, abarcando com um gesto do braço a banda de água que fazia a volta, do céu. – Mas não se envergonhe...

Você pode ter engolido um pouco dessa coisa. Ponha-a para fora o mais cedo possível.

Jimmy ainda fazia força, lastimosamente e sem nenhum sucesso, quando houve um súbito relâmpago no céu às costas do grupo que o assistia. Todos os olhares se voltaram para o Pólo Sul e Jimmy esqueceu instantaneamente as suas náuseas. Os Chifres haviam recomeçado a sua exibição pirotécnica.

Lá estavam as serpentinas de fogo, medindo um quilômetro de comprimento, que dançavam do espigão central para os seus companheiros menores. Mais uma vez deram início àquela majestosa rotação, como se dançarinas invisíveis enrolassem fitas no *maypole** elétrico. Mas agora começaram a acelerar, movendo-se cada vez mais depressa até se confundirem num cintilante cone de luz.

Era um espetáculo ainda mais intimidador do que todos os demais que tinham visto ali até agora,e fazia-se acompanhar por aquele distante bramido entrecortado de estalos que aumentava a impressão de uma força irresistível.

Durou cerca de cinco minutos, depois cessou abruptamente, como se alguém houvesse desligado um comutador elétrico.

– Eu gostaria de saber o que o Comitê Rama pensa disto – murmurou Norton, sem se dirigir a ninguém em particular. – Alguém aqui tem uma teoria?

Não houve tempo para responderem, pois nesse momento o Comitê Central chamou com uma voz muito excitada.

– *Resolution!* Estão bem? Sentiram isso?

– Sentimos *o quê?*

– Pensamos que foi um terremoto. Deve ter acontecido no momento em que pararam os fogos.

– Alguma alteração?

– Não creio. Não chegou a ser violento... mas nos sacudiu um pouco.

– Nós não sentimos absolutamente nada. Mas isso é natural, aqui no mar.

– Sim, claro. Que tolice a minha! De qualquer forma, tudo parece estar tranquilo agora... até a próxima vez.

– Sim, até a próxima vez – ecoou Norton. O mistério de Rama crescia cada vez mais; quanto mais coisas descobriam, menos compreendiam.

Ouviu-se um grito repentino da timoneira.

– Capitão, olhe! Lá em cima, no céu!

Norton alçou os olhos e percorreu rapidamente o circuito do mar. Nada viu enquanto o seu olhar não alcançou o zênite, fixando-se no outro lado do mundo.

– Meu Deus! – murmurou lentamente, como se compreendesse que a "próxima vez" já tinha chegado.

Um enorme vagalhão corria na direção deles, descendo a eterna curva do Mar Cilíndrico.

* Mastro enfeitado dos festejos da primavera, em 1º de maio, no Reino Unido (N. do T.).

32 - A ONDA

CONTUDO, mesmo nesse momento de choque, o primeiro cuidado de Norton foi com a sua nave.

– *Endeavour!* – gritou. – Comunique a situação!

– Tudo O.K., Capitão – respondeu a voz tranquilizadora do imediato. – Sentimos um leve tremor, porém nada que pudesse causar danos. Houve uma pequena mudança de posição... A ponte diz que cerca de zero vírgula dois graus.

Também pensa que a velocidade de rotação se alterou ligeiramente; teremos uma leitura exata dentro de dois minutos.

"Então a coisa já começou", pensou Norton, "e muito mais cedo do que esperávamos; ainda estamos longe do periélio e do momento indicado para uma mudança de órbita." Mas alguma espécie de centragem estava indubitavelmente ocorrendo – e talvez viessem a sofrer ainda outros choques.

Entrementes, os efeitos deste primeiro eram bem evidentes lá em cima, no lençol curvo de água que parecia estar a cair perpetuamente do céu. A onda ainda vinha a uns dez quilômetros de distância, e estendia-se sobre toda a largura do Mar, da margem setentrional à meridional. Nas proximidades da terra, era uma espumejante parede branca, mas em águas mais profundas era uma linha azul quase invisível, que se movia muito mais depressa do que a arrebentação nos dois flancos. A resistência dos baixios da costa já começara a curvá-la em arco, com a parte central ganhando cada vez mais dianteira.

– Sargenta – disse Norton numa voz urgente. – Isto compete a você. Que podemos fazer?

A Sargenta Barnes já imobilizara completamente a jangada e estudava a situação, atenta. Norton observou com alívio que sua expressão não mostrava sinais de alarma – e sim de uma certa excitação eufórica, como um bom atleta que vai aceitar um desafio.

– Precisávamos fazer algumas sondagens – disse ela. – Se a água é funda aqui, não há motivo para preocupações.

– Então não há perigo. Estamos ainda a quatro quilômetros da praia.

– Assim espero, mas preciso estudar a situação.

Tornou a acionar o motor e fez *a Resolution* dar meia volta, até que se pôs de novo em marcha, de proa para a onda que se aproximava. Norton calculou que a parte central, no seu célere avanço, os alcançaria em menos de cinco minutos; mas também podia ver que ela não representava um sério perigo. Não era mais do que uma mareta veloz, com uma fração de metro de altura, e mal sacudiria o barco. As muralhas de espuma que vinham muito atrás é que constituíam a verdadeira ameaça.

De repente, bem no centro do mar, apareceu uma linha de ondas de rebentação. O vagalhão chocara-se, evidentemente, contra uma muralha submersa, medindo

vários quilômetros de largura e situada não muito abaixo da superfície. Ao mesmo tempo, as rebentações dos dois flancos se aplanaram ao encontrar água mais funda.

"Chapas anti-esparrinho", pensou Norton. "Exatamente o mesmo que nos tanques de combustível da *Endeavour,* mas em escala mil vezes maior. Deve haver um sistema complexo dessas chapas em toda a volta do Mar, para amortecer qualquer onda o mais rapidamente possível. A única coisa que importa de momento é: estaremos em cima de uma delas?"

A Sargenta Barnes ia um pulo à frente dele. Fez logo parar a *Resolution* e lançou ferro. Este tocou no fundo a apenas cinco metros.

– Puxem o barco! – gritou ela aos seus companheiros de tripulação. – Temos de sair daqui!

Norton concordou pressurosamente; mas em que direção? A Sargenta ia a toda velocidade para a onda, que só cinco quilômetros separavam agora deles.

Pela primeira vez o Comandante pôde ouvi-la aproximar-se – um distante, inconfundível bramido que nunca esperara escutar no interior de Rama. De repente, mudou de intensidade; a porção central se estava aplanando mais uma vez – enquanto os flancos tornavam a crescer.

Norton tentou estimar a distância entre os defletores submersos, na hipótese de que estivessem separados por intervalos iguais. A ser assim, faltava vir um ainda; se conseguissem imobilizar a jangada na água profunda entre dois deles, estariam perfeitamente a salvo.

A Sargenta Barnes desligou o motor e lançou de novo a âncora, que desta vez desceu trinta metros sem tocar no fundo.

– Estamos fora de perigo - disse ela com um suspiro de alívio. – Mas vou conservar o motor em funcionamento.

Só restavam, agora, as paredes retardadas de espuma ao longo da costa; além, no centro do Mar, reinava novamente a calma, com exceção da modesta onda azul que ainda corria na direção deles. A Sargenta limitava-se a manter *a Resolution* na rota, a proa voltada para a agitação, pronta para dar toda força ao motor a qualquer momento.

Foi então que, apenas dois quilômetros diante deles, o Mar pôs-se de novo a espumar. Corcoveou, sacudindo furioso a juba branca, e o seu bramido pareceu encher o mundo inteiro. Ã onda do próprio Mar Cilíndrico, com os seus dezesseis quilômetros de altura, sobrepunha-se uma onda menor, como uma avalancha que se despenha tonitruante pela falda de uma montanha.

A Sargenta Barnes devia ter visto a expressão dos rostos de seus companheiros, pois gritou, mais forte do que o rugir das águas:

– Por que têm medo? Já cavalguei outras maiores do que esta. Isso não era bem verdade, e tampouco quis ela acrescentar que suas experiências anteriores tinham ocorrido a bordo de um sólido barco de *surfing* e não numa jangada improvisada.

– Mas, se tivermos de saltar, esperem que eu lhes diga. Verifiquem como estão as suas jaquetas salva-vidas.

"Ela é magnífica", pensou o Comandante, visivelmente tão encantado como um guerreiro viking que se lança ao combate. "E é provável que tenha razão... a menos que tenhamos cometido um grave erro de cálculo."

A onda continuava a crescer, curvando-se no alto e preparando-se para desabar. A inclinação do Mar diante deles devia exagerar-lhe a altura, pois parecia enorme – uma força irresistível da natureza que esmagaria tudo quanto encontrasse pela frente.

Foi então que, num espaço de segundos, o vagalhão se aplanou como se os seus fundamentos tivessem sido arrancados de baixo dele. Tinha passado a barreira submersa e estava de novo em água profunda. Um minuto depois, quando os alcançou, tudo que fez a *Resolution* foi balouçar várias vezes, até que a Sargenta Barnes deu meia volta e lançou a jangada a toda a velocidade para o norte.

– Obrigado, Ruby. Isso foi esplêndido. Mas estaremos em casa antes que ela volte pela segunda vez?

– Provavelmente não. Voltará dentro de uns vinte minutos, mas terá perdido toda a sua força e mal repararemos nela.

Agora que a onda havia passado, podiam ficar tranquilos e gozar a viagem – se bem que ninguém se sentiria à vontade enquanto não tivessem tornado a pôr os pés em terra. A perturbação enchera o Mar de remoinhos errantes, além de levantar um singularíssimo cheiro acídico – "como de formigas esmagadas", na acertada comparação de Jimmy. Conquanto desagradável, o cheiro não provocou nenhum dos ataques de enjôo que seriam de esperar;.era algo tão insólito que a filosofia humana não tinha reação apropriada.

Um minuto depois a onda chocou-se com a seguinte barreira submarina, enquanto se afastava deles em curva ascendente para o céu. Dessa vez, visto pela retaguarda, o espetáculo era insignificante e fez com que os viajantes se envergonhassem de seu susto anterior. Começavam a sentir-se senhores do Mar Cilíndrico.

Tanto maior foi, pois, o choque quando, não mais de cem metros adiante, algo que parecia uma roda a girar lentamente começou a surgir à tona.

Reluzentes raios metálicos, com cinco metros de comprido, emergiram do mar pingando água, continuaram sua rotação por um momento na crua luz ramaiana e tornaram a mergulhar esparrinhando água. Era como se uma estrela-do-mar gigante, de braços tubulares, houvesse aparecido à superfície.

À primeira vista, era impossível dizer se se tratava de um animal ou de uma máquina. Depois aquilo tombou e ficou semicoberto pela água, balouçandose nos débeis remanescentes da onda.

Podiam ver agora que o objeto tinha nove braços, aparentemente articulados, irradiando de um disco central. Dois desses braços estavam mutilados, com a última junta arrancada. Os outros terminavam numa complicada coleção de manipuladores que lembrou vivamente a Jimmy o caranguejo que tinha encontrado. As duas criaturas procediam da mesma linha evolutiva – ou da mesma

prancheta de desenho.

No centro do disco havia um pequeno torreão em que se alojavam três grandes olhos. Dois deles estavam fechados, um aberto – mas até esse parecia vazio e cego. Ninguém duvidou de que estivessem assistindo aos últimos estertores de algum estranho monstro jogado à tona pela perturbação submarina que acabava de passar.

Viram, então, que a estrela-do-mar não estava só. Ã sua volta nadavam, beliscando-lhe os membros que se moviam debilmente, dois pequenos animais que tinham o ar de avantajadas lagostas. Estavam despedaçando eficientemente o monstro e este não resistia, embora as suas próprias pinças se afigurassem muito capazes de aniquilar os atacantes. Mais uma vez Jimmy lembrou-se do caranguejo que demolira a *Libélula*. Observou atentamente o conflito unilateral que prosseguia e não tardou a confirmar a sua impressão.

– Olhe, Capitão – cochichou ele. – Está vendo? Não estão comendo o outro.

Nem sequer têm boca. *Estão simplesmente dividindo-o em pedaços*. Foi exatamente o que aconteceu com a *Libélula*.

– Você tem razão. Estão desmontando-o... como a uma máquina quebrada. – Norton franziu o nariz. – Mas jamais uma máquina morta cheirou assim!

De repente teve outro pensamento.

– Meu Deus... e se eles vêm atrás de nós! Ruby, nos leve de volta à terra o mais depressa que puder!

A *Resolution* deu uma violenta arrancada, com a maior desconsideração pela vida de suas pilhas. Lá atrás, os nove braços da grande estrela-do-mar – não tinham podido encontrar um nome melhor para ela – iam encurtando cada vez mais, e daí a pouco os atores da fantástica cena tornavam a desaparecer no fundo do Mar.

Ninguém os perseguiu, mas não respiraram tranquilos enquanto a *Resolution* não encostou ao desembarcadouro mais próximo e, agradecidos, puseram pé em terra. Virando-se para olhar aquela misteriosa e, agora, repentinamente sinistra banda de água, o Comandante Norton decidiu de uma vez por todas que ninguém jamais tornaria a navegá-la. Continha muitas incógnitas, muitos perigos...

Seus olhos voltaram-se para as torres e muralhas de Nova Iorque e, mais além, a escura escarpa do continente. De agora em diante estariam resguardadas da curiosidade humana.

Era a última vez que tentava os deuses de Rama.

33 - ARANHA

A PARTIR DESSE DIA, decretara Norton, sempre haveria pelo menos três pessoas no Acampamento Alfa, revezando-se permanentemente no serviço de plantão. Além disso, todos os grupos exploradores observariam a mesma rotina.

Havia criaturas potencialmente perigosas à solta no interior de Rama, e, embora nenhuma se tivesse mostrado ativamente hostil, um chefe prudente devia tomar suas precauções.

Como salvaguarda adicional, havia sempre um observador postado no Cubo, espreitando por um poderoso telescópio. Daquele ponto podia ser esquadrinhado todo o interior de Rama e até o Pólo Sul parecia estar a poucas centenas de metros de distância. O território nas cercanias de todo grupo de exploradores seria mantido sob constante observação; desta maneira esperava-se eliminar toda possibilidade de surpresa. O plano era bom – e falhou redondamente.

Após a última refeição do dia e pouco antes do período de repouso das 22

horas, Norton, Rodrigo, Calvert e Laura Ernst estavam olhando o telenoticiário de todas as noites, em onda dirigida especialmente para eles pela estação transmissora de Inferno, em Mercúrio. Estavam particularmente interessados em ver o continente meridional filmado por Jimmy e o regresso através do Mar Cilíndrico – um episódio que havia emocionado todos os espectadores.

Cientistas, comentaristas e membros do Comitê Rama, todos deram as sua opiniões, e a maioria destas contradiziam umas às outras. Não havia duas pessoas que pensassem da mesma forma sobre se a criatura que Jimmy descrevera como um caranguejo era um animal, uma máquina, um autêntico ramaiano, ou algo que não se enquadrava em nenhuma dessas categorias.

Acabavam de ver, com uma positiva sensação de mal-estar, a estrela-domar gigante sendo demolida pelos seus predadores, quando descobriram que já não estavam sós. Havia um intruso no acampamento.

Laura Ernst foi a primeira que o notou. Ficou como paralisada pelo choque repentino, mas volvidos alguns instantes conseguiu falar:

– Não se mova, Bill. Agora olhe devagar para a direita. Norton virou a cabeça naquela direção. A dez metros do grupo estava uma tripeça de pernas esguias, encimada por um corpo esférico não maior do que uma bola de futebol. Engastados nesse corpo, três grandes olhos inexpressivos pareciam dar um campo de visão de 360 graus, e por debaixo pendiam três longos apêndices lembrando chicotes. A criatura não era tão alta quanto um homem e parecia demasiado frágil para ser perigosa, mas isso não desculpava o descuido do grupo, que a deixara introduzir-se ali sem ser notada. A Norton, o melhor termo de comparação que ocorreu foi uma aranha ou opilião de três patas; teria ela resolvido o problema, jamais tentado por um animal terrestre, da locomoção tripedal?

– Que pensa disso, Doutora? – cochichou, tirando o som da TV.

– A usual simetria tríplice dos ramaianos. Não vejo que mal nos possa fazer – a não ser, talvez, com os flagelos, que inclusive podem ser venenosos, como os de um celenterado. Fiquem bem quietos nas suas cadeiras e vejam o que a criatura vai fazer.

Depois de olhá-los, impassível, durante vários minutos, o visitante se moveu de súbito – e então puderam compreender por que não lhe haviam notado a aproximação. Era muito veloz e deslocava-se com um extraordinário movimento rotativo que o olho e a mente humanos tinham grande dificuldade em acompanhar.

Tanto quanto Norton podia discernir – e só uma câmara de alta velocidade teria condições para elucidar a questão – cada pata, por sua vez, funcionava como um pivô em torno do qual girava o corpo da criatura. E o Comandante não tinha certeza, mas também lhe parecia que de poucos em poucos "passos" ela invertia o sentido da rotação, enquanto os três flagelos varriam o chão com a rapidez do relâmpago.

Sua velocidade máxima – embora também fosse difícil estimá-la – seria de pelo menos trinta quilômetros por hora.

Deu, rápida, uma volta ao acampamento, examinando tudo que encontrava, tocando delicadamente nas camas, cadeiras e mesas improvisadas, aparelhagem de comunicação, recipientes de comida, "electro-sans", câmaras, tanques de água, ferramentas – nada parecia escapar à sua atenção, exceto as quatro pessoas que a observavam. Evidentemente, possuía bastante inteligência para distinguir entre os seres humanos e suas propriedades inanimadas; suas ações davam a nítida impressão de uma curiosidade extremamente metódica.

– Quem me dera poder examiná-la! – exclamou Laura cheia de frustração, enquanto a criatura continuava com as suas rápidas piruetas. – Vamos procurar apanhá-la?

– Como? – foi a razoável pergunta de Calvert.

– Por aquele processo que os caçadores primitivos usam para derrubar animais velozes – dois pesos rodopiando nas extremidades de uma corda. Nem chega a machucar a caça.

– Isso eu duvido – acudiu Norton. – Mas, ainda que funcione, não podemos arriscar tal método. Não sabemos até onde vai a inteligência desta criatura, e o tal truque facilmente poderia quebrar-lhe as pernas. Aí é que.

estaríamos enrascados – com Rama, com a Terra e com todo o mundo.

– Mas eu tenho de arranjar um espécime!

– Talvez tenha de contentar-se com a flor de Jimmy... amenos que uma dessas criaturas coopere com você. O uso da força está fora de cogitação.

Gostaria se alguma coisa pousasse na Terra e achasse que *você* seria um belo espécime para dessecação?

– Não pretendo dissecá-la – respondeu Laura num tom que nada tinha de convincente. – Só quero examiná-la.

– Pois os visitantes vindos de outro mundo poderiam ter a mesma atitude para com você, mas isso não impediria que você passasse um tremendo susto antes de

acreditar neles. Não devemos fazer nada que possa ser interpretado como uma ameaça.

Norton estava citando o Regulamento de Bordo, naturalmente, e Laura não o ignorava. A diplomacia espacial tinha prioridade sobre os interesses da ciência.

O fato é que não havia necessidade de invocar considerações tão elevadas; era uma simples questão de boa educação. Todos eles eram forasteiros ali, e ninguém se dera ao trabalho de pedir licença para entrar...

A criatura parecia haver terminado a sua inspeção. Deu mais uma volta em alta velocidade ao acampamento, depois na tangente... rumo à escadaria.

– Como será que vai subir os degraus? – especulou Laura. À pergunta foi logo respondida: a aranha não fez o menor caso deles e foi galgando a suave rampa em curva sem diminuir sua velocidade.

– Controle Central – chamou Norton, – vocês poderão receber uma visita daqui a pouco. Observem a Escadaria Alfa, Seção 6. E a propósito, muito obrigado pelo ótimo serviço de vigilância que nos prestaram.

O sarcasmo levou um minuto para ser percebido; então o observador do Cubo começou a proferir vozes contritas.

– Hã... posso ver que há *alguma coisa,* Capitão, depois que o senhor disse que ela está ali. Mas o que é aquilo?

– Sei tanto quanto você – respondeu Norton, apertando o botão de *Alarma Geral*. – Acampamento Alfa chamando todos os postos. Acabamos de ser visitados por uma criatura parecida com uma aranha de três patas muito finas, com cerca de dois metros de altura, pequeno corpo esférico, deslocando-se com grande rapidez graças a um movimento giratório. Parece inofensiva, mas curiosa. Pode introduzir-se no meio de vocês sem que dêem pela sua presença. É favor acusar recebimento.

A primeira resposta veio de Londres, quinze quilômetros a leste.

– Nada de inusitado aqui, Capitão.

Roma respondeu da mesma distância a oeste, numa voz sonolenta.

– Aqui idem, idem, Capitão. Ah, um momentinho...

– Que foi?

– Larguei minha caneta há um instante... desapareceu! O que... oh!

– Diga algo que faça sentido!

– O senhor não vai me acreditar, Capitão. Estava tomando algumas notas... o senhor sabe que eu gosto de escrever, e isso não prejudica ninguém...

Estava usando a minha esferográfica favorita, que tem quase duzentos anos de idade... pois agora está no chão, a cinco metros daqui! Apanhei-a... Graças a Deus, está inteirinha.

– E como pensa que ela foi parar lá?

– Hã... Posso ter cochilado alguns momentos. Foi um dia muito trabalhoso.

Norton suspirou, mas absteve-se de fazer comentários; eram tão poucos e tinham tão pouco tempo par a explorar um mundo! Nem sempre o entusiasmo podia vencer a exaustão. Imaginou se não estariam assumindo riscos desnecessários.

Talvez não devesse dividir os seus homens em grupos tão pequenos, procurando cobrir um território tão vasto. Mas nunca esquecia os dias que passavam rápidos e os mistérios que os rodeavam, ainda à espera de solução.

Crescia nele a certeza de que alguma coisa ia acontecer e de que seriam forçados a abandonar Rama antes mesmo de este chegar ao periélio – o momento da verdade, quando inevitavelmente teria de ocorrer qualquer mudança de órbita.

– Escutem com atenção, Cubo, Roma, Londres... todo mundo – disse ele. – Quero que se comuniquem comigo de meia em meia hora durante a noite. De agora em diante devemos estar preparados para receber quaisquer visitantes a qualquer momento. Alguns deles podem ser perigosos, mas precisamos evitar incidentes a todo custo. Todos vocês conhecem as nossas diretrizes nesse ponto.

Isto era bem verdade, e fazia mesmo parte do treinamento de todos ali – mas talvez nenhum deles tivesse acreditado que o tantas vezes debatido "contato físico com seres inteligentes de outros mundos" ocorreria no seu tempo, e muito menos que eles próprios o experimentariam.

O treinamento era uma coisa; a realidade, outra; e ninguém podia ter certeza de que os velhos instintos humanos de autodefesa não dominariam o campo numa emergência. Contudo, era essencial fiar-se nas boas intenções de toda entidade que encontrassem no interior de Rama, até o último momento possível – e mesmo além. O Comandante Norton não queria ser lembrado pela História como o homem que desencadeara a primeira guerra interplanetária.

Poucas horas depois as aranhas eram centenas e andavam por toda a planície. Pelo telescópio podia-se ver que o continente meridional também estava infestado por elas – mas, ao que parecia, não a ilha de Nova Iorque.

Já não prestavam atenção aos exploradores, e depois de algum tempo os exploradores passaram a prestar pouca atenção a elas – se bem que, por momentos, o Comandante Norton notasse um lampejo predatório no olho de sua Médica-chefe. Tinha certeza de que nada lhe agradaria mais do que ver uma das aranhas ser vítima de um acidente infeliz, e não a julgava incapaz de facilitar tal acontecimento no interesse da ciência.

Todos estavam mais ou menos convencidos de que as aranhas não podiam ser inteligentes; tinham o corpo pequeno demais para conter muita massa cerebral, e era mesmo difícil imaginar onde armazenavam tanta energia para movimentar-se. Seu comportamento era curiosamente propositado e coordenado; pareciam'andar por toda parte, mas nunca visitavam duas vezes o mesmo lugar. Norton tinha frequentemente a impressão de que andavam *buscando* alguma coisa; mas, fosse lá o que fosse, não pareciam tê-la descoberto.

Iam até o Cubo central, sempre desprezando as três grandes escadarias.

Era difícil explicar como conseguiam galgar as seções verticais, mesmo numa gravidade quase nula; Laura supunha que estivessem munidas de discos de sucção.

Foi então que, com visível deleite de sua parte, conseguiu o tão almejado espécime. O Controle Central comunicou que uma aranha havia tombado da

escarpa vertical e jazia no primeiro socalco, morta ou incapacitada. Laura foi da planície até lá num tempo recorde que nunca seria batido.

Quando chegou na plataforma, descobriu que, a despeito da baixa velocidade do impacto, a criatura quebrara todas as suas patas. Ainda tinha os olhos abertos, mas não reagia a nenhum estimulante externo. Laura achou que até um cadáver humano fresco mostraria mais vida; assim que conseguiu levar a sua presa para dentro da *Endeavour,* começou a trabalhar com o seu equipamento de dissecação.

A aranha era tão frágil que por pouco não se desfez em pedaços sem a cooperação dela. Laura desarticulou as pernas, depois ocupou-se com a delicada carapaça, que se fendeu ao longo de três círculos máximos e abriu-se como uma laranja descascada.

Após alguns momentos de perfeita incredulidade – pois não havia nada que pudesse reconhecer ou identificar – tirou cuidadosamente uma série de fotografias, e por fim apanhou o seu escalpelo.

Por onde começar? Teve vontade de fechar os olhos e cravar o instrumento ao acaso, mas isso seria muito pouco científico.

A lâmina penetrou quase sem resistência. Um segundo depois, o berro impublicável da Médica-chefe Ernst foi refletido por todos os ecos da *Endeavour*.

34 - SUA EXCELÊNCIA LASTIMA...

– Como todos os senhores sabem – disse o Embaixador de Marte, – muita coisa aconteceu depois de nossa última reunião. Temos muito que discutir... e decidir. Por isso, lamento particularmente que nosso colega de Mercúrio não esteja aqui hoje.

Esta última frase não era bem verídica. O Dr. Bose não lamentava particularmente a ausência do Embaixador de Mercúrio. Teria sido muito mais exato dizer que estava preocupado. Todos os seus instintos diplomáticos lhe diziam que algo estava acontecendo e, embora suas fontes de informação fossem excelentes, não tinha o menor indício sobre o que pudesse ser.

A carta em que o Embaixador se desculpava era muito cortês e inteiramente incomunicativa. Sua Excelência lastimava que assuntos urgentes e inevitáveis o impedissem de comparecer à reunião, tanto em pessoa como por vídeo. O Dr. Bose achava muito difícil imaginar coisa mais urgente – ou mais importante – do que Rama.

– Dois de nossos membros têm declarações a fazer. Eu gostaria de dar a palavra em primeiro lugar ao Professor Davidson.

Houve um zunzum alvoroçado entre os outros cientistas integrantes do Comitê. A maioria deles pensava que o astrônomo, com o seu conhecido ponto de vista cósmico, não era o homem mais indicado para ser Presidente do Conselho Consultivo Espacial. Dava, por vezes, a impressão de que as atividades da vida inteligente eram uma lamentável irrelevância no majestoso universo de estrelas e galáxias, e que era de mau gosto dar-lhes excessiva atenção. Isso não lhe atraíra as simpatias de exobiologistas como o Dr. Perera, que assumia a posição diametralmente oposta.

Para esses, a única finalidade do universo era produzir inteligência, e costumavam referir-se com escárnio aos fenômenos puramente astronômicos.

"Simples matéria inanimada" era uma de suas expressões favoritas.

– Senhor Embaixador – começou o cientista, – estive analisando o singular comportamento de Rama nestes últimos dias e desejaria apresentar minhas conclusões. Algumas delas são inquietantes.

O Dr. Perera pareceu surpreendido, depois um tanto enfatuado. Aprovava cordialmente tudo que inquietasse o Professor Davidson.

– Em primeiro lugar, houve a notável série de ocorrências quando aquele jovem tenente voou para o hemisfério sul. Quanto às descargas elétricas em si, embora espetaculares, não têm importância; é fácil demonstrar que continham relativamente pouca energia. Mas coincidiram com uma mudança na velocidade de Rama e em sua atitude – isto é, sua orientação no espaço. Isso sim, deve ter envolvido uma enorme quantidade de energia; as descargas que quase custaram a vida ao Sr... hã... Pak não passavam de um pequeno subproduto – talvez incômodo,

e que precisava ser minimizado por aqueles gigantescos pára-raios do Pólo Sul.

"De tudo isso tiro duas conclusões. Quando uma espaçonave – e como tal devemos considerar Rama a despeito de suas fantásticas dimensões – quando uma espaçonave faz uma mudança de atitude geralmente significa que ela está se preparando para uma mudança de órbita. Devemos, portanto, levar muito a sério a opinião daqueles que acreditam que Rama talvez traga o propósito de se converter num novo planeta do sistema solar em vez de voltar para as estrelas.

"Se isso for verdade, a *Endeavour* deve evidentemente estar pronta para largar (é este o termo que se usa para as espaçonaves?) a qualquer momento.

Pode ser que esteja correndo grave perigo enquanto continuar fisicamente ligada a Rama. Imagino que o Comandante Norton já se tenha capacitado dessa possibilidade, mas acho que devemos enviar-lhe uma advertência adicional."

– Muito obrigado, Prof. Davidson. Pois não, Dr. Solomons?

– Eu gostaria de fazer um comentário a esse respeito – disse o historiador da Ciência. – Rama parece ter feito uma mudança de rotação *sem* usar jatos ou dispositivos de reação. Isso só deixa duas possibilidades, segundo me parece.

"A primeira é que tenha giroscópios internos, ou um equivalente. Devem ser enormes; onde estão?

"A segunda possibilidade, que subverteria toda a nossa Física, é que ele tenha um sistema de propulsão não reativo. A chamada Propulsão Espacial, em que o Professor Davidson não acredita. Se assim for, Rama deve ser praticamente capaz de tudo. Não poderemos de modo nenhum prever o seu comportamento, mesmo no nível macrofísico."

Os diplomatas, visivelmente, não sabiam o que pensar de toda essa conversa, e o astrônomo recusava-se a ser arrastado na discussão. Já se havia aventurado o suficiente por um dia.

– Se me permitem, fico com as leis da Física enquanto não me forçarem a abandoná-las. Se não encontramos giroscópios em Rama, talvez seja por não termos procurado bastante, ou no lugar apropriado.

O Embaixador Bose percebeu que o Dr. Perera estava se impacientando.

Normalmente, o exobiologista se comprazia como qualquer outro em investigações teóricas; mas agora, pela primeira vez, tinha alguns fatos sólidos. Sua ciência, que por tanto tempo vivera na penúria, havia enriquecido da noite para o dia.

– Muito bem. Se não há outros comentários... creio que o Dr. Perera tem alguma informação importante para nós.

– Obrigado, Sr, Embaixador. Como todos os senhores viram, obtivemos afinal um espécime de ser vivo ramaiano e observamos vários outros de perto. A Médica-chefe Ernst, da *Endeavour,* enviou um relatório completo sobre a criatura com aparência de aranha, que ela dissecou.

"Para começar, devo dizer que alguns dos resultados consignados pela Dra. Ernst são aparentemente inexplicáveis, e em quaisquer outras circunstâncias eu me teria

recusado a acreditá-los.

"A aranha é positivamente um ser orgânico, se bem que a sua química difira da nossa a muitos respeitos. Contém metais leves em quantidades consideráveis. No entanto, hesito em qualificá-la como um animal, por várias razões fundamentais.

"Em primeiro lugar, parece não ter boca, nem estômago, nem intestinos – nenhum meio de absorver alimentos! Também carece de vias de entrada para o ar, de pulmões, de meio circulatório, de aparelho reprodutor...

"Talvez os senhores estejam se perguntando o que é que ela *possui*. Pois bem, possui uma musculatura simples, que controla as três pernas e os três apêndices em forma de flagelos ou palpos. Há um cérebro – bastante complexo, aliás – que preside principalmente à bem desenvolvida visão triocular da criatura.

Mas oitenta por cento do corpo consistem num favo de células grandes, e foi isso que causou à Dra. Ernst uma surpresa tão desagradável no momento em que se preparava para iniciar a dessecação. Com um pouco mais de sorte ela o teria reconhecido a tempo, pois é a única estrutura dos seres ramaianos que existe na Terra, ainda que apenas num punhado de animais marinhos.

"Em sua maior parte, a aranha é simplesmente uma bateria, muito semelhante às que são encontradas nas células e raias elétricas. Mas. neste caso, não parece tratar-se de uma arma de defesa. *Ê a fonte de energia da criatura.* E aí está por que ela não tem aparelho digestivo nem respiratório: não necessita de métodos tão primitivos. E, diga-se de passagem, isto significa que a aranha se sentiria perfeitamente à vontade no vácuo...

"Temos, pois, um ser que, para todos os efeitos, nada mais é do que um olho dotado de locomoção. Órgãos de manipulação, não os tem; aqueles palpos são fracos demais para isso. Se me dessem tais especificações, eu diria que se tratava de um simples dispositivo de reconhecimento.

"O seu comportamento certamente corresponde a esta descrição. Tudo que as aranhas fazem é correr de um lado para outro e olhar coisas. É tudo que elas *podem fazer*...

"Mas os outros animais são diferentes. O caranguejo, a estrela-do-mar. os tubarões – na falta de melhores termos – evidentemente podem manipular o seu ambiente e parecem ser especializados em diversas funções. Presumo que também sejam movidos por eletricidade, já que, como a aranha, não parecem ter boca.

"Estou certo de que os senhores avaliam os problemas biológicos suscitados por tudo isso. Poderiam tais criaturas evoluir naturalmente?

Sinceramente, não creio. Parecem ter sido *projetadas,* como máquinas, para executar trabalhos específicos. Se me pedissem para dar-lhes um nome, eu diria que são robôs – robôs biológicos, uma coisa que não tem analogia na Terra.

"Se Rama é uma nave espacial, talvez eles façam parte da tripulação.

Quanto ao modo como nasceram, ou foram criados, é algo que não lhes sei dizer.

Mas posso imaginar que a resposta se encontra lá adiante, em Nova Iorque. Se o Comandante Norton e os seus homens puderem esperar o tempo suficiente para

isso, talvez venham a conhecer criaturas mais e mais complexas, com um comportamento imprevisível.

"E é possível que se encontrem com os próprios ramaianos – os verdadeiros criadores deste mundo.

"Quando isso acontecer, cavalheiros, todas as dúvidas se esfumarão..."

35 - ENTREGA ESPECIAL

O COMANDANTE NORTON estava no bom do sono quando o seu comunicador pessoal o arrancou aos seus fagueiros sonhos. Andava em férias com a família em Marte e sua nave contornava o temeroso e nevado cume de Nix Olímpica, o mais alto vulcão do Sistema Solar. O pequeno Billie começara a lhe dizer alguma coisa. Agora, nunca saberia o que era.

– Lamento tê-lo acordado, Capitão, – disse o Subcomandante Kirchoff. – Mensagem do Quartel-General, com prioridade 3-A.

– Vamos ouvir – respondeu a voz sonolenta de Norton.

– Não posso. Está escrita em código. Exclusivamente para o Comandante.

Norton acabou logo de acordar. Em toda a sua carreira só havia recebido três vezes uma mensagem dessas, e todas as três lhe causaram sérias dores de cabeça.

– Diabos os levem! – disse. – Que é que vamos fazer agora?

O seu Sub não se deu ao trabalho de responder. Ambos compreendiam perfeitamente o problema. Era um caso que o Regulamento de Bordo não tinha previsto. Normalmente, um comandante nunca se afastava mais que alguns minutos do seu gabinete e do Livro de Código que guardava no cofre. Se partisse agora, poderia chegar à nave – exausto – dentro de quatro ou cinco horas. Não era assim que se tratava uma Prioridade Classe 3-A.

– Jerry, quem está no quadro de ligações? – perguntou afinal.

– Ninguém. Eu mesmo estou chamando.

– Com o gravador desligado?

– Sim, por uma singular infração ao regulamento.

Norton sorriu. Jerry era o melhor Sub com quem já tinha trabalhado.

Tudo pensava, tudo previa.

– Você sabe onde guardo a minha chave. Torne a chamar. Esperou durante dez minutos com o máximo de paciência que pôde. procurando – com medíocre sucesso – ocupar-se com outros problemas. Detestava todo desperdício de energia mental; era muito improvável que conseguisse adivinhar o conteúdo da mensagem, de que, aliás, não tardaria a tomar conhecimento. Então sim, poderia começar a preocupar-se com algum proveito.

Quando tornou a chamar, o Sub falava perceptivelmente sob uma considerável tensão.

– Não é realmente *urgente,* Capitão... uma hora não fará diferença alguma.

Mas prefiro evitar o rádio. Vou enviar a coisa por mensageiro.

– Mas *por quê?*... Oh, está bem. Eu me guiarei por você. Quem vai atravessar as eclusas com ela?

– Vou eu pessoalmente. Chamarei o senhor quando chegar ao Cubo.

– De modo que fica Laura tomando conta da nave?

– Por uma hora, no máximo. Voltarei logo que puder.

Uma oficial médica não tinha o treinamento especializado necessário para fazer as vezes de um comandante, assim como não se podia esperar que um comandante fosse capaz de realizar uma operação cirúrgica. Em casos de emergência, tinha-se às vezes passado de uma função à outra; mas não era recomendado. Enfim, não seria a primeira vez que se infringia uma ordem nessa noite...

– Oficialmente, você não saiu da nave. Já acordou Laura?

– Já. Ela está encantada com a oportunidade.

– Felizmente, os médicos estão acostumados a guardar segredos. Ah...

você acusou recebimento?

– Naturalmente, em seu nome.

– Então fico esperando.

Agora era quase impossível livrar-se da ansiedade. "Não *realmente* urgente – mas prefiro evitar o rádio..."

Uma coisa era certa. O Comandante dificilmente tornaria a conciliar o sono essa noite.

36 - OBSERVADOR DE BIÔMATOS

O SARGENTO PIETER. ROUSSEAU sabia por que se havia oferecido voluntariamente para aquele serviço; a muitos respeitos, era a realização de um sonho de meninice. Tinha apenas seis ou sete anos de idade quando fora fascinado pelos telescópios, e passara uma boa parte de sua juventude colecionando lentes de todas as formas e tamanhos. Montava-as em tubos de papelão, fazendo instrumentos de potência cada vez maior, até se familiarizar com a Lua e os planetas, as mais próximas estações espaciais e toda a paisagem dentro de um raio de trinta quilômetros em torno de sua casa.

Tivera a sorte de nascer entre as montanhas de Colorado; em quase todas as direções, a vista era espetacular e inexaurível. Passava horas explorando, em perfeita segurança, os picos que todos os anos cobravam seu tributo de alpinistas distraídos. Embora tivesse visto muita coisa, imaginara muito mais; comprazia-se em fazer de conta que além de cada crista rochosa, além do alcance do seu telescópio, se estendiam reinos mágicos povoados por seres maravilhosos. E assim, durante anos evitara visitar os lugares que suas lentes lhe traziam para perto, pois sabia que a realidade jamais podia igualar o sonho.

Mas agora, colocado sobre o eixo central de Rama, podia contemplar maravilhas superiores às mais arrojadas fantasias da sua meninice. Um mundo inteiro se dilatava ante os seus olhos – um mundo pequeno, era verdade, e contudo um homem poderia passar a vida inteira explorando quatro mil quilômetros quadrados, mesmo que fossem um território morto e inalterável.

Agora, porém, a vida, com suas infinitas possibilidades, surgira em Rama.

Se os robôs biológicos não eram criaturas vivas, eram, pelo menos, excelentes imitações.

Ninguém sabia quem inventara a palavra "biômato". Parecia ter entrado imediatamente em uso, por uma espécie de geração espontânea. De sua atalaia no Cubo, como Observador-Chefe dos Biômatos, Pieter estava começando – segundo acreditava – a compreender alguns dos padrões de comportamento dos observados.

As Aranhas eram sensores dotados de locomoção, usando a visão – e provavelmente o tato – para examinar todo o interior de Rama. Em dado momento houvera centenas delas a correr para cá e para lá em alta velocidade, mas em menos de dois dias tinham desaparecido; era uma raridade, agora, ver uma sequer.

Substituíra-as um verdadeiro jardim zoológico de criaturas muito mais pitorescas, e não dera pouco trabalho inventar nomes apropriados para elas.

Havia os Limpadores de Vidraças, com grandes pés munidos de almofadas, que pareciam polir, à medida que caminhavam, os seis sóis artificiais de Rama ao longo de todo o seu comprimento. Suas sombras enormes, que se projetavam até o outro extremo do diâmetro do mundo, por vezes causavam eclipses temporários ali. O caranguejo que tinha demolido a *Libélula* parecia ser um Lixeiro. Uma cadeia de

revezamento formada de criaturas idênticas aproximou-se do Acampamento Alfa e levou todos os destroços que tinham sido corretamente empilhados nas cercanias; teriam levado tudo mais se Norton e Mercer não se opusessem resolutamente; a confrontação foi ansiosa, mas breve; daí em diante, os Lixeiros pareceram compreender o que lhes era e o que não lhes era lícito tocar, e chegavam a intervalos regulares para ver se necessitavam de seus serviços. Era um arranjo muito prestativo e indicava um alto grau de inteligência – ou por parte dos próprios Lixeiros, ou de alguma entidade que os controlasse de longe.

A remoção do lixo em Rama era uma operação muito simples: tudo era despejado no Mar, onde, presumivelmente, era decomposto em formas que pudessem ser reaproveitadas. O processo era rápido. A *Resolution* desaparecera da noite para o dia, com grande aborrecimento de Ruby Barnes. Norton a consolara ponderando que a jangada desempenhara magnificamente suas funções e ele nunca teria permitido que um outro a usasse. Talvez os Tubarões fossem menos escrupulosos do que os Lixeiros.

Nenhum astrônomo que descobrisse um planeta desconhecido poderia sentir-se mais feliz do que Pieter quando avistava um novo tipo de biômato e conseguia uma boa foto dele através do telescópio. Infelizmente, todas as espécies interessantes pareciam estar lá longe, no Pólo Sul, onde executavam tarefas misteriosas em volta dos Chifres. Alguma coisa que tinha o ar de uma centopéia com discos de sucção era vista de tempos a tempos explorando o próprio Chifre Grande, e junto aos picos menores Pieter vislumbrara uma corpulenta criatura que poderia ser uma cruza de hipopótamo com *bulldozer*. Havia inclusive uma girafa de dois pescoços que pareci? funcionar como um guindaste semovente.

Era de supor que Rama, como qualquer outra nave, requeresse testagem, revisão e reparos após a sua imensa viagem. A tripulação já estava trabalhando ativamente; quando apareceriam os passageiros?

Classificar biômatos não era a incumbência principal de Pieter; tinha ordens para manter sob observação os dois ou três grupos exploradores que estavam sempre em atividade, para evitar que lhes acontecesse algum contratempo avisando-os da aproximação de qualquer perigo. Revezava-se de seis em seis horas com quem quer que estivesse disponível, se bem que, por mais de uma vez, houvesse permanecido no serviço por doze horas consecutivas. O resultado era que agora conhecia a geografia de Rama talvez melhor do que ninguém jamais viria a conhecê-la. Aquele mundo artificial lhe era tão familiar quanto as montanhas do Colorado de sua juventude.

Ao ver Jerry Kirchoff surgir da Eclusa Alfa, Pieter compreendeu imediatamente que algo de inusitado estava acontecendo. As transferências de pessoal nunca eram feitas durante o período de sono, e já passava de meia-noite pela Hora da Missão. Pieter lembrou-se então da escassez de pessoal com que estavam lutando e pressentiu uma irregularidade muito mais chocante.

– Jerry, quem ficou no comando da nave?

– Eu – disse friamente o Sub, correndo o fecho que abria o seu capacete. – Você pensa que eu me afastaria da ponte enquanto estivesse de guarda?

Enfiou a mão no leva-tudo da sua roupa espacial e tirou de lá uma pequena lata com o rótulo: SUCO DE LARANJA CONCENTRADO: DÁ PARA CINCO LITROS.

– Você é um bom atirador, Pieter. O Capitão está esperando. Pieter sopesou a lata e disse:

– Espero que você tenha posto bastante massa aqui dentro... Às vezes elas vão parar no primeiro terraço.

– Bom, você é o entendido no assunto.

E era verdade. Os observadores do Cubo tinham muita prática de mandar lá para baixo pequenos objetos esquecidos ou de que houvesse urgente necessidade. O meio era fazer com que atravessassem sem maiores incidentes a região de baixa gravidade, e impedir que o efeito de Coriolis os levasse muito longe do Acampamento durante a descida de oito quilômetros pela rampa.

Pieter plantou firmemente os pés no chão, segurou a lata e arremessou-a para baixo, rente com a face da escarpa. Não tomou como alvo direto o Acampamento Alfa, mas um ponto afastado deste quase trinta graus.

Um segundo depois, a resistência do ar despojou o objeto de sua velocidade inicial, mas então fez sentir-se a pseudogravidade de Rama e iniciouse a queda a uma velocidade constante. Foi bater na base da escada de mão e deu um salto em câmara lenta que o safou do primeiro terraço.

– Agora vai dar certo – disse Pieter. – Quer apostar?

– Não – foi a pronta resposta. – Você sabe demais.

– Você não tem espírito esportivo. Mas já lhe digo como é. Ela vai parar a uns trezentos metros do Acampamento.

– Talvez pudesse ser mais perto.

– Experimente uma vez. Já vi Joe errar por uma distância de dois quilômetros.

A lata já não pulava; a gravidade tornara-se bastante forte para aderi-la à superfície curva da Calota Norte. Quando alcançou o segundo terraço, ia rolando a vinte ou trinta quilômetros por hora – quase a velocidade máxima que o atrito permitia.

– Agora temos de esperar – disse Pieter sentando-se diante do telescópio para não perder de vista a mensageira. – Chegará lá dentro de dez minutos. Ah, aí vem o Capitão... Já me acostumei a reconhecer as pessoas deste ângulo. Agora está olhando para nós.

– Creio que esse telescópio lhe dá um sentimento de poder.

– E dá. como não! Eu sou o único que sabe tudo quanto está acontecendo em Rama. Pelo menos, pensava que sabia – acrescentou em tom queixoso, lançando a Kirchoff um olhar cheio de censura.

– Se isto lhe serve de consolo, o Capitão descobriu que o seu tubo de dentifrício estava no fim.

Neste ponto a conversa esmoreceu, mas afinal Pieter retomou a palavra:

– É pena que você não tenha topado aquela aposta... Ele não precisa andar mais de cinquenta metros... agora viu a lata... missão cumprida.

– Obrigado, Pieter... Bonito trabalho, o seu. Agora pode voltar para a sua cama.

– Cama! Estou de plantão até as quatro.

– Sinto muito. Você deve ter dormido! Do contrário, como poderia ter sonhado tudo isto?

QG OBSERVAÇÃO ESPACIAL AO COMANDANTE EN ENDEAVOUR.
PRIORIDADE 3-A. EXCLUSIVAMENTE PARA O COMANDANTE. SEM REGISTRO
PERMANENTE.
SPACEGUARD COMUNICA VEICULO VELOCIDADE ULTRA-ALTA APARENTEMENTE
LANÇADO MERCÚRIO DEZ A DOZE DIAS PARA INTERCEPTAR
RAMA PT NÃO HAVENDO MUDANÇA ÓRBITA CHEGADA PREVISTA 15 HORAS
DIA 322 PT TALVEZ SEJA NECESSÁRIO EVACUEM ANTES PT AGUARDE NOVO
AVISO.
C-C

Norton leu a mensagem meia dúzia de vezes para memorizar a data. Era difícil acompanhar a marcha do tempo no interior de Rama; teve de consultar o seu relógio-calendário para ver que estavam no Dia 315. Talvez lhes sobrasse apenas uma semana...

A mensagem era consternadora, não tanto pelo que dizia como pelo que implicava. Os mercurianos tinham efetuado um lançamento clandestino, o que, em si mesmo, constituía uma violação da Lei Espacial. A conclusão era óbvia: o seu "veículo" não podia ser outra coisa senão um míssil.

Mas *por quê?* Era inconcebível... bem, quase inconcebível que se arriscassem a pôr em perigo a *Endeavour,* de modo que não devia tardar a chegar um aviso bem circunstanciado dos próprios mercurianos. Numa emergência, ela poderia partir num prazo de poucas horas, embora e fizesse sob os mais veementes protestos e apenas por ordem expressa do Comandante-chefe.

Vagarosamente e imerso em suas reflexões, dirigiu-se para o complexo improvisado de sustentação da vida e largou a mensagem no Electrosan. A luz brilhante do raio *laser* que irrompeu pela fenda sob a tampa do assento anunciou-lhe que as exigências da Segurança tinham sido satisfeitas. Era uma lástima, pensou Norton, que todos os problemas não pudessem ser resolvidos com tanta rapidez e de forma tão higiênica.

37 - MÍSSIL

O MÍSSIL estava ainda a cinco milhões de quilômetros quando o clarão dos jatos de plasma que usava para frear se tornou bem visível no telescópio principal da *Endeavour*. Já então o segredo deixara de ser um segredo e Norton ordenara com relutância a segunda e talvez definitiva evacuação de Rama – embora não tivesse nenhuma intenção de retirar-se enquanto os acontecimentos não o forçassem inapelavelmente a fazê-lo.

Depois de completar a manobra de freagem, o indesejável viajante procedente de Mercúrio ficou a apenas cinquenta quilômetros de Rama, e parecia estar procedendo a uma inspeção com suas câmaras de TV. Estas eram claramente visíveis – uma à vante, outra à ré – assim como várias antenas onidirecionais e um grande disco constantemente voltado para a distante estrela de Mercúrio. Quais seriam as instruções que vinham por aquela faixa e quais as informações que voltavam por ela? perguntava-se Norton.

Contudo, os mercurianos podiam aprender tudo o que já não soubessem; as descobertas feitas pela *Endeavour* tinham sido irradiadas através de todo o Sistema Solar. Essa espaçonave – que havia batido todos os recordes de velocidade para chegar ali – só podia ser uma extensão da vontade de seus criadores, um instrumento de seu propósito. Esse propósito não tardaria a ser conhecido, pois dentro de três horas o Embaixador de Mercúrio junto aos Planetas Unidos falaria à Assembléia Geral.

Oficialmente, o míssil ainda não existia. Não trazia sinais de identificação nem estava irradiando em qualquer faixa de onda usual. Era uma séria infração da lei, mas nem a própria SPACEGUARD emitira ainda um protesto formal. Todos esperavam impacientes e nervosos para ver o que iria fazer Mercúrio.

Fazia três dias que a existência – e origem – do míssil fora anunciada, e os mercurianos continuavam ainda fechados num teimoso silêncio. Sabiam fazê-lo muito bem, quando isso lhes convinha.

Alguns psicólogos pretendiam que era quase impossível compreender plenamente a mentalidade de qualquer pessoa nascida e criada em Mercúrio.

Para sempre exilados da Terra pela gravidade três vezes mais poderosa desta, os mercurianos podiam descer na Lua e contemplar através daquela pequena distância o planeta de seus antepassados, ou mesmo de seus pais, mas jamais poderiam visitá-lo. E assim, inevitavelmente, faziam constar que não tinham tal desejo.

Fingiam desprezar as moles chuvas, os campos ondulados, os lagos e mares, os céus azuis – todas essas coisas que só podiam conhecer através de documentários. Como o seu planeta vivia inundado por uma energia solar tamanha que a temperatura diurna chegava muitas vezes a seiscentos graus, afetavam uma guapeza fanfarrona que não resistia a um momento de séria atenção. Em realidade, tendiam a ser fisicamente fracos, já que só podiam sobreviver mantendo-se

completamente isolados do seu ambiente. Mesmo que pudesse tolerar a gravidade, um mercuriano teria sido rapidamente incapacitado por um dia de calor forte em qualquer país equatorial da Terra.

Entretanto, naquelas coisas que realmente importavam, eles eram de fato rijos. As pressões psicológicas daquela estrela devoradora e tão próxima, os problemas de engenharia criados pela necessidade de ir às entranhas de um planeta renitente e arrancar de lá as coisas necessárias à vida – tudo isso havia produzido uma cultura espartana e, a muitos respeitos, altamente admirável. Era uma gente em quem se podia confiar; se prometiam uma coisa, faziam-na, ainda que lhes custasse caro. Corria entre eles o gracejo de que, se o Sol um dia mostrasse sinais de virar *nova,* empreitariam a neutralização de tal processo – desde que os honorários valessem a pena. Outro gracejo, este não mercuriano, dizia que toda criança que revelasse algum interesse pela arte, a filosofia ou a matemática abstrata era imediatamente aproveitada como fertilizante nas fazendas hidropônicas. No caso dos criminosos e psicopatas, isso não era nenhum gracejo. O crime era um dos luxos que Mercúrio não podia comportar. O Comandante Norton estivera lá uma vez, ficara enormemente impressionado – como a maioria dos visitantes – e fizera muitos amigos mercurianos. Enamorarase de uma moça em Port Lucifer e chegara a pensar em assinar um contrato por três anos, mas a desaprovação parental de toda pessoa oriunda de além da órbita de Vênus fora demasiado forte. Afinal, quem sabe se não devia até agradecerlhes?...

– Mensagem 3-A da Terra, Capitão – disse a ponte. – Voz e texto confirmatório do Comandante-chefe. Está pronto para receber?

– Confira e arquive o texto. Vamos ouvir a voz.

– Aqui está.

O Almirante Hendrix soou calmo e prosaico, como se estivesse emitindo uma ordem de rotina à Frota em vez de fazer frente a uma situação única na história do espaço. Mas a verdade é que ele não estava a dez quilômetros da bomba.

– C-C ao Comandante da *Endeavour*. Este é um breve sumário da situação tal como a vemos agora. O senhor sabe que a Assembléia Geral vai reunir-se às 14 horas, e ficará à escuta. É possível que tenha de agir imediatamente, sem consulta. Daí as presentes instruções.

"Analisamos as fotos que o senhor nos enviou. O veículo é uma sonda espacial padrão, modificada para receber impulso extra e cavalgando um *laser* para a velocidade inicial. O tamanho e a massa estão em conformidade com uma bomba de fusão na faixa de 500 a 1.000 megatons. Os mercurianos usam até 100

megatons como rotina em suas operações de mineração, de modo que não teriam dificuldade em montar uma ogiva de combate dessa ordem.

"Nossos peritos também calculam que esse seria o tamanho mínimo necessário para garantir a destruição de Rama. Se fosse detonada contra a parte mais fina do casco – o fundo do Mar Cilíndrico – a carapaça se romperia e o movimento rotativo de Rama completaria a sua desintegração.

"Presumimos que os mercurianos, se é verdade que estão planejando uma ação dessa espécie, lhes dêem tempo de sobra para retirar-se. Devo informá-lo de que a luminosidade dos raios gama liberados por uma tal explosão poderia serlhes perigosa até um raio de mil quilômetros. Mas esse não é o perigo mais sério.

Os fragmentos de Rama, pesando toneladas e arremessados no espaço a quase mil quilômetros por hora, poderiam destruí-los numa distância *ilimitada.*

Recomendamos-lhe, portanto, que se afastem ao longo do eixo de rotação, pois nessa direção não seriam arremessados fragmentos. Dez mil quilômetros devem dar uma margem adequada de segurança.

"Esta mensagem não pode ser interceptada; segue um percurso múltiplo pseudo-irregular, e por isso posso usar o inglês corrente. Sua resposta talvez não esteja tão garantida; fale, portanto, com discrição e use o código se for necessário.

Tornarei a chamá-lo logo após a discussão da Assembléia Geral. Mensagem concluída."

38 - ASSEMBLÉIA GERAL

De acordo com os manuais de História – se bem que ninguém pudesse acreditar nisso – em dado momento as velhas Nações Unidas haviam contado 172 membros. Os Planetas Unidos tinham sete – e isso, às vezes, parecia demais. Em ordem de distância do Sol, eram eles Mercúrio, Terra, Luna, Marte, Ganímedes, Titã e Tritão.

A lista padecia de várias omissões e ambiguidades que o futuro presumivelmente retificaria. Os críticos nunca se cansavam de apontar que a maioria dos Planetas Unidos não eram planetas, e sim satélites. Isso para não falar no ridículo de estarem excluídos os quatro gigantes, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno...

Mas ninguém vivia nos Gigantes Gasosos, e era muito possível que jamais viessem a ser habitados. O mesmo podia ser verdadeiro do outro grande ausente, Vênus. Até o mais entusiasta dos engenheiros planetários admitia que seriam precisos séculos para domesticar Vênus; entrementes, os mercurianos a traziam de olho e sem dúvida tinham sobre ela os seus planos a longo prazo.

A representação separada da Terra e de Luna também fora um pomo de discórdia; os outros membros reclamavam que isso concentrava demasiado poder num recanto do Sistema Solar. Mas havia mais gente na Lua do que em todos os outros mundos reunidos – exceto a Terra – e, afinal, não era ela o ponto de reunião dos P.U.?

Acresce que a Terra e a Lua raramente concordavam sobre uma questão, e não era provável que viessem a constituir um bloco perigoso.

Marte mantinha os asteróides em fideicomisso, exceção feita ao grupo de ícaro, supervisado por Mercúrio, e de um punhado cujos periélios se situavam além de Saturno e que eram, por isso, reivindicados por Titã. Um dia os asteróides maiores, como Pálade, Vesta, Juno e Ceres, assumiriam suficiente importância para terem seus próprios embaixadores , e o número de membros dos Planetas Unidos chegaria a dois algarismos. Ganímedes não só representava Júpiter – uma massa superior, por conseguinte, a todo o resto do Sistema Solar tomado em conjunto – mas também os outros (aproximadamente) cinquenta satélites jupiterianos, incluindo-se cativos temporários procedentes do cinturão de asteróides (os advogados ainda discutiam este ponto). Pela mesma razão, Titã era responsável por Saturno, seus anéis e os outros trinta e tantos satélites.

No que a Tritão dizia respeito, a situação era ainda mais complicada. A grande lua de Netuno era o corpo mais exterior do Sistema Solar que fosse permanentemente habitado; em consequência, seu embaixador acumulava um número considerável de cargos diplomáticos. Representava Urano com suas oito luas (nenhuma delas ainda ocupada); Netuno e seus três outros satélites; Plutão e sua lua solitária; e a isolada Perséfone, sem satélites. Se houvesse planetas além de Perséfone, também seriam fideicomissos de Tritão. E, como se isso não bastasse, o Embaixador das Trevas Exteriores, como por vezes o chamavam, fora ouvido a indagar em tom

queixoso: "E quanto aos cometas?" Em geral, sentia-se que a solução desse problema podia ser deixada para o futuro.

E, contudo, num sentido muito real, esse futuro já havia chegado. De acordo com algumas definições, Rama era um cometa; estes eram os únicos outros visitantes vindos das profundidades interestelares, e muitos deles haviam viajado em órbitas hiperbólicas ainda mais próximas do Sol que a de Rama.

Qualquer jurista espacial podia levar a causa à vitória com base nesses fatos, e o Embaixador mercuriano era um dos melhores.

– Reconhecemos Sua Excelência o Embaixador de Mercúrio. Como os delegados estavam dispostos no sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio em ordem de distância do Sol, o mercuriano achava-se à extrema direita do Presidente. Até o último minuto estivera confabulando com o seu computador; retirou então os óculos sincronizadores que não permitiam a ninguém mais ler a mensagem rotativa na tela. Apanhou o maço de papéis em que tinha tomado suas notas e pôs-se vivamente em pé.

– Sr. Presidente, ilustres colegas, eu gostaria de começar por um breve sumário da situação com que nos defrontamos neste momento.

Pronunciado por certos delegados, a expressão "um breve sumário" teria provocado silenciosos gemidos entre todos os ouvintes; mas ninguém ignorava ali que os mercurianos não eram dados a usar figuras de retórica.

– A gigantesca astronave ou asteróide artificial que recebeu o nome de Rama foi detectada há cerca de um ano na região situada além de Júpiter. A princípio acreditou-se que fosse um corpo natural a mover-se numa órbita hiperbólica que o faria dar volta ao Sol e prosseguir rumo às estrelas.

"Quando foi descoberta a sua verdadeira natureza, ordenou-se à nave *Endeavour,* do Serviço de Observação Solar, que fosse ao encontro do visitante.

Estou certo de que todos nós felicitaremos o Comandante Norton e a sua tripulação pela maneira eficiente como desempenharam uma tarefa sem paralelo até os dias de hoje.

"A princípio, acreditou-se que Rama era um mundo morto – congelado por tantas centenas de milhares de anos que não havia nenhuma possibilidade de reviver. Isso ainda pode ser verdade, num sentido estritamente biológico. O acordo parece ser unânime entre todos os que estudaram o assunto em que nenhum organismo vivo de certo grau de complexidade pode sobreviver a mais de alguns poucos séculos de vida latente. Mesmo no zero absoluto, efeitos quânticos residuais acabam por apagar as informações armazenadas nas células, a tal ponto que tornam impossível a revivência. Parecia, pois, que, apesar da enorme importância arqueológica de Rama, ele não apresentava nenhum problema astropolítico sério.

"Hoje, é evidente que se tratava de uma atitude muito ingênua, se bem que, mesmo no começo, não faltou quem chamasse atenção para o fato de Rama estar tão bem apontado para o Sol que não podia tratar-se de simples coincidência.

"Mesmo assim, podia ter-se argumentado – como de fato aconteceu – que era

um caso de experimento falhado. Rama alcançara o alvo que se tinha em vista, mas a inteligência controladora não sobrevivera. Essa opinião também parece muito simplista; certamente subestima as entidades com que estamos lidando.

"O que devíamos ter levado em conta e não o fizemos foi a possibilidade de uma sobrevivência *não biológica*. Se aceitamos a teoria muito plausível do Dr.

Perera, teoria que certamente se ajusta a todos os fatos, as criaturas que foram observadas no interior de Rama não existiam até a bem pouco tempo. Seus padrões, ou moldes, estavam armazenados em algum banco central de informações, e quando chegou a hora prefixada foram fabricadas com as matérias-primas disponíveis – presumivelmente a sopa metalo-orgânica do Mar Cilíndrico. Essa façanha está ainda um pouco além das nossas capacidades, mas não apresenta nenhum problema teórico. Sabemos que os circuitos em estado sólido, ao contrário da matéria viva, podem sem nenhuma perda, guardar informações durante períodos indefinidos de tempo.

"De modo que Rama está agora em perfeitas condições de operar, cumprindo o objetivo de seus construtores – sejam lá quem forem. Do nosso ponto de vista, não importa que os ramaianos propriamente ditos tenham todos morrido há um milhão de anos, ou que também eles venham a ser recriados a qualquer momento para fazer companhia aos seus servos. Com ou sem eles, a sua vontade está sendo feita... e continuará a ser feita.

"Rama já deu provas de que o seu sistema de propulsão ainda está operando. Daqui a poucos dias estará no periélio, onde é lógico que se efetue qualquer mudança importante de órbita. Ê possível, pois, que dentro em breve tenhamos um novo planeta movimentando-se no espaço solar submetido à jurisdição do governo que represento. Também pode, naturalmente, fazer modificações adicionais e fixar-se numa órbita final a qualquer distância do Sol.

Poderia até tornar-se satélite de um dos planetas maiores – como a Terra, por exemplo...

"Temos pois diante de nós, estimados colegas, todo um espectro de possibilidades, algumas delas bem sérias, É insensato pretender que essas criaturas *devem* ser benévolas e nos deixarão em paz. Se vieram ao nosso sistema solar é porque precisam de alguma coisa aqui. Ainda que seja apenas conhecimento científico, pensem nos usos que podem dar a esse conhecimento...

"Aquilo com que nos confrontamos agora e uma tecnologia que leva centenas, talvez milhares de anos de avanço sobre a nossa, e uma *cultura* que talvez não tenha nenhum ponto de contato com ela. Estivemos estudando o comportamento dos robôs biológicos – os biômatos – tal como se pode ver nos filmes retransmitidos pelo Comandante Norton, e chegamos a certas conclusões que desejo comunicar aos senhores.

"Em Mercúrio, somos talvez infortunados em não possuir formas autóctones de vida para observar. Mas, naturalmente, temos um registro completo da zoologia terrestre, e ali encontramos um notável paralelo com Rama.

"Refiro-me à colônia de térmites. Como Rama, é um mundo artificial com um ambiente controlado. Como Rama, seu funcionamento depende de toda uma série de máquinas biológicas especializadas – operários, construtores, agricultores, *guerreiros*. E, conquanto ignoremos se Rama possui uma Rainha, sugiro que a ilha conhecida como Nova Iorque desempenha uma função comparável.

"Ora, é evidentemente absurdo levar muito longe esta analogia, que falha em muitos pontos. Mas eu a proponho aos senhores pela razão seguinte:

"Que medida de cooperação ou de compreensão será possível entre seres humanos e térmites? Quando não há conflito de interesses, nos toleramos uns aos outros. Mas quando um necessita do território ou dos recursos do outro, é uma guerra sem quartel.

"Graças à nossa tecnologia e à nossa inteligência, podemos sempre ganhar, se estamos suficientemente decididos a isso. Mas nem sempre é fácil, e há quem acredite que a vitória final será das térmites...

"Tendo isto em mente, considerem agora a pavorosa ameaça que Rama pode – notem que não digo *deve* – representar para a civilização humana. Que medida tomamos nós para rebatê-la, se as circunstâncias o exigirem?

Absolutamente nenhuma; tudo que fizemos foi falar, especular e escrever sábios artigos.

"Pois, meus colegas, Mercúrio fez mais do que isso. Escudados na Cláusula 34 do Tratado Espacial de 2057, que nos dá o direito de adotar todas as medidas necessárias para resguardar a integridade do nosso espaço solar, enviamos a Rama um dispositivo nuclear dotado de alta energia. Sinceramente, nos sentiremos felizes se nunca tivermos de utilizá-lo. Mas agora, pelo menos, não estamos indefesos como antes.

"Talvez nos acusem de ter agido unilateralmente, sem consulta prévia.

Reconhecemos esse fato. Mas porventura alguém aqui imagina – com todo o respeito devido ao Sr. Presidente – que poderíamos ter conseguido um acordo dessa espécie dentro do tempo disponível? Levamos em conta que estamos agindo não apenas no nosso interesse, mas no interesse de toda a raça humana. É

possível que todas as gerações futuras nos venham a agradecer o fato de nos termos antecipado assim.

"Reconhecemos que seria uma tragédia, e até um crime, destruir um artefato tão maravilhoso como é Rama. Se há algum meio de evitar isso, *sem risco para a humanidade,* estamos prontos para ouvi-lo. Nós outros não encontramos nenhum, e o tempo vai se tornando escasso.

"Dentro dos próximos dias, antes que Rama atinja o periélio, a escolha terá de ser feita. Avisaremos, naturalmente, a *Endeavour* com bastante antecedência – mas aconselhamos o Comandante Norton a que esteja sempre preparado para partir no prazo de uma hora. Ê concebível que Rama venha a sofrer novas e dramáticas transformações a qualquer momento.

"Isto era tudo que tinha para dizer, Senhor Presidente e meus colegas.

Obrigado pela atenção que me dispensaram. Contarei com a cooperação de todos os senhores."

39 - DECISÃO DE COMANDO

– BEM, ROD, como se encaixam os mercurianos na sua teologia?

– Se encaixam até bem demais. Comandante – respondeu Rodrigo com um sorriso chistoso. – É o milenar conflito entre as forças do bem e as forças do mal.

E há ocasiões em que os homens têm que tomar partido nesse conflito.

"Mais ou menos o que eu esperava", pensou Norton. "Esta situação deve ter sido um choque para Boris, mas ele não se teria resignado a uma aquiescência passiva."

Os adeptos do Cristo Cosmonauta eram uma gente enérgica e competente.

Em verdade, a certos respeitos se pareciam notavelmente com os mercurianos.

– Imagino que você tenha um plano, Rod.

– Sim, Comandante. Aliás, um plano bastante simples. Tudo que temos a fazer é desarmar a bomba.

– Oh! E como pretende fazer isso?

– Com um pequeno alicate corta-fios.

Se outro tivesse dito isto, Norton acharia que era piada. Mas Boris Rodrigo?...

– Espere lá. O míssil está coalhado de câmaras. Você pensa que os mercurianos vão ficar olhando você fazer isso sem tratar de impedi-lo?

– Claro, é a única coisa que podem fazer. Quando o sinal os alcançar, será tarde demais. Posso facilmente terminar o trabalho em dez minutos.

– Estou vendo. Não há dúvida que eles ficarão furiosos. Mas suponhamos que a bomba tenha uma armadilha que a faça detonar a qualquer tentativa de interferência?

– Isso parece muito improvável. Com que finalidade? Essa bomba foi construída para uma missão específica no espaço profundo, e deve estar munida de toda sorte de dispositivos de segurança para *impedir* a detonação, salvo na ocorrência de um comando positivo. Mas esse é um risco que estou preparado para enfrentar – e pode-se fazer sem perigo para a nave. Tudo foi previsto nos meus planos.

– Quanto a isso não tenho a menor dúvida – respondeu Norton.

A idéia era sedutora, fascinante mesmo. O que mais particularmente lhe agradava era pensar na frustração dos mercurianos, e muito teria dado para verlhes as reações quando percebessem – demasiado tarde – o que estava acontecendo ao seu mortífero brinquedo.

Mas havia outras complicações que pareciam multiplicar-se à medida que Norton considerava o problema. Estava fazendo frente à mais difícil, mais crucial decisão de toda a sua carreira.

Isto, aliás, era um ridículo eufemismo. O que Norton tinha pela frente era a mais difícil decisão que *qualquer* comandante já tivera de tornar; o futuro da raça humana inteira bem podia depender dela. Pois suponhamos que os mercurianos tivessem razão?...

Depois que Rodrigo se retirou, ele ligou o sinal que dizia: É FAVOR NÃO

INTERROMPER. Não pode lembrar-se da última vez que o tinha usado, e ficou até um pouco surpreendido ao ver que ele funcionava. Agora, no coração da sua nave cheia de gente e movimento, estava absolutamente só – com exceção do retrato do Capitão James Cook, que o contemplava lá de longe, no fundo das avenidas do tempo.

Era impossível consultar a Terra; fora prevenido de que todas as mensagens podiam ser interceptadas – talvez por dispositivos de retransmissão ocultos na própria bomba. Isso deixava em suas mãos a responsabilidade inteira.

Ouvira certa vez contar que um Presidente dos Estados Unidos – seria Roosevelt ou Perez? – tinha em cima da sua mesa de trabalho um sinal que dizia:

"Este é o ponto final do abacaxi". Norton não sabia com certeza o que fosse um abacaxi, mas sabia quando um deles vinha parar na sua mesa.

Podia ficar inativo, à espera do aviso dos mercurianos para partir. Que impressão causaria isso nos futuros livros de História? Norton pouco se inquietava com a fama ou infâmia póstuma, porém não gostaria de ser lembrado para sempre como o cúmplice de um crime cósmico que ele poderia ter impedido.

E o plano era perfeito. Como esperava, Rodrigo tinha previsto todos os detalhes, considerado todas as possibilidades – inclusive o remoto perigo de que a bomba pudesse ser detonada por qualquer alteração do seu mecanismo. Se isso acontecesse, a *Endeavour* podia ainda estar a salvo, resguardada atrás de Rama.

Quanto ao próprio Tenente Rodrigo, parecia encarar com perfeita calma a possibilidade de uma apoteose instantânea.

E, contudo, mesmo que a bomba fosse desarmada com êxito, o assunto não terminaria aí. Os mercurianos podiam fazer nova tentativa, a não ser que se descobrisse um meio de dissuadi-los. Mas pelo menos se ganhariam com isso algumas semanas; Rama teria deixado o periélio muito para trás antes que um outro míssil pudesse alcançá-lo. Mas esperava-se que a essa altura os piores receios dos alarmistas se tivessem dissipado. Ou o contrário...

Agir ou não agir, eis a questão. O Comandante Norton nunca se sentira em tão estreita afinidade com o Príncipe da Dinamarca. O que quer que ele fizesse, as responsabilidades de bem e de mal pareciam equilibrar-se perfeitamente. A decisão que lhe cabia tomar era a mais moralmente difícil de todas. Se errasse na escolha, havia de sabê-lo bem depressa. Mas, se acertasse, talvez nunca fosse capaz de prová-lo...

De nada adiantava insistir na argumentação lógica e na interminável cartografia de futuros alternativos. Por esse caminho podia-se continuar dando voltas para o resto da vida. Era chegada a hora de escutar as suas vozes interiores.

Fixou-se nos olhos que o contemplavam, calmos e firmes, através dos séculos, e murmurou:

– Estou de acordo com o senhor Capitão. A raça humana deve viver com a sua consciência. Digam o que disserem os mercurianos em contrário, a sobrevivência não é tudo.

Apertou o botão que chamava a ponte de comando e disse numa voz pausada:

– Tenente Rodrigo – gostaria de falar com o senhor. Cerrou então os olhos, enfiou os polegares nos cintos de segurança da sua cadeira e preparou-se para gozar alguns momentos de total relaxação.

Talvez não voltasse a experimentá-la tão cedo.

40 - SABOTADOR

A MOTOROLA fora despida de todo equipamento desnecessário e ficara reduzida a uma simples armação aberta que mantinha unidos os sistemas de propulsão, direção e sustentação de vida. Até o assento do segundo piloto fora retirado, pois cada quilo de massa adicional tinha de ser pago em tempo de missão.

Essa era uma das razões, se bem que não a mais importante, pelas quais Rodrigo insistira em ir sozinho. O trabalho era tão simples que não havia necessidade de assessores, e a massa de um passageiro custaria vários minutos de tempo de voo. Tal como estava agora, a motorola podia acelerar a mais de um terço de gravidade e completar em quatro minutos a viagem da *Endeavour* até a bomba. Sobravam, pois, seis minutos, que deviam ser suficientes.

Após deixar a nave, Rodrigo olhou para trás uma vez e não mais; viu que, de acordo com os planos, ela se elevara acima do eixo central e ganhava distância pouco a pouco, sobre o disco rotativo da Face Norte. Quando atingisse a bomba, estaria separado da astronave por toda a espessura de Rama. Sobrevoou tranquilamente a planície polar. Não tinha por que se apressar aqui, pois as câmaras da bomba não o podiam ver ainda, e isso lhe permitia economizar combustível. Ao contornar a orla arredondada do pequeno mundo avistou o míssil, fulgurando aos raios de um sol mais feroz do que aquele que estorricava o seu planeta de origem.

Rodrigo já tinha ligado as orientações gravadas e deu início à sequência; a motorola rodopiou sobre os seus giroscópios e numa questão de segundos alcançou a plena propulsão. No primeiro instante a sensação de peso pareceu esmagadora, mas Rodrigo logo se ajustou a ela. Afinal, tinha suportado muito bem o dobro no interior de Rama – e nascera sob o triplo na Terra.

Abaixo dele, a enorme e curva parede exterior do cilindro de cinquenta quilômetros descaía lentamente para longe enquanto a motorola rumava diretamente para a bomba. Contudo, era impossível fazer uma idéia do tamanho de Rama, por ser completamente liso e em acidentes – tão despido de acidentes, em verdade, que dificilmente se percebia a sua rotação.

Cem segundos de missão haviam passado, e ele se aproximava do ponto mediano. A bomba ainda estava longe demais para revelar quaisquer detalhes, mas brilhava com muito mais intensidade contra o céu de um negro absoluto.

Era estranho não avistar estrelas – nem mesmo a colorida Terra ou a ofuscante Vênus; tal era o efeito dos filtros escuros que protegiam seus olhos contra a mortal claridade. Rodrigo suspeitou que estava batendo um recorde; provavelmente, nenhum outro homem, até agora, havia realizado um trabalho extra-veicular tão perto do Sol. Por sorte dele, o nível de atividade solar era, na ocasião, bastante baixo.

Aos dois minutos e dez segundos a luz de pisca-pisca começou a sinalizar, a propulsão caiu a zero e a motorola girou horizontalmente 180 graus. Um instante

depois a propulsão voltou com toda a sua força, mas agora Rodrigo desacelerava na mesma razão geométrica de três metros por segundo ao quadrado – em verdade, um pouco mate, visto que tinha perdido quase toda a sua massa de combustível. A distância que o separava da bomba era de vinte e cinco quilômetros; dentro de mais dois minutos iria alcançá-la. Tinha chegado à velocidade limite de mil e quinhentos km por hora – o que, para uma motorola espacial, era uma legítima loucura, e provavelmente outro recorde. Mas não se tratava precisamente de uma AEV de rotina, e ele sabia muito bem o que estava fazendo.

A bomba crescia de tamanho, e agora Rodrigo podia ver a antena principal, firmemente dirigida para a estrela invisível de Mercúrio. Por aquele comprimento de onda, havia três minutos que corria, com a velocidade da luz, a imagem de sua motorola aproximando-se. Faltavam ainda dois minutos para que essa imagem alcançasse Mercúrio.

Que fariam os mercurianos quando o vissem? Haveria consternação, é claro. Compreenderiam ato contínuo que ele entrara em contato com a bomba vários minutos antes de se darem conta de que vinha a caminho. Provavelmente o observador de plantão chamaria uma autoridade superior – o que tomaria mais tempo. Mesmo, porém, na pior das hipóteses possíveis – mesmo que o oficial de serviço tivesse autoridade para detonar a bomba e premisse imediatamente o botão – o sinal levaria mais cinco minutos a chegar.

Embora Rodrigo não jogasse nessa probabilidade – os *Cosmo-Christers* jamais jogavam – tinha plena certeza de que não haveria uma reação instantânea dessa sorte. Os mercurianos hesitariam em destruir um veículo de reconhecimento procedente da *Endeavour,* mesmo que suspeitassem de seus motivos. Antes de tudo, tentariam certamente alguma forma de comunicação – e isso significaria uma nova demora.

E havia outra razão, ainda melhor: eles não desperdiçariam aquela bomba de um gigaton numa simples motorola. E seria certamente um desperdício detoná-la a vinte quilômetros do objetivo. Teriam de pô-la em movimento primeiro. Oh! tempo era o que não faltava a Rodrigo... mas, fosse como fosse, toda cautela era pouca.

Agiria como se o impulso desencadeante estivesse para chegar no prazo mais curto possível – exatamente cinco minutos.

Enquanto a motorola transpunha as últimas centenas de metros, Rodrigo cotejou rapidamente os detalhes que podia distinguir agora com aqueles que estudara nas fotografias tiradas de longa distância. O que não era mais do que uma coleção de imagens converteu-se em metal duro e plástico lustroso – não mais abstratos, mas uma letal realidade.

A bomba era um cilindro de uns dez metros de comprido e três de diâmetro – por singular coincidência, quase as mesmas proporções do próprio Rama. Estava ligada à estrutura do veículo portador por uma treliça de vigas curtas em I. Por alguma razão que provavelmente tinha que ver com a localização do centro de massa, era sustentada *em ângulo reto* com o eixo do veículo, dando assim uma impressão

apropriadamente sinistra de cabeça de martelo. E era em verdade um martelo, bastante poderoso para enfardar um mundo.

Partindo de cada extremidade da bomba, um feixe de cabos trançados corria ao longo da superfície curva do cilindro e, embrenhando-se na treliça, ia desaparecer no interior do veículo. Toda a comunicação e controle residia ali; na própria bomba não havia nenhuma antena de qualquer espécie. Bastava a Rodrigo cortar esses dois feixes de cabos e nada restaria senão metal inerte e inofensivo.

Conquanto isso fosse exatamente o que esperava, ainda lhe parecia um pouco fácil demais. Olhou o seu relógio; outros trinta segundos se passariam antes que os mercurianos, mesmo que estivessem observando quando ele contornara a orla de Rama, tomassem conhecimento da sua existência. Dispunha de cinco minutos, absolutamente garantidos, para trabalhar ininterruptamente – e 99 por cento de probabilidade de um tempo muito mais longo.

Assim que a motorola se imobilizou por completo, Rodrigo engatou-a à armação do míssil, de modo que ambos formassem uma estrutura rígida. Para isso não foram precisos mais do que alguns segundos; já havia escolhido as suas ferramentas, e num instante abandonou o assento do piloto, apenas levemente estorvado pelo tecido duro da sua roupa isolante.

A primeira coisa que se pôs a inspecionar foi uma pequena placa de metal com a inscrição:

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA,
DIVISÃO DE FORÇA MOTRIZ
SEÇÃO D 47, SUNSET BOULEVARD
VULCANOPOLIS, 17464
SOLICITAR INFORMAÇÕES AO SR. HENRY K. JONES.

Rodrigo suspeitou de que dentro de alguns minutos Jones estaria ocupadíssimo.

O cabo não deu muito que fazer ao possante corta-fios. Enquanto rompia os primeiros cordões, Rodrigo nem sequer pensou nas chamas infernais que estavam represadas a poucos centímetros dele; se o que estava fazendo as desencadeasse, ele nem sequer o saberia.

Tornou a consultar o seu relógio; demorara menos de um minuto naquele trabalho, o que significava que estava dentro do horário preestabelecido. Só faltava agora o cabo de retorno, e depois poderia voltar, bem à vista dos furiosos e frustrados mercurianos.

Ia aplicar o corta-fios ao segundo feixe de cabos quando sentiu uma vibração quase imperceptível no metal que tocava. Sobressaltado, olhou o corpo do míssil às suas costas.

A característica luz azul-violeta de um propulsor de plasma em ação pairava em redor de um dos jatos de controle de altitude. A bomba se preparava para pôr-se em movimento.

A mensagem de Mercúrio era breve e devastadora. Chegou dois minutos depois

de Rodrigo ter desaparecido atrás da orla de Rama.

I COMANDANTE ENDEAVOUR VG
DO CONTROLE ESPACIAL MERCÚRIO VG
INFERNO WEST PT
DAMOS-LHE UMA HORA APÓS RECEBIMENTO PARA ABANDONAR IMEDIAÇÕES DE RAMA PT
SUGERIMOS RETIRADA COM MÁXIMA ACELERAÇÃO AO LONGO EIXO ROTAÇÃO PT
QUEIRA ACUSAR RECEBIMENTO PT
FIM DA MENSAGEM.

O Comandante Norton leu-a primeiro com absoluta incredulidade, depois com raiva. Teve um impulso infantil de responder pelo rádio que toda a sua tripulação se achava no interior de Rama e levaria horas a evacuá-la. Mas isso não serviria de nada – salvo, talvez, para testar a força de vontade e a audácia dos mercurianos.

E por que haviam eles decidido agir vários dias antes do periélio? A pressão crescente da opinião pública se teria tornado grande demais, levando-os a resolverem defrontar o resto da raça humana com um *fait accompli?* A explicação não parecia muito convincente. Um tal grau de sensibilidade não se coadunava com o feitio mercuriano.

Não tinha meio de chamar Rodrigo, pois a motorola estava agora na rádiosombra de Rama e continuaria inacessível até que tornasse à linha de visão. Isso não aconteceria antes de se ter completado – ou falhado – a missão. Teria de esperar até lá; ainda havia tempo de sobra, nada menos de cinquenta minutos.

Entrementes, decidira qual seria a melhor maneira de responder a Mercúrio.

Não faria nenhum caso da mensagem e aguardaria a reação dos mercurianos.

A primeira reação de Rodrigo, quando a bomba começou a mover-se, não foi de medo físico, mas de algo muito mais devastador Acreditava que o universo funcionava de acordo com leis estritas a que nem o próprio Deus não podia desobedecer – quanto menos os mercurianos.

Nenhuma mensagem podia viajar mais depressa do que a luz; ele tinha cinco minutos de dianteira sobre qualquer coisa que os mercurianos pudessem fazer.

Aquilo podia ser uma simples coincidência – fantástica, talvez mortal, porém nada mais do que uma coincidência. Por casualidade, um sinal de controle podia ter sido enviado à bomba no momento em que ele deixava a *Endeavour;* enquanto Rodrigo percorria trinta quilômetros, o sinal havia coberto oitenta milhões.

Ou talvez se tratasse de uma mudança automática de atitude, para neutralizar o superaquecimento de um ponto qualquer do veículo. Havia lugares em que a temperatura superficial ia quase a mil e quinhentos graus, e Rodrigo tivera o maior cuidado em se conservar tanto quanto possível na sombra.

Um segundo propulsor começou a disparar, opondo-se à rotação imprimida pelo primeiro. Não, não se tratava de um simples reajuste térmico. A bomba estava se

reorientando, a fim de apontar para Rama...

Inútil indagar *por que* isso acontecia, neste momento preciso. Havia uma coisa em seu favor: o míssil era um dispositivo de baixa aceleração. Um décimo de gravidade era o máximo que poderia alcançar. Não havia pressa. Testou os ganchos que prendiam a motorola à armação da bomba e tornou a experimentar a corda de segurança da sua roupa espacial. Ia crescendo dentro dele uma cólera fria que o consolidava na sua resolução. Significaria essa manobra que os mercurianos iam explodir a bomba sem aviso, sem dar à *Endeavour* nenhuma chance de escapar? Isso parecia incrível, um ato não só de brutalidade como até de loucura, feito para voltar o resto do sistema solar contra eles. E o que os teria levado a renegar a solene promessa dada pelo seu próprio embaixador?

Fosse qual fosse o seu intento, não haviam de lográ-lo.

A segunda mensagem de Mercúrio foi idêntica à primeira e chegou dez minutos mais tarde. Tinham, pois, prorrogado o prazo – Norton ainda dispunha de uma hora. E, evidentemente, haviam esperado que uma resposta *à&Endeavour* os alcançasse antes de tornarem a chamá-la.

Agora, havia outro fator; a esta altura já deviam ter visto Rodrigo e teriam tido vários minutos para agir. Suas ordens talvez já viessem a caminho e poderiam chegar a qualquer instante.

Devia estar preparando-se para partir. Quando menos esperasse, a massa enorme de Rama, que enchia o céu, se tornaria incandescente nas orlas e toda ela começaria a fulgurar com um esplendor que eclipsaria o do Sol.

Quando chegou o impulso mais forte, Rodrigo estava firmemente ancorado. Apenas dez segundos depois, cessou. Ele fez um rápido cálculo mental: a delta-v não podia ter sido maior que quinze quilômetros por hora. A bomba levaria mais de uma hora para alcançar Rama. Talvez se estivesse apenas aproximando para obter uma reação mais rápida. Nesse caso, seria uma sábia precaução; mas os mercurianos a tinham tomado tarde demais.

Rodrigo deu uma olhada ao seu relógio, se bem que agora sentisse a passagem do tempo quase sem consultá-lo. Em Mercúrio, deviam estar vendo-o nesse momento a dirigir-se resolutamente para a bomba e distante dela menos de dois quilômetros. Não podiam duvidar de suas intenções e deviam estar imaginando se ele já não as teria posto em prática.

O segundo feixe de cabos deixou-se cortar com a mesma facilidade que o primeiro; como todo bom trabalhador, Rodrigo escolhera bem as suas ferramentas. A bomba fora desarmada; ou, para ser mais exato, já não podia ser detonada por comando remoto.

Havia, porém, uma outra possibilidade que ele não podia descurar. Não havia detonadores externos de contato, mas podia havê-los internos, que fossem acionados pelo choque do impacto. Os mercurianos ainda controlavam os movimentos do seu veículo e podiam arremessá-lo contra Rama quando quisessem. Rodrigo ainda não acabara de todo o seu trabalho.

Daqui a cinco minutos, naquela sala de controle num ponto qualquer de Mercúrio, vê-lo-iam voltando de rastos sobre a superfície do veículo e trazendo consigo o modesto corta-fios que tinha neutralizado a mais poderosa arma já construída pelo homem. Por um triz não abanou para a câmara, mas achou que o gesto poderia parecer pouco sério; afinal de contas, era um momento histórico e milhões, no futuro, contemplariam essa cena em todas as telas. A não ser, é claro, que os despeitados mercurianos destruíssem o vídeo; pensando nessa possibilidade, Rodrigo quase os desculpava.

Chegou à montagem da antena de longo alcance e lentamente, sem esforço, subiu-a mão por mão até a imensa meia-laranja. Seu fiel corta-fios inutilizou em dois tempos o sistema multiplex de alimentação, mascando por igual os cabos e os guias de raios *laser*. Ao fazer o último corte, a antena começou a girar lentamente sobre si mesma; esse movimento inesperado sobressaltou-o, mas logo compreendeu que havia destruído o seu suporte automático em Mercúrio. Daqui a cinco minutos exatos, os mercurianos perderiam todo contato com o seu servo, que agora não só estava impotente como tinha ficado cego e surdo.

Rodrigo voltou devagar à motorola, soltou-lhe as maneias fê-la girar em roda até que os pára-choques dianteiros começaram a pressionar o míssil, tão próximo quanto possível do seu centro de massa. Deu, então, toda a força de propulsão ao pequeno veículo e manteve-a nesse nível durante vinte segundos.

A motorola, que empurrava uma massa vinte vezes maior do que a sua, respondeu muito morosamente. Ao tornar a baixar a'propulsão a zero, Rodrigo procedeu a uma cuidadosa leitura do novo vetor de velocidade da bomba.

Passaria a considerável distância de Rama – e em qualquer ocasião futura se poderia localizá-la novamente com precisão. Afinal, não deixava de ser um instrumento valioso.

O Tenente Rodrigo era homem de uma honradez quase patológica. Não gostaria de que os mercurianos o acusassem de ter extraviado a sua propriedade.

41 - HERÓI

"MINHA QUERIDA", começou Norton, "esta brincadeira nos custou mais de um dia, mas pelo menos me ofereceu um ensejo de lhe falar. Continuo na nave, que está voltando ao seu posto no eixo polar. Faz uma hora que recolhemos Rod, com o ar de quem acaba de sair de serviço após uma guarda sem novidade.

Imagino que nenhum de nós dois poderá jamais tornar a visitar Mercúrio, e me pergunto se seremos tratados como heróis ou vilões quando voltarmos à Terra.

Mas a minha consciência, pelo menos, está tranquila; tenho certeza de que agimos bem. Será que um dia os ramaianos nos dirão "obrigados"? Só podemos ficar aqui dois dias mais; não temos, como Rama, uma carapaça de um quilômetro de espessura para nos proteger contra o sol. O casco já está começando a desenvolver perigosos pontos de alta temperatura e tivemos de fazer alguma blindagem térmica local. Desculpe, não queria importuná-la com os meus problemas...

De modo que ainda nos resta tempo para mais uma viagem a Rama, e pretendo aproveitá-lo ao máximo. Mas não se inquiete, não vou me arriscar a nada."

Norton cessou a gravação. Esta frase final, para dizer o mínimo, era uma violência à verdade. Havia perigo e incerteza em todos os momentos no interior de Rama; ninguém poderia jamais sentir-se à vontade ali, em presença de forças inacessíveis ao seu entendimento. E nessa derradeira viagem, sabendo que não tornariam a voltar e que nenhuma operação futura seria prejudicada, projetava tentar um pouco mais a sorte.

"Dentro de quarenta e oito horas, pois, teremos completado esta missão. O que então vai acontecer é ainda incerto; como você sabe, já usamos virtualmente todo o nosso combustível para entrar nesta órbita. Ainda estou à espera de saber se uma nave-tanque poderá encontrar-se conosco a tempo de voltarmos à Terra, ou se teremos que descer em Marte. Seja como for, lá pelo Natal deverei estar em casa. Diga ao Júnior que sinto muito, mas não posso levar um filhote de biômato.

Semelhante animal não existe...

"Todos vamos bem, mas nos sentimos muito cansados. Creio que com tantas andanças fiz jus a uma longa licença, e trataremos então de recuperar o tempo perdido. Digam o que disserem a meu respeito, você poderá gabar-se de ser mulher de um herói. Quantas por aí terão um esposo que salvou um mundo?"

Como sempre, escutou cuidadosamente a gravação antes de duplicá-la para certificar-se de que era aplicável a ambas as famílias. Como era estranho que não soubesse a qual das duas veria primeiro! Em geral, o seu itinerário era determinado pelo menos com um ano de antecedência, pelos inexoráveis movimentos dos próprios planetas.

Mas isso fora nos tempos anteriores a Rama; agora, as coisas nunca mais tornariam a ser as mesmas.

42 - TEMPLO DE VIDRO

– SE TENTARMOS – disse Karl Mercer, – o senhor acha que os biômatos nos impedirão?

– Talvez impeçam; essa é uma das coisas que quero verificar. Por que olha para mim desse jeito?

Mercer deu-lhe aquele seu sorriso lento e impenetrável, mas capaz de ser sublinhado, a qualquer momento, por alguma falecia privada que ele podia ou não repartir com os seus companheiros de equipagem.

– Estava imaginando, Capitão, se o senhor pensa que é dono de Rama. Até agora, tinha vetado qualquer tentativa de penetrar à força nos edifícios. Por que esta mudança? Será influência dos mercurianos?

Norton riu, mas de repente ficou sério. A pergunta era arguta, **e** ele não sabia se as respostas óbvias seriam as mais acertadas.

– Talvez eu tenha sido ultra cauteloso... Queria evitar complicações. Mas esta é a nossa última chance. Se formos obrigados a nos retirar, a perda não será grande.

– Desde que nos retiremos em boa ordem.

– Pois claro. Mas os biômatos nunca deram sinais de hostilidade; e, fora as aranhas, não creio que exista aqui alguma coisa capaz de nos alcançar... se tivermos que correr de verdade.

– O senhor pode correr, se quiser, Capitão, mas eu tenciono partir com dignidade. A propósito, acho que já sei por que os biômatos têm tantas contemplações conosco.

– Ê um pouco tarde para propor uma nova teoria.

– Em todo caso, lá vai. Eles pensam que nós somos ramaianos. Não percebem a diferença entre um respirador de oxigênio e outro.

– Não creio que sejam tão estúpidos assim.

– Não é uma questão de estupidez. Foram programados para as suas tarefas particulares e nós simplesmente não estamos incluídos no seu quadro de referências.

– Talvez você tenha razão. E pode ser que venhamos a averiguar isso...

logo que tenhamos começado a trabalhar em Londres.

Joe Calvert sempre se deleitara com aqueles velhos filmes em torno de assaltos a bancos, porém nunca esperava ver-se um dia envolvido num deles.

Contudo isso era, no fundo, o que estava fazendo agora.

"As ruas desertas de Londres" pareciam prenhes de ameaças, embora ele soubesse que isso não era mais do que uma ficção de sua consciência culpada.

Não acreditava *realmente* que as construções hermeticamente vedadas e sem janelas estivessem cheias de habitantes à espreita, prontos para operar uma surtida em hordas iracundas assim que os invasores pusessem as mãos em suas propriedades. Tinha, mesmo, plena certeza de que esse complexo, como todas as

outras "cidades", era apenas uma vasta área de depósitos.

Havia, porém, um outro temor, igualmente baseado em inúmeros dramas antigos de crime, mas que podia ser mais bem-fundado. Talvez não houvesse clamorosas campainhas de alarma nem sirenas ululantes, mas era razoável supor que Rama possuísse um sistema qualquer de aviso. De outra forma, como poderiam os biômatos saber quando e onde se faziam necessários os seus serviços?

– Os que não têm óculos protetores virem as costas – disse o Sargento Myron. Sentiu-se um cheiro de óxidos nítricos quando o próprio ar começou a arder à chama do maçarico de raios *laser* e se ouviu o crepitar ininterrupto da faca de fogo que abria caminho em busca de segredos que tinham permanecido ocultos desde as origens do homem.

Matéria nenhuma podia resistir àquela concentração de força que continuava a cortar num ritmo uniforme de vários metros por minuto. Dentro de um tempo notavelmente curto foi ablaqueada uma seção bastante grande para deixar passar um homem. Como a seção recortada não quisesse mexer-se por si mesma, Myron bateu suavemente nela com as pontas dos dedos – depois mais forte – depois meteu-lhe o ombro com toda a força. A laje tombou para dentro com um cavo estrondo que ecoou em todas as direções. Mais uma vez, como fizera durante aquela primeira entrada em Rama, Norton lembrou-se do arqueólogo que havia aberto o antigo túmulo egípcio. Não esperava ver um resplendor de ouro; não tinha, em verdade, idéias preconcebidas de espécie alguma ao enfiar-se pela abertura, com o facho da lanterna elétrica voltado para a frente.

Um templo grego feito de vidro – essa foi a sua primeira impressão.

Enchiam todo aquele espaço fileiras e mais fileiras de colunas cristalinas, com cerca de um metro de diâmetro e estendendo-se do chão até o teto. Eram centenas, recuando na escuridão até que a luz da lanterna já não as podia alcançar.

Norton caminhou para a coluna mais próxima e dirigiu a luz para o seu interior. Refratados como por uma lente cilíndrica, os raios abriram-se em leque no lado oposta para focalizar-se e refocalizar-se, mais fracos a cada repetição, nas colunas que se enfileiravam mais atrás. Norton teve a sensação de se encontrar no meio de uma complicada demonstração de óptica.

– Muito bonito – disse Mercer, o homem de espírito prático, – mas que significa isto? Para que serve uma floresta de pilares de vidro?

Norton bateu de leve numa coluna com os nós dos dedos. Parecia sólida e inteiriça, conquanto mais metálica do que cristalina. Não sabia absolutamente o que pensar, motivo pelo qual seguiu um prestimoso conselho que tinha ouvido muitos anos atrás: "Quando em dúvida, não diga nada e siga o seu caminho."

Ao chegar à próxima coluna, que parecia exatamente igual à primeira, ouviu uma exclamação de surpresa de Mercer.

– Eu teria jurado que este pilar estava vazio... Agora há qualquer coisa aí dentro.

Norton olhou vivamente para trás.

– Onde? Não vejo nada.

Seguiu a direção que Mercer apontava com o dedo. Mas apontava para o vazio. A coluna era ainda perfeitamente transparente.

– Não pode ver? – repetiu Mercer, incrédulo. – Faça a volta e venha olhar deste lado. Raios, agora perdi de vista!

– Que é que está acontecendo aqui? – acudiu Calvert. Vários minutos se passaram antes que ele obtivesse o começo de uma resposta.

As colunas não eram transparentes de todos os ângulos nem sob qualquer iluminação. Quando se lhes dava volta, objetos apareciam subitamente à vista, como que incrustados nas profundezas do material à guisa de moscas no âmbar – e logo tornavam a desaparecer. Eram dúzias, e todos diferentes. Pareciam absolutamente reais e sólidos, e contudo muitos davam a impressão de ocupar o mesmíssimo lugar no espaço.

– Hologramas – disse Calvert. – Tal como num museu da Terra.

Essa era a explicação óbvia, e por isso mesmo Norton olhou-a com suspeita. Suas dúvidas cresceram de vulto quando examinou as outras colunas, fazendo surgir as imagens guardadas no seu interior.

Ferramentas manuais (ainda que destinadas a mãos enormes e de feitio muito esquisito), recipientes, pequenas máquinas com teclados que pareciam dever ser acionados por mais de cinco dedos, instrumentos científicos, utensílios domésticos surpreendentemente convencionais, inclusive facas e pratos que, a não ser o seu tamanho, não teriam merecido um segundo olhar em qualquer mesa terrestre – de tudo havia ali, com centenas de objetos menos identificáveis, muitas vezes reunidos no mesmo pilar. Um museu, seguramente, teria um arranjo mais lógico, alguma segregação de itens correlacionados. Esta parecia ser uma coleção de ferragens dispostas sem nenhuma ordem.

Haviam fotografado as fugidias imagens dentro de uma vintena daqueles pilares de cristal quando a própria heterogeneidade dos itens forneceu uma pista a Norton. Talvez não se tratasse de uma coleção, mas de um *catálogo,* organizado de acordo com um sistema arbitrário mas perfeitamente lógico. Pensou nas estranhas justaposições que daria qualquer dicionário ou lista alfabética, e experimentou a idéia com os seus companheiros.

– Percebo o que o senhor quer dizer – falou Mercer. – Os ramaianos não ficariam menos surpreendidos se nos vissem juntar... hã... balões com baleias.

– Ou abóboras com abóbadas – acrescentou Calvert depois de refletir profundamente durante alguns segundos. Essa espécie de jogo podia durar horas, decidiu ele, com pares de vocábulos cada vez mais disparatados.

– Esta é a idéia – retrucou Norton. – Isto aí pode ser um catálogo em ordem alfabética, só que com imagens em três dimensões, matrizes, fotocalcos sólidos, se assim preferirem.

– Com que fim?

– Bom, você conhece a teoria sobre os biômatos... a idéia de que eles não existem enquanto não se tornam necessários, e que então são criados – sintetizados – de

acordo com modelos que se acham guardados por aí?

– Entendo – disse Mercer, lento e pensativo. – De modo que quando um ramaiano precisa de uma grua canhota, perfura o número de código correspondente e um exemplar é fabricado de acordo com o padrão aqui existente.

– Mais ou menos isso. Mas, por favor, não me peça detalhes práticos.

O tamanho dos pilares entre os quais eles passavam ia crescendo constantemente. Mediam, agora, mais de dois metros de diâmetro, e as imagens eram maiores na mesma proporção; evidentemente, e sem dúvida por ótimas razões, os ramaianos acreditavam em fazer tudo numa escala de um por um. Se assim fosse, perguntava-se Norton, como guardariam eles os modelos das coisas realmente grandes?

A fim de aumentar a sua cobertura, os quatro exploradores se haviam espalhado entre as colunas de cristal e iam tirando fotografias com a rapidez que lhes permitia o tempo necessário para focalizar sua câmaras nas perecíveis imagens. Era uma sorte incrível, pensou Norton, embora sentisse que a merecera; não podiam ter feito melhor escolha do que esse Catálogo Ilustrado de Artefatos Ramaianos. E contudo, sob outro ponto de vista, dificilmente teria sido mais frustrativa. A bem dizer, ali não havia nada a não ser impalpáveis padrões de claros e escuros; esses objetos aparentemente sólidos não tinham existência real.

Mesmo sabendo-o, Norton sentiu mais de uma vez a tentação quase irresistível de penetrar com o raio *laser* no interior de um desses pilares, para poder levar consigo à Terra alguma coisa material. Era o mesmo impulso, pensou ele com uma ironia perversa, que levaria um macaco a tentar agarrar o reflexo de uma banana num espelho.

Estava fotografando algo que parecia ser uma espécie de dispositivo óptico quando o grito de Calvert o fez largar a correr entre as colunas.

– Capitão... Karl... Will... Vejam *isto!*

Joe era propenso aos entusiasmos repentinos, mas o que tinha encontrado bastava para justificar o maior dos alvoroços.

Dentro de uma das colunas de dois metros de.diâmetro via-se um complicado arnês ou uniforme, obviamente feito para um ser de postura ereta, muito mais alto do que um homem. Uma fita metálica central, muito estreita, parecia circundar a cintura, tórax ou alguma parte do corpo desconhecida pela zoologia terrestre. Dela partiam três esguias colunas, afilando-se para fora e terminando num cinturão perfeitamente circular, com um respeitável metro de diâmetro. Umas argolas dispostas ao longo desse cinturão e separadas por intervalos iguais só podiam servir para dar passagem a membros superiores, ou braços. *Três* argolas...

Não escasseavam as bolsas, fivelas, bandoleiras, servindo de suporte a ferramentas (ou armas?), canos e fios elétricos, inclusive pequenas caixas pretas que pareceriam perfeitamente em casa num laboratório eletrônico da Terra. Em suma, um conjunto de peças quase tão complexo quanto uma roupa espacial, embora só oferecesse, obviamente, uma cobertura parcial para a criatura que a

usasse.

E seria essa criatura um ramaiano? perguntou-se Norton. Provavelmente nunca o saberiam; mas devia ter sido um ser inteligente, pois nenhum animal poderia avir-se com um equipamento tão sofisticado.

– Cerca de dois metros e meio de altura – disse Mercer, pensativo. – Sem contar a cabeça, que sabe lá que feitio teria...

– Com três braços... e presumivelmente três pernas. Tal como as Aranhas, só que numa escala muito mais maciça. Você supõe que isso seja uma coincidência?

– Provavelmente não. Nós projetamos os robôs à nossa própria imagem.

Seria de esperar que os ramaianos fizessem o mesmo.

Joe Calvert, insolitamente taciturno, contemplava toda aquela panóplia com uma espécie de terror.

– Você supõe que eles saibam da nossa presença aqui? – perguntou num semicochicho.

– Duvido – disse Mercer. – Nem sequer atingimos o limiar da consciência deles... se bem que os mercurianos tenham feito uma bela tentativa.

Ainda estavam parados diante da coluna, incapazes de se despegar dali, quando a voz urgente e alarmada de Pieter gritou lá no Cubo:

– Capitão! Convém virem para fora.

– Que é que há? Biômatos dirigindo-se para cá?

– Não, é algo muito mais sério. *As luzes estão se apagando*.

43 - RETIRADA

QUANDO SAIU apressadamente pelo buraco que haviam aberto com o *laser,* pareceu a Norton que os seis sóis de Rama continuavam tão brilhantes como sempre. "Pieter deve ter cometido algum erro", pensou. "Isso está fora dos seus hábitos..." Mas Pieter tinha previsto esta reação.

– A coisa aconteceu tão devagar – explicou ele, como quem se desculpa, – que só depois de muito tempo notei alguma diferença. Mas não há a menor dúvida. O fotômetro indica que o nível de iluminação baixou quarenta por cento.

Norton, cujos olhos já se haviam reajustado após a penumbra do templo de vidro, podia acreditar nele agora. O longo dia de Rama aproximava-se do fim.

O calorzinho ambiente era ainda o mesmo, e no entanto Norton sentia-se arrepiar de frio. Tivera essa sensação já uma vez, durante um belo dia de verão na Terra. A luz enfraquecera inexplicavelmente, como se uma escuridão caísse da atmosfera, ou como se o sol tivesse perdido a sua força – embora não houvesse uma só nuvem no céu. Então se lembrou: estava havendo na ocasião um eclipse parcial.

– Pois aí está – disse, com a testa franzida. – Vamos voltar para casa.

Abandonem toda a aparelhagem. Não precisaremos mais dela.

Agora – assim esperava – um detalhe do planejamento ia demonstrar o seu valor. Havia escolhido Londres para essa incursão porque nenhuma outra cidade se achava tão próxima de uma escadaria. A Beta começava a apenas quatro quilômetros dali.

Puseram-se a caminho naquele marche-marche compassado que era a andadura mais cômoda a meia gravidade. Norton estabeleceu um ritmo que, pelos seus cálculos, os levaria à orla da planície num mínimo de tempo e sem exaustão. De modo nenhum esquecia os oito quilômetros que ainda teriam de subir quando chegassem a Beta, mas sentir-se-ia muito mais tranquilo quando tivessem iniciado a ascensão.

O primeiro tremor ocorreu já quase ao alcançarem a escadaria. Foi levíssimo, e Norton se virou instintivamente para o sul, esperando ver outra exibição pirotécnica em redor dos Chifres. Mas em Rama nunca parecia acontecer exatamente a mesma coisa duas vezes; se havia descargas elétricas acima das pontiagudas montanhas, eram fracas demais para ser vistas.

– Ponte – chamou ele. – Repararam nisso?

– Sim, Capitão. Um choque muito pequeno. Pode ter sido outra mudança de posição. Estamos observando o girômetro... Por enquanto, nada. Um momentinho! Leitura positiva! Mal se pode perceber. Menos de um microrradiano por segundo, mas se mantém firme.

De modo que Rama estava começando a fazer a volta, ainda que com uma lentidão quase imperceptível. Aqueles primeiros choques talvez tivessem sido um

alarma falso – mas este sem dúvida era autêntico.

– Ritmo aumentando... cinco microrradianos. Alô! Ouviram este choque agora?

– Claro que ouvimos. Ponham em operação todos os sistemas da nave.

Talvez tenhamos de partir às pressas.

– O senhor esperava uma mudança de órbita para já? Ainda estamos longe do periélio.

– Não creio que Rama funcione de acordo com os nossos manuais.

Estamos chegando a Beta. Vamos descansar cinco minutos aí.

Cinco minutos era o que se chama insuficiente, mas foi como se ele tivesse dito um século. Pois agora não havia dúvida de que a luz se estava apagando, e apagando-se bem depressa.

Embora todos tivessem as suas lanternas, a idéia da escuridão ali tornara-se intolerável; a tal ponto se haviam acostumado psicologicamente ao interminável dia que era difícil recordar as condições em que tinham explorado pela primeira vez aquele mundo. Sentiam um impulso irresistível de fugir – de sair para a luz do sol, de que os separava aquela parede cilíndrica de um quilômetro de espessura.

– Controle Central! – chamou Norton. – O projetor está funcionando?

Talvez precisemos dele para logo.

– Sim, Capitão. Aqui está ele.

Uma tranquilizadora centelha de luz começou a brilhar oito quilômetros acima deles. Mesmo contra o dia agonizante de Rama, parecia surpreendentemente fraca; mas já lhes fora útil uma vez e tornaria a guiá-los se necessitassem dela.

Bem sabia Norton que esta seria a mais longa e torturante ascensão que até então tinham feito. Acontecesse o que acontecesse, não podiam se apressar; se fizessem demasiado esforço, cairiam simplesmente extenuados naquela rampa vertiginosa e teriam de esperar até que os seus músculos recuperassem a elasticidade normal e lhes permitissem continuar. A essa altura deviam ser uma das tripulações mais aptas que já haviam realizado uma missão espacial; mas há limites Para o que a carne e o sangue podem suportar.

Após uma hora de ininterrupto mourejar, haviam alcançado a Quarta seção da escadaria, a cerca de três quilômetros da planície. Daí em diante a escalada seria muito mais fácil; a gravidade já se reduzira a um terço de seu valor na Terra. Embora continuassem a sentir-se pequenos choques de tempos a tempos, não ocorrera nenhum outro fenômeno inusitado e ainda havia luz de sobra. Começaram a ficar mais otimistas e até a desconfiar que tivessem partido cedo demais. Uma coisa era certa, porém: não seria mais possível voltar. Haviam trilhado pela última vez a planície de Rama.

Foi enquanto gozavam dez minutos de repouso na quarta plataforma que Joe Calvert exclamou subitamente:

– Que barulho é esse, Capitão?

– Barulho!... Não estou ouvindo nada.

– Um apito agudo, baixando de frequência... É impossível que não ouça!

– Você tem um ouvido mais moço do que o meu... Oh! Agora ouço.

O apito parecia provir de todas as direções. Logo ficou forte, até estridente, e baixando rapidamente de tom. De súbito, cessou.

Alguns segundos depois recomeçou, repetindo a mesma sequência. Tinha o som lúgubre e premente de uma sirena de farol a espalhar o seu aviso na noite enfuscada pelo nevoeiro. Havia naquilo uma mensagem, e uma mensagem urgente. Não se destinava aos ouvidos daqueles homens, mas eles a compreendiam. E, como para maior garantia de que seria ouvida, corroboravamna as próprias luzes.

Amorteciam até quase se apagarem e depois começavam a lampejar.

Glóbulos cintilantes, como fogo-de-santelmo, corriam ao longo dos seis estreitos vales que antes haviam iluminado aquele mundo. Partiam de ambos os pólos em direção ao Mar, num ritmo sincronizado, hipnótico, que só podia significar uma coisa. "Ao Mar! Ao Mar!" bradavam as luzes. "Ao Mar!" E era difícil resistir a esse chamado; não houve um só homem que não sentisse o impulso de voltar atrás e buscar o esquecimento nas águas de Rama.

– Controle Central! – chamou Norton numa voz urgente. – Podem ver daí o que está acontecendo?

Respondeu-lhe a voz de Pieter, que soava pasmada e não pouco atemorizada.

– Sim, Capitão. Estou olhando o continente meridional. Ainda se vêem dúzias de biômatos por lá – inclusive alguns dos grandes, Guindastes, *Bulldozers,* e magotes de Lixeiros. E todos se precipitam para o Mar; nunca os vi andar tão depressa. Lá vai um Guindaste, mergulhando do alto da plataforma! Tal como Jimmy, só que afundou muito mais rápido; todo ele se fez em pedaços ao bater na água. E aí vêm os tubarões – já se atiraram a ele. Ui! não é nada bonito de se ver.

"Agora estou olhando a planície. Aqui está um *Bulldozer* que parece enguiçado. Tudo que faz é andar em roda, andar em roda... Agora um par de Caranguejos começou a arrancar-lhe os pedaços... Capitão, acho que convém voltarem imediatamente.

– Pode crer – disse Norton do fundo d'alma – que estamos voltando tão depressa quanto podemos.

Rama trancava as escotilhas como um navio que se prepara para uma tormenta. Essa era a assoberbante impressão de Norton, conquanto não a pudesse assentar sobre uma base lógica. Já não se sentia completamente irracional; duas compulsões se combatiam no seu espírito: a necessidade de escapar e o desejo de obedecer àqueles relâmpagos que ainda corriam no céu, ordenando-lhe que fosse reunir-se aos biômatos em sua marcha para o mar. Mais um lance de escadaria... outra pausa de dez minutos, para que os seus músculos fossem lavados dos venenos da fadiga. E... de novo a caminho! Ainda dez quilômetros que andar, mas procuremos não pensar nisso...

De súbito, a enlouquecedora sequência de apitos descendentes emudeceu.

No mesmo instante, deteve-se o movimento estroboscópico dos santelmos que corriam pelas fendas dos Vales Retilíneos rumo ao mar; os seis sóis lineares de

Rama voltaram a ser aquelas listas contínuas de luz que sempre tinham sido.

Mas iam se apagando rapidamente, e às vezes bruxuleavam como se tremendos impulsos de energia fossem arrancados às fontes em acelerado declínio. De tempos a tempos sentiam-se leves tremores do solo; a ponte informou que Rama continuava a mudar de posição com uma vagareza imperceptível, qual uma agulha de bússola respondendo a um campo magnético bastante fraco. Isso era talvez tranquilizador; quando Rama parasse de mudar de atitude é que Norton começaria realmente a inquietar-se.

Todos os biômatos haviam desaparecido, segundo informou Pieter. Em todo o interior de Rama, o único movimento era o de seres humanos, arrastandose com penosa lentidão sobre a curva ascendente da calota setentrional.

Há muito que Norton se havia curado da vertigem que sentira naquela primeira ascensão, mas um novo temor começava a insinuar-se nos seus pensamentos. Eram tão vulneráveis aqui, nesta interminável subida da planície para o Cubo! Suponhamos que, quando houvesse completado a sua mudança de posição, Rama começasse a acelerar?

Presumivelmente, o impulso se daria ao longo do eixo. Se fosse na direção norte, não haveria problema; eles se sentiriam um pouco mais firmados na rampa que iam subindo. Mas se fosse na direção contrária podiam ser arremessados no espaço, indo finalmente cair na Planície, lá embaixo.

Procurou tranquilizar-se refletindo que toda aceleração possível teria de ser muito fraca. Os cálculos do Dr. Perera eram incontrovertíveis; Rama não podia acelerar a mais de um cinquenta avôs de gravidade, pois do contrário o Mar Cilíndrico galgaria o topo da escarpa meridional e inundaria um continente inteiro. Mas o Dr. Perera estava num confortável gabinete lá na Terra, e não a poucos quilômetros de uma semicúpula metálica que parecia prestes a desabar sobre a sua cabeça. E talvez Rama tivesse sido projetado para sofrer inundações periódicas...

Não, a idéia era ridícula. Que absurdo imaginar que aqueles trilhões de toneladas pudessem começar de súbito a mover-se com uma aceleração suficiente para fazê-lo perder o pé e sacudi-lo no abismo! Apesar disso, durante o resto da subida Norton não se afastou um só instante do corrimão.

Muito, muito tempo depois, terminou a escadaria; só restavam algumas centenas de metros de escada de mão com os degraus embutidos na parede. Mas já não era preciso galgar essa parte, visto que um homem postado no Cubo, atirando uma corda, podia facilmente puxar para cima um outro contra uma força de gravidade que diminuía rapidamente. Mesmo no pé da escada de mão um homem pesava menos de cinco quilos; no alto, seu peso seria praticamente zero.

E assim Norton descansou tranquilamente no cinturão, segurando de tempos a tempos um dos degraus para resistir à tênue força de Coriolis, que ainda tentava arrancá-lo da escada. Quase esqueceu as suas cãibras musculares ao contemplar pela última vez o panorama ramaiano.

Estava quase tão claro agora como numa noite de lua cheia na Terra; a vista geral

era perfeitamente nítida, se bem que ele já não pudesse distinguir os detalhes mais miúdos. O Pólo Sul estava parcialmente obliterado por uma névoa luminosa, que só o pico do Chifre Grande atravessava – um pequeno ponto preto, visto exatamente de cima. O continente cuidadosamente cartografado, mas ainda desconhecido, que se estendia além do Mar, era a mesma colcha de retalhos aparentemente sem padrão definido que sempre fora. Estava muito encurtado pela perspectiva e cheio de detalhes complexos para que o exame visual pudesse revelar grande coisa. Norton limitou-se a correr brevemente os olhos por ele.

Fixou-se então no anel líquido do Mar Cilíndrico e notou pela primeira vez um padrão regular de linhas de espuma, como se as ondas se quebrassem sobre recifes dispostos com intervalos geometricamente precisos. A manobra de Rama estava produzindo algum efeito, ainda que muito leve. Norton tinha certeza de que a Sargenta Barnes teria ido satisfeitíssima em tais condições se ele lhe pedisse para atravessar o Mar Cilíndrico na perdida *Resolution*.

Nova Iorque, Londres, Paris, Moscou, Roma... O Comandante disse adeus a todas as cidades do continente setentrional e esperou que os ramaianos lhe perdoassem os danos que houvesse causado. Talvez compreendessem que tudo fora feito no interesse da ciência.

De repente, havia alcançado o Cubo e mãos sôfregas se estenderam para agarrá-lo e fazê-lo atravessar às pressas as eclusas de ar. Suas pernas e braços supersolicitados tremiam de maneira tão incontrolável que quase não podia mover-se por si e deixou-se manusear como um enfermo semiparalisado. O céu de Rama contraiu-se acima da sua cabeça quando o desceram para a cratera central do Cubo. Quando a porta da eclusa interna fechou para sempre a vista, ele chegou a pensar:

"Como é estranho que esteja caindo a noite agora que Rama chegou ao ponto mais próximo do Sol!"

44 - PROPULSÃO ESPACIAL

NORTON havia decidido que cem quilômetros era uma margem suficiente de segurança. Rama transformara-se agora num enorme retângulo negro, visto exatamente em perpendicular, eclipsando o Sol. Ele aproveitara essa oportunidade para colocar a *Endeavour* bem no meio do cone de sombra, o que lhe permitia aliviar a carga dos sistemas de refrigeração da nave e realizar algumas operações de manutenção já bastante atrasadas. O cone de escuridão protetora podia desaparecer a qualquer momento, e tencionava utilizá-lo ao máximo.

Rama ainda estava fazendo a volta; já tinha virado quase quinze graus e era impossível acreditar que não estivesse iminente alguma importante mudança de órbita. Nos Planetas Unidos o clima de excitação por pouco não chegava ao nível da histeria, mas da *Endeavour* só se percebia um apagado eco disso tudo.

Física e emocional-mente, a tripulação estava exausta; com exceção de uma guarda reduzida ao efetivo mínimo, todos haviam dormido doze horas após a decolagem da Base Polar Norte. Por ordem médica, o próprio Norton usara a eletrossedação, e mesmo assim sonhara que estava subindo uma escadaria infinita.

No segundo dia a bordo da nave, tudo havia praticamente voltado a normalidade; a exploração de Rama já parecia pertencer a uma outra vida.

Norton começou a ocupar-se com o trabalho de escritório acumulado e a fazer planos de futuro: mas recusava os pedidos de entrevistas que de algum modo conseguiam insinuar-se nos radio circuitos dos Serviço de Observação e até da SPACEGUARD. Não vinham mensagens de Mercúrio e a Assembléia Geral dos P.U.

havia encerrado a sessão, embora estivesse pronta para reunir-se novamente com uma hora de aviso prévio.

Norton dormia a bom dormir pela primeira vez, trinta horas após a partida de Rama, quando foi chamado à consciência por uma rude sacudidela. Praguejou estonteado, abriu um olho turvo para Mercer – e, como todo bom comandante, acabou instantaneamente de acordar.

– Parou de dar volta?

– Sim. Está firme como uma rocha.

– Vamos à ponte.

Toda a tripulação estava acordada. Até os *simps* sabiam que havia novidade e grazinavam ansiosos, até que o Sargento McAndrews os sossegou fazendo rápidos sinais com as mãos. E contudo, ao instalar-se na sua cadeira e afivelar o cinturão em volta da cintura, Norton se perguntou se não se trataria de mais um falso alarma.

A perspectiva, agora, transformava Rama num cilindro atarracado e a orla incandescente do Sol espreitava por trás de um dos cantos. Norton conduziu suavemente a *Endeavour* de volta à zona de sombra do eclipse artificial e viu reaparecer o perlado esplendor da coroa sobre o fundo das estrelas mais brilhantes.

Havia uma enorme protuberância, medindo pelo menos meio milhão de quilômetros de altura, que crescera a tal ponto acima do globo solar que suas ramificações superiores pareciam uma árvore de fogo carmesim.

Quer dizer que agora teremos de esperar. O importante é não se enfastiar, conservar-se pronto para reagir ao primeiro sinal, trazer todos os instrumentos alinhados e registrando, por mais demorado que isto seja...

Que estranho! O campo de estrelas se deslocava, quase como se ele tivesse posto em ação os propulsores de rolamento. Mas não tocara nos controles, e se houvesse algum movimento real, tê-lo-ia sentido logo.

– Capitão – chamou Calvert em voz urgente da posição de Navegador, – Estamos rolando... olhe as estrelas! *Mas os instrumentos não indicam nada!*

– Os girômetros funcionam?

– Perfeitamente normais – posso ver os ponteiros oscilarem em cima do zero. Mas estamos rolando a vários graus por segundo!

– Isso é impossível!

– Claro que é impossível... mas olhe o senhor mesmo! Quando tudo mais falhava, não havia remédio senão confiar no olhômetro. Norton não podia duvidar de que o campo das estrelas estivesse animado de um lento movimento de rotação: lá ia Sírius, atravessando a beirada de bombordo. Ou o universo, numa reversão à cosmologia pré-copernicana, resolvera subitamente girar em torno da *Endeavour,* ou as estrelas estavam paradas e a nave girava sobre si mesma.

A segunda explicação parecia bastante mais plausível, e contudo envolvia paradoxos aparentemente insolúveis. Se a nave estivesse realmente girando a essa razão, ele o teria sentido – literalmente pelas assentadeiras, segundo a expressão popular. E os girômetros não podiam ter falhado simultânea e independentemente. Só ficava em pé uma resposta. Todos os átomos da *Endeavour* deviam estar sob a ação de uma mesma força – e só um poderoso campo gravitacional podia produzir esse efeito. Pelo menos, nenhum outro campo conhecido...

De repente, as estrelas se desvaneceram. O disco chamejante do Sol emergira de trás do escudo de Rama e o seu esplendor as expulsara do céu.

– Você não me consegue uma leitura de radar? Qual é o efeito Doppler?

Norton esperava ouvir que também este último estava inoperante, mas equivocava-se.

Rama ia finalmente a caminho, acelerando a modesta razão de 0,015

gravidade. O Dr. Perera devia estar muito contente, pensou Norton, pois tinha predito um máximo de 0,02. E a *Endeavour* fora de algum modo apanhada na sua esteira como um destroço flutuante de naufrágio, rolando e rolando sobre si mesma atrás de um veloz transatlântico...

Hora após hora, essa aceleração se manteve constante; Rama se afastava da *Endeavour* a uma velocidade cada vez maior. Ã medida que crescia a distância, o Comportamento anômalo da nave foi cessando aos poucos; as leis normais da inércia começaram novamente a operar. Quanto às energias em cujo redemoinho

tinham sido apanhados por breves momentos, tudo que podiam fazer eram conjeturas, e Norton deu graças aos céus por haver estacionado a *Endeavour &* boa distância antes de Rama pôr em funcionamento a sua propulsão.

Quanto à natureza dessa propulsão, de uma coisa agora se tinha certeza, ainda que tudo mais fosse mistério. Não havia jatos de gás nem feixes de plasma ou iontes empurrando Rama para a sua nova órbita. Ninguém exprimiu melhor a coisa do que o Sargento-Professor Myron quando disse, chocado e incrédulo:

– Lá se vai a Terceira Lei de Newton!

Foi na Terceira Lei de Newton, não obstante, que teve de confiar a *Endeavour* no dia seguinte, ao usar as últimas reservas de combustível para afastar a sua órbita do Sol. O desvio angular foi pequeno, mas aumentaria em dez milhões de quilômetros a distância do periélio. Isso fazia toda a diferença entre operar o sistema de refrigeração da nave a 95 por cento de sua capacidade máxima e sofrer uma morte certa pelo fogo.

Quando eles completaram a manobra, Rama ficou a duzentos mil quilômetros da astronave e difícil de ver-se contra o fulgor do Sol. Mas ainda podiam obter, pelo radar, medidas exatas da sua órbita; e quanto mais observavam, mais perplexos ficavam.

Conferiram dezenas de vezes as cifras, até que não houve mais meio de escapar à inacreditável conclusão. Parecia que os temores dos mercurianos, as heróicas proezas de Rodrigo e a retórica da Assembléia Geral, tudo tinha sido completamente em vão.

Que estupenda ironia, disse Norton olhando os resultados finais, se após um milhão de anos de segura orientação os computadores de Rama tivessem cometido um pequenino erro, mudando talvez o sinal de uma equação de mais para menos!

Estavam todos tão convencidos de que Rama perderia velocidade a fim de poder ser capturado pela gravidade do Sol e tornar-se, desse modo, um novo planeta do sistema solar... Pois era justamente o contrário que estava acontecendo.

Rama ganhava velocidade, e na pior direção possível. Rama ia em queda acelerada na direção do Sol.

45 - FÊNIX

À MEDIDA que os detalhes da sua nova órbita se iam definindo cada vez mais claramente, tornava-se difícil perceber como Rama poderia escapar ao desastre. Somente um punhado de cometas já haviam passado tão perto do Sol; no periélio, ele estaria a menos de meio milhão de quilômetros acima daquele inferno de hidrogênio em fusão nuclear. Nenhum material sólido poderia resistir a tal temperatura; a inquebrantável liga de que era formado o casco de Rama começaria a fundir-se numa distância dez vezes maior.

Para alívio de todos, a *Endeavour* havia ultrapassado o seu próprio periélio e aumentava lentamente a sua distância do Sol. Rama ia muito adiante, na sua órbita mais fechada e mais veloz, e já era visto bastante para dentro das fímbrias exteriores da coroa. A nave ia assistir de camarote ao ato final do drama.

Foi então que, a cinco milhões de quilômetros do Sol e ainda acelerando.

Rama começou a tecer o seu casulo. Até agora, tinha sido visível sob a máxima potência dos telescópios da *Endeavour* como uma pequenina barra luminosa; de repente, começou a cintilar como uma estrela contemplada através das névoas do horizonte. Dir-se-ia quase que se estava desintegrando. Ao ver a imagem fragmentar-se, Norton sentiu doer-lhe o coração ante a perda de tantas maravilhas. Compreendeu, então, que Rama continuava lá, mas envolto numa gaze tremeluzente.

De súbito, desapareceu. Em seu lugar ficou um objeto brilhante como uma estrela, mas que não mostrava nenhum disco visível. Era como se Rama se tivesse contraído repentinamente numa bola pequenina.

Tardaram algum tempo a compreender o que havia acontecido. Rama desaparecera realmente: agora estava cercado por uma esfera perfeitamente refletora, com uns cem quilômetros de diâmetro, e tudo que podiam ver era o reflexo do próprio Sol na porção da superfície curva que se voltava para eles.

Dentro dessa bolha protetora, era de presumir que Rama estivesse imunizado contra o inferno solar.

Com o correr das horas, a bolha mudou de forma. A imagem do Sol tornou-se alongada, distorcida. A esfera se ia transformando num elipsóide, com o eixo maior apontando na direção da fuga de Rama. Foi então que as primeiras informações anômalas começaram a ser irradiadas pelos observatórios-robôs que, há quase duzentos anos, mantinham o Sol sob permanente vigilância.

Alguma coisa estava acontecendo ao campo magnético solar na região circunvizinha a Rama. As linhas de força, longa de milhões de quilômetros, que percorriam a coroa tangendo suas nuvenzinhas de gás tremendamente ionizado a velocidades que por vezes desafiavam a própria gravidade esmagadora do Sol, se estavam ajustando à forma daquele cintilante elipsóide. Nada era ainda visível ao olho, mas os instrumentos orbitais registravam todas as mudanças de fluxo

magnético e radiação ultravioleta. Pouco depois, o próprio olho começou a perceber as mudanças produzidas na coroa. Um tubo ou túnel fracamente luminoso, com cem mil quilômetros de comprimento, havia aparecido nas mais altas camadas da atmosfera exterior do Sol. Era levemente curvo, acompanhando a órbita traçada por Rama, e o próprio Rama – ou o seu casulo protetor – era visível como uma rebrilhante esferazinha a correr cada vez mais célere por aquele tubo fantasmal que atravessava a coroa.

Pois Rama continuava ganhando velocidade; agora se movia a mais de dois mil quilômetros por hora e não havia nem a mais remota Possibilidade de permanecer cativo do Sol. Agora, finalmente, a estratégia dos ramaianos era óbvia. Haviam-se aproximado tanto do Sol apenas para ir buscar sua energia na fonte e partir ainda mais depressa rumo à sua derradeira e desconhecida meta...

E não tardou a parecer que se estavam abastecendo de outra coisa que não só a energia. Ninguém poderia jamais ter certeza disso, pois os mais próximos instrumentos observadores se achavam a trinta milhões de quilômetros de distância, mas havia claros indícios de que do Sol *para o interior do próprio Rama* fluía matéria, como para substituir os vazamentos e outras perdas de dez mil séculos no espaço.

Cada vez mais rápido, Rama deu volta ao Sol, movendo-se agora com mais velocidade do que qualquer objeto que já tinha viajado através do sistema solar.

Em menos de duas horas a direção de seu movimento virará mais de noventa graus e ele dera uma prova final, quase desdenhosa, de seu completo desinteresse por todos os mundos cuja paz de espírito havia tão rudemente abalado.

Estava descendo da eclíptica para os céus meridionais, muito abaixo do plano em que se movem todos os planetas. Se bem que certamente não pudesse ser essa a sua meta final, ia como uma flecha na direção da Grande Nuvem de Magalhães e dos ermos abismos além da Via Láctea.

46 - INTERLÚDIO

– ENTRE – disse o Comandante Norton distraidamente ao ouvir baterem na sua porta.

– Tenho notícias para você, Bill. Quis ser a primeira a dá-las, antes que a tripulação saiba. E, de qualquer modo, está dentro da minha especialidade.

Norton ainda parecia muito distante dali. Estava deitado com a cabeça sobre as mãos enclavinhadas, os olhos semicerrados, com a luz da cabina muito baixa, não exatamente cochilando, mas perdido em algum devaneio ou sonho privado. Pestanejou uma ou duas vezes, e subitamente voltou a instalar-se no seu corpo.

– Desculpe, Laura... Não entendo bem. De que se trata? Não me diga que você esqueceu!

– Pare de encher, seu chato! Tenho andado muito ocupada nestes últimos dias.

A Médica-chefe Ernst fez rodar uma cadeira cativa nas suas ranhuras e sentou-se ao lado dele.

– Malgrado as crises interplanetárias, as engrenagens da burocracia marciana nunca cessam de funcionar. Mas creio que Rama contribuiu para isso. Ainda bem que você não precisava obter também permissão dos mercurianos.

Norton começava a compreender.

– Oh... Então Port Lowell deu finalmente a licença!

– Melhor do que isso: já está sendo posto em prática. – Laura deu um relance de olhos ao papel que tinha na mão. – "Imediato" – leu – Provavelmente neste mesmo instante o seu novo filho está sendo concebido. Meus parabéns.

– Obrigado. Espero que não tenha se aborrecido com a demora. Como todo astronauta, Norton fora esterilizado ao ingressar no serviço. Para um homem que passaria anos no espaço, a mutação provocada pelas radiações não era um risco, e sim uma certeza. O espermatozóide que acabava de entregar sua carga de genes em Marte, a duzentos milhões de quilômetros dali, estivera congelado durante trinta anos, aguardando o momento do seu destino.

Norton perguntou a si mesmo se estaria em casa a tempo para o nascimento. Tinha feito jus ao descanso, a um pouco de paz.– à vida normal de família, na extensão em que um astronauta poderia conhecê-la. Agora que a missão estava essencialmente finda, ele começava a descontrair-se e a pensar mais uma vez no seu futuro e no de ambas as suas famílias. Sim, seria bom passar uma temporada em cada e compensar – de muitas maneiras – o tempo perdido...

– Esta visita – protestou Laura, sem muito vigor – tem um caráter puramente profissional.

– Depois de tantos anos – retrucou Norton, – nos conhecemos bem demais para ir nessa. Em todo caso, você não está de serviço agora.

– E *agora,* que é que você está pensando? – perguntou a Médica-chefe Ernst, muito tempo depois. Não está se tornando sentimental, espero.

– A respeito de nós, não. A respeito de Rama. Começo a sentir falta dele.

– Muito obrigada pelo galanteio.

Norton apertou-a nos braços. Uma das mais deliciosas vantagens da ausência de peso, pensava ele muitas vezes – era que realmente se podia dormir abraçado com outra pessoa sem cortar a circulação. Havia quem pretendesse que o amor a um *g* era tão poderoso que já não podiam sentir prazer nele.

– É um fato bem conhecido, Laura, que os homens, ao contrário das mulheres, podem ter dois interesses ao mesmo tempo. Mas, falando sério... bem, *mais* sério... eu tenho uma sensação de perda.

– Posso compreender isso.

Não seja tão clínica. Essa não é a única razão. Oh, deixemos isso pra lá.

Desistiu. Não era fácil explicar, mesmo a si próprio.

Havia logrado êxito além de toda expectativa razoável; o que os seus homens tinham descoberto em Rama daria aos cientistas com que ocupar-se durante decênios. E, acima de tudo, ele o fizera sem uma única baixa.

Mas também fracassara. A gente podia perder-se num oceano de especulações, mas a natureza e o objetivo dos ramaianos continuavam totalmente desconhecidos. Tinham usado o Sistema Solar como um posto de reabastecimento, uma estação de reforço – podiam chamá-lo como quisessem – e depois o desprezaram completamente, a caminho de coisas mais importantes.

Provavelmente, jamais saberiam sequer que existia a raça humana; uma indiferença tão monumental era pior do que qualquer insulto propositado.

Quando Norton vislumbrara Rama pela primeira vez, estrela pequenina a distanciar-se já além de Vênus, sentiu que uma parte de sua vida havia terminado. Tinha apenas cinquenta e cinco anos, mas era como se tivesse deixado a sua mocidade lá embaixo, na planície curva, entre mistérios e maravilhas que agora recuavam inexoravelmente para longe do alcance humano.

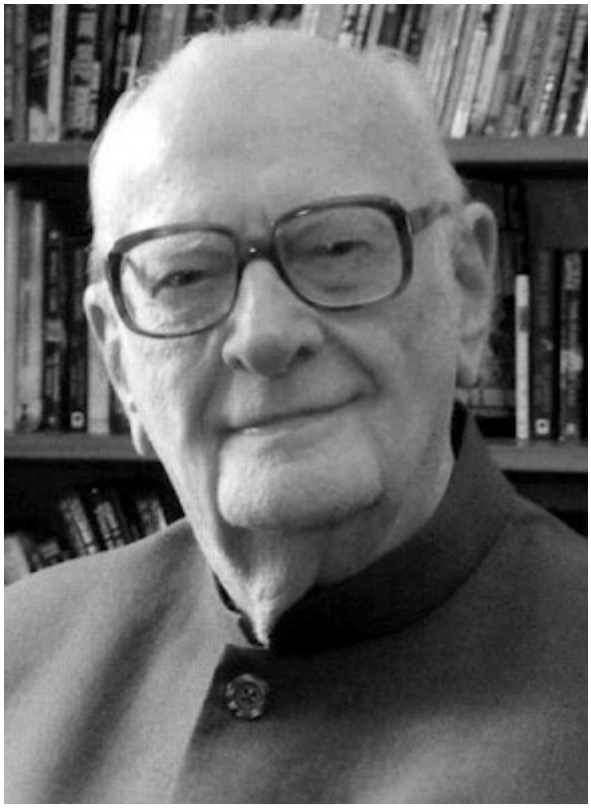
Por mais honras e grandes feitos que lhe trouxesse o futuro, ele viveria desapontado, sentindo para sempre as oportunidades perdidas.

Assim falava a si mesmo; porém, mesmo então, devia saber que não seria assim.

E, na longínqua Terra, o Dr. Carlisle Perera ainda não dissera a ninguém que tinha acordado de um sonho desinquieto com a mensagem do seu subconsciente ainda a ecoar-lhe no cérebro:

Os *ramaianos fazem tudo em grupos de três*.

FIM



Sir Arthur Charles Clarke, mais conhecido como Arthur C. Clarke (Minehead, 16 de dezembro de 1917 — Colombo, 19 de março de 2008) foi um escritor e inventor britânico, autor de obras de divulgação científica e de ficção científica como o conto The Sentinel, que deu origem ao filme 2001: Uma Odisséia no Espaço e o premiado Encontro com Rama.

Desde pequeno mostrou sua fascinação pela astronomia, a ponto de, utilizando um telescópio caseiro, desenhar um mapa da Lua. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu na Royal Air Force (Força Aérea Real britânica) como especialista em radares, envolvendo-se no desenvolvimento de um sistema de defesa por radar, sendo uma peça importante do êxito na batalha da Inglaterra. Depois, estudou Física e Matemática no King's College de Londres.

Talvez sua contribuição de maior importância seja o conceito de satélite geoestacionário como futura ferramenta para desenvolver as telecomunicações. Ele propôs essa idéia em um artigo científico intitulado "Can Rocket Stations Give Worldwide Radio Coverage?", publicado na revista Wireless World em Outubro de 1945. A órbita geoestacionária também é conhecida, desde então, como órbita Clarke.

Em 1956 mudou a sua residência para Colombo, no Sri Lanka (antigo Ceilão), em parte devido a seu interesse pela fotografia e exploração submarina, onde permaneceu até à sua morte em 2008.

Teve dois de seus romances levados ao cinema, 2001: Uma Odisséia no Espaço dirigido por Stanley Kubrick (1968) e 2010: O ano em que faremos contato dirigido por Peter Hyams (1984), sendo o primeiro considerado um ícone importante da ficção científica mundial, aclamado por muitos como um dos melhores filmes já

feitos em todos os tempos. Especialistas lhe atribuem forte influência sobre a maioria dos filmes do gênero que lhe sucederam.

Também em reconhecimento a Clarke, o asteróide 4923 foi batizado com seu nome, assim como uma espécie de dinossauro Ceratopsiano, o Serendipaceratops arthurclarkei, descoberto em Inverloch, Austrália.

Em 1998 Arthur Clarke foi descrito pelo tablóide inglês Sunday Mirror como um octogenário fortemente atraído por crianças. Na época, Clarke morava no Sri Lanka, país famoso pela complacência diante da exploração sexual de menores, e onde morou até morrer. A denúncia, publicada um dia antes da chegada do príncipe Charles ao país, que foi colônia britânica, jamais ficou provada. Ainda assim, Arthur Clarke, que seria condecorado com o título de cavaleiro do império, perdeu o direito à honraria e passou pelo constrangimento de ser informado de que o príncipe não compareceria a um encontro marcado com ele.[1] A acusação foi investigada e posteriormente desfeita. Durante as investigações a polícia de Colombo solicitou as fitas em que o Mirror baseou sua reportagem, mas elas jamais foram entregues ou exibidas. Segundo o Daily Telegraph [2] o Sunday Mirror publicou um pedido público de desculpas ao escritor em maio de 2000. O direito ao título de cavaleiro da ordem do Império Britânico foi devidamente restabelecido e concedido.

O compositor francês Jean Michel Jarre realizou em 2001, um concerto intitulado 2001: A Rendez-Vous In Space em homenagem a obra 2001: Uma Odisséia no Espaço. Clarke inclusive fez uma participação especial em algumas partes do show.

Fonte: Wikipédia